

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

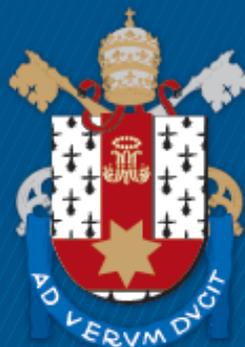
ALINE FEIJÓ BIANCHINI

FAMÍLIAS SEM FRONTEIRAS: UM ESTUDO DOS USOS E APROPRIAÇÕES DE
TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO POR FAMÍLIAS COM MEMBROS
QUE VIVEM APARTADOS

Porto Alegre

2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

ALINE FEIJÓ BIANCHINI

***FAMÍLIAS SEM FRONTEIRAS: UM ESTUDO DOS USOS E APROPRIAÇÕES
DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO POR
FAMÍLIAS COM MEMBROS QUE VIVEM APARTADOS***

Porto Alegre

2018

ALINE FEIJÓ BIANCHINI

***FAMÍLIAS SEM FRONTEIRAS: UM ESTUDO DOS USOS E APROPRIAÇÕES
DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO POR
FAMÍLIAS COM MEMBROS QUE VIVEM APARTADOS***

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda

Porto Alegre

2018

Ficha Catalográfica

B577f Bianchini, Aline Feijó

Famílias sem fronteiras : um estudo dos usos e apropriações de tecnologias de informação e comunicação por famílias com membros que vivem apartados / Aline Feijó Bianchini . – 2018.

230 f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda.

1. Comunicação. 2. Família. 3. Famílias sem fronteiras. 4. Usos e apropriações. 5. Tecnologias de informação e comunicação. I. Pellanda, Eduardo Campos. II. Título.

ALINE FEIJÓ BIANCHINI

***FAMÍLIAS SEM FRONTEIRAS: UM ESTUDO DOS USOS E APROPRIAÇÕES
DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO POR
FAMÍLIAS COM MEMBROS QUE VIVEM APARTADOS***

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 23 de março de 2018

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda – Orientador (PUCRS)

Profa. Dra. Sandra Portella Montardo (FEEVALE)

Profa. Dra. Ana Carolina D. Escosteguy (UFSM)

Profa. Dra. Lúcia Helena Alves Müller (PUCRS)

Profa. Dra. Paula Jung (PUCRS)

Porto Alegre

2018

**Às famílias que concordaram em fazer parte deste estudo,
sem as quais esta tese não seria possível.**

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos ressaltando que apesar de o ditado “a ordem dos fatores não altera o produto” não se aplicar às pesquisas acadêmicas, no caso de meus agradecimentos, ele se torna a mais pura verdade. Todos aqui homenageados são igualmente importantes na construção deste trabalho e na trajetória de minha própria construção enquanto pesquisadora.

Agradeço à minha família, primeira grande inspiradora das questões filosóficas com as quais me deparo desde a tenra idade, e, obviamente, para o tema de pesquisa desta tese. Apesar de estar bastante convencida de que as curiosidades filosófica e científica estão presentes em cada ser humano, pelo menos em potencial, foi o fato de a minha família ser como é que me fez ser quem eu sou, e buscar respostas para minhas inquietudes tal qual o tenho feito. Agradeço por não termos saído de um “comercial de margarina”, a famosa “Família Dorian”, pois as imperfeições são meus motores de crescimento e aperfeiçoamento pessoais. Por isso, agradeço ao meus pais, Adalto e Joice, ao meu irmão, Lucas, e à minha cunhada, Camila.

Agradeço à professora Ana Carolina Escosteguy, minha primeira orientadora do Doutorado, que, desde a época da minha Graduação, me inspira com suas excelentes aulas e sua postura séria e comprometida com a pesquisa e o ensino em Comunicação. Devo a ela a mudança de rumo que tomou minha pesquisa entre o Mestrado e o Doutorado, me introduzindo a uma nova perspectiva teórica que, não só me abriu horizontes como me despertou para minha própria descoberta e lapidação enquanto pesquisadora. Agradeço por acreditar em meu potencial, sempre me envolvendo em projetos de seu Grupo de Pesquisa, e por me abrir as portas para o apaixonante mundo da pesquisa empírica. À paciência e ao respeito em ouvir, sempre, mesmo quando o que eu dizia não fazia tanto sentido.

Ao meu novo (e também antigo) orientador, professor Eduardo Campos Pellanda que, desde meus primeiros estágios curriculares (e não-curriculares) durante a Graduação, sempre me instigou a buscar mais; a objetivar mais; a focar mais; a ser sempre melhor. Além de finalizar comigo o processo de meu Doutorado, foi também meu orientador da Monografia para a conclusão da Graduação. Nesses quase quinze anos de convívio, sempre confiou em mim e, nesta empreitada de quatro anos, não hesitou em confiar novamente no último ano.

À professora Cláudia Moura, do PPGCOM da PUCRS, pela descoberta do meu encanto pelo estudo das Metodologias de Comunicação e ao professor Hermílio Santos, do PPCS da PUCRS,

pelas aulas, pelo incentivo e pela descoberta de metodologias que contribuíram, de modo muito significativo, para meu crescimento enquanto pesquisadora social.

À professora Rosalía Winocur – apresentada a mim pela professora Ana Carolina –, autora da obra que, e digo isso sem exageros, mudou minha trajetória de pesquisa e a mim mesma enquanto pesquisadora. E quem também, com muita disposição e boa vontade, foi minha tutora durante meu período de Estágio Doutoral, em Montevideu, contribuindo muito para a construção das estratégias metodológicas e do próprio objeto desta tese.

À professora Rosario Sánchez Vilela pela calorosa acolhida em visitas à Universidad Católica del Uruguay e pelo incentivo prestado durante o período do Doutorado Sanduíche.

À CAPES pela oportunidade de realizar este Doutorado sendo bolsista integral e, assim, podendo me dedicar ao máximo a este projeto de quatro anos e à convivência acadêmica. E, também, pela oportunidade de realizar o Doutorado Sanduíche, também com bolsa, na Universidad de la República (Udelar), no Uruguai.

À FAMECOS, seus professores e funcionários, a quem devo minha formação acadêmica e a realização do sonho de ser jornalista, que me acompanha desde os 12 anos.

Ao PPGCOM, seus professores e funcionários, pela oportunidade da formação de Pós-Graduação, das experiências nos grupos de estudos, nas atividades de bolsistas e na representação discente. Agradeço a todos o incentivo e a confiança de sempre.

À Udelar e à Facultad de Información y Comunicación (FIC) pela acolhida durante os meses de meu Doutorado Sanduíche.

Aos companheiros da Revista Sessões do Imaginário, e aos editores Cristiane Finger e André Pase: foi realmente uma aventura e um aprendizado imenso compartilhar desses anos com todos eles na produção de uma revista voltada, principalmente, a novos pesquisadores.

Aos companheiros de caminhada João Vicente Ribas, Lírian Sifuentes, Gisele Noll, Henrique Weizenmann, Maurício Tonetto, Lúcia Loner Coutinho, Liana Gross Furini, Sandra Henriques, Breno Maciel, Vanessa Valiati e Jandré Batista. E aos companheiros de pesquisa da UNISC, professora Ângela Philippe, Yhevelin Serrano Guerin, Mizaél Dorneles e Vinícios de Oliveira.

Aos companheiros dos Grupos de Estudos UBITEC, GEISC e Grupo de Estudos Culturais. A caminhada foi mais rica e mais colorida ao lado de vocês.

Às famílias produtoras de tabaco, moradoras do município de Vale do Sol (RS), com as quais tive meu primeiro contato com pesquisa de famílias. E às famílias que aceitaram participar deste estudo – tanto as que deram continuidade e compõem o grupo pesquisado por este trabalho, quanto aquelas que participaram somente do processo inicial.

Aos companheiros voluntários da Nova Acrópole de Porto Alegre, pela oportunidade de convivência filosófica, sadia e fortalecedora. E, principalmente, pelo idealismo e determinação em resgatar valores humanos essenciais e restaurar a crença no potencial do ser humano. Igualmente agradeço aos companheiros da Nova Acrópole de Montevideú, La Teja, Las Piedras, Artigas e Maldonado, pelos mesmos motivos recém citados e pela acolhida calorosa e engrandecedora no Uruguai, fazendo com que a estadia no país vizinho fosse *aún más linda*.

Por fim, e não menos importante, agradeço a meu companheiro de vida, Claubert Scherer, pelo amor, pela parceria e pela força incrível de impulso e coragem em todos os meus empreendimentos. E, é claro, por suas (não tão) sutis, mas divertidas, tentativas de incentivo: “Não se desespera. Ou melhor: pode se desesperar, só não pode travar”. Envolvido com sua própria tese de Doutorado, em Economia, nunca deixou de me auxiliar e dar suporte nos momentos críticos. Aprendemos a conviver e nos conhecemos, ainda mais, neste difícil processo de escrita da tese e, juntos, com apenas três dias de diferença, as defendemos perante nossas respectivas bancas – para, também juntos, começarmos uma nova página de nossa história profissional: se tudo der certo, agora Doutores.

Tenho lido, respeitabilíssimos senhores, nos livros antigos dos árabes, que Abdala, o Sarraceno, questionado a respeito de que coisa se lhe oferecia à vista como mais notável sobre o cenário deste mundo, respondeu nada haver de mais admirável que o próprio homem. Com essa sentença concorda aquela exclamação de Hermes: “Ó Asclépio, que portento de milagre é o homem!”.

Trecho do discurso introdutório de *A Dignidade do Homem*, de Pico Della Mirândola, proferido aos membros da banca examinadora para obtenção da laura doutoral, em 1486, na cidade de Roma. (MIRÂNDOLA, 2005, p. 37)

RESUMO

A presente tese constitui-se em uma pesquisa qualitativa empírica, com inspirações etnográficas, que busca compreender como se dá a comunicação de famílias com integrantes que vivem geograficamente apartados entre si. A partir da observação dos usos e apropriações de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), visa entender como tais famílias têm se apropriado de ferramentas comunicacionais para gerenciar as distâncias – em seu sentido mais amplo – e os vínculos entre seus membros. Diante das possibilidades oferecidas pelas tecnologias digitais, evidenciamos que as famílias ganham um novo espaço e novos recursos para o gerenciamento de seus laços afetivos. Assim, buscamos compreender como tem se configurado este espaço; que recursos e estratégias são utilizados e como esses são empregados pelos membros da família; quais as implicações dessa comunicação em um contexto de intensificação do cotidiano doméstico em relações à distância e como este articula-se com os espaços de convívio presencial e digital. Para isso, categorias de análise foram consolidadas ao longo da pesquisa empírica e propostas para a observação do objeto à sua luz. Tais categorias – *padrões de interação, processos de apropriação das TICs, processos de socialização e processos de significação e ressignificação* – auxiliaram na compreensão das trajetórias individuais e familiares que fizeram com que seus membros chegassem a um lugar comum de comunicação, ou seja, com que as dinâmicas de comunicação familiar ocorressem de determinadas formas, coerentes com suas trajetórias histórico-biográficas. Em um contexto de intensificação do cotidiano familiar propiciado pelas tecnologias digitais, as *famílias sem fronteiras* têm a comunicação como fundamental para suas práticas contemporâneas de intimidade, diminuindo significativamente a relevância do espaço físico para o gerenciamento e o funcionamento de sua esfera doméstico.

Palavras-chave: Comunicação; família; famílias sem fronteiras; usos e apropriações; tecnologias de informação e comunicação.

ABSTRACT

The present thesis is an empirical qualitative research, with ethnographic inspirations, that seeks to understand how the communication of families with members living geographically separated from each other occurs. From the observation of the uses and appropriations of Information and Communication Technologies (ICTs), it aims to understand how these families have appropriated communicational tools to manage the distances – in the broadest sense – and the bonds among its members. Given the possibilities offered by digital technologies, we evidence that families gain new space and new resources for the management of their affective bonds. Thus, we seek to understand how this space has been configured; what resources and strategies are used and how these are employed by family members; what are the implications of this communication in a context of intensification of domestic daily life in relation to distance and how this articulates with the spaces of face-to-face and digital conviviality. For this, categories of analysis were consolidated throughout the empirical research and proposed for the observation of the object in its light. These categories – *patterns of interaction*, *processes of appropriation of ICTs*, *processes of socialization* and *processes of signification and resignification* – helped to understand the individual and family trajectories that made their members reach a common place of communication, that is, with which the dynamics of family communication occurred in certain ways, consistent with their historical-biographical trajectories. In a context of intensification of the familiar everyday life provided by digital technologies, *families without borders* have communication as fundamental to their contemporary practices of intimacy, significantly reducing the relevance of the physical space for the operation and management of the domestic sphere.

Key words: Communication; family; families without borders; uses and appropriations; information and communication technologies.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Escolaridade dos integrantes das famílias pesquisadas	125
--	-----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Post</i> de Tatiana S. sobre o nascimento dos sobrinhos, acompanhado via <i>FaceTime</i>	182
Figura 2 – Identificação do grupo criado pela Família S. para o compartilhamento de fotos e vídeos do afilhado de Tatiana S.....	183
Figura 3 – Identificação do grupo criado pela Família S. para o compartilhamento de fotos e vídeos dos sobrinhos gêmeos de Tatiana S.	183
Figura 4 – Foto de refeição postada por Juliano S. em grupo da Família S. no <i>WhatsApp</i> ..	183
Figura 5 – Postagem de Tatiana S. no <i>Facebook</i> sobre momento de refeição compartilhado via <i>FaceTime</i>	184
Figura 6 – Foto postada por Juliano S. com a mão machucada	185
Figura 7 – Mensagem de resposta de uma das filhas ao <i>post</i> de Juliano S.	185
Figura 8 – Conversa de Aline M. com mãe e irmã gêmea, com temática implícita referente à violência	190
Figura 9 – Segunda conversa de Aline M. com mãe e irmã gêmea, com temática implícita referente à violência.....	191
Figura 10 – Mensagem de aniversário da Família M.	192
Figura 11 – Mensagens cotidianas da Família M. em seu grupo de <i>WhatsApp</i> - 1.....	193
Figura 12 – Mensagens cotidianas da Família M. em seu grupo de <i>WhatsApp</i> - 2.....	193
Figura 13 – Mensagens cotidianas da Família M. em seu grupo de <i>WhatsApp</i> - 3.....	194
Figura 14 – Mensagens cotidianas da Família M. em seu grupo de <i>WhatsApp</i> - 4.....	195
Figura 15 – Mensagens cotidianas da Família M. em seu grupo de <i>WhatsApp</i> - 5.....	195
Figura 16 – Mensagens cotidianas da Família M. em seu grupo de <i>WhatsApp</i> - 6.....	196
Figura 17 – Interações de Alan K. com o irmão via <i>WhatsApp</i> - 1	197
Figura 18 – Interações de Alan K. com o irmão via <i>WhatsApp</i> - 2.....	200
Figura 19 – Interações de Alan K. com a mãe via <i>WhatsApp</i> - 1	201
Figura 20 – Interações de Alan K. com.....	201
Figura 21 – Conversas corriqueiras de Tatiana S. com as irmãs no <i>WhatsApp</i> - 1	202
Figura 22 – Conversas corriqueiras de Tatiana S. com as irmãs no <i>WhatsApp</i> - 2.....	203
Figura 23 – Conversas corriqueiras de Tatiana S. com as irmãs no <i>WhatsApp</i> - 3.....	203

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Constituição do grupo pesquisado	128
Quadro 2 – Tecnologias utilizadas pelas famílias em sua comunicação à distância.....	128
Quadro 3 – Identificação da Família M.	130
Quadro 4 – Identificação da Família K.	138
Quadro 5 – Identificação da Família P.....	146
Quadro 6 – Identificação da Família S.....	155
Quadro 7 – Identificação da Família Z.....	166

SUMÁRIO

1	O QUÊ, PARA QUÊ E SOB QUAL ÓTICA	17
1.1	QUE CAMINHOS PERCORREREMOS	30
1.1.1	Objetivo geral	31
1.1.2	Objetivos específicos	31
2	A FAMÍLIA – DOS CONCEITOS CLÁSSICOS DO SÉCULO XX AO SÉCULO XXI	32
2.1	A FAMÍLIA NO SÉCULO XX – A PERSPECTIVA DOS CLÁSSICOS	33
2.2	OLHARES SOBRE A FAMÍLIA EM FINAIS DO SÉCULO XX.....	44
2.3	OS ESTUDOS DA FAMÍLIA NO SÉCULO XXI	48
3	USOS E APROPRIAÇÕES DAS TICs NA FAMÍLIA	58
3.1	ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E TICs: O ESPAÇO DOMÉSTICO EM EVIDÊNCIA.....	60
3.1.1	Incorporação e domesticação das TICs no lar – A economia moral da família	64
3.1.2	O computador e a internet	70
3.1.3	Mídias móveis: a importância do celular	78
4	ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	89
4.1	APROXIMAÇÕES ENTRE DOIS CAMPOS: A EMERGÊNCIA DA ANTROPOLOGIA DA MÍDIA	89
4.2	APROXIMAÇÃO E INTERAÇÃO COM AS FAMÍLIAS PESQUISADAS.....	99
4.3	FERRAMENTAS DE AÇÃO	104
4.3.1	Entrevista em profundidade: tomando o entrevistado como referência ...	104
4.3.2	Entrevista síncrona mediada pela internet	108
4.3.3	Diário de campo – a pesquisadora em ação	114
4.4	CATEGORIAS ANALÍTICAS: EM BUSCA DA COMPREENSÃO DOS PROCESSOS COMUNICACIONAIS ENTRE MEMBROS DAS FAMÍLIAS PESQUISADAS	120

5 AMOR À DISTÂNCIA: A TRAJETÓRIA DE FAMÍLIAS QUE POSSUEM MEMBROS APARTADOS	123
5.1 O GRUPO DE FAMÍLIAS PESQUISADAS	124
5.1.1 Família M.	129
5.1.1.1 Protocolo de observação para a Família M.	135
5.1.2 Família K.	137
5.1.2.1 Protocolo de observação para a Família K.	143
5.1.3 Família P.	146
5.1.3.1 Protocolo de observação para a Família P.	151
5.1.4 Família S.	155
5.1.4.1 Protocolo de observação para a Família S.	163
5.1.5 Família Z.	166
5.1.5.1 Protocolo de observação para a Família Z.	174
6 FAMÍLIAS SEM FRONTEIRAS: PROCESSOS COMUNICACIONAIS DE FAMILIARES QUE VIVEM APARTADOS	178
6.1 BREVE RETOMADA DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS	179
6.2 A COMUNICAÇÃO DAS FAMÍLIAS PESQUISADAS: O OBJETO À LUZ DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS PROPOSTAS	181
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	204
REFERÊNCIAS	212
APÊNDICE A – BLOCOS TEMÁTICOS E QUESTÕES PROPOSTAS PARA AS ENTREVISTAS	222
APÊNDICE B – TABELA PARA ORGANIZAÇÃO DE ASPECTOS REFLEXIVOS DO DIÁRIO DE CAMPO	228
APÊNDICE C – EXEMPLO DE RELATO ELABORADO APÓS UMA ENTREVISTA	229

1 O QUÊ, PARA QUÊ E SOB QUAL ÓTICA

A presente tese, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS), constitui-se em uma pesquisa qualitativa empírica, com inspirações etnográficas, que busca compreender como se dá a comunicação de famílias com integrantes que vivem geograficamente apartados entre si. A partir da observação dos usos e apropriações de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), visa entender como essas famílias têm se apropriado de ferramentas digitais para gerenciar as distâncias, os vínculos afetivos e o cotidiano familiar entre seus membros.

Diante das possibilidades oferecidas pelas tecnologias digitais de comunicação, evidenciamos¹ que as famílias ganham um novo espaço, online, para a vivência do cotidiano familiar, bem como novos recursos para o gerenciamento de seus vínculos. Assim, buscamos compreender como tem se configurado este espaço em famílias constituídas por membros que convivem à distância²: de que recursos e estratégias lançam mão para a manutenção e o gerenciamento dos vínculos afetivos e do cotidiano familiar, além de buscar entender quais as implicações trazidas por essa comunicação que se dá em um contexto não somente de alargamento do ambiente doméstico, mas, principalmente, de intensificação do doméstico em relações à distância. Interessa-nos igualmente compreender como os âmbitos online e off-line do cotidiano familiar articulam-se entre si, ou seja, que continuidades e descontinuidades podemos perceber entre eles e como relacionam-se os espaços de convívio presencial e digital.

À medida em que adentramos o campo, fomos percebendo a presença de diferentes dinâmicas na comunicação familiar. A partir de sua observação, ao longo da pesquisa empírica logramos consolidar categorias analíticas para buscar compreender tais processos. As referidas categorias – *padrões de interação, processos de apropriação das TICs, processos de socialização e processos de significação e ressignificação* – auxiliaram, também, na compreensão das trajetórias individuais e familiares que fizeram com que seus integrantes chegassem a um lugar comum de comunicação, mediada pelas TICs. Isto é, que fizeram com

¹ Em virtude da natureza do trabalho, das escolhas metodológicas e do tipo de envolvimento que uma pesquisa como a nossa proporciona entre pesquisador e objeto, optamos por utilizar a primeira pessoa do plural na escrita do texto.

² Os novos contextos de comunicação online, propiciados pelas tecnologias digitais, permitem, inclusive, uma nova faceta para a palavra convivência: a *convivência à distância*.

que as dinâmicas de comunicação familiar ocorressem de determinadas formas, coerentes com suas trajetórias histórico-biográficas.

Para Silverstone, Hirsch e Morley, quando publicaram sua pesquisa, em 1996, os meios de comunicação na esfera doméstica proporcionavam o contato da família e de seus membros com o “mundo exterior”, e era, justamente, esse status de *meio* que os distinguiu dos demais objetos e tecnologias do lar. Tais relações já se davam, como ainda se dão hoje, mediante formas complexas, contraditórias e carregadas de sentido outorgado por uma economia doméstica e um arcabouço simbólico que funcionava como “ponto de partida e retorno” (WINOCUR, 2009) dos indivíduos, e como lentes através das quais enxergam o mundo.

Se, antes, essa explicação bastava para diferenciar os meios de comunicação das demais tecnologias presentes na família – que estavam, ao mesmo tempo, articuladas em culturas privadas e públicas (SILVERSTONE, HIRSCH e MORLEY, 1996) (lógica *privado-público*), proporcionando aos membros da família uma “janela” para o mundo – hoje ela se complexifica e agrega um aspecto a mais a estas características: a articulação entre o próprio privado (lógica *privado-privado*). Elas passam a servir como pontes, não apenas da esfera da família para o mundo, mas também como conexões dentro do próprio âmbito doméstico, entre seus membros. Acrescentando a isso a variável de tais indivíduos viverem geograficamente apartados, como é o caso dos grupos aqui estudados, tal característica acentua-se ainda mais, reforçando e aprofundando seu papel de conexão entre os integrantes dessas famílias.

Tal conexão, entretanto, também foi se complexificando – com a disseminação das tecnologias digitais, a redução dos custos dos aparatos tecnológicos e do acesso à internet, o aperfeiçoamento de aplicativos para comunicação individual e em grupo, etc. Hoje, as tecnologias digitais de comunicação mais do que fazerem pontes de conexão entre os membros da família, tornaram-se, conforme dito anteriormente, ferramentas de auxílio na manutenção e gerenciamento dos vínculos afetivos entre esses indivíduos. Com a possibilidade de conexão permanente e contínua, o espaço doméstico não apenas alargou-se, como intensificou-se. O cotidiano familiar acabou por ganhar um novo espaço, o virtual, onde a família segue relacionando-se, com as mesmas lógicas e arcabouço simbólico.

Entendendo que a família não é meramente a somatória dos consumos e práticas individuais de seus membros, e sim, um âmbito constituído de sentido e atravessado por diferentes lógicas de poder, de gênero, de diferenças geracionais, etc., o consumo dos meios na família ocorre em uma situação social complexa, que compreende variados subsistemas de

relações pessoais (SILVERSTONE, 2002). Em núcleos familiares cujos membros vivem apartados geograficamente por centenas, às vezes milhares de quilômetros, as TICs passam a ser úteis na manutenção dos vínculos afetivos, articulando as lógicas de continuidade e descontinuidade entre esses “dois cotidianos” – que na verdade, são apenas um.

Nas últimas décadas, a família se vê atravessada pelos efeitos da globalização na mobilidade de seus membros. A possibilidade de deslocamento rápido e a grandes distâncias, os processos profissionais globalizantes, as facilidades de comunicação em tempo real e com qualidade, a intensificação dos movimentos migratórios internos e para fora do Brasil, entre outros fatores, têm reconfigurado a maneira como as famílias se comunicam. Ao longo dos anos, a dispersão desses indivíduos tem encontrado nos meios de comunicação, como a carta, o telégrafo, o telefone e o computador/internet, tentativas de manutenção da coesão do núcleo familiar, a despeito da distância geográfica entre seus membros.

A tais famílias, que atendem (e refletem) às lógicas deste contexto social em transformação, e que lidam com as relações à distância e a problemática da manutenção dos seus laços afetivos nesta condição, chamamos *famílias sem fronteiras*. Seus integrantes se apropriam de ferramentas e dispositivos tecnológicos, desenvolvendo estratégias de comunicação, na busca da manutenção da coesão familiar, não obstante a distância geográfica que pode os separar. Independentemente do tipo de constituição familiar, tempo de separação de seus familiares, ou qualquer outra nuance, todas as famílias que experimentam a vivência do amor à distância lançam mão de ferramentas e estratégias para manter evitar sua dispersão, fomentando a manutenção dos vínculos e a intimidade conquistada ao longo dos anos de convivência presencial.

Nesta perspectiva, e tomando por objetos de pesquisa o celular, o computador e a internet no ambiente doméstico, Rosalía Winocur publica *Robinson Crusóe ya tiene celular: la conexión como espacio de control de la incertidumbre* (2009). Na obra, a autora explica como as tecnologias de comunicação, em especial o telefone móvel, têm sido capazes de estender virtualmente os laços protetores do lar, combatendo a incerteza e os medos, como uma espécie de ansiolítico tecnológico: “o celular nos permite estender virtualmente os laços protetores do lar e, desde quando estamos conectados nos sentimos menos sozinhos e mais seguros” (2009, p. 13). Este processo de “alargamento” do ambiente doméstico, possibilitado por tecnologias digitais, propicia, como consequência, um deslocamento dessa esfera privada do lar, fazendo, assim, com que representem muito mais que simples aparatos comunicacionais.

A popularização de ferramentas e aplicativos de comunicação online em tempo real, como o *WhatsApp*, o *Skype*, etc., presenciamos não somente o alargamento, mas também a intensificação do ambiente doméstico. Bem como a criação de uma nova faceta do cotidiano familiar – o cotidiano online – que complementa e articula-se com o cotidiano vivido presencialmente, off-line, pelos membros da família.

Temos visto que os cenários cotidianos – a casa, o lar – onde se desenvolve a comunicação familiar, transcenderam os espaços domésticos fixos ancorados em um local (no sentido geográfico), estabelecendo-se, hoje, de maneira itinerante e sempre em movimento. Nesse contexto, segundo Winocur (2009), as TICs ajudam a fortalecer a ideia de que a distância física dos indivíduos não destruiu a coesão familiar e têm servido como fonte de consolo, isto é, como espaço real e ilusório para controlar a incerteza – como um território imaginário para fixar o “lugar” da família, ameaçado pela dispersão e deslocamento de seus membros. É desta maneira que também vemos como a internet e o celular foram sendo incorporados no lar, sustentando e reforçando o âmbito do “local” e se prestando como extensões virtuais do doméstico. De acordo com a autora, as TICs passam por uma refuncionalização simbólica em seu uso cotidiano, quando são utilizadas como artefatos rituais para neutralizar a dispersão familiar e evitar a fragmentação biográfica – questão na qual reside a premissa de nossa pesquisa.

Tomemos como exemplo familiares que se encontram fisicamente distantes: a utilização de ferramentas como as mensagens SMS, os aplicativos de *chat* e de redes sociais, o *Skype*, entre outros, acaba por auxiliar na recriação de um lar desterritorializado. Do mesmo modo, apesar de grandes distâncias físicas a que membros de uma mesma família possam estar submetidos – talvez com imensas diferenças de fuso horário e, até mesmo, quilômetros de separação –, através das tecnologias digitais a família passa a ter a possibilidade de compartilhar intimidades e rotinas conhecidas e costumeiras. Nesse momento, “o espaço para encontrar-se não é o imenso oceano informático atemporal e deslocalizado, e sim, o espaço conhecido e delimitado da casa, a mesa, o quarto ou a sala na qual conviveram em muitas ocasiões cara a cara” (WINOCUR, 2009, pp. 25-26)³.

³ As citações de artigos e livros em língua estrangeira foram traduzidas do original pela autora.

Em sua pesquisa *On the mobile: the effects of mobile telephones on social and individual life* (2002), realizada em diversos países do mundo, Sadie Plant⁴ menciona alguns exemplos sobre o uso do telefone celular com tal função de conexão familiar.

Em muitos casos, o celular está sendo usado para manter vivas relações já estabelecidas. Uma jovem tailandesa que trabalha em Bangkok usa o celular para falar com a família que vive em um vilarejo rural remoto. Uma cozinheira filipina em Hong Kong usa o seu para contatar seus filhos em Manila. Um estudante de Beijing diz que seus pais ligam para saber se ele está bem toda vez que escutam falar sobre mau tempo ou problemas na cidade. E em Peshawar, os telefones móveis são usados para manter contato com parentes espalhados por todo o mundo (PLANT, 2002, p. 58)⁵.

O cotidiano é repleto de certezas, incertezas, seguranças e ameaças, reais e ilusórias, que se constituem e reconstituem continuamente e simultaneamente em um plano real e outro imaginário. No que diz respeito às certezas, Beck-Gernsheim (2003) afirma que essas provêm da chamada família tradicional – do lar físico com suas extensões virtuais. As incertezas, paradoxalmente, provêm desse mesmo âmbito onde se constituem as certezas, e são produzidas, segundo Winocur, a partir

dos processos de transformação que sofrem a família tradicional, a dispersão e mudança de seus membros, a erosão da autoridade parental, o deslocamento do âmbito doméstico, a ameaça de perder o emprego ou de não conseguir emprego, a deterioração da qualidade de vida, e as imagens que projetam os meios de comunicação sobre o que está fora de nosso controle: o narcotráfico, o terrorismo, a degradação do meio ambiente, as catástrofes naturais, as guerras fratricidas, a ameaça nuclear e o aquecimento global (2009, p. 32).

Em *A sociedade de Risco* (2008), Beck afirma que tais ameaças, especialmente as catástrofes mundiais amplamente divulgadas pelos meios de comunicação, instalam um certo poder invisível dos riscos: como ameaças que atravessam em maior ou menor medida a todos os grupos sociais. Nessas sociedades de risco, o visível fica à sombra das ameaças invisíveis, podendo essas últimas, inclusive, possuir um grau superior à realidade, de fato, ameaçadora.

⁴ Filósofa estudiosa da cultura, é reconhecida como ativista do *ciberfeminismo*.

⁵ Ao mesmo tempo, pondera o autor, essas novas redes possibilitam ao usuário estabelecer vidas fora do controle familiar. Em Beijing, segundo a pesquisa, um jovem de 17 anos explica a importância do celular para manter amizades que seus pais desaprovam. Pelo mesmo motivo, muitos afegãos que vivem em Peshawar, no Paquistão, ficaram aterrorizados ao saber que meninos e meninas realizam ligações privadas, fazendo amizades sem o conhecimento/aprovação de suas famílias – são especialmente malvistas as meninas que possuem celulares e que falam, de modo privado ao telefone, com meninos.

Neste panorama de incertezas, padecendo cotidianamente por ameaças, medos e inseguranças – como a violência urbana, o desemprego, as doenças, a solidão, etc. –, em que o passado já não pode assegurar o futuro, torna-se imperativo “dominar” o presente, nomeando, recriando e ressignificando, permanentemente, os vínculos afetivos (WINOCUR, 2009). As incertezas, frustrações e ansiedades advindos da falta de controle em relação às circunstâncias externas fazem com que tentemos manter “nosso mundo”, ao menos, sob controle – o que se reflete na ilusória sensação de manutenção do controle desse universo circundante através dos aparatos de comunicação – seja checando a todo instante nossos e-mails, grupos de *WhatsApp* e perfis nas redes sociais ou mesmo buscando manter controle sobre a localização dos membros da família. Como expressa Silverstone (2002), os meios se converteram em substitutos das incertezas habituais na interação cotidiana ao criar cada vez mais defesas contra as intromissões do “inaceitável” ou do “incontrolável” em nossas vidas.

Abordando a relação com o celular mais em seu caráter existencial que comunicativo, como item vital constitutivo de novas formas de sociabilidade, Winocur mostra como o celular na família tem grande importância na manutenção da coesão familiar, aliviando o medo da dispersão de seus membros – desde o ponto de vista de quem “espera por notícias”, como também como uma espécie de ansiolítico tecnológico para aqueles “deslocados” do ambiente físico familiar: “o celular nos permite estender virtualmente os laços protetores do lar e, desde quando estamos conectados nos sentimos menos sozinhos e mais seguros” (WINOCUR, 2009, p. 13)⁶.

Desse modo, o celular aparece como chave para a manutenção da coesão imaginária desses espaços familiares seguros onde habitam nossas certezas, isto é, como um dispositivo imaginário para preservar sob controle as incertezas cotidianas e nos mantendo sempre em comunicação com “os nossos” e nossos “locais” originários de pertencimento.

Tendo em vista que a apropriação dos artefatos digitais sempre se produz em espaços cotidianos – o lar, o trabalho, a escola, o transporte público, etc. –, e que os sujeitos estão em constante contato e negociação com seus entornos afetivos, laborais, formativos e recreativos – e ancorados em universos simbólicos de pertencimento –, o lar, bem como suas extensões virtuais⁷, estabelecem uma mediação fundamental de caráter prático, afetivo e simbólico na

⁶ De acordo a autora, as TICs passam por uma refuncionalização simbólica em seu uso cotidiano não apenas quando utilizadas como artefatos rituais para neutralizar a dispersão familiar, mas, também, para evitar a fragmentação biográfica, garantir a inclusão e exorcizar os fantasmas da alteridade (WINOCUR, 2009).

⁷ Relembramos, aqui, que o cenário em que se desenvolve hoje a comunicação familiar transcende os espaços domésticos fixos, ampliando este âmbito e reforçando a necessidade da manutenção de uma coesão familiar.

apropriação dessas tecnologias digitais. Além disso, o lar se constitui como lugar de tensão entre práticas individuais e coletivas e segue, portanto, sendo central, real e imaginariamente, para a organização cotidiana do rosário de certezas familiares (WINOCUR, 2009).

Impulsionados pela Escola Culturalista inglesa, há mais de três décadas, os estudos de Comunicação têm possibilitado a melhor compreensão de como atua a cultura e a ideologia em diversas dimensões que operam entre a produção das mensagens e sua recepção, reconhecendo, além disso, o valor heurístico da vida cotidiana, e, também, do doméstico, como espaços-chaves para entender a dinâmica de apropriação simbólica no consumo midiático. Os consumidores desempenham uma função essencial na produção de significados atribuídos aos meios de comunicação. E esses, não só dependem dos produtores e das subjetividades dos consumidores, mas também dos contextos de utilização – lembrando que os meios de comunicação não são consumidos em espaços indiferentes a invariáveis e, muito poucas vezes, de maneira independente dos demais. Eles são, sim, em sua maioria, consumidos no ambiente familiar.

A família é ponto central de investigação, pois, conforme Winocur (2009), o lar – e suas extensões virtuais – estabelece uma mediação fundamental de caráter prático, afetivo e simbólico na apropriação das TICs. Ele constitui uma estrutura de rotinas domésticas, locais e conexões midiáticas; de vínculos familiares e redes virtuais, de disputas e alianças pelo controle dos “novos” e “velhos” meios, de encontros e desencontros no espaço virtual e no espaço real, de aberturas online e off-line – além de tensões entre o público e o privado e entre projetos individuais e tradições familiares. Também para Morley (2009), o âmbito doméstico exerce determinações importantes sobre como as tecnologias são percebidas, adotadas e utilizadas por diferentes pessoas em diferentes contextos. No caso dos estudos do consumo doméstico, isso significa assumir a estrutura e a cultura domésticas como um determinante da aceitação e uso das tecnologias.

Ademais, e conforme exposto anteriormente, o processo de apropriação das TICs não está limitado à incorporação e ao domínio das competências que se podem desenvolver na rede, e sim “ao conjunto de processos socioculturais que intervêm no uso, à socialização e à significação das novas tecnologias em diversos grupos socioculturais” (WINOCUR, 2007). Portanto, recuperar os significados da experiência dos sujeitos se torna essencial para entender em que universos simbólicos se inscrevem suas práticas e representações (THOMPSON, 1999).

Ainda que algumas famílias tenham a mesma pertença sociocultural, existem diferentes capitais culturais, experiências vitais e circuitos diferenciados de socialização das TICs que

permitem certo tipo de apropriação e não outro – apropriação esta que não está determinada somente pelas possibilidades da tecnologia, mas pelo universo simbólico de referências e práticas compartilhadas, que ao mesmo tempo constituem espaços de negociação e conflito (WINOCUR, 2009).

Neste sentido, e compreendendo o lar como ponto central – real e imaginariamente – para organizar cotidianamente o rosário de certezas familiares, Winocur (2009) exemplifica como as novas TICs aparecem como fonte de consolo, isto é, como espaço para controlar a incerteza cotidiana, como um território imaginário para demarcar o âmbito doméstico, ameaçado pela dispersão familiar. E apresenta, ainda, a importância do celular para manutenção da coesão familiar e combater (ou aliviar) o medo da dispersão de seus membros (WINOCUR, 2009, p. 112).

Tendo o lar como ponto de partida e de retorno – inclusive para imigrantes, quando as TICs ajudam a fortalecer a ideia de que a distância não destruiu a coesão familiar –, o lar estabelece uma mediação fundamental de caráter prático, afetivo e simbólico na apropriação de tecnologias de comunicação. Com a popularização de tecnologias digitais de informação e comunicação, o cenário onde se desenvolve a comunicação familiar transcendeu os espaços domésticos fixos e ancorados em um local, sendo produzido, agora, de forma itinerante e em movimento. E é justamente a partir dessas extensões virtuais do âmbito doméstico que este trabalho buscará compreender como a família tem se (re)configurado.

Outro ponto importante a ser ressaltado diz respeito ao modo como enxergamos o processo de apropriação dos meios de comunicação. Até a segunda metade dos anos 1990, os estudos relacionados às novas mídias, em especial a internet, centraram sua investigação nas interações no ciberespaço, como experiências paralelas ao “mundo real”; e não na internet enquanto artefato cultural (HINE, 2004). A compreensão de tais práticas, portanto, começava e terminava na rede, reduzindo a importância de reconstituir o tipo de apropriação prática e simbólica que realizavam os usuários em relação ao conjunto de atividades cotidianas e no marco de suas realidades socioculturais.

Na última década, os estudos que dão mais peso aos contextos de utilização das TICs e à interdependência entre os mundos online e off-line têm proliferado. No entanto, na maioria dessas investigações existe uma inclinação dominante de atribuir à tecnologia, por si mesma, uma capacidade de transformação da vida cotidiana, do mesmo modo que antes se atribuía essa capacidade às mensagens midiáticas – de moldar as audiências. Assim, concebem que a

apropriação das TICs se limita ao aprendizado e domínio das competências digitais, o qual supõe um processo que está determinado pelas possibilidades oferecidas pela tecnologia. Superar as dicotomias entre o mundo online e off-line e entre cultura e artefato cultural implica assumir que o agente de mudança não é a tecnologia em si mesma, e sim os usos e a construção de sentido ao redor dela (HINE, 2004).

Entender a apropriação de uma nova tecnologia como o conjunto de processos socioculturais que intervém no uso, na socialização e na significação das novas tecnologias em diversos grupos socioculturais implica reconhecer que esta se realiza a partir de um *habitus* determinado e envolve um capital simbólico associado ao mesmo. Para Bourdieu, *habitus* se configura como um sistema de disposições para a ação, desenvolvido por cada um em virtude da posição que ocupa na estrutura social.

Nas palavras de Bourdieu, o referido conceito é um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (2007, p. 191). O *habitus* inclui tanto as representações sobre si e sobre a realidade, como também o sistema de práticas em que o indivíduo se inclui, os valores e crenças que veicula, suas aspirações, identificações, etc. Ele opera na incorporação de disposições que levam o indivíduo a agir de forma condizente com seu histórico sociocultural, e essas disposições incorporadas se refletem nas práticas objetivadas do sujeito. É, portanto, concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas.

Desse modo, é central a importância do que se considera socialmente relevante em termos de acesso ao conhecimento, as redes sociais, o uso do tempo livre e, principalmente, a experiência anterior de relação com outras tecnologias (WINOCUR, 2007).

Qualquer aproximação – real ou imaginária – às TICs inevitavelmente é resignificada por outras formas de socialização tecnológica no trabalho, na escola e no lar; e pelo uso de outras tecnologias midiáticas próprias do *habitus* de cada grupo social. Sem lugar a dúvidas, a experiência de uso e relação com a televisão, os videogames e a cativante Olivetti⁸ interviram de maneira fundamental nas primeiras imagens que se formaram acerca do computador (WINOCUR, 2007, s/p).

⁸ Autora se refere às máquinas de escrever da marca Olivetti. A empresa italiana começou a fabricar máquinas no Brasil no ano de 1959.

Nesta perspectiva, cremos que o uso de uma tecnologia não é a relação com um objeto, e sim, com o universo de representações sociais e culturais e com o *habitus* com as quais essa tecnologia se articula na vida das famílias. Utilizando como exemplo a internet, Paz (2001, p. 42) afirma:

Internet é um objeto que se apropria em um universo relacional onde outros objetos, espaços e práticas o ‘ressignificam’. [...] o que ocorre com a Internet está em relação tanto com o uso do objeto como com os significados com os quais se o representa. Usar internet é ao mesmo tempo uma operação prática e interpretativa.

A relevância do estudo das mídias, portanto, não está apenas nas possibilidades tecnológicas dos meios ou nos conteúdos que estes colocam em circulação – bem como seu consumo –, mas, também, e, principalmente, para esta pesquisa, na compreensão mais ampla de seus usos e apropriações no dia a dia das famílias. Quando o sociólogo britânico David Morley, com o texto *Family Television* (1986), passou a tratar a assistência da televisão como uma prática inscrita no cotidiano, iniciou uma trajetória interessada pelo uso das tecnologias de comunicação no contexto doméstico⁹ – que valores são atribuídos aos meios de comunicação e como se dá a “sacralização” das práticas cotidianas em torno desses aparatos: que lugares ocupam no lar e como são ressignificados no cotidiano da família.

Neste sentido, e compreendendo que, mais que mudar a vida das pessoas as TICs sofrem as consequências das mudanças que as pessoas realizam em seus “usos previstos” para que se tornem compatíveis com suas trajetórias biográficas e seus sistemas de referências socioculturais – podendo, assim, ser conceituadas como “artefatos culturais” (WINOCUR, 2009, p. 19) – é necessário trazer à tona a questão da “inércia social”. A inércia social diz respeito às práticas através das quais a tecnologia é utilizada e compreendida em contextos cotidianos (HINE, 2004). Segundo a autora, enquanto a literatura evitou/ignorou a importância da “inércia social”, se manteve a ideia da tecnologia como produtora de “revolução” (HINE, 2004, p. 13).

O uso das TICs, entretanto – e como o compreendemos – nunca é o previsto pela lógica dos engenheiros que as fabricam, ou as operadoras que oferecem serviços a elas relacionadas. A inércia social, da qual há pouco falávamos, se longe da perspectiva da apropriação e ressignificação simbólica por parte de seus usuários, pode ser entendida como uma resistência ou uma “subutilização” das potencialidades das TICs. Para Winocur (2009), contudo, medir a

⁹ Sobre esta questão, ver mais na página XX.

presença das TICs segundo suas possibilidades tecnológicas e não segundo seus usos cotidianos – distinguindo a lógica do engenheiro da lógica de quem as utiliza – é um grave erro, já que quem lança mão das tecnologias tem suas próprias lógicas: um híbrido que combina capacidades técnicas e lógicas sociais dos usuários.

Desse modo, o uso das TICs para fins não previstos não significa, necessariamente, uma subutilização de suas potencialidades, e sim, uma adequação das mesmas a situações sociais, culturais e afetivas das quais fazem parte o usuário. Pois, mais que impactar a vida das pessoas, as TICs sofrem as consequências das mudanças que essas realizam em seus usos previstos, para que se tornem compatíveis com suas trajetórias biográficas e seus sistemas de referências socioculturais¹⁰.

Neste contexto, reforçamos nosso entendimento de que o uso das TICs em geral não é o previsto: sua apropriação é diferente do uso previamente imaginado, na medida em que a relação com esses aparatos não corresponde à racionalização de seus projetos tecnológicos. Ao contrário, a apropriação simbólica e a relação do sujeito com as tecnologias digitais se dão em um nível afetivo e mais profundo que apenas em seus usos. Compreendemos a presença das TICs segundo seus usos cotidianos, e não a partir de suas possibilidades tecnológicas – distinguindo, então, a lógica do “engenheiro” da lógica de quem as usa.

Nesse processo se torna evidente, então, que a apropriação de tais aparatos infocomunicacionais supera a mera propriedade de artefatos tecnológicos, conforme exposto por Thompson (1999). Para o autor, a apropriação significa converter o espaço, a relação com os outros ou com os próprios aparatos, meios e mensagens em algo significativo dentro do espaço biográfico dos sujeitos. Assim, compreende-se que a apropriação não se refere, necessariamente, apenas ao consumo e à propriedade de artefatos tecnológicos, mas à posição e relevância desses no espaço.

O uso imaginado das tecnologias não corresponderá, como dito anteriormente, aos usos que lhes são dados de fato, justamente porque, segundo esta visão, elas não transformam o mundo das pessoas, e sim, são utilizadas para confirmar esses “mundos” e imaginários

¹⁰ Segundo pesquisa da *World Internet Project* (WIP), uma rede internacional de pesquisa dedicada ao estudo da apropriação da internet em mais de 30 países, o acesso à internet não modificou substancialmente a vida das pessoas. No Chile, por exemplo, as evidências são de que a rede não altera vínculos sociais já existentes, nem o nível de compromisso e participação com os grupos religiosos, esportivos e comunitários. Pelo contrário, seu uso reforça certos usos sociais próprios da faixa etária e da atividade profissional das pessoas prévios à existência da internet.

estabelecidos. Por conseguinte, as experiências com tais meios de comunicação não se explicam apenas como um impacto direto das múltiplas possibilidades de seus programas e aplicativos, e sim, “como consequência de uma marca social e cultural que encontrou nessas tecnologias um suporte simbólico ideal para expressar-se” (WINOCUR, 2009, p. 14).

Para Michel De Certeau (1994), as instituições e as corporações tentam impor um conjunto de ideias sobre a forma como se deve conceber e manejar as tecnologias na vida cotidiana; e o consumo, por sua vez, é um conjunto de táticas de reapropriação por parte dos usuários que não necessariamente seguem a lógica prevista por seu projeto original e, às vezes, até a contradizem. Nesta perspectiva, portanto, e como destaca Morley (2009), se torna essencial questionar não apenas as práticas, mas também os significados que os usuários de diversas condições culturais atribuem a elas – inclusive se são relevantes ou não em seu contexto.

Em *O Mundo do Bens* (2004)¹¹, Douglas e Isherwood argumentam que as pessoas, ao consumirem determinado produto, também estão comprando toda uma gama de significados simbólicos que expressam pertencimento ao mundo social. Desse modo, os bens de consumo articulam ativamente estruturas e divisões sociais existentes. Para os autores, os consumidores, embora sujeitos a determinados padrões de consumo e convenções sociais pré-estabelecidos, têm a capacidade de manipular os bens simbólicos dentro de regras e códigos culturais elaborados por eles mesmos.

Um exemplo é o estudo etnográfico sobre o uso de telefones celulares, realizado na Jamaica, por Miller e Horst, que constatou que, para indivíduos religiosos daquele país, a escolha de *ringtones* com música religiosa funcionou como reafirmação de suas identidades e elemento de coesão social entre os membros do grupo – já que consideravam os *ringtones* seculares ofensivos (MILLER; HORST, 2005, 2006). A proposta antropológica, portanto, “leva em conta não o indivíduo ou o objeto separadamente, mas a relação entre eles e sua inserção nas redes sociais” (SILVA, 2007, p. 3).

Os autores esclarecem que não se trata de estudar a adoção de objetos por sujeitos, mas compreender o que os jamaicanos se tornaram à luz de seu uso do celular e, também, o que o celular se tornou à luz de seu uso pelos jamaicanos, em processos tomados dialeticamente. Assim, argumentam, é evidente a importância de os pesquisadores compreenderem os padrões

¹¹ Publicado originalmente em inglês, em 1978, pela antropóloga Mary Douglas e pelo economista Baron Isherwood.

locais e culturais de incorporação dos telefones celulares, assim como as formas locais de formação de redes de relacionamento tornadas possíveis pelo advento das novas tecnologias de informação e comunicação (MILLER; HORST, 2005). Neste sentido, e como afirma Couldry (2009), para compreender a “vivência da mídia” é necessário transcender as abordagens circunscritas à produção, à recepção e ao consumo da mesma, já que não são em tais relações binárias que ocorrem essas dinâmicas tecnológicas.

Tendo aclarado, mesmo que em pequena escala, o contexto e as premissas que norteiam nosso estudo, ressaltamos ainda que, para fins dessa pesquisa, que investiga a comunicação de famílias que possuem membros que vivem apartados, em cidades, ou, até mesmo, países diferentes, exploramos as interações que se dão por meio das tecnologias digitais de comunicação – sejam elas por ligações telefônicas, aplicativos, redes sociais, e-mails, etc. Entendemos que não são numerosos os estudos com famílias no Brasil, especialmente no que toca à sua comunicação. Neste sentido, buscamos contribuir com a área trazendo uma pesquisa empírica que visa compreender as novas formas de comunicação das unidades familiares em um contexto de transformação e popularização cada mais rápidos de dispositivos e ferramentas comunicacionais digitais e online.

Tais transformações nos têm colocado novas problemáticas metodológicas para a busca da compreensão dos processos de comunicação atuais. Tratar de observar e compreender as lógicas de um mundo permeado pela coexistência do online e do off-line – e de cotidianos familiares vividos nesses dois âmbitos – tem exigido de nós, pesquisadores sociais, a busca de novas maneiras de nos aproximarmos e de olharmos nossos objetos. Tentamos com esta tese, portanto, colaborar para a construção de novas formas de apreensão e entendimento dessa realidade. Utilizamos os métodos que estavam a nosso alcance, ainda que tenhamos a consciência de estarmos longe de uma forma ideal, na esperança de que novos estudos sigam também propondo e experimentando estratégias e ferramentas metodológicas.

Para a constituição do grupo estudado, buscamos a maior diversidade possível no que diz respeito à composição das famílias – seja em tipos de famílias (nuclear, monoparental, com chefia masculina ou feminina, extensa, etc.), número de membros, idade dos filhos, motivação e tempo de saída do núcleo original familiar, entre outros aspectos. Todas as famílias pesquisadas, entretanto, partilham da condição de serem *famílias sem fronteiras*, as quais serão descritas no segundo capítulo deste trabalho.

1.1 QUE CAMINHOS PERCORREREMOS

Para atender às escolhas teórico-metodológicas e atingir os objetivos desta pesquisa, este trabalho está dividido em seis Capítulos com subseções – contemplando a Introdução, seção atual –, Considerações Finais, Referências e quatro Apêndices.

O primeiro capítulo diz respeito a essa Introdução, onde apresentamos nossa questão de pesquisa, as principais premissas que a norteiam, seus objetivos geral e específicos, bem como sua estrutura.

Já a segunda seção, denominada *A família – dos conceitos clássicos do século XX ao século XXI*, está subdividida em outros três subcapítulos, que têm por meta percorrer historicamente – compreendendo os séculos XX e XXI – o conceito de família, suas premissas e os enfoques utilizados para a compreensão destes grupos sociais.

O terceiro capítulo, intitulado *Usos e apropriações das TICs na família*, conforme o próprio nome, diz respeito aos usos e às apropriações das tecnologias de comunicação no âmbito familiar. Dividido em quatro subcapítulos, visa demonstrar como se dá a incorporação e a domesticação das TICs no lar; como os processos de informatização e digitalização, desde o final do século XX, tem transformado e sofrido transformações dentro das lógicas domésticas e familiares; além de trazer um breve histórico e discussão a respeito do computador, da internet e das tecnologias móveis, em particular o celular – ferramentas utilizadas pelos membros das famílias pesquisadas para se comunicarem entre si.

A quarta parte tem por objetivo apresentar e justificar a escolha de nossas estratégias metodológicas, bem como de nossos instrumentos utilizados na pesquisa empírica e as categorias analíticas propostas para a compreensão dos dados levantados. O aprimoramento e a consolidação das estratégias metodológicas se deram durante Estágio Doutoral realizado ao longo dos meses de março a julho de 2017, na Universidad de la República (Udelar), sob orientação da Profa. Dra. Rosalía Winocur, em Montevideu, Uruguai.

Na quinta seção, apresentamos as características gerais do grupo de famílias estudado e, após, detalhamos cada um deles através de descrições densas elaboradas a partir dos dados coletados em conversas e entrevistas com os sujeitos pesquisados. Explicitamos também o protocolo de observação concebido para cada uma das famílias e as ferramentas metodológicas utilizadas para o aprofundamento de seu estudo.

Por fim, no sexto e último capítulo desenvolvemos a análise do corpus proposto para esta tese. Primeiramente, fazemos uma breve retomada das categorias analíticas concebidas e, após, buscamos a compreensão dos dados coletados à luz da proposta teórico-metodológica apresentada nos capítulos anteriores.

1.1.1 Objetivo geral

Com essa pesquisa temos por objetivo compreender como se dá a comunicação das chamadas *famílias sem fronteiras* em um contexto de reconfiguração dos espaços para a vivência familiar, a partir das possibilidades oferecidas pelas tecnologias digitais de comunicação. Partindo da observação dos usos e apropriações dessas tecnologias, buscamos entender como tais famílias – que possuem membros que vivem geograficamente apartados entre si – têm se apropriado dessas ferramentas visando o gerenciamento e a manutenção de seus vínculos afetivos à distância.

1.1.2 Objetivos específicos

São objetivos específicos deste trabalho:

- ✓ compreender como se configuram os novos espaços para a vivência do cotidiano familiar possibilitados pelas tecnologias digitais de comunicação;
- ✓ descobrir que estratégias e recursos têm sido utilizados pelos membros das famílias pesquisadas para gerenciar seus vínculos afetivos à distância;

2 A FAMÍLIA – DOS CONCEITOS CLÁSSICOS DO SÉCULO XX AO SÉCULO XXI

[...] as famílias globais resolvem em seu interior as contradições do mundo.

Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (2012, p. 15)

A palavra família, de origem latina, deriva de *famulus*, que significa servidor – não se aplicando, porém, ao que hoje entendemos por este termo. Na Roma Antiga, *familia* designava todo o conjunto de indivíduos que viviam na mesma casa (*domus*), incluindo escravos, servidores e bens patrimoniais pertencentes a essa residência, em uma hierarquia que mantinha, por um lado, o senhor e, por outro, a mulher, os filhos e os servidores, vivendo sob a dominação do homem. Por extensão de sentido, *familia* chegou a designar os *agnati* (parentes pertencendo à linha paterna) e os *cognati* (referente aos parentes da linha materna), assim como o conjunto dos parentes unidos pelos laços de sangue, vindo a tornar-se, na linguagem comum, um sinônimo de *gens* – grupo de famílias cujos chefes dependiam de um antepassado comum. (ERNOUT et al., 1951; ØRBERG, 2003).

As denominações de família, bem como a extensão das unidades de parentesco, têm variado segundo os locais, as épocas, os grupos sociais e as circunstâncias políticas, econômicas, tecnológicas, etc. Ora compreendida como célula base da sociedade – como já apontava Platão, na *República* –, ora como refúgio contra as agressões externas ou mesmo uma instituição flexível e persistente, o que se vê, historicamente, é que a família tem atravessado os séculos com uma habilidade de resistir e adaptar-se a inúmeras transformações sociais – tendo, ela mesma, participado muitas vezes enquanto sujeito-ator nessa dinâmica.

No caso das sociedades ocidentais, “a família viu a passagem do predomínio das organizações estatais de poderes centralizados para sistemas mais democráticos em que se valoriza, predominantemente, a liberdade, a racionalidade, a igualdade de oportunidades e o indivíduo” (LEANDRO, 2006, p. 52), ao mesmo tempo em que se viu a transição da economia camponesa para a economia industrial e para a terciária – com a intensificação da urbanização das sociedades contemporâneas.

Nesta seção apresentaremos as abordagens conceituais da família, desde as perspectivas denominadas clássicas pela literatura, até os modelos que vêm sendo pensados e propostos a respeito do tema nos fins do século XX e início do XXI. Iniciaremos essa trajetória pelo

momento da transformação da família em paternal/patriarcal para o modelo conjugal moderno, conforme denominado pelos autores posteriormente referidos. A escolha por tal ponto de partida se dá, fundamentalmente, pelo fato de que, ainda hoje, é possível identificar resquícios desse modelo nas sociedades contemporâneas.

2.1 A FAMÍLIA NO SÉCULO XX – A PERSPECTIVA DOS CLÁSSICOS

A Sociologia da Família enquanto disciplina tem como seu fundador Émile Durkheim (TORRES, 2010), para quem, três ideias centrais sobre a família conjugal moderna podem ser destacadas:

- a) a passagem da família paternal e patriarcal para um novo tipo de família – a família conjugal moderna;
- b) a valorização do papel do indivíduo, dos seus interesses e sentimentos em relação ao coletivo da família;
- c) o papel específico do Estado no contexto dessa nova forma de organização familiar – a qual Durkheim considera dominante.

Com relação ao primeiro ponto, o que se viu ao longo do século XX, na referida passagem do modelo de família patriarcal para a família conjugal, foi o desenvolvimento de unidades constituídas por um marido, uma mulher e os filhos menores e solteiros do casal. O que Durkheim identificava, ainda no século XIX, em termos de normas, deveres, direitos e obrigações, ainda podia ser visto até, pelo menos, os anos 1960, conforme afirma Torres (2010, pp. 40-41):

[...] estavam ainda em vigor as orientações principais que ele apontava como características distintivas daquela então nova forma de família. Com efeito, o pai tem obrigação de alimentar os filhos, estes dependem da sua vontade até à maioridade, mas depois desta cessam todas as obrigações paternas e os filhos assumem a sua personalidade, os seus interesses e a sua responsabilidade própria. Essa regra não prejudica, naturalmente, a subsistência de ligações e laços de proximidade entre pais e filhos, bem como de certos deveres recíprocos como o do direito dos filhos a herdar parte da riqueza dos pais, ou o de lealdade e de assistência na doença aos pais idosos.

Assim, esse “estado de dependência perpétua” que estava na base da família paternal e da família patriarcal (DURKHEIM, 1975), deixa de existir na família conjugal moderna. A essa nova configuração também podemos atrelar outra ideia chave: o fato de que, neste caso, o casamento é o que funda a família e não o contrário – diferentemente de outros modelos em

que a família impunha casamentos que se adequavam à continuidade de determinada lógica familiar e coletiva. O século XX foi, de acordo a Torres, o século da afirmação da ideia de independência dos filhos em relação à vontade dos pais, do valor da escolha livre e do sentimento como pretexto para a conjugalidade (TORRES, 2010).

A segunda ideia de Durkheim que destacamos acima diz respeito à valorização do papel do indivíduo e de seus interesses e sentimentos. Em oposição à lógica de valorização das coisas – dos bens materiais, do patrimônio, etc. – o autor afirma que a família conjugal moderna tende a ressaltar a vontade individual. Durkheim chega a afirmar que o direito sucessório e, portanto, a correlativa herança, fica sem o seu fundamento essencial (DURKHEIM, 1975) e tenderá a desaparecer, já que é a vontade das pessoas e não as imposições da consanguinidade que se afirma. Tanto nas relações conjugais como entre pais e filhos, é o respeito pelos sentimentos, isto é, é o âmbito afetivo, em detrimento da lógica da prestação de serviços, que se instala como norma.

A modernidade de Durkheim aparece, também, de modo evidente, na definição do papel do Estado no contexto das relações familiares. Para o autor, que considerava a intervenção do Estado crescente no interior da vida familiar, este tornou-se um fator na vida doméstica. Com a família conjugal, os laços de parentesco se tornaram totalmente indissolúveis e o Estado, tomando-os sob a sua garantia, retirou aos particulares o direito de os quebrar (DURKHEIM, 1975).

Este novo papel é ilustrado por Durkheim através da referência à necessidade de interferência estatal, por exemplo, na proteção de órfãos ou na limitação à intervenção dos pais quando estes excedem determinados limites – desenvolvendo uma crítica ao poder excessivo que o pai exercia em formas familiares anteriores. Enquanto na família patriarcal o poder do pai não tinha limites, a conjugal moderna liberta os indivíduos das amarras do parentesco e de interesses particulares do grupo familiar que se imponham à vontade das pessoas – além disso, deve estar a cargo do Estado a regulação dos interesses e a proteção dos mais frágeis.

Durante a maior parte do século XX, as perspectivas de privatização da família, que tendem a acentuar a existência de esferas separadas – pública e privada – com lógicas inteiramente diferenciadas, acabam por ser dominantes. É apenas a partir dos anos 1960 e, mais claramente, dos anos 1980, que nasce uma nova visão sobre as relações entre família, vida privada e Estado. Em realidade, aos finais do século XX, sentiu-se, cada vez mais, uma mudança dupla e paralela: à medida em que aumentava a liberdade de ação e se acentuava a

afirmação da individualidade no contexto da família, maior era, simultaneamente, a capacidade de intervenção do Estado (TORRES, 2010). Podemos ver exemplos dessa interferência no âmbito doméstico nas decisões do tribunal em relação ao trabalho infantil, instigado, muitas vezes, pela própria família; na regulação do poder parental em caso de divórcio; na limitação ou interdição do exercício do poder parental no caso de maus tratos às crianças; na interdição e a criminalização da violência conjugal; etc. Assim, ficou cada vez mais evidente, como havia previsto Durkheim, o afastamento do império da consanguinidade, das lógicas da natureza e do biológico, a favor da esfera das normas gerais, universais e da cultura de uma época.

Associada a essas ideias está também a constatação de um fenômeno, que vai sendo enfatizado ao longo do século XX, que diz respeito à relação direta entre a maior amplitude na rede de relações do indivíduo – à medida em que, entre outros fatores, a divisão social do trabalho se intensifica – e o reforço da sua individualidade (DURKHEIM, 1975). Proposta muito semelhante à de Giddens, a qual nos fala que, na modernidade tardia, a globalização desenvolve-se, em simultâneo, com a intensificação dos processos de reforço e de intervenção sobre a identidade pessoal (GIDDENS, 1996).

Outro autor considerado clássico para a Sociologia da Família é Georg Simmel, interessado, igualmente, na Sociologia do Casamento. Apesar de as análises teóricas de Simmel e Durkheim radicarem em pressupostos epistemológicos muito diferentes, encontramos objetos de reflexão partilhados pelos dois autores e, até mesmo, preocupações idênticas em relação a alguns temas. Simmel publica, em 1895, o texto *On the sociology of the family*. No artigo, utiliza muitos dos exemplos do estudo de Edvard Westermarck¹² sobre as origens do casamento e do casamento por rapto, no qual conclui que, em determinado momento, “a mulher já não é propriedade do marido e, de acordo com as ideias modernas, o casamento é, ou deveria ser, um contrato baseado na perfeita igualdade entre os sexos” (FRISBY, 1998, p. 279).

Para Simmel, as formas de relacionamento entre homens e mulheres, ao longo dos tempos, está associada a circunstâncias históricas específicas e não decorre de uma evolução simples e linear a partir de um estado primitivo. Desse modo, a preocupação principal é mostrar a diversidade das situações e das conjunturas históricas, defendendo que não houve, necessariamente, um princípio pré-histórico comum na regulação das relações conjugais e familiares. Além disso, defende que a relação mais estável ao longo do tempo é a associada a mães e filhos.

¹² *The history of Human Marriage*, de 1891.

Outro ponto importante no pensamento de Simmel diz respeito ao surgimento da propriedade privada, que permitiu a individualização da relação pai/filho através do desejo de transmissão do patrimônio. De acordo com o autor, “o conceito de pai teve de sofrer um longo desenvolvimento a partir do seu sentido original, que incluía apenas a posse da criança através da posse da mãe, até poder desenvolver-se no de uma relação direta e individual entre o progenitor e a criança” (SIMMEL, 1895, 1998, p. 289). A valorização da monogamia e da fidelidade feminina no casamento também estariam ligados à questão da propriedade privada, já que haveria necessidade de garantir a transmissão do patrimônio a filhos legítimos.

A partir da valorização da monogamia vieram à tona questões de sentimentos de amor e fidelidade conjugal – o que passava a constituir novo ímpeto para o indivíduo se casar (SIMMEL, 1895, 1998). Segundo o autor, a mesma lógica se aplica em relação aos sentimentos perante os filhos: se, durante muito tempo, a necessidade de garantir estabilidade e coesão para a melhor sobrevivência da prole esteve na base da manutenção de relações conjugais mais duradouras, essa continuidade traduziu-se, posteriormente, nas relações de afeto e no sentido de projeção na geração seguinte – o que assegura, também, a continuidade social.

A passagem do casamento por compra para o casamento com dote acontece, conforme Simmel (1900, 1907), quando a economia perde o seu carácter familiar, acentuando-se a divisão do trabalho entre os sexos. O trabalho doméstico, não diretamente produtivo, e o mercado de trabalho externo ao lar (assumido quase que exclusivamente pelos homens) fizeram com que as mulheres deixassem de ter valor produtivo, passando, assim, a representar um fardo a seus maridos. Desse modo, o dote da família da noiva é uma forma de atenuar essa “despesa” futura.

Ao refletir sobre as diferenças entre os sexos, Simmel coloca-se em uma posição ontológica, propondo a distinção entre feminino e masculino a partir da definição de essências e concluindo que existe uma natureza feminina específica e totalmente diferenciada da do homem. Trata-se de uma visão essencialista e naturalista, que também orienta seu posicionamento em relação à cultura feminina: para o sociólogo, somente seria possível uma verdadeira emancipação se as mulheres afirmassem a sua cultura própria, que deve caracterizar-se pela oposição total à cultura masculina dominante existente. Esta é objetivada e baseia-se na essência racionalista do masculino, contrariamente à cultura feminina, mais próxima às emoções, aos sentimentos e à subjetividade.

O esforço de reconstrução da Europa que se seguiu à I Guerra Mundial fez com que as vozes da Sociologia passassem a ecoar do outro lado do Atlântico (TORRES, 2010). No que

diz respeito à Sociologia da Família, até a década de 1970, é na produção norte-americana que encontraremos os autores de maior referência. Ernst Burgess, Talcott Parsons e William Goode são alguns de seus principais nomes.

Até os anos 1960, as principais teorias e análises se desenvolvem em torno da ideia do surgimento da família moderna e da centralidade do casamento neste novo cenário. Burgess (1960), conduzindo pesquisas alinhadas ao Interacionismo Simbólico, na Escola de Chicago, propõe a ideia de transformação da família enquanto instituição em família no sentido de companheirismo. A transformação devia-se, essencialmente, à passagem da produção agrícola e artesanal à produção industrial, bem como à mobilidade geográfica e às vagas de urbanização que a acompanhavam. A lógica do modelo “companheirismo” denota uma família fundada pelo casamento consumado pela livre escolha dos cônjuges, que instala a democracia como princípio de funcionamento e que tem como finalidades o bem-estar pessoal do casal e dos filhos (BURGESS et. al., 1960)¹³.

O casamento, portanto, funda a família, contrariando a lógica institucional – na qual a família se consolida através da conveniência. Para Burgess (1960), neste último modelo citado as preocupações patrimoniais e econômicas se sobressaem em relação às outras, diferente do modelo do companheirismo que, com a propagação do trabalho assalariado, tende a difundir-se como nova forma de encarar a família e o casamento. Considerado o pai da Sociologia da Família americana, Burgess é um dos fundadores da Escola de Chicago, tendo suas publicações, em conjunto com outros pesquisadores, marcado o panorama científico desde os anos 20 até a metade da década de 1950. A corrente teórica inspiradora de tais estudos é o que veio a ser chamado, posteriormente, de Interacionismo Simbólico. Neste contexto, é engendrada uma definição de família como unidade de personalidades em interação, existindo, essencialmente, para o desenvolvimento e gratificação de seus membros, que se unem mais por coesão interna do que por pressões externas.

Com a identificação de diferentes tipos de famílias urbanas, análises multifacetadas começam a surgir, emergindo temas como as expectativas que a família – em particular, as mães – depositam nos filhos (e possíveis conflitos gerados por essas expectativas); os fatores distintos a partir dos quais se pode construir a unidade familiar e os graus desta, etc. (TORRES, 2010). As análises produzidas sob orientação de Burgess estavam mais atentas às ações dos indivíduos e às suas interações, do que a fatores determinantes externos – viés que privilegia

¹³ Este texto teve sua primeira publicação em 1945.

um olhar mais atento ao funcionamento das interações familiares e aos fatores que contribuem para a unidade/coesão familiar ou para a sua organização/regulação. Com efeito, o sentido que Burgess apontava para o desenvolvimento da família – valorizada no quadro da vida individual, como fonte de gratificação e bem-estar afetivo, e não tanto como prestadora de serviços ou unidade de produção de bens econômicos – viu-se desenvolvido desde os anos 1920 até o final do século.

Para Burgess, a família tinha um papel central na manutenção da ordem social, já que a considerava fator compensatório aos constrangimentos e dificuldades a que os indivíduos estavam sujeitos nas outras esferas da vida social (BURGESS e LOCKE, 1960). Podemos reconhecer a ideia da centralidade da família como determinante na ordem social na análise de Burgess, por exemplo, sobre a situação dos sem-teto. Para o autor, mazelas sociais como esta são reflexo da desestruturação da família.

Desde as primeiras pesquisas, na década de 1920, até a publicação de *The family: from institution to companionship*, são evidentes as transformações dos contextos sociais analisados nos Estados Unidos. Através dos estudos de Burgess nos anos 1920, por exemplo, lê-se bem o peso da pobreza, da delinquência e da vida dos sem-teto dos bairros pobres de Chicago. Já em 1945, quando da publicação do livro recentemente citado, o que se pressente é um otimismo ligado ao início de um período de crescimento econômico e de oportunidade de emprego. Neste, Burgess e Locke (1960) sugerem a passagem de uma economia de risco para uma base de segurança – que tem como consequência maior estabilização nas relações familiares –; a sobrevivência da família – devido à sua capacidade de adaptação à mudança ou mesmo pela centralidade que ela detém no plano afetivo e da satisfação pessoal – e que se teria chegado a um patamar máximo no número de divórcios – que, no futuro, tenderiam a não aumentar. Tal proposição já havia sido derrotada em finais da década de 1950, quando o divórcio nos Estados Unidos atingia a casa dos 20-25% – em torno de um em cada quatro ou cinco casamentos (U.S. DEPARTMENT OF HEALTH, EDUCATION, AND WELFARE, 1973) – e sobe, ainda mais, a partir da década de 1960, chegando a 52% em 1980 (U.S. CENSUS BUREAU, 2011). Na Europa, o aumento do divórcio a partir dos anos 1960 também aconteceu em quase todos os países (TORRES, 1996).

Já em Parsons (1956) encontraremos uma proposta que não só marca profundamente a Sociologia da Família, como serve de fundamento a uma visão sobre a legitimidade do desempenho de funções na família, de acordo com os sexos masculino e feminino. De cunho estrutural-funcionalista, significativamente diferente do interacionismo simbólico de Burgess e

da Escola de Chicago – e amplamente criticada nos âmbitos da Sociologia e Antropologia –, a perspectiva de Parsons é, por um lado, mais vasta, já que vai para além da interação específica no contexto da família, procurando situá-la no contexto alargado das relações sociais – da estrutura social e dos sistemas e subsistemas de ação.

Por outro lado, é mais estreita, no sentido em que procura partir da estrutura e dos sistemas sociais para chegar ao indivíduo, à sua personalidade e às formas de funcionamento psíquico e até psicanalítico. Parte, assim, da Sociologia ao encontro da Psicologia e da Psicanálise, desafiando fronteiras disciplinares e definindo um olhar que procura dar conta das múltiplas dimensões empíricas que se cruzam em uma realidade complexa e multifacetada como a da família.

Alguns textos de Parsons, em finais da década de 1950, trazem referências às disfuncionalidades do sistema conjugal americano. Em tom premonitório, preveem o que poderia vir a acontecer em dez ou 20 anos, com o desencadear dos movimentos feministas, causando imensa polémica. Ao analisar a realidade da família americana daquela época, em livro escrito em parceria com Robert Bales, Parsons destaca as profundas transformações que haviam ocorrido na família, propondo a ideia de “desorganização de transição” (PARSONS e BALES, 1956, p. 4). Trata-se de caminhar para um novo tipo de família conjugal, que não significa a perda de importância da família, mas a intensificação e a valorização de certas dimensões do seu funcionamento.

Conforme o autor, o divórcio, que iria crescer de forma ainda mais acentuada anos depois, dizia respeito, sobretudo, a pessoas casadas há pouco tempo e sem filhos; a ruptura conjugal não representava a recusa da conjugalidade, já que os divorciados tenderiam a voltar a casar; a baixa da natalidade, especialmente experienciada nos anos 1930, sofre, no pós-guerra, uma virada para o crescimento, para, depois, estabilizar-se em meados de 1950 – isso devido a uma mudança demográfica que se iniciou no século XX e a uma tendência que se traduziu na passagem de um regime de baixa esperança de vida e alta natalidade, para um regime de baixa natalidade e alta esperança de vida.

Desse modo, as mudanças na estrutura social, que se articulavam com as transformações no interior da família, não se traduziam, de acordo ao autor, na desorganização da família, mas na transição desta para um novo modelo. Em vez de se desorganizar, ou perder importância, a família se transformaria em um subsistema altamente especializado, com funções vitais para o funcionamento social e para o indivíduo (TORRES, 2010). Conforme Parsons e Bales, a

especialização da família se dava em duas funções primárias essenciais – a socialização das crianças e a estabilização da personalidade do adulto. As famílias transformam-se, assim, em autênticas “fábricas de produção de personalidades humanas” (PARSONS e BALES, 1956, p. 16).

A constante preocupação de Parsons com as questões da ordem e da dinâmica do equilíbrio fez com que ele fosse facilmente identificado como um conservador social interessado na manutenção do *status quo*. Em sua concepção de ordem, acabou por afastar-se da perspectiva do utilitarismo clássico por acusá-lo de ser uma explicação psicologizante redutora em que a ação humana parece ser motivada apenas pelos interesses individuais. A partir desta objeção, Parsons apoiou-se, especialmente, em autores como Freud e Durkheim, para pôr em evidência o fato de que a ação humana obedece a regras, normas e modelos que servem para estruturá-la e outorgar-lhe coerência, fazendo das perspectivas destes dois grandes clássicos, aparentemente contraditórias, uma síntese interessante e complementar (HITA, 2005).

Conforme Parsons, Durkheim demonstrara que os sistemas de crenças desempenhavam um papel importante para a integração social (institucionalização) e, Freud, como a criança internalizava estes sistemas ao crescer (internalização). Esta proposição, na obra de Parsons, aponta a dupla natureza dos modelos culturais que, ao mesmo tempo, estão nas consciências das pessoas, bem como no universo simbólico da sociedade. Neste sentido, poderíamos dizer que os modelos se encontram, simultaneamente, no ator e na situação, porque também foram interiorizados pelos outros atores e estão institucionalizados na cultura e nas estruturas sociais (PARSONS et al., 1956; ROCHER, 1976).

Ainda segundo Parsons, existem duas funções básicas na família: a socialização dos filhos e a estabilização das personalidades, no caso dos adultos. Para ele, o processo de socialização primária atua como um método de internalização da cultura, a partir do qual a criança pode tornar-se membro da sociedade em que nasceu. Já a segunda função está associada ao tema do crescente isolamento da família nuclear dos grupos de origens do casal e à distribuição de papéis diferenciados e complementares dos pais. Para a realização destas duas funções, Parsons elabora um modelo baseado em papéis sexuais –o instrumental (homem, provedor) e o expressivo (mulher, sustento emocional). Tal modelo tem origem nas observações de pequenos grupos experimentais para resolução de problemas ocupacionais, em que geralmente não se atribuía a liderança intelectual e a emocional à mesma pessoa.

Parsons afirma a necessidade da complementaridade destes papéis e fundamenta a sua atribuição nas características psicológicas e biológicas diferenciais dos sexos, definidas a partir do pensamento freudiano. De acordo às suas conclusões, para que a socialização no interior da família fosse estável, era necessária a coalizão entre os papéis diferenciados de pai e mãe. Nesta perspectiva, por exemplo, as mulheres, sobretudo quando têm filhos, não devem trabalhar fora do lar, já que isso poderia ter por consequência uma indesejável competição no contexto da família. Ou seja, se os papéis não forem complementares e diferenciados, tendem a competir entre si, fazendo com que a família deixe de funcionar como lugar de pacificação e refúgio protetor em relação ao exterior, desequilibrando, de maneira mais ampla, o sistema social.

Apesar da crescente porcentagem de mulheres americanas que, já nessa época, tinham atividade profissional, Parsons afirmou que esse fato não mudaria, tampouco deveria mudar, a distribuição de papéis femininos e masculinos na família. O argumento favorece, portanto, a especialização do subsistema familiar em subsistemas particulares que se organizam, fundamentalmente, em torno da lógica da diferenciação e da complementaridade dos papéis. O autor procura, assim, alcançar o objetivo de estabelecer o sentido da relação entre personalidade, sistema social e cultura, destacando o papel que a família tem como mediador deste processo.

Se, por um lado, a cultura é que define as crenças, valores e normas que irão ser internalizadas pelos indivíduos em uma sociedade, através dos processos de socialização, a família é aquela que torna isso possível, desempenhando papel decisivo neste processo. A família é, portanto, definida como sistema social institucionalizado (PARSONS e BALES, 1956). Ao contrário de Burgess, Locke e Thomas, Parsons afirma que a família é, de todo modo, uma instituição, seja na forma de “companheirismo”, seja no “institucional”, já que em ambos os casos os estatutos do casamento e da parentalidade estão sempre ligados a expectativas, normas e obrigações de carácter legal ou informal, definidas de forma exterior aos indivíduos.

Assim, vemos claramente a diferença de perspectiva entre os estrutural-funcionalistas e os interacionistas: enquanto os primeiros estão mais preocupados com os contextos e com a interpenetração dos diferentes sistemas sociais, os segundos dirigem sua atenção ao que se passa nas relações entre indivíduos.

Tendo em vista que o século XX assistiu a inúmeras transformações de conceituação e pensamentos sobre a família, cremos importante citar um autor que analisou tais mudanças em todas as regiões do mundo durante esse século. Trata-se de Göran Therborn, que publicou, em

2004, *Between Sex and Power – Family in the world, 1900-2000*. Na obra, o autor volta seu olhar para três temas fundamentais: o declínio da lei do pai e da lei do marido; a evolução do casamento e das uniões de fato como forma de regulação da sexualidade; as tendências passadas, recentes e futuras da fertilidade e suas consequências nos vários planos. Therborn estabelece com seu antecessor, Goode, – quem reconhece que lhe serviu de inspiração – um intenso diálogo, embora apontando algumas discordâncias essenciais.

Sobre o primeiro tema – o declínio do patriarcado – e a chamada modernização dos sistemas de família do século XIX para os séculos XX e XXI, gostaríamos de ressaltar o que Therborn considera como os três momentos fundamentais que tornaram o patriarcado o grande “perdedor” do século XX (THERBORN, 2004, p. 73) no universo das sociedades ocidentais. O primeiro deles foi a Primeira Guerra Mundial, na qual se identifica um conjunto de mudanças legislativas – em que tiveram papel pioneiro os países escandinavos – que representaram perdas consideráveis dos poderes do pai e do marido: eram leis que consagravam a igualdade entre homens e mulheres no casamento, quer na sua vigência, quer na sua dissolução, por divórcio ou por morte (THERBORN, 2004). Outras mudanças ocorreram também após a Revolução Russa, de 1917, quando foram dissolvidas as legislações feudal e patriarcal. Ainda que na prática seguissem dominando os poderes patriarcais, ou dos homens enquanto chefes de família, já era possível notar um movimento significativo no âmbito legislativo. Nos anos 1920 também se viu importantes avanços na Inglaterra e nos países anglo-saxônicos.

No que diz respeito ao segundo momento, o autor o identifica no término da Segunda Guerra Mundial, seguida do fim da Revolução Comunista na China, com o aumento da interferência americana no Japão – que influenciou a elaboração da Constituição Japonesa, de 1947 –, a influência da União Soviética nos países do leste europeu e, por fim, a Declaração dos Direitos Humanos das Nações Unidas, em 1948. Já o terceiro momento reconhecido por Therborn é 1968, momento em que se deram curso a chamada Revolução Sexual – e o surgimento da pílula anticoncepcional – e as reivindicações de maio daquele ano. É importante lembrar, também, que, alguns anos depois, 1975 foi declarado pelas Nações Unidas como o Ano Internacional das Mulheres, bem como a conferência realizada no México que acabou por consagrar 1975-1985 a década das mulheres.

Sobre a questão da mulher, na década de 1960, podemos destacar um importante autor, William Goode, em quem encontramos os traços de uma Sociologia da Família que equaciona, pela primeira vez, a ideia de que a mulher pode ser definida enquanto ator social pleno, fora dos contextos que a natureza biológica lhe impõe (GOODE, 1969; 1970). Apesar de o autor

pontuar assimetrias e injustiças a que as mulheres estavam submetidas – além de ter evidenciado as diferenças sociais e o seu papel nas escolhas matrimoniais e na vida familiar –, Goode não propôs no plano teórico uma mudança de perspectiva para captar a realidade das distinções intersexos, nem sugeriu novos conceitos.

Foi apenas com a chegada dos anos 1970 que se pôde identificar uma ruptura mais consistente de paradigma com relação à questão da mulher. A chamada condição feminina passou, então, a ser olhada de outra forma, ganhando fôlego um processo de transição conceitual: a passagem de uma noção de “mulher-natureza”, condicionada pelas suas funções biológicas e por um destino específico, para uma concepção de “mulher-indivíduo”.

Contribuíram para essa ruptura algumas mudanças de valores e de comportamentos dos anos 1960, além de outras práticas sociais, manifestações feministas, bem como indicadores demográficos – como o aumento do divórcio e a baixa da natalidade e do casamento, a inserção das mulheres no mercado de trabalho, entre outros (SEGALEN, 1995). No que toca o campo teórico e ideológico, novas propostas de correntes feministas surgem e, no contexto da Sociologia da Família, as investigações passam a discutir a perspectiva parsoniana e a rígida divisão sexual de tarefas e de funções que ela impunha.

Neste contexto, Andrée Michel tem um papel chave, desde os anos 1960 e, sobretudo, na década seguinte, no processo de articulação entre a temática da família e a da situação das mulheres. As críticas desta autora a Parsons assumem lugar de destaque, especialmente devido à sistematização de resultados de pesquisas empíricas que invalidam as propostas parsonianas (MICHEL, 1983). Michel tem ainda importante papel na divulgação de diversas teorias, assumindo particular relevância aquelas que procuraram demonstrar, pela primeira vez, o carácter produtivo do trabalho doméstico. A essas novas posições ligam-se também Dorothy Smith, Christine Delphy, Heidi Hartmann, entre outras.

Numerosas investigações na Europa e nos Estados Unidos demonstraram que o trabalho profissional das mulheres estava, de forma muito clara, associado ao aumento do seu poder de decisão e autoridade no casal, a maiores níveis de partilha das tarefas domésticas entre os cônjuges, embora não de forma igualitária, e a maior percepção de companheirismo e comunicação no casal (MICHEL, 1983). A partir dos anos 1970, quando se tornam mais explícitas as ambiguidades e dificuldades decorrentes da dependência financeira das mulheres, além da imposição da repressão na concretização de suas ambições pessoais e profissionais, termos como submissão feminina e dominação masculina começam a entrar no vocabulário

comum, a partir dos ensaios feministas. O que era vivido no plano pessoal e íntimo, agora estava sendo discutido amplamente na esfera social.

Além de questões sobre a igualdade entre os sexos, os resultados das investigações que se deram naquelas referidas décadas revelavam, ainda, a rejeição do modelo tradicional do casamento e a defesa de outras modalidades de relacionamento. Contra a ideia de diferenciação e complementaridade de papéis e funções, foi-se impondo uma perspectiva sobre a relação conjugal marcada pelo igualitarismo, pela indiferenciação no desempenho das tarefas, pela proximidade entre os cônjuges e pela comunicação recíproca como critérios para a satisfação conjugal (TORRES, 2010). Tais novas perspectivas se opuseram às proposições de que a realização pessoal das mulheres poderia ser atingida pelo cuidado e prestação de serviços aos familiares.

Tendo, pois, realizado uma breve trajetória nos estudos sobre a família, desde a passagem da família paternal e patriarcal para a família conjugal moderna até a década de 1970, com a influência dos estudos feministas sobre as perspectivas da família, vimos, como explicitado anteriormente, que a perspectiva dos autores estrutural-funcionalistas difere da dos interacionistas na medida em que os primeiros estão mais preocupados com os contextos e com a interpenetração dos diferentes sistemas sociais enquanto que os demais dirigem sua atenção ao que se passa nas relações entre indivíduos. Vale destacar também neste percurso a crescente valorização do indivíduo, seus interesses e sentimentos, bem como a influência da psicanálise nos estudos sobre a família.

A seguir, damos continuidade a esta trajetória abarcando autores, premissas e teorias a respeito da família nas últimas décadas do século XX.

2.2 OLHARES SOBRE A FAMÍLIA EM FINAIS DO SÉCULO XX

Iniciamos esta seção ressaltando a importância de Jean Kellerhals que, em meados da década de 1980, a partir de uma pesquisa sobre o casamento, apresenta um conjunto de propostas cujas perspectivas constituem um bom exemplo de superação da clássica dicotomia micro-macro – ou seja, da esfera íntima da família à esfera pública. Em *Mariages au quotidien* (KELLERHALS et al., 1982), o autor propõe a análise da relação entre interações no contexto da conjugalidade e do estatuto social, em que são identificados diversos modelos familiares e conjugais, contrariando a ideia de um modelo único. Além disso, traz a ideia de que as lógicas que governam as práticas sociais referentes à família e ao casamento não decorrem,

simplesmente, de determinações sociais de nível macro, e, sim, nas próprias interações familiares – nas quais existe um nível intermédio em que, apesar das influências dos estatutos sociais, se pode notar, também, autonomia e normas culturais específicas.

Kellerhals, que em muitas proposições contrapõe Burgess, trazia a ideia de esvaziamento das funções da família por referência ao modelo institucional. Para o autor, se era verdade que o Estado estava se ocupando cada vez mais das tarefas educativas e de socialização, também se verificava que a ênfase no sentimento e o centramento no bem-estar dos filhos impunham o aumento de um conjunto de cuidados e tarefas de responsabilidade da família – em diferentes planos que iam, desde a vigilância, às atividades lúdicas e formativas, até as trocas afetivas (KELLERHALS et. al., 1982). De acordo a essa perspectiva, as famílias não haviam perdido suas tarefas de socialização, apenas estava em curso uma diversificação dos objetivos das entidades socializadoras. A família estaria, assim, enquadrada por diversas instâncias de controle social, exercendo uma função de mediação e desenvolvendo um conjunto de tarefas múltiplas e importantes.

Para o autor, a procriação está associada tanto ao prazer que se espera do laço afetivo com a criança, como à identidade social que se retira da maternidade e da educação – aqui encontramos, novamente, diferenças sociais e de sexo. Já a relação entre sistema familiar e estruturas econômicas está longe de ser funcional, como na visão parsoniana: apoiando-se em autores como Michel, Kellerhals ressalta as tensões e conflitos que se podem gerar entre as duas esferas, mostrando, também, como a separação entre o desempenho dos papéis domésticos e o poder de decisão no casal pode ser pernicioso. Para Kellerhals, a conveniência social e o amor romântico não se opõem necessariamente, em verdade, podem harmonizar-se e associar-se. Ademais, não há desaparecimento das tarefas instrumentais no contexto da família, verificando-se uma divisão sexual das responsabilidades a este respeito. O estatuto social continua a ter influência determinante, diferenciando a extensão das trocas e as normas que orientam as interações conjugais.

Outro elemento importante, o qual se insere na Sociologia da Família de forma mais evidente a partir da publicação do artigo *Marriage and the social construction of reality* (1964), de Peter Berger e Hansfried Kellner, diz respeito à relação entre casamento e identidade pessoal. Em uma época (anos 1980) em que se começou a falar das fragilidades do casal, das altas expectativas associadas ao casamento e da sua resultante incerta – fenômenos ainda em esboço no início dos anos 1960, que, agora, se acentuavam de maneira mais nítida –, diversos textos foram retomados, inclusive o de Berger e Kellner, que foi reeditado em finais da década de

1980. A partir desse momento as questões da identidade e da conjugalidade ganham relativa autonomia, sendo resgatadas por diversos autores.

Se, antes, as circunstâncias externas, as determinações sociais e as que decorrem da diferença de sexo, desempenhavam papel central na relação conjugal, agora a atenção passa a estar voltada para o que acontece em uma dimensão mais particular no contexto da interação conjugal, na conversa cotidiana e na relação face a face, consideradas como constitutivas do sentido existencial, pessoal e social dos próprios indivíduos. Tende-se, portanto, a explicar papéis, identidades, instituições e a criação de novas realidades de nível macro, a partir das ações micro que se dão no cotidiano, ou seja, de dentro do casal/família para fora.

Permitindo analisar aspectos mais internos da relação conjugal, essa perspectiva oferece importantes pistas de investigação em questões como o papel da interação conjugal e familiar na construção, afirmação ou reafirmação da identidade pessoal e social. A intenção de Berger e Kellner é a de construir uma teoria sociológica sobre o casamento, liberta de categorias psicológicas.

Partindo de Durkheim, que sustenta o papel da integração familiar e conjugal como fator de defesa contra a anomia, Berger e Kellner salientam o contributo do casamento na produção específica de sentido. Definem o casamento como um arranjo social que cria para o indivíduo uma espécie de ordem através da qual ele pode viver a sua vida como fazendo sentido (BERGER e KELLNER, 1964). A partir de uma perspectiva microssociológica, os autores enquadram as suas posições em três propostas teóricas de outros estudiosos: a perspectiva interacionista de Mead – que considera a identidade como um fenômeno social –, a tese weberiana – que considera a sociedade como uma rede de significações – e, finalmente, a fenomenologia de Shutz e Merleau Ponty. Desta articulação surge a afirmação de que a relação conjugal é o contexto de relações sociais que constitui um domínio por excelência da produção do sentido e de construção identitária.

Assim, para que o mundo faça sentido para cada indivíduo, é necessária a validação da sua inquestionabilidade, através de uma infinidade de relações e interações cotidianas.

Acordamos todas as manhãs com as notícias do país em que vivemos e desenvolvemos automaticamente um conjunto de movimentos e de gestos que testemunham o nosso papel, o nosso lugar nos diferentes contextos em que nos movemos: desde a família, antes de sair de casa, até aos cumprimentos da praxe no início de cada dia de trabalho. As notícias, as interações com os outros, constituem processos de validação da

nossa identidade, na ausência dos quais entraríamos em anomia (perda de sentido) (TORRES, 2010).

Para Berger e Kellner, de todas as interações em que estamos implicados e a que estamos sujeitos, são particularmente importantes para os processos identitários as que estabelecemos com outros significativos. E, na vida cotidiana, é essencialmente através da conversação que este processo de validação ocorre. Através dessa contínua conversa, não só se aceita a realidade e ela se torna “significativa”, como se processam modificações ou adaptações a novas realidades, implicando eventuais mudanças na biografia.

Desse modo, os autores propõem que “a plausibilidade e a estabilidade do mundo, como é socialmente definido, depende da força e da continuidade das relações significativas em que as conversas sobre este mundo podem ser continuamente prosseguidas”. Assim sendo, “a realidade do mundo é sustentada através da conversa com outros significativos” (BERGER e KELLNER, 1964, p. 305).

Para tratar de outra perspectiva que gostaríamos de destacar, nos auxilia Beck-Gernsheim, autora já citada neste trabalho, que, com a publicação de *Reinventando a família: em busca de novas formas de convivência* (2003), além de discutir o tema do público X privado, tenta explicar as transformações na família nos últimos anos do século XX, à luz da teoria da individualização. Tomando por referência as sociedades ocidentais e as dinâmicas de individualização, a autora busca compreender como esses processos têm afetado as relações familiares, ou melhor, como as antigas certezas (enraizadas na religião, na tradição, na biologia, etc.) perdem sua força – mas sem, de fato, desaparecerem – e novas opções redesenham as áreas de escolha individual – em um espaço que envolve novas regulações sociais, pressões e controles (BECK-GERNSHEIM, 2003).

Para a autora, os processos de individualização geram, ao mesmo tempo, o desejo de uma vida própria, mas, também, a expectativa de laços, proximidade e comunidade. À pergunta do que se segue após a família, Beck-Gernsheim afirma que a resposta está na própria família – que, entretanto, aparece agora de diferentes formas: a família negociada, alternativa, múltipla. “[...] novos arranjos depois do divórcio, recasamento, novo divórcio, novas combinações dos teus, meus ou nossos filhos, das nossas famílias passadas e presentes” (BECK-GERNSHEIM, 2003, p. 8).

A obra discute também diferentes dilemas morais que os indivíduos enfrentam, além da identificação e do debate de um conjunto de questões relativas às relações familiares nas sociedades contemporâneas, como, por exemplo, as dificuldades no pós-divórcio, os conflitos

com os filhos, as questões suscitadas pelas famílias recompostas, bem como as decorrentes da homoparentalidade, entre outras. Tema igualmente importante é o das dificuldades criadas nas sociedades capitalistas contemporâneas quando, por um lado, se incentiva os indivíduos a agirem por uma lógica biográfica “faça você mesmo!” (*do it yourself*), porém não lhes é proporcionado estabilidade, recursos ou qualquer elemento para poderem, de fato, traçar a sua trajetória biográfica autônoma. Aqui aparecem, também, os peritos – tal como Giddens havia dito – como substitutos das lógicas tradicionais religiosas ou institucionais, porém, muitas vezes, dando indicações contraditórias.

No que diz respeito às relações entre gerações, especialmente importante para este trabalho, Beck-Gernsheim defende que elas se relacionam diretamente com a igualdade de gênero, revelando as tensões suscitadas pela responsabilização das mulheres pelos cuidados com os familiares, ao mesmo tempo que se considera que elas devem ser mais autônomas. O resultado é a acumulação de tarefas e de responsabilizações por parte das mulheres, muitas vezes associadas a profundas desilusões pela assimetria de expectativas. Já no que toca especialmente aos homens, conforme a autora, as pressões parecem ter também sentidos contraditórios e trazer mensagens paradoxais: se, por um lado, exige-se que os indivíduos sejam flexíveis e que se dediquem sem limites à carreira, mesmo em situações precárias, também é imposto que sejam responsáveis, atentos e presentes na esfera da família (BECK-GERNSHEIM, 2003).

Conforme evidenciado nas últimas páginas, que tiveram por objetivo pontuar as questões em emergência nos estudos da família nas décadas finais do século passado, novos temas são incorporados no debate sobre a família, e persistindo, ainda, a questão do papel da mulher na família.

Dando sequência ao tema, a seguir trazemos as questões em emergência nos estudos sobre a família nos primeiros anos do século XXI.

2.3 OS ESTUDOS DA FAMÍLIA NO SÉCULO XXI

A temática da família, enquanto assunto de análise acadêmica, tem tido pouca popularidade entre os cientistas sociais nos últimos anos. Em um dossiê especial sobre comportamentos familiares, publicado em 2001 pela Revista *Interseções*, Clarice Peixoto e Michel Bozon chamam atenção para o fato de os autores, especialmente no Brasil, não explicitarem espontaneamente a análise dos comportamentos familiares. Em concordância está

a antropóloga Cláudia Fonseca que afirma que não são apenas os brasileiros que vêm sentindo tal desconforto com a temática da família: em texto de apresentação ao *Dossiê Famílias em Movimento*, publicado em 2007 pelos Cadernos Pagu, a autora cita Bob Edgar, pesquisador britânico, e sua crítica ao desafeto de pesquisadores com o tema.

Se, por um lado, existe uma tendência de reificar as “estruturas familiares”, sobredeterminando sua influência sobre os membros da família, por outro, confrontamo-nos com a análise psicológica centrada no “self”, que, dominada pela ideologia individualista, pensa a coletividade em termos de suporte ou entrave à realização pessoal (FONSECA, 2007, p. 9).

Em 2004, Fonseca analisa o “período de silêncio”, como assim o denomina, que encobriu discussões antropológicas sobre o parentesco por mais de uma década. Segundo a autora, é somente no final dos anos 1990 – e com a problemática radicalmente transformada em função de críticas promovidas pela pesquisa feminista, pós-colonialista, homossexual, etc. (FONSECA, 2007, p. 9) – que testemunhamos o retorno de estudos com enfoque remanescente do antigo campo de família e parentesco.

Com relação às linhas feministas, que propuseram, a partir dos anos 1970, questões de suma importância para os estudos da família, estes, de acordo a Fonseca (2007), tiveram em *Rethinking the Family* (THORNE e YALOM, 1982) – reeditado dez anos mais tarde, em forma ampliada, com o subtítulo *Some Feminist Questions* – foi uma das últimas obras de grande impacto a incluir o termo família no título. Em sua segunda edição, de 1992, Thorne ressalta cinco pontos centrais de uma nova abordagem crítica com relação à família¹⁴:

- 1) a transformação da família de unidade natural, arraigada em processos biológicos, em produto ideológico historicamente produzido;
- 2) a ênfase nas estruturas subjacentes de gênero, geração, sexualidade, raça e classe – estruturas que pressupõem divisões sociais e desigualdades;
- 3) a ressignificação do trabalho de cuidar (*nurturance*) e a crítica às oposições indivíduo X comunidade e privado X público;
- 4) a valorização das vivências diferenciais da vida familiar que destacam tanto experiências de conflito e abuso quanto apoio;

¹⁴ Apesar da sabida necessidade de se fazer acréscimos a essa lista, os pontos esboçados pela autora mostram-se, ainda, de grande relevância, e passaram a prevalecer nas obras de um amplo espectro de pesquisadores, dentro e fora da militância feminista.

5) a rejeição da noção de família enquanto unidade autocontida (autônoma ou isolada), e a insistência na relevância de políticas sociais e outras forças nacionais ou globais que perpassam as relações interpessoais.

Para Fonseca (2002), as vertentes que tratam da pesquisa da família atualmente podem ser divididas em três grandes linhas: a que enfoca o indivíduo enquanto valor fundamental da modernidade – e que tem provocado uma ressignificação da própria noção de família; a que resgata a dinâmica social das relações familiares, ressaltando a importância das redes extensas de parentesco e a que trata do impacto das novas tecnologias reprodutivas sobre crenças ligadas às fronteiras entre cultura e natureza¹⁵. Segundo a autora, frente à imensa diversidade de formas familiares constatadas, muitos pesquisadores questionam o sentido de se falar em uma categoria “família”.

Aquela família nuclear – com um casal heterossexual, unido pelo casamento e criando todos seus filhos biológicos – parece cada vez menos pertinente, tanto em termos estatísticos quanto em termos normativos. [...] M. Segalen e F. Zonabend (1986) consideram a família nuclear como um construto ideológico típico do período do pós-guerra, cuja validade foi paulatinamente erodida, tanto por um questionamento intelectual (e antropológico) como por uma inequívoca proliferação de novos padrões de conduta (FONSECA, 2002, p. 2)¹⁶.

Parson, autor que abordamos anteriormente, foi um teórico que, durante cerca de três décadas, parecia dar todas as respostas sobre a família moderna. Conforme já foi dito, baseou suas análises na observação de famílias de camadas médias americanas da década de 1950 – o que impôs a toda uma geração de pesquisadores, segundo Fonseca (2002), a família nuclear e conjugal como *sine qua non* da modernidade, como algo natural e inerente ao ser humano, e caindo, facilmente, portanto, em julgamentos morais.

As pesquisas antropológicas nas últimas décadas do século XX, entretanto, mostraram que existe uma enorme diversidade de dinâmicas familiares. O mito de que as práticas familiares da época pré-moderna levassem a uma grande convergência, coincidindo em um

¹⁵ Para os fins dessa pesquisa, interessam, especialmente, a primeira e segunda linhas.

¹⁶ A autora faz referência a maior parte dos países europeus e nos Estados Unidos – locais onde as transformações em relação ao casamento e à família foram bem documentados – argumentando que, de 1965, até hoje, as taxas de casamento, bem como de fecundidade, caíram entre 30 e 40% e o número de divórcios triplicou ou mesmo quadruplicou em determinados países. Explicitou, além disso, o fato de, nos Estados Unidos, uma taxa muito alta de crianças vive com apenas um dos pais biológicos e, na França, um contingente desproporcional de pessoas vivem sozinhas. Nos EUA, em 1986, apenas 7% das famílias correspondiam ao modelo nuclear clássico – um pai provedor de família e uma mãe em tempo integral morando junto com todas suas crianças com menos de 18 anos (STACEY, 1992).

único modelo nuclear e conjugal, foi desbancado (SEGALEN, 1995). Assim – sem as crenças consoladoras sobre a evolução da família a partir de uma origem, regida por leis da tradição, e sem a crença em um destino único, como os modelos homogêneos propostos pela modernidade – como definir o que é a família?

Perante a constatação da diversidade empírica e do declínio de modelos analíticos clássicos, há pesquisadores que tomam a própria falta de modelo como traço característico da família: a chamada família pós-moderna. Stacey (1992) é uma representante desta corrente, concluindo ser impossível caracterizar a família contemporânea a partir de conceitos descritivos homogêneos. Segundo a autora, a família pós-moderna não é um novo modelo de vida familiar equivalente à moderna – tampouco é o novo estágio de uma progressão ordenada da história da família – e, sim, apresenta-se em um momento em que a crença em uma progressão lógica de estágios evolutivos da família se dissolve.

De todo modo, independentemente das dificuldades conceituais, as relações familiares parecem continuar ocupando um lugar de destaque na maneira em que os indivíduos enxergam e vivem o mundo. A palavra família evoca um conjunto de valores que dota os indivíduos de uma identidade e a vida de um sentido (FONSECA, 2002). Além disso, a noção de família ligada à organização da vida cotidiana ainda desempenha um papel importante na formulação de políticas públicas e no desenvolvimento dos indivíduos.

Hoje, é imprescindível uma linguagem para se falar desse conjunto de valores e práticas familiares sem, portanto, utilizar fórmulas prontas do passado – imaginando um modelo homogêneo, coerente e hegemônico. Para tratar de tal necessidade, Fonseca sugere uma abordagem comparativa para pensar as diferentes formas familiares: “perspectiva essa que recusa hierarquias etnocêntricas (famílias ‘avançadas’ versus famílias ‘atrasadas’, etc.) e, ao mesmo tempo, resgata a especificidade de cada configuração” (FONSECA, 2002, p. 5). Já que, segundo a autora, que propõe a subversão dessa lógica, qualquer desvio de padrões hegemônicos é, com frequência, visto como sintomas de inferioridade, desorganização social ou atraso. Em suas palavras:

Na melhor das hipóteses, dinâmicas alternativas em grupos populares seriam vistas como uma adaptação funcional à pobreza – “estratégias de sobrevivência”. Embora essa última noção aponte para aspectos importantes da realidade, arrisca ser usada de forma simplista, reduzindo tudo que é específico a uma questão econômica – como se “pobres” tivessem estratégia de sobrevivência em vez de cultura. Nesse artigo, procuro aproveitar a literatura atual sobre relações familiares para

esboçar um modelo analítico que combate perspectivas reducionistas deste tipo (FONSECA, 2002, p. 1).

Conforme explicitamos previamente, especialmente a partir da Revolução Industrial, o afeto começa a ser considerado como a base da vida familiar. Os filhos, anteriormente encarados como mão de obra ou meio de perpetuação da linhagem, passam a possuir um valor afetivo. Da mesma forma, o amor romântico passa a caracterizar a base do casamento, ressaltando a necessidade da livre escolha do cônjuge. À medida em que cresciam os valores morais centrados na autorrealização e na satisfação emocional, as relações conjugais tornaram-se abertas à negociação, tornando o divórcio algo lógico – e, por vezes, necessário – e a família como elemento oportunizador de condições de desenvolvimento pessoal para cada um de seus membros (SEGALEN, 1995).

A ênfase na escolha e na afeição permitiu, de certo modo, a abertura para a legitimação de formas familiares. Uma delas foi o relacionamento entre pais e filhos adotivos, que, estigmatizado pelo status da ilegitimidade, passou a ser argumento dos entusiastas da verdadeira família. Para eles, as crianças adotadas são filhos escolhidos, podendo ser considerados, de certa forma, mais valiosos do que aqueles naturalmente concebidos pelos pais (MODELL, 1994). Do mesmo modo, sendo a afeição considerada a base dos relacionamentos amorosos, parceiros do mesmo sexo ganham um espaço importante. Sendo assim, por que o casal seria limitado a um relacionamento heterossexual centrado em torno da reprodução biológica (HEILBORN, 1995)?

Ainda com relação à perspectiva da escolha, Strathern (1992) nos lembra que muitos autores sugerem que a grande valorização dessa ideia é inspirada em atitudes individualistas típicas da sociedade capitalista e consumista. Outros afirmam, ainda, que, para muitas pessoas, o abandono do modelo nuclear de família não é tanto uma questão de escolha e, sim, uma consequência indesejada de fatores externos – em especial, a pobreza.

Com o atual afastamento das análises da unidade nuclear familiar, pesquisadores como a socióloga francesa Martine Segalen criticam a tendência acadêmica de tomar a família como mola mestre das sociedades contemporâneas e considerar o parentesco algo útil apenas para sociedades tradicionais ou tribais. A autora formula uma definição de parentesco que diz que este pode ser visto como

[...] um conjunto de pessoas ligadas pelo sangue ou por casamento ou por um laço de pseudo-casamento que se reconhecem não em função de ancestrais, mitos ou territórios em comum, mas, sim, em função de direitos e deveres

recíprocos, criados principalmente pela presença de crianças nascidas ou criadas por elas (1995, pp. 15-16).

Com tal noção de parentesco, Segalen percebe que, ao menos no quadro europeu, as relações familiares, ao contrário de definharem, estão ganhando novas formas – talvez como resultado do recuo da família conjugal, já que antropólogos clássicos apontam para a tensão inerente entre o princípio de matrimônio e o princípio de consanguinidade (RADCLIFFE-BROWN, 1965). Conforme Attias-Donfut e Segalen (1998), na França, os jovens tendem a sair da casa dos pais mais tarde do que em gerações anteriores. Ao findarem seus arranjos conjugais, voltam-se para os parentes consanguíneos procurando abrigo, empréstimos financeiros ou ajuda no cuidado com os filhos. Afora os fins utilitaristas do parentesco, este tem se mostrando igualmente importante para a organização do lazer: sugere-se que muitas das mulheres que trabalham fora não têm mais tempo para cultivar a amizade de vizinhos e acabam, portanto, apoiando-se em parentes para garantir uma vida social.

Boas estradas encurtaram as distâncias, bem como o telefone e a internet facilitaram a comunicação, tornando possível o cultivo da intimidade à distância com familiares – que, posteriormente, abordaremos. “O velho adágio, ‘o sangue é mais espesso do que a água’, tão central ao modo euro-americano de pensar as relações de parentesco (ver Schneider 1984), se impõe com força renovada”, conforme Fonseca (2002). Desde o início dos anos 2000 – como atestam os negócios emergentes das árvores genealógicas de família, bem como a popularidade crescente das reuniões de família que juntam pessoas que nada têm em comum além de um sobrenome ou antepassado longínquo –, a ideia de descendência genealógica vem ganhando crescente apelo. Desse modo, as pessoas, fugindo de seu status de cidadão comum anônimo, procuram nas relações familiares a chave de seu pertencimento social (SEGALLEN, 1995).

No Brasil, há indicações de que a rede consanguínea nunca deixou de ser relevante. A importância da parentela extensa aparece com nitidez em grupos populares em que, diante das difíceis condições de vida e frequente separação conjugal, as redes de ajuda mútua tornam-se indispensáveis. Mesmo em camadas médias, onde o ideário individualista aparece de maneira mais destacada, a falta de equipamentos públicos (creches e escolas em tempo integral, por exemplo) faz com que os casais dependam dos pais, tios, primos, irmãos, etc. para ajudar no cuidado dos filhos (FONSECA, 2002).

O antropólogo brasileiro Gilberto Velho publicou, em 1986, *Subjetividade e Sociedade, uma experiência de geração*, obra elaborada a partir de uma pesquisa que se apoia em histórias de vida de indivíduos pertencentes a uma mesma geração nas camadas médias e altas da Zona

Sul do Rio de Janeiro. Velho estuda os relacionamentos afetivos desses entrevistados, que, menos marcados pelos constrangimentos econômicos e pelas lógicas tradicionais, revelam traços típicos dos processos de individualização das sociedades modernas.

Nesse grupo estudado, o casamento tende a ser encarado como uma opção individual, uma escolha feita em função do critério amoroso. A análise evidencia os traços do compromisso entre lógicas mais individualistas e lógicas de aliança, que se traduzem no desejo de não colocar em causa os laços familiares. Velho verificou que tais laços se mostram muito mais importantes quando das separações ou divórcios – momento em que se volta a recorrer ao apoio dos familiares consanguíneos. Apesar da notável diminuição de dependência de parentes, o autor afirma que as escolhas individuais ainda estavam bastante pautadas por um conjunto de valores legitimados pela família (VELHO, 1986).

Os resultados do estudo mostram, ainda, a grande valorização da privacidade, do espaço íntimo e das relações amorosas – entendidas como algo constituinte do espaço íntimo e privado. Já o exterior e o espaço público eram entendidos como lugares de constrangimento e de racionalidade imposta. Para esses indivíduos pesquisados, o privado, que se apresenta como o universo dos verdadeiros espaços de realização pessoal, seria o lugar em que as pessoas podem revelar a sua autenticidade.

Velho mostra que o desejo de intimidade, a vontade de ser reconhecido e de obter grandes gratificações na vida íntima, nem sempre tem correspondência com a realidade neste grupo pesquisado, que, com frequência, menciona a utilização do recurso da psicanálise. Além disso, a tensão entre individualização e a busca de sociabilidade e de aliança, sob as formas mais diferentes permeia os depoimentos: “[...] o casamento é problemático, mas a solidão é difícil” (VELHO, 1986, p. 77).

Apesar das evidências aqui apresentadas de que a rede consanguínea nunca deixou de ser relevante, para afastar qualquer discussão em relação à oposição entre o biológico e o social, no que diz respeito ao parentesco, Janet Carsten, em *Cultures of Relatedness* (2000), sugere uma mudança no vocábulo (e, por isso, tem sido amplamente citada): a autora propõe empregar o termo conectividade (*relatedness*) “em oposição ou ao lado de ‘parentesco’ para assinalar uma abertura” (2000, p. 4). A coletânea organizada por Carsten apresenta exemplos etnográficos de situações contemporâneas na China, no Alasca, em Madagascar na Inglaterra, entre outros, para entender quais símbolos – além do sangue, do sêmen e do leite materno – remetem à substância compartilhada (*shared substance*) criam o tipo de relação profunda e

duradoura, normalmente associada à esfera de parentes. Trata-se de uma noção de conectividade

Achamos relevante, ainda, fazer uma consideração acerca do termo família adotiva. Ao longo dos anos 1980 e 1990, muito foi dito sobre a popularização de novas tecnologias reprodutivas, além da visibilidade crescente das relações homossexuais – práticas que ressaltaram a noção de “famílias que escolhemos”. Cabe também lembrar que na década de 1980 se iniciou uma onda de adoções transnacionais – processo pelo qual muitas famílias, especialmente na América do Norte e na Europa, passaram a incluir nos seus lares crianças adotadas, por vezes, em outros continentes. A existência dessas famílias, muitas vezes transraciais, desmascarava as origens não-biológicas da filiação – o que, segundo Fonseca (2002) influenciou a pesquisa antropológica, ressaltando, cada vez mais, formas de conectividade além do sangue. A autora propõe, ainda, que modificar a noção de natureza que subjaz a família, rompendo a associação entre sexo, conjugalidade e família, poderia denotar uma inovação teórica que vem ao encontro das sensibilidades de um imaginário que investe grande valor afetivo no laço adotivo.

Conforme vimos nas últimas páginas, a importância da família *nuclear*, ou *natural*¹⁷, (formada por pai, mãe e filhos), estruturada com todos os seus atores desempenhando papéis de gênero, tem perdido relevância nas últimas décadas. Ao passo que emergem uma série de outras formas de relação familiar, como o tipo *monoparental* – que sempre existiu, mas que, como vimos, foi, durante muitos anos rechaçada pela literatura; *homoafetiva*; *extensa* – que se estende para além da unidade de pais e filhos ou da unidade do casal, formada por parentes próximos com os quais as crianças ou jovens convive e mantém vínculos de afinidade e afetividade); e *substituta* – na qual uma criança ou um adolescente é adotado por meio das modalidades guarda, tutela ou adoção.

Nas últimas décadas a família tem sido atravessada também por outros aspectos relevantes, que acarretam em uma maior mobilidade de seus membros. As facilidades de deslocamento, o aumento significativo de áreas versáteis de atuação profissional baseadas no conhecimento, que não demandam local “físico” de trabalho – Economia do Conhecimento –, demandas e processos crescentes de migração, dentre outros, fazem com que a *comunicação* se torne objeto chave para a compreensão das atuais dinâmicas familiares. Em um processo que se retroalimenta, as facilidades de comunicação também impulsionam tais movimentações

¹⁷ Denominação reconhecida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

familiares e encorajam, apesar de não definirem, cada vez mais formas de viver relações à distância.

O amor à distância é tema de interesse do casal Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim. Em *Amor a distancia: nuevas formas de vida en la era global*¹⁸ (2012), os autores buscam investigar todos os tipos de relação à distância e as diferentes formas de comunicação que permitem com que essas se mantenham e se consolidem. Desde os casamentos cujos integrantes vivem em países diferentes e que conectam culturas e continentes; relações familiares que se mantêm através do *Skype* – como é o caso de mães que migram para encontrar melhores condições para o sustento de seus filhos e, às vezes, passam anos, décadas, sem vê-los pessoalmente; até a questão das “mães de aluguel”, contratadas em países onde essa prática está legalizada; etc.

Neste contexto, segundo Beck e Beck-Gernsheim (2012), as famílias têm deixado de ser “territoriais” para converterem-se em “globais”. Para eles, famílias globais são

relações amorosas e de parentesco entre pessoas que vivem em distintos países ou continentes, ou que procedem de distintos países ou continentes. Tais famílias podem adotar as mais diversas formas e fundar-se pelos mais díspares motivos. Apesar disso, todas as variantes de famílias globais têm algo em comum, representam o lugar em que encarnam, no sentido literal da palavra, as diferenças do mundo globalizado (pp. 9-10).

A obra sustenta que as famílias globais, apesar de terem seus inconvenientes – já que podem conviver com o paradoxo de que as pessoas que mais estimam se encontrem a quilômetros de distância e, por outro lado, estejam rodeados por outras absolutamente alheias a elas –, essas novas famílias aportam um aspecto positivo da globalização: a criação de um espaço “intermediário” no qual praticar a “arte de viver junto”. Este livro é uma continuação de outro – *El normal caos del amor: las nuevas formas de la relación amorosa*¹⁹ –, publicado em 2001 pelo casal de autores, no qual explicam como a sociedade atual viu a transformação, em grande medida, do conceito de família tradicional, explicitando os diferentes tipos de relação amorosa que vêm surgindo nas últimas décadas.

Em *El normal caos del amor* (2001), Beck e Beck-Gernsheim afirmam que uma das principais características da contemporaneidade é o choque de interesses entre amor, família e liberdade pessoal. A família nuclear, construída em base à diferenciação sexual, está ruindo

¹⁸ O livro não possui ainda tradução para o português.

¹⁹ Esta obra, assim a que a sucede, também não foi traduzida para o português.

devido às questões levantadas pela emancipação e igualdade sexuais, o que gera um “caos” diário no amor. Neste contexto, surgem novas formas de comunicação e formas de relacionamento à distância, os quais compreendem a complexidade da vida social.

Neste contexto, e conforme mencionamos anteriormente, vemos a dissolução de fronteiras e a diminuição da relevância do local para as famílias. Se, há séculos, a propriedade da terra foi base para o estabelecimento das relações familiares e seu contexto de atuação – exemplo é a hereditariedade da propriedade da terra por muitas gerações de uma mesma família –, hoje as condições do mundo globalizado contemporâneo e a flexibilidade e mobilidade dos integrantes das famílias reduzem drasticamente a importância do local, em seu sentido geográfico.

A tais famílias, que não necessariamente são globais (visto que não obrigatoriamente possuem membros que vivem em país e/ou continentes diversos), mas que lidam com a mesma questão da manutenção dos laços afetivos à distância, chamamos *famílias sem fronteiras*, termo utilizado por nós no título desta tese. Tal designação, na literatura, costuma ser utilizada em estudos sobre famílias migrantes. Foi no estudo australiano *Famílias sem fronteiras: telefones celulares, conexões e divisões domésticas*²⁰ (WAJCMAN²¹ et al., 2008), sobre o uso do celular na família, que vimos, por primeira vez, o termo ser empregado para um estudo relacionado à comunicação. O estudo não tem como foco central a distância entre os membros de uma família, e sim, o desaparecimento da importância do local geográfico como essencial para o desenvolvimento das relações familiares.

Apropriando-nos do termo, *famílias sem fronteiras*, aqui o utilizaremos para designar as famílias estudadas por nós – as quais atendem às lógicas do contexto social recém apresentado e buscam ferramentas e estratégias de comunicação na busca da manutenção da coesão e dos laços afetivos familiares.

²⁰ *Families without borders: mobile phones, connectedness and work-home divisions.*

²¹ Judy Wajcman cunha o termo *tecnofeminismo*, em contraposição ao *ciberfeminismo*. Deste modo, vale ressaltar, representa posição opositiva à autora Sadie Plant, já mencionada no texto.

3 USOS E APROPRIAÇÕES DAS TICs NA FAMÍLIA

“[...] neste grupo, os aldeões mais ricos [...] – disse Morley – geralmente adquirem aparatos de televisão que exibem como peças essenciais de sua coleção de ‘significantes de riqueza’, apesar de que a falta de fornecimento elétrico faz com que estes aparatos sejam por completo inúteis desde o ponto de vista funcional. Não obstante, os objetos ‘significam’ em potência, o mesmo que me faria comprar o último modelo de televisor japonês de tela plana, independentemente de chegar a ligá-lo alguma vez”.

(David Morley recorda o relato de Alfred Gell acerca do povo indiano Muria, em *A vida social das coisas*)

Em finais da década de 1920, a indústria do rádio já havia se consolidado e se tornado um importante setor industrial, em meio a uma rápida expansão de novos tipos de “máquinas” – que, posteriormente, foram chamados de bens duráveis. Em um contexto social mais amplo, esse conjunto de novos aparelhos, domésticos ou não (como carros, máquinas fotográficas, rádios, eletrodomésticos em geral, etc.), caracterizava-se por duas tendências, à primeira vista, paradoxais: a mobilidade e o lar. Após um período de expansão de tecnologias públicas (como a pavimentação e iluminação de ruas, a construção de estradas, o desenvolvimento dos trens, etc.), era inaugurado um novo tipo de tecnologia que “servia, ao mesmo tempo, a um estilo de vida móvel e focado no lar: uma forma de *privatização móvel*” (WILLIAMS, 2016, p. 38).

Para Williams (2016), a privatização móvel oferece a dupla satisfação às pessoas de ficarem em casa, seguras, dentro do âmbito de segurança ontológica familiar, ao mesmo tempo que viajam a lugares que as gerações anteriores sequer sonhariam em conhecer. Já com a televisão, imediatamente após a Segunda Guerra Mundial este aparato era visto, em grande medida, como um agente agregador, capaz de unir as vidas dos familiares haviam sido apartados pela guerra. Além disso, a tecnologia era considerada uma forma desejável de juntar a família²².

Como vimos, as pressões contraditórias dessa fase da sociedade industrial (a necessidade de cumprir com as exigências do trabalho e de uma nova organização da vida urbana e o desejo e a curiosidade de viajar, conhecer e explorar novos lugares) foram refreadas

²² Vale ressaltar que, com o advento da televisão portátil nos Estados Unidos, da década de 1960 – destinada a simbolizar as aspirações do que a indústria imaginava, à época, como uma audiência móvel e mais ativa – esse modelo foi suplantado pelo (ainda vigente) modelo do “lar móvel”, que se caracteriza tanto pela privatização móvel quanto pela mobilidade privatizada (MORLEY, 2008, p. 122).

pela instituição da radiodifusão – especialmente a visual, com a televisão. Essa privatização levou a uma necessidade de novos tipos de contato: apesar de aparentarem privados e autossuficientes, sua manutenção dependia do abastecimento e da regulação de fontes externas, como os empregos, as crises econômicas, as guerras – todos eles influenciando de maneira mais ou menos direta na família. Esse movimento e necessidade não foram diferentes no que diz respeito às informações: tal relação criou uma nova forma de comunicação, com notícias vindas “de fora”, de fontes, até então, inacessíveis.

Já no final do século XIX, os romances e dramas que caracterizavam a sociedade tinham o lar como tema central, representando homens e mulheres esperando ansiosamente nas janelas por notícias do “mundo exterior”, para “aprender sobre as forças ‘lá de fora’, que determinariam suas condições de vida” (WILLIAMS, 2016, p. 39). Agora, a possibilidade de ter notícias e entretenimento levados ao lar causaria grandes implicações na ordem familiar. Com a popularização da televisão nas décadas de 1930 e 1940, especialmente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, e o desenvolvimento do processo de privatização móvel, a TV passa a congrega a família, em um mesmo espaço físico, de modo a “participar” do mundo exterior através da “janela” aberta por esta tecnologia de comunicação.

Tal experiência familiar sofre ainda mais modificações devido às transformações ocorridas, especialmente, nas últimas décadas do século XX e início do XXI com a chegada, disseminação, consolidação e desenvolvimento das tecnologias digitais. Hoje, a família não mais está congregada em um mesmo espaço físico para “acessar” o mundo externo, e sim, está congregada mesmo quando seus membros estão fisicamente presentes em espaços geográficos completamente distintos. Além disso, a família está quase que ininterruptamente em contato e em constante negociação com esse mundo externo ao lar.

Spigel (2001) nos fala de um modelo ainda mais recente: a “casa inteligente” digitalizada, que oferece não tanto uma imagem de mobilidade, mas um espaço sensível que transcende profundamente as divisões interior/exterior, trabalho/casa, no sentido de que realmente não se faz necessário uma mobilidade física. Em sua forma digitalizada, a casa se pode ser considerada, também como “o último veículo” (VIRILIO, 1991) onde o conforto, a segurança e a estabilidade podem conviver com a possibilidade de um voo instantâneo a partir de qualquer outro local.

Entendemos que esse novo momento da comunicação familiar, iniciado pela introdução das tecnologias digitais no lar – e que faz emergir questões de gênero, geracionais, de

fragmentação e individualização e de controle e vigilância, como veremos adiante – deve ser levado em conta com bastante seriedade. Para fins desta pesquisa, reconhecemos a importância de considerar as mudanças nas tecnologias e as devidas metodologias a serem utilizadas nos estudos de suas práticas cotidianos no espaço doméstico.

3.1 ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E TICs: O ESPAÇO DOMÉSTICO EM EVIDÊNCIA

Antes de adentrarmos na questão dos usos e das apropriações de tecnologias de comunicação no contexto familiar, propomos um breve retorno histórico às origens dos estudos de recepção e como deram origem ao interesse pelas pesquisas sobre usos e apropriações no contexto doméstico e familiar. Em um contexto anglo-americano ressaltamos a importância e o pioneirismo do sociólogo David Morley, um dos primeiros pesquisadores a realizar estudos empíricos de recepção. A recepção, que tem seu surgimento teórico na criação do modelo *Encoding/Decoding*, de Stuart Hall, em 1974, é aplicada empiricamente por David Morley em um estudo publicado em 1980, intitulado *The Nationwide Audience* – pesquisa que dava segmento a um projeto iniciado em conjunto com Charlotte Brunson, *Everyday Television: Nationwide*, de 1978.

A abordagem textualista, que àquela altura lhe parecia limitada, uma vez que não contemplava a polissemia das mensagens, fez com que julgasse necessário realizar um trabalho empírico para compreender as apropriações desses textos pelos receptores (SIFUENTES, 2014). Assim, *The Nationwide Audience*, foi considerado o primeiro estudo empírico de audiência no marco dos Estudos Culturais, de tal modo que é “considerado o primeiro investigador dos Estudos Culturais a analisar os processos da cultura e da comunicação em seus cenários sociais e materiais concretos” (GOMES, 2004, p. 176).

Morley combinou a análise das mensagens televisivas, investigando as ideologias que permeavam o discurso de *Nationwide*²³, e a pesquisa de campo com receptores. Segundo ele (1996, p. 125), três premissas, que seguem as bases transmitidas por Hall, embasaram sua abordagem:

- a) o mesmo acontecimento pode ser codificado de mais de uma forma;

²³ Programa de atualidades veiculado na *BBC One* entre 1969 e 1983.

b) a mensagem sempre contém mais de uma “leitura” potencial. As mensagens propõem e preferem determinadas leituras no lugar de outras, mas nunca podem chegar a fechar-se por completo em uma só leitura: seguem sendo polissêmicas;

c) compreender a mensagem é uma prática problemática, por transparente e “natural” que possa parecer. As mensagens codificadas de um modo sempre podem ser lidas de um modo diferente.

Colocando à prova o modelo de Hall, que focava sua atenção na mensagem transmitida, Morley partiu, também, da hipótese de que distintas decodificações decorreriam das diferentes posições de classe do público. Durante a pesquisa, através de grupos focais, reuniu pessoas de diversas classes sociais. Nesta empreitada, confirma a hipótese de que as audiências assumem posições distintas diante da mesma mensagem. Entretanto, nota que a classe social dos sujeitos, em si, não é determinante para que esses assumam tais posições – afirmação que o pesquisador traz em seu texto de 1980 juntamente com a ideia de que a posição de classe deve estar relacionada a outras questões, como gênero, faixa etária, aspectos culturais, emocionais e afetivos dos sujeitos. Morley levanta, ainda, uma outra questão: a complexidade de extrair-se um texto do discurso televisivo, já que a decodificação depende de outros textos das audiências.

Morley, que naquele momento se deteve apenas em uma etapa determinada do processo comunicativo, a Decodificação, recebeu duras críticas metodológicas, sob o principal argumento de que o grupo focal reúne pessoas em uma condição artificial. Com a televisão retirada de seu ambiente natural de consumo (o espaço doméstico), os resultados da pesquisa poderiam estar comprometidos, revelando não mais que os rumos de uma “conversa entre estranhos” sobre a televisão. O autor concebe, então, uma autocrítica a *The Nationwide Audience*, ressaltando sua insatisfação com o modo como leva a cabo as entrevistas com o público. “O autor aponta a necessidade de realizar entrevistas dentro do lar para compreender o papel do contexto doméstico nas leituras sobre a televisão” (SIFUENTES, 2014, p. 47).

Anos mais tarde, em *Family Television*, publicado em 1986, Morley centra sua atenção no consumo televisivo no universo familiar, ou seja, no ambiente natural e mais comum de recepção, deslocando o interesse para a análise do contexto doméstico. O pesquisador segue, assim, uma tendência da segunda metade dos anos 1980, caracterizada pelos estudos etnográficos. A atenção recai, portanto, sobre os usos sociais da mídia, diminuindo o interesse pelo conteúdo de programas – e mesmo quando textos específicos são estudados, segundo

Sifuentes (2014), o foco é a inserção desses no cotidiano do público, buscando compreender mais seu papel do que propriamente seu impacto.

Assim, a partir de *Family Television*, o autor passa a tratar a assistência da televisão como uma prática inscrita no cotidiano, estendendo, aos poucos, suas pesquisas ao uso de todas as tecnologias de comunicação no contexto doméstico. Seus estudos começam, desse modo, a conectar-se com a Antropologia e seu foco passa a ser os usos das tecnologias sob a perspectiva do ritual – que valores estão sendo atribuídos aos meios de comunicação e como se dá a “sacralização” das práticas em torno desses aparatos, bem como os lugares que ocupam no cotidiano e como se relacionam com a dinâmica do lar. Desse modo, o cerne de suas pesquisas está em compreender como se dá a presença das tecnologias de comunicação no dia a dia e como esses dispositivos são naturalizados, incorporados na vida cotidiana e domesticados no ambiente familiar.

Em *Where the global meets the local: notes from the sitting room*, publicado em 1991, fica claro o interesse de Morley pelo espaço “micro” por entender que este se articula com o “macro”. Isto é, estudando o detalhe da casa e do uso doméstico das tecnologias, sobretudo na sala de estar, o pesquisador é capaz de entender como se dão as práticas em um nível maior – trazendo uma dimensão sociológica aos estudos de recepção. Desta forma, o autor não pretende reconstituir em detalhe os rituais, e sim, como essas práticas do ambiente micro se relacionam com a produção de identidade nacional, com o sentimento de pertencimento ou com o próprio contexto doméstico de um país, etc.

Para Morley, as macroestruturas só se reproduzem por meio de micro processos, ou seja, as estruturas não são externas à ação, e sim, se reproduzem através de atividades concretas da vida cotidiana. Segundo ele, a articulação de questões micro e macro permanece característica central em seu trabalho – ao autor não interessam teorias sobre as nações a menos que elas possam ser refletidas em práticas como a assistência noturna de notícias nacionais na sala de estar (ESCOSTEGUY, 2010).

Também em 1990, Morley realiza, juntamente a Roger Silverstone e Eric Hirsch, a pesquisa *The household uses of ICT*, no qual segue a preocupação com o aspecto ritual da apropriação dos meios, focando seu olhar, desta vez, nas novas tecnologias de comunicação e informação – desenvolvendo uma espécie de “tecnoantropologia”. Na mesma linha, publica, em 1992 (tendo como editores Silverstone e Hirsch), *Consuming Technologies – Media and*

information in domestic spaces, e, em 2007, *Media, modernity and technology: the geography of the new*.

A preocupação com o estudo dos usos e consumos de tecnologia no cotidiano, tendo o espaço doméstico e familiar como primordial para a compreensão de tais processos, reforça o lar como mediador fundamental, de caráter prático, afetivo e simbólico, na apropriação das TICs. A família passa a ser entendida, assim, como lugar de tensão entre construção e práticas individuais e coletivas e como espaços constituídos de sentido de consumo e da apropriação atravessados por diferentes capitais simbólicos, lógicas de poder, de gênero e geracionais. Além disso, a relação com os meios está diretamente conectada com a construção biográfica de cada indivíduo – que não se dá somente de forma individual, mas, também, familiar. E é no espaço compartilhado, familiar e cotidiano, que se dá essa relação com os meios.

As práticas relacionadas à mídia tornam visíveis atividades conformadas por hábitos, fortemente ancoradas em contextos que lhes dão sentido. Para observar e reconstituir tais práticas, faz prudente adotar uma perspectiva que sustente que “o que explica a relevância da sua presença [das TICs] é a refuncionalização simbólica que elas sofrem no *uso cotidiano*” (WINOCUR, 2009, p. 13). Decorre daí o entendimento de que o contexto exerce determinações importantes sobre como as tecnologias são percebidas, adotadas e utilizadas por distintas pessoas.

No nível simbólico, a mídia também pode contribuir para a constituição de espaços de afirmação/proteção: o ritual de assistir TV, da mesma forma que o de ouvir rádio, por exemplo, influencia na criação social de segurança ontológica no dia a dia (LARSEN e TUFTE, 2003). Neste processo é possível que o conteúdo concreto dos programas seja tão importante quanto o sentimento de, diariamente, aproximar-se da ficção ou dos noticiários e, assim, transformar-se em parte da sociedade, seja uma família, nação, grupo de amigos ou outros grupos. Desse modo, vemos que os usos das novas tecnologias de informação e comunicação estão bastante apoiados no uso ritualizado da mídia (JACKS e CAPPARELLI, 2006), que emerge à medida que novas tecnologias ganham usos mais estruturados no dia a dia. Tais rituais ganham formas particulares que contemplam temporalidades, espacialidades e sociabilidades culturais específicas no cotidiano.

Temos visto, então, – e com essas palavras buscamos um breve fechamento da seção – que as tecnologias da informação e comunicação dos séculos XX e XXI vêm oferecendo uma nova dimensão no que diz respeito à articulação e à incorporação destas em nossas vidas diárias.

As mesmas proporcionam um mecanismo tanto para a integração do lar familiar na cultura consumidora da sociedade moderna – assim como em uma cultura nacional e outra internacional –, como para a afirmação da própria identidade de um indivíduo ou uma família. Além disso, ressaltamos que, apesar das sociedades ocidentais experimentarem nas últimas décadas um aumento da diversidade de tipos de lar, e a consequente diminuição da importância da família nuclear, o compromisso ideológico com este tipo de família nuclear não mostra sinais de debilitação (SILVERSTONE e HIRSCH, 1996, p. 29): “[...] boa parte da evidência mostra o caráter contínuo deste compromisso com o estilo familiar na organização da forma de vida”.

3.1.1 Incorporação e domesticação das TICs no lar – A economia moral da família

Nesta seção pretendemos caracterizar brevemente o processo de incorporação e domesticação das TICs no âmbito doméstico. Para tanto, iniciamos por explicitar que a família pode ser entendida enquanto um nó da rede ideológica de convivência grupal, que opera em um duplo circuito de fluxos sociais: para fora, em relação com outras redes ideológicas e com diversos campos, e para dentro, em relações constituídas por seus próprios membros na estrutura familiar (JACKS e CAPPARELLI, 2006, p. 33). O processo de contato externo com outros contextos sociais, para González (1994), recompõe ou reforça o estado interno das relações dos membros da família, e a conexão da unidade familiar com esses campos “debilita” sua autonomia ideológica. Ao mesmo tempo, entretanto, enriquece-a ao convertê-la em um vértice onde se entrecruzam, se interpretam e se potencializam múltiplas contradições e determinações sociais.

As TICs podem ser entendidas como facilitadoras desse contato, bem como da extensão do lar – seja no bairro, na cultura do trabalho ou em grupos (tribos) de interesse compartilhado. É importante, portanto, compreender o doméstico em sua relação com a esfera pública, assim como as TICs (se estão estreitamente próximas do mundo do trabalho ou da escola, como é o caso dos computadores) devem ser consideradas como constitutivas do doméstico – ao mesmo tempo que elas mesmas estão domesticadas. Conforme explicado, as tecnologias de informação e comunicação desempenham um importante papel na relação entre o âmbito privado (das famílias) e o âmbito público e, segundo, Carrier (1990) nenhuma tentativa de compreensão sobre a forma como as pessoas utilizam os objetos pode ignorar as práticas e relações que se produzem dentro do espaço doméstico, e vice-versa – nenhum modelo de práticas e relações familiares pode ignorar o modo como os indivíduos fazem uso dos objetos. Contudo, de acordo

ao autor, quando esses objetos são TICs, criar um modelo de análise se torna algo muito complexo.

Isso se deve porque essas tecnologias, em particular, não são simplesmente objetos, e sim, meios – e é, justamente, esse status de *meio* que as distingue de outros objetos e tecnologias domésticas. As TICs têm uma significação funcional, como meios, já que proporcionam (ativa, interativa ou passivamente) laços entre famílias e seus membros com o mundo exterior ao lar – mediante formas complexas e, muitas vezes, contraditórias. Elas estão, portanto, ao mesmo tempo, articuladas em culturas privadas e públicas (SILVERSTONE, HIRSCH e MORLEY, 1996).

Outro fator importante a ser considerado, no que diz respeito à incorporação e domesticação das TICs, é que os lares e os espaços domésticos são multifacetados e que nem todas as famílias (mesmo as classificadas em níveis equivalentes) possuem os mesmos padrões de consumo. Seguindo os passos de Silverstone, Hirsch e Morley (1996), consideramos as famílias ativas dentro do processo da economia formal, aquela baseada em mercadorias, indivíduos e transações monetárias. Nesse sentido, vale ressaltar também que compartilhamos da visão de Martín-Barbero (2009) quando o autor se refere à família como um lugar de produtividade, e não apenas de reprodução do *status quo*. Desse modo, a cotidianidade familiar constitui-se em um lugar de interpelação:

a verticalidade produção/reprodução é abalada pelo surgimento do consumo entendido não como ato imediato de alimentação do lucro capitalista ou de interiorização dos valores das outras classes, mas sim pela lente de uma prática cultural que modifica o âmbito da produção, inclusive. A cotidianidade familiar afasta-se da interpretação marxista que vê na família mero espaço de reprodução ideológica burguesa (ARAÚJO, 2016, p. 125).

Desse modo, e assumindo que cada família desempenha um papel ativo e com características próprias, assume-se que essas mercadorias (posteriormente transformadas, simbolicamente, em objetos), ao transporem os limites do lar e adentrarem a economia doméstica são domesticadas – de tal modo que são incorporadas ao lar e têm seus significados redefinidos de acordo aos próprios valores e interesses da família.

Assim como nas negociações monetárias, na esfera doméstica as mercadorias, as crenças, o consumo de meios de comunicação e informação também estão abertos à negociação, através do que os autores chamam de *economia moral do lar*.

Segundo Kopytoff (1986), os objetos, as coisas, do mesmo modo que as pessoas, possuem uma biografia – e isso se dá, sobretudo, porque acabam por serem domesticadas nos lares e nas distintas culturas familiares. Nesse sentido, se poderia dizer que os objetos em geral, e as TICs de modo particular, não têm apenas uma biografia, mas muitas:

[...] começando por sua invenção e passando pela produção, o marketing, o uso e o desuso, de modo que o caráter único desta vida pode ser utilizado como um indicador dos contextos culturais e sociais de sua criação e recriação contínuas. Também, desde o ponto de vista de seu status como meios (e, portanto, sua dupla articulação), o software informático, os programas de televisão e as conversações telefônicas têm também biografias na medida em que também passam por uma sucessão de fases e estados em seus ciclos vitais e que revelam, neste trânsito, as culturas e entornos que os contém, os quais ajudam a definir seus significados particulares (SILVERSTONE, HIRSCH e MORLEY, 1996, p. 43).

A economia moral da família é, portanto, não apenas uma economia de bens, mas também de intercâmbio de significados. A família se constitui em uma unidade econômica não apenas pelas atividades produtivas e de consumo de seus membros, mas, também, devido ao fato de que as atividades econômicas de seus membros, tanto dentro do lar como no trabalho ou lazer, estão definidas e influenciadas por um conjunto de ideias, preceitos, avaliações e percepções estéticas definidas e formadas pelas histórias, biografias e políticas da família e de seus membros: “estas estão expressas nas diversas e específicas cosmologias e rituais que definem – ou não conseguem definir – a integridade do lar como unidade cultural e social” (SILVERSTONE, HIRSCH e MORLEY, 1996, p. 43).

Entender que a família constitui uma economia moral é entendê-la como parte de um sistema que está diretamente ligado ao âmbito público da produção e da circulação de mercadorias e significados. Não apenas de forma passiva: a família faz parte do processo de criação de significação e valoração em suas mais diversas práticas cotidianas, as quais estão baseadas fortemente em suas posições – de classe, étnica, geográfica, etc.

A economia moral da família está baseada na criação do “lar”, que poderá, ou não, ser familiar, mas que, certamente, estará marcado por questões geracionais, de gênero e que estará estruturado de formas múltiplas, tanto espacial quanto temporalmente (GIDDENS, 1984). E, à medida que os objetos e as mercadorias atravessam a fronteira que separa as esferas pública e privada, vão sendo incorporados no lar, passando pela avaliação desta economia moral.

Destacamos, a seguir, as quatro fases – propostas por Silverstone, Hirsch e Morley (1996) – da dinâmica da economia moral da família que opera no processo de domesticação das TICs no lar. São elas a apropriação, a objetificação, a incorporação e a conversão.

Apropriação

A apropriação se dá desde o momento em que um indivíduo ou família toma posse de determinado objeto – tecnologia e/ou mensagem. É na propriedade, portanto, que ela se concretiza. Ou seja, a apropriação de um objeto ou tecnologia se produz no momento em que este é vendido: quando abandona o mundo das mercadorias e um indivíduo ou uma família toma posse do mesmo, convertendo-se em seu dono. “A apropriação representa o processo global do consumo, bem como o momento em que o objeto ultrapassa o limiar existente entre as economias formais e as morais” (SILVERSTONE, HIRSCH e MORLEY, 1996, p. 48). É precisamente nesta transição para dentro do lar que os artefatos passam da condição de bens/mercadorias para a condição de objetos.

Os significados atribuídos a esses objetos, entretanto – mediados no lar –, não são necessariamente os mesmos imputados a eles na esfera pública – e sua entrada na economia moral da família proporciona uma base para a compreensão desta economia e suas dinâmicas particulares. Além disso, a apropriação se dá de maneira plural, ou seja, mesmo que o consumo se dê em grupo, cada indivíduo imputará especificidades particulares a essa apropriação.

Outro ponto importante a ser destacado é que a apropriação de artefatos (mesmo os individuais), não pode ser entendida de maneira isolada. Tudo tem um significado conjunto, como expressão da qualidade sistemática de uma estética doméstica que, por sua vez, revela com distintos graus de coerência (e contradição), o universo cognitivo e avaliativo do lar – questão que nos leva à segunda fase, a da objetificação.

Objetificação

A objetificação concretiza-se na exposição dos objetos no espaço doméstico, ou seja, se expressa “na forma em que os objetos estão dispostos no entorno da casa (ou em prolongamentos desta) manifestando-se também na construção desse entorno como tal” (SILVERSTONE, HIRSCH e MORLEY, 1996, p. 49). Um bom exemplo nos é dado por Leal (1986), que, em sua pesquisa com famílias gaúchas, mostrou, dentre outras coisas, como a própria disposição dos objetos e dos meios de comunicação na casa são constitutivos de uma certa ordem familiar e possuem significados próprios intimamente ligados a ela. Assim, os

objetos aparecem, e se mostram, em um entorno espacial significativo e já construído – e sempre reconstruível. As formas e a própria disposição física oferecem uma base para compreender o funcionamento interno da economia moral.

Também os objetos imateriais, como programas de TV, *softwares*, vídeos, etc., podem ser objetificados de maneira igual ou similar aos artefatos materiais, já que também são mercadorias para consumo. Eles estão submetidos a formas de apropriação semelhantes as dos objetos materiais, porém articulam-se na economia moral da família não tanto através de sua exposição física (ainda que isso possa ocorrer), mas por sua incorporação à estrutura temporal e ao tecido do lar. O conteúdo dos meios, por exemplo, se objetifica na conversação na família e no modo como as descrições dos programas de televisão, dos personagens de novela ou do sucesso dos informativos proporcionam uma base para a identificação e a auto-representação.

Desse modo, se a apropriação se revela na propriedade, a objetificação se exterioriza por meio de sua exposição e, por sua vez, revela os princípios classificatórios que informam um sentido da família acerca de sua identidade e do lugar que ocupa no mundo. A compreensão da dinâmica da objetificação no lar também mostrará nitidamente o modelo de diferenciação espacial (privado, compartilhado, adulto, infantil, feminino, masculino) que proporciona as bases para a geografia da casa.

Incorporação

Nesta fase, as tecnologias são incorporadas na rotina cotidiana da família. A centralidade está aqui, então, na forma como se utilizam os artefatos, que podem ser adquiridos devido a certos recursos que oferecem, mas que podem, posteriormente, servir a outros propósitos culturais à medida que se produz a incorporação efetiva no lar. “É possível que sejam funcionais seguindo métodos que não estavam previstos nas intenções dos engenheiros e agentes do mercado” (SILVERSTONE, HIRSCH e MORLEY, 1996, p. 51).

Tal ideia fica evidente quando Canclini (2009) conta sua experiência em pesquisas com artesanato produzido no México – em sua maioria feitos por grupos indígenas ou de camponeses. Esses bens circulam pela sociedade sendo apropriados por setores urbanos, turísticos, homens brancos não indígenas, ou seja, com outros perfis socioculturais que lhes atribuem funções distintas daquelas para as quais se fabricaram. Assim como uma panela pode converter-se em uma jarra de flores ou uma saia indígena em toalha de mesa ou elemento decorativo na parede, como nos descreve Canclini, os idealizadores dos aparelhos celulares ou as empresas de telecomunicações não poderiam imaginar que em alguns países africanos

(como, por exemplo, o Quênia), o “crédito de celular” se tornaria um tipo de moeda com a qual se pode comprar alimentos e insumos nos pequenos mercados. Um novo uso foi dado ao crédito de celular, que se transforma em moeda e ganha diferente valor de troca de acordo ao que determinada sociedade compreende ser justo – isto é, como determinar quantos créditos de celular vale um litro de leite?

Retornando às questões relativas ao lar, para que uma tecnologia seja funcional ela deve encontrar um lugar na economia moral da família, especificamente no que se refere à sua incorporação às rotinas da vida cotidiana. Por exemplo, se essa incorporação liberar tempo para fazer outras coisas, ou se facilita o controle do tempo e das tarefas, ou, ainda, se serve, simplesmente, como companheiro em momentos de descanso. Ademais, enquanto a objetificação identifica aspectos espaciais da economia moral, a incorporação se centra nas temporalidades (programação da TV demarcando horários da rotina da família).

Conversão

Enquanto a objetificação e a incorporação estão ligadas a processos internos do lar, a quarta e última fase, assim como a apropriação, está ligada à relação da família com o mundo exterior – processo no qual, como dito anteriormente, os artefatos e significados, textos e tecnologias, cruzam uma fronteira para serem definidos por e incorporados à sua economia moral. E ela que proporciona a base para as negociações e as transformações dos significados dos objetos. É como afirma Leal (1986) quando, ao falar da televisão e dos programas nela veiculados, nos diz que esses são objetos para serem consumidos, e o são em formas que dependem das culturas particulares que se dão nas famílias.

O intercâmbio de informações, jogos, conteúdos musicais ou de entretenimento, etc. e as conversas sobre os mesmos proporcionam aos indivíduos mecanismos para converterem-se em membros de grupos, tribos e coletivos. É por meio dessas trocas que o limite da economia moral do lar se estende e se transforma, pouco a pouco, na economia pública, fato que nos apresenta sua dupla articulação na economia e na cultura, devido ao status que têm como objetos e como meios.

Tendo apresentado as quatro fases propostas pelos autores Silverstone, Hirsch e Morley (1996), pelas quais passam os bens em seu processo de domesticação nos lares, ressaltamos que é possível que elas sejam incorporadas na análise dos dados colhidos em campo. E, portanto, acreditamos importante explicitá-las em detalhe nesta seção.

Evidenciamos, ainda, que as famílias manejam essas tecnologias assim como o fazem com outros aspectos de suas vidas cotidianas, com um maior ou menor grau de êxito, controle, competência, serenidade, etc. dependendo dos recursos de que dispõe para sustentar sua própria economia moral. Acreditamos igualmente na importância das proposições de Morley (1990; 1991;1996) que sugerem compreender os processos pelos quais as TICs são domesticadas ao ponto de serem, até mesmo, invisíveis na rotina familiar – como é o caso da energia elétrica, da qual somente tomamos consciência da existência quando essa nos falta, ou quando um aparelho para de funcionar, atrapalhando a orquestra do dia a dia, tornando-se um objeto “animado”, que demanda esforço extra. Ou, como objetos da vida cotidiana, que parecem mudos e estáticos, são transformados em seres animados pelas pessoas, ao serem ressignificados simbolicamente dentro do contexto biográfico e familiar de seus usuários.

3.1.2 O computador e a internet

Os primeiros computadores digitais eletrônicos foram planejados tanto na Europa quando nos Estados Unidos com propósitos militares – especialmente impulsionados pela Guerra Fria (BRIGGS e BURKE, 2006, p. 273). Os computadores Colossus, Eniac²⁴ e Univac²⁵, eram máquinas gigantescas dependentes de milhares de válvulas, nem sempre confiáveis. Em 1950 foram denominados, por Alan Turing – britânico pioneiro no campo da computação –, de “máquinas universais que tornavam desnecessário o planejamento de várias máquinas novas para fazer diversos processos de computação” (BRIGGS e BURKE, 2006, p. 273). Com a chegada dos transistores, as válvulas foram substituídas e o modelo dos computadores mudou radicalmente. No início, os transistores eram menos confiáveis que as válvulas. Com o tempo, porém, acabaram por tornar possível uma revolução em termos de escala, disseminando e facilitando a aquisição das máquinas.

Gordon Teal, físico que trabalhara para a Bell Laboratories, substituiu o germânio – material utilizado para a fabricação de dispositivos de amplificação – pelo silício. Logo, em 1954, passaram a ser vendidos chips de silício “do tamanho de uma unha” (BRIGGS e BURKE, 2006, pp. 274-275). Com o tempo, inúmeros avanços tecnológicos foram contribuindo para a modernização de peças e componentes dos computadores. A introdução da fotolitografia no processo de produção de chips, por exemplo, tornou a miniaturização mais barata e os transistores mais confiáveis. E, com o advento do circuito integrado – um corpo de material

²⁴ Electronic Numerator Integrator and Computer.

²⁵ Universal Automatic Computer.

semicondutor em que todos os componentes do circuito eletrônico estão totalmente integrados –, um chip de silício de 4,24 por 3,175 milímetros, que continha 2.250 transistores miniaturizados, passou a ter a mesma potência que um Eniac, que ocupava uma sala inteira (BRIGGS e BURKE, 2006).

Seguindo o curso das inovações tecnológicas, vale lembrar, também, do aparecimento do chip RAM²⁶, introduzido em 1970 pela empresa Intel, que reduziu significativamente o custo do componente de memória. A partir daí, passaram a existir diferentes “gerações” de computadores. Em seguida, o surgimento do microprocessador, planejado por Marcian Hoff, em 1971, permitiu não somente o aumento da potência do computador como a descentralização de seu uso.

No final da década de 1970, já era reconhecido que uma nova era na história das comunicações estava por começar. Logo que os computadores deixaram de ser considerados simples máquinas de calcular ou acessórios de escritórios, a partir da década de 1970, “passaram a fazer com que todos os tipos de serviços, e não somente os de comunicações, tomassem novas formas” (BRIGGS e BURKE, 2006, p. 273): “[...] o computador é cada vez menos o objeto misterioso trancafiado em salas inacessíveis onde se celebram ritos secretos, mas se apresenta como um recurso acessível em qualquer lugar e em qualquer momento (GIOVANNINI, 1987, p. 291).

Neste contexto, um dos maiores avanços foi a introdução do computador pessoal²⁷ na vida das famílias. No início de sua história, mais importante do que a educação – função para qual os PCs eram pensados até o momento – foi o impacto que tiveram no âmbito do entretenimento. Essa função foi diretamente pensada por empreendedores como Nicolas Bushnell, um dos responsáveis pelo desenvolvimento do videogame. Em 1974, o fabricante colocou à venda no mercado um brinquedo com um microprocessador embutido que poderia ser ligado a um aparelho de televisão. Em 1980, a Atari, empresa de Bushnell, vendia 100 milhões de dólares em videogames e computadores domésticos.

Começava a surgir uma nova geração de crianças e jovens que, entusiasmados com as novas tecnologias, não só se tornaram um ótimo mercado como passaram a interessar-se no processo de produção e desenvolvimento dos novos aparatos.

²⁶ Memória de acesso randômico.

²⁷ Personal Computer (PC).

Já se disseram, em uma geração anterior, que uma criança nascida na mesma época da radiodifusão considera-a tão natural que não pode imaginar uma era anterior. Ela acha normal ter rádio. O mesmo se podia afirmar para as crianças nascidas na época dos primeiros jogos de computador (BRIGGS E BURKE, 2006, p. 281).

Em 1976, Stephen Gary Wozniak e Steve Jobs lançaram o *Apple I*. No ano de 1980, a IBM havia encomendado um sistema operacional de uma, à época, pequena empresa chamada *Microsoft*. Bastou três anos para que 40% dos computadores pessoais “rodassem” com seus programas. Ao distribuir para todo o mundo seu sistema operacional *Windows*, a *Microsoft* se tornou o maior fornecedor do ramo. Quatro anos mais tarde, a IBM anunciou um Sistema Operacional de Universo Virtual (OS/VU), agregando a seus anúncios os termos “sistema planetário” e “galáxia” – a mesma empresa que, nos anos 1960, primeiro aplicou o adjetivo “virtual” à realidade, quando começou a fazer referência a laços não físicos entre processos e máquinas (BRIGGS e BURKE, 2006).

Em outubro de 1992, o *Financial Times* de Londres publicou um artigo sobre “computadores e comunicações”. Após grandes mudanças políticas e sociais no mundo, o artigo anunciava em suas primeiras linhas “a lenta, mas inevitável, convergência entre o computador e as telecomunicações”, acrescentando que ela “supriria a força motriz para uma implosão de novas tecnologias e práticas de processamento de informação” (BRIGGS e BURKE, 2006, p. 284).

Paralelamente a este processo, esteve em curso o desenvolvimento da internet – que tem suas origens na física e nas políticas de defesa durante o período da Guerra Fria. A internet havia sido estabelecida, inicialmente, em 1968 e 1969, com apoio financeiro do governo norte-americano, em resposta ao *Sputnik* soviético. Tratava-se de uma rede limitada, denominada *Arpanet*, que tornava possível compartilhar informações entre universidades e institutos de pesquisa. Em 1975, cerca de duas mil pessoas já eram usuárias.

A principal característica que justificava todo o entusiasmo com a nova rede é que ela seria capaz de sobreviver à retirada ou destruição de qualquer computador a ela conectado e, até mesmo, “à destruição nuclear de toda infraestrutura de comunicações” (BRIGGS e BURKE, 2006, p. 301).

O fato de a arquitetura da rede ter sido pensada de modo diferente daquela construída para a telefônica, por exemplo, foi de extrema importância. Qualquer computador poderia ser

ligado à rede de qualquer lugar do mundo e as informações eram trocadas imediatamente em “fatias” dentro de “pacotes”.

O sistema de envio quebrava a informação em peças codificadas, e o sistema receptor juntava-as novamente, depois de ter viajado até seu destino. Esse foi o primeiro sistema de dados empacotados da história (BRIGGS e BURKE, 2006, p. 301).

Desde a década de 1960, pesquisadores da computação pensavam na ideia da quebra de mensagens em pacotes de informação ou blocos de mensagens. Para colocar em rede computadores com faces diferentes e linguagens distintas, seria necessário utilizar microcomputadores que agissem como interfaces. O pesquisador Donald Watt Davies, do Laboratório Nacional de Física da Grã-Bretanha, foi quem primeiro pensou nessa possibilidade. E, em janeiro de 1969, o primeiro processador de mensagem de interfaces foi instalado na Universidade da Califórnia.

Bastou dois anos para que a *Arpanet* se tornasse totalmente operacional. As mensagens de e-mail eram a base da comunicação e, já estabelecidas muitas convenções da futura internet, nem todas as mensagens tratavam de assuntos de defesa: o sinal @ no endereço se tornou rotina e, em 1986, foram introduzidas as novas abreviações de “com” para comercial, “e” para educacional e “mil” para militar (BRIGGS e BURKE, 2006).

Tim Berners-Lee, pesquisador do Conselho Europeu para Pesquisa Nuclear (CERN)²⁸, imaginou, em 1989, o que chamou de *World Wide Web*. Especulava a possibilidade de programar um computador para criar um “espaço” onde “tudo pudesse ser ligado a tudo”. Um lugar em que toda a informação arquivada de todos os computadores estivesse interligada.

O conceito de World Wide Web – um sistema para criação, organização e interligação de documentos, possibilitando a fácil navegação entre eles – foi elaborado pelo especialista da computação britânico Tim Berners Lee, que criou o primeiro site da web em 1991, na tentativa de fomentar uma rede de computadores que possibilitasse aos cientistas compartilhar suas pesquisas com facilidade (FRIEDMAN, 2005, p. 70).

Berners-Lee desejava conservar a *web* sem proprietários, aberta e livre. Sobre isso comentam os autores Briggs e Burke

Para Berners-Lee, “tecer” a rede – o verbo e o substantivo de Thomas Hardy – não era inicialmente uma tarefa lucrativa ou de alta segurança, mas um meio de ampliar oportunidades [...]

²⁸ Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire.

Contudo, como os empreendedores norte-americanos que desenvolveram a Internet buscavam lucro, ele era movido por uma crença firme no seu potencial global de uso: ela podia e devia ser “world wide” (2006, p. 302).

A chave para o progresso futuro foi o desenvolvimento de *hiperlinks* e o destaque de palavras ou símbolos clicáveis, dentro de documentos. A revista *Times* chamou as realizações de Berners-Lee – a quem deu o título de único pai da *Web* – de quase *gutenberguianas*, afirmando, ainda, que ele havia “tomado um sistema de comunicações poderoso que somente a elite poderia usar, e transformara-o em meio de comunicação de massa”.

Essa ideia não agradava a muitos usuários da *Arpanet* e da *Computer Science Network* (CSNET)²⁹, já que a palavra “massa” carregava a mesma conotação de quando relacionada à radiodifusão. Acreditavam que “quanto mais usuários da Internet houvesse, mais terreno inútil existiria” (BRIGGS e BURKE, 2006, p. 302). No entanto, naquele momento haviam mais sinais de entusiasmo do que de alarme em torno da internet. Em geral, os primeiros provedores de *software* consideravam que a internet dava poder aos indivíduos e oferecia vantagens jamais vistas à sociedade. Em *Twilight of sovereignty: how the information revolution is transforming our world*³⁰, de 1992, Walter Wriston argumenta que a convergência tecnológica tornaria possível alcançar maior liberdade humana, mais poder para o povo e mais cooperação internacional.

Foram os anos de 1993 e 1994 que representaram um grande marco para a internet: foi quando “uma rede até então dedicada à pesquisa acadêmica se tornou a rede das redes, aberta a todos” (BRIGGS e BURKE, 2006, p. 300). A esta altura, foi dado acesso público ao programa de navegação *Mosaic* e este fato atraiu usuários – chamados naquela época de “adaptadores” – e os primeiros provedores de internet. Em dezembro de 1993, o *New York Times* descreveu o programa como “a primeira janela para o ciberespaço”.

No final da década de 1990, o computador era considerado por muitos pesquisadores a maior contribuição da história da mídia no século XX (BRIGGS e BURKE, 2006). Já a internet, e a sua abertura e extensão *world wide* trouxe consigo inúmeras surpresas – segundo Briggs e Burke, “mais fenômenos do que fatos”:

²⁹ A Computer Science Network (CSNET) era uma rede de computadores que teve início em 1981 nos Estados Unidos. Seu objetivo era ampliar as possibilidades de networking e de compartilhamento de informações dos departamentos de Ciências da Computação em instituições acadêmicas e de pesquisa que não poderiam estar diretamente conectadas a *Arpanet*, devido a restrições de financiamento ou de autorização.

³⁰ Crepúsculo da soberania: como a revolução da informação está transformando nosso mundo.

Rapidamente [a internet] deixou para trás a física e desenvolveu uma psicologia própria [...] e o que veio a ser chamado de sua ecologia, palavra nova nos estudos de comunicação. De forma mais auspiciosa, em 1997 começou a ser tratada como paradigma, palavra que já estivera na moda (2006, p. 300).

Na segunda metade dos anos 1990, o advento e a disseminação do acesso à internet possibilitaram que dados e informações fossem transmitidas em segundos ao redor do mundo. A comunicação se mostra, assim, diferente dos meios de comunicação massiva: a comunicação *one-to-one* passa a promover a escolha personalizada de conteúdo; e os *hiperlinks* permitem aos usuários traçarem rotas não lineares na rede, entre outros. Enfim, a ideia de alcançar qualquer conteúdo e em qualquer lugar desde que se tenha acesso à rede, transforma radicalmente o conceito de acesso à informação. Além disso, a digitalização tornou o conteúdo totalmente plástico, ou seja, qualquer mensagem, som ou imagem podem ser editados e alterados, tanto na forma quanto em seu conteúdo. (JAMBEIRO, 2009) – assim como tornou possível o uso de uma linguagem comum, a binária, para diferentes conteúdos, como filmes, artigos de revistas, músicas e chamadas telefônicas, etc., podendo, todos eles ser transformados em dígitos e distribuídos por fios telefônicos, micro-ondas, satélites ou ainda por um meio físico de gravação, como um CD, DVD ou *pen drive*.

Em meados dos anos 2000, surge o conceito de *Web 2.0*, caracterizando uma segunda geração da internet na qual o usuário passa a ser também produtor e autor de conteúdos na web, deixando para trás seu rótulo de receptor. Outro conceito importante a ser mencionado é o de convergência. Se, anteriormente, cada mídia se concentrava em um dispositivo que tinha uma função específica (o rádio para ouvir música, a TV para assistir conteúdos audiovisuais, o telefone para fazer uma chamada de voz, etc.), a partir do momento que todas essas funções são transformadas em dados digitais, um único aparato foi capaz de suportar todas essas utilidades, conforme nos diz Santaella (2010):

Mídias, que antes existiam em suportes físicos separados – papel para o texto e a imagem impressa, película química para a fotografia e o filme, fita magnética para o som e o vídeo -, que dependiam de meios de transporte distintos – fios de telefone, onda de rádio, satélite de televisão, cabos – passaram a combinar-se em um mesmo todo digital, produzindo a convergência de vários campos midiáticos tradicionais. Foram assim fundidas as quatro formas principais de comunicação humana: o documento escrito (imprensa, magazine, livro), o audiovisual (televisão, vídeo, cinema), as telecomunicações (telefone satélites, cabo) e a informática (computadores e programas informáticos). A esse processo cabe com justeza a expressão ‘convergência das mídias’ que está na base do hibridismo midiático (SANTAELLA, 2010, p.86).

Para Jenkins (2008), se o paradigma da revolução digital presumia que as novas mídias substituiriam as antigas, o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas.

Ressaltamos, entretanto, que todas essas mudanças, inclusive de paradigma, para usar as palavras de Briggs e Burke (2006) e Santaella (2010), não parecem ameaçar as rotinas estabelecidas na vida doméstica do lar, já que, segundo Silverstone e Hirsch (1996), são os aparatos comunicacionais que enfrentam um desafio quando incorporados na economia moral da família. Para os autores é o computador, e a internet que, apesar de estenderem e transformarem os limites do lar, na maioria das vezes, resultam transformados neste processo de incorporação.

Apesar do exposto, vale lembrar que, como explica Winocur (2009), as tecnologias digitais inauguram no lar uma nova classe de alteridade que se expressa geracionalmente. As habilidades informáticas dos filhos, frente as dos pais vêm gerando novas formas de enfrentamento na vida familiar. Na maioria dos casos a iniciação de adultos com mais de 40 anos à internet é propiciada pelos filhos, a quem recorrem permanentemente para solicitar ajuda. Tal fenômeno de inversão da autoridade, também comum nas escolas, provoca situações de tensão e reorganização simbólica do poder dentro da família – o que não só afeta o lugar do conhecimento como também os códigos morais e normativos que regulavam a comunicação doméstica

Toda essa situação acaba por gerar, igualmente, insegurança no que diz respeito ao controle do uso desses artefatos: “[...] ao mesmo tempo que reconhecem suas vantagens, se sentem [os pais] inseguros e ameaçados, porque a seus olhos a internet e o telefone celular aparecem como mundos autorreferentes que não necessitam de sua intervenção para adquirir significados para os jovens” (WINOCUR, 2009). Os pais não somente não podem calibrar nem controlar a quantidade e qualidade dos conteúdos consumidos por seus filhos como também não podem compreender o sentido total dessas experiências – o que gera, muitas vezes receios e sentimentos de exclusão.

Em realidades sociais marcadas pela desigualdade, pela pobreza e por profundas diferenças socioculturais, compreender as formas de apropriação das novas tecnologias de comunicação passa não somente pela preocupação acerca do acesso, mas também pelas condições nas quais se realizam os processos de apropriação a partir das representações que têm os setores populares acerca do uso e das possibilidades das TICs – bem como na forma que

estas representações incidem na reorganização do espaço doméstico, nas prioridades de consumo e nas estratégias de inclusão social. Entre as classes populares, a representação social sobre os usos e possibilidades do computador se constrói, fundamentalmente, sobre a base da experiência social da desigualdade no acesso a outros bens culturais, onde muitas outras formas de “não ter acesso” contribuem para configurar o sentido primordial desta nova forma de não ter acesso.

Segundo pesquisas, como as realizadas por Winocur (2009), Winocur e Vilela (2012) e Silva (2010), apontam que famílias de setores populares estão incorporando as novas tecnologias de comunicação e informação com o objetivo de evitar a exclusão de seus filhos do circuito educativo e, portanto, aumentar suas possibilidades competitivas no mercado de trabalho. Os pais, em geral, não mostram muito interesse em aprender nem consideram as tecnologias socialmente relevantes em termos de seu mundo cultural, social ou laboral. A decisão, portanto, de gerar uma estratégia de economia ou de endividamento para adquirir, primeiro um computador e, logo, uma conexão de internet, se relaciona quase que exclusivamente com a expectativa de que estas tecnologias apoiem a aspiração de mobilidade social depositada em seus filhos – o que segue passando, primordialmente, pelo ingresso à universidade.

Outro ponto importante de ser lembrado é que a desconexão, hoje, tem se tornado fonte de profundo sofrimento e sinônimo de isolamento ou de invisibilidade. Com a metáfora utilizada no título de seu livro *Robinson Crusoe ya tiene celular* (2009) – até Robson Crusoe já tem celular e não se encontra mais isolado –, Winocur utiliza uma chave para explicar as novas formas de estar sozinho e acompanhado no mundo contemporâneo: estar sozinho não significa mais estar ilhado, isolado, e sim, desconectado. Nesse contexto, a rede nos torna visíveis e multiplica nosso capital social, tornando-se indispensável e decisivo estarmos conectados a toda hora e em todo lugar. Na maioria das ocasiões, entretanto, não utilizamos a internet para ampliar nossas redes de conhecidos ou estabelecer novas relações, mas para não perder o contato com os nossos – conforme nos mostra Morley (2008), citado anteriormente.

A internet e o computador – bem como o celular, do qual falaremos a seguir –, enquanto artefatos culturais, são meios que são apropriados em universos relacionais em que outros objetos e práticas os ressignificam. Usar a internet é uma operação prática além de interpretativa e não se pode dizer que esta se manifesta diretamente como um espaço de fluxos, nem que a conectividade transcende toda forma de localidade, conforme veremos na próxima seção, mas

como múltiplas especialidades que coexistem, mantendo seu significado social segundo as competências culturais dos usuários.

3.1.3 Mídias móveis: a importância do celular

O telefone celular é considerado a tecnologia de difusão mais rápida da história da comunicação – informação que acreditamos não poder ser ignorada quando buscamos percorrer um caminho que pretende compreender os significados dados às TICs, bem como seus usos não planejados e seus efeitos no contexto social e familiar. Os custos relativamente baixos e as plataformas cada vez mais “amigáveis” dos telefones móveis têm feito com que sua propagação e alcance sejam únicas na história da tecnologia. Acrescente-se a isso, o fato de que os *smartphones* se transformaram em verdadeiros computadores super pessoais e, por isso, têm sido incorporados às vidas dos usuários de uma forma única e inédita em relação a outras tecnologias.

O celular tomou seu lugar em um tempo marcado pelo aumento contínuo da conectividade, mobilidade sem precedentes e a emergência de novas culturas, comunidades e coletividades, e, agora, está ajudando a “moldar esse novo mundo emergente” (PLANT, 2002, p. 76). A informatização da sociedade, segundo Lemos (2004), está caracterizada por três etapas: a primeira diz respeito ao surgimento do Computador Pessoal (PC) nos anos 1970; a popularização da internet, nas décadas de 1980 e 1990, que possibilita a transformação do Computador Pessoal em Computador Coletivo (CC); e o desenvolvimento da computação sem fio – possibilitado pelo acesso facilitado à internet e a convergência das mídias – que, a partir da popularização do celular e redes *wi-fi*, transforma-se em Computador Coletivo Móvel (CCm). Tendo os CCms a vantagem da mobilidade, que permite que o usuário não mais precise se deslocar até a rede, já que ela está presente com o indivíduo onde ele estiver.

Tal possibilidade, que proporciona comunicação e acesso à informação em qualquer lugar e a qualquer hora, faz com que os tradicionais locais das cidades contemporâneas estejam, pouco a pouco, se transformando em ambientes generalizados de acesso e controle da informação por redes telemáticas sem fio (CASTELLS, 2007), criando zonas de conexão permanente e ubíquas e territórios informacionais. Desse modo, as mídias móveis redefinem os espaços urbanos criando novos espaços de dados, caracterizados por Santaella (2010) como espaços “intersticiais” – que são, acima de tudo, espaços móveis, isto é, “[...] espaços sociais

conectados e definidos pelo uso de interfaces portáteis como os nós da rede”. (SANTAELLA, 2010, p. 94).

Já Lemos (2007)³¹ define esses espaços como “territórios informacionais”:

Por territórios informacionais compreendemos áreas de controle do fluxo informacional digital em uma zona de intersecção entre o ciberespaço e o espaço urbano. O acesso e o controle informacional realizam-se a partir de dispositivos móveis e redes sem fio. O território informacional não é o ciberespaço, mas o espaço movente, híbrido, formado pela relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico. [...] a intersecção entre espaço eletrônico e espaço físico, criando os territórios informacionais (LEMOS, 2007, pp. 14 e 130).

Nesse contexto, vemos que esse espaço – intersticial ou informacional – é criado a partir do acesso por meio de redes de internet sem fio a partir de dispositivos que permitem a movimentação física do sujeito, criando, desse modo, espaços híbridos. Os espaços híbridos, isto é, os que combinam o físico e o digital em um ambiente social criado pela mobilidade dos usuários conectados via aparelhos móveis de comunicação, se dão quando não mais se precisa “sair” do espaço físico para entrar em contato com ambientes digitais (SANTAELLA, 2010).

De acordo com Lemos, (2007) o celular, ator de maior relevância neste novo contexto de espaços informacionais, tem sido também o dispositivo de maior convergência tecnológica e de possibilidade de comunicação para conglomerados humanos para movimentações políticas, artísticas ou ativistas assim como uma maneira de estabelecer relacionamentos sociais por contato imediato, seja através de voz, texto, fotos ou vídeos.

Se o telefone fixo chegou no período em que era necessário para a organização das grandes cidades e a unificação das nações – promovendo, igualmente, a comunicação entre empresas e lares – o celular chegou para satisfazer uma nova era da mobilidade, dando a um número sem precedentes de indivíduos a possibilidade de conexão e empoderamento em diversos âmbitos, como o econômico e o social (PLANT, 2002). Em todo o mundo, as pessoas estão se movendo e migrando para trabalhar, e o número de refugiados, turistas e viajantes tem subido muito nos últimos 30 anos. A circulação de *commodities*, dinheiro e informação também ganharam um novo sentido de aceleração, e mesmo pessoas que não vão a lugar algum enfrentam novas instabilidades, posto que estruturas tradicionais de emprego, família,

³¹ Apesar de explorarem a comunicação móvel e as tecnologias digitais móveis de modo extenso e de reconhecermos sua grande importância nessa área de estudos, os autores aqui citados, como André Lemos e Lúcia Santaella, não serão explorados a fundo pelo fato de não abordarem tais tecnologias sob a ótica dos usos e práticas cotidianas, bem como dos aspectos de apropriação e ressignificação simbólica dentro do contexto familiar.

comunidade e vida cultural vêm sendo rompidas ou transformadas. O celular incentiva tais movimentos e ajuda a reparar as próprias conexões que rompeu. Neste, e em muitos outros sentidos, “a tecnologia móvel molda e é moldada pelo mundo na qual está evoluindo, e se torna um símbolo potente das mudanças culturais que estão em curso no mundo do século XXI” (PLANT, 2002, p. 76).

Outro ponto importante é que o telefone móvel teve papel fundamental em locais onde não há linhas de aparelhos fixos³², ou onde este serviço é ineficiente ou muito caro.

Em partes remotas de diversos países em desenvolvimento [...] o celular tem sido introduzido através de telefônicas³³ em povoados que nunca tiveram telefones fixos. Na área rural de Bangladesh, essas lojas, e as mulheres que as administram, se tornaram novos pontos focais para a comunidade (PLANT, 2002, p. 75).

Apesar da evidente relevância e das três décadas de existência deste aparato, o tema do consumo do celular e seus desdobramentos nas relações sociais são objetos de estudo relativamente recentes na academia. Algumas das pesquisas importantes a respeito do tema são o livro de Manuel Castells et al. (2007), que traz um estudo comparativo sobre os impactos socioculturais e econômicos do celular em países desenvolvidos e em desenvolvimento; a etnografia de Horst e Miller (2006) sobre as práticas de consumo de telefones celulares entre grupos populares na Jamaica, previamente citada neste trabalho; a coletânea de Ito, Okabe e Matsuda (2005) sobre a tecnocultura japonesa; a pesquisa de Amparo Lasen (2004) em três países europeus: Espanha, Inglaterra e França; além do livro *Mobile connection: the cell phone's impact on society* (2004), do sociólogo Rich Ling.

No âmbito brasileiro, ressaltamos as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas por Silva (2007; 2010a; 2010b; 2014), de extrema importância para a compreensão do uso do celular em camadas menos favorecidas e entre jovens, especialmente em seu caráter emocional e de relação familiar. Destacamos, ainda, o estudo de caráter etnográfico de Nascimento (2004), desenvolvido no Programa de Mestrado em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará (UFC). As conclusões deste último trabalho apontam para o fato de que o uso de celulares – conforme explanado anteriormente – é determinado pelos ambientes social e cultural,

³² Por volta do ano 2000 houve uma tentativa frustrada de levar serviços de telefonia móvel para o Afeganistão. Muitos afegãos refugiados em Peshawar expressavam sua esperança de que o celular levasse a telefonia e a internet para aquele país. “Há muito poucos telefones no Afeganistão. Muitas pessoas viajam mais de 200 milhas para usar o telefone, e mesmo cartas podem levar meses para chegar. Todo mundo está esperando pelos telefones móveis” (relato de entrevistado da pesquisa de Sadie Plant, publicada em 2002).

³³ No texto original em inglês: *payphone shops*.

ocorrendo, desse modo, apropriações e reapropriações dessa tecnologia global a partir de especificidades locais. Neste sentido, Plant (2002) afirma que o celular não apenas é adaptável – em um nível que nenhuma outra tecnologia alcança – a especificidades locais, mas também é capaz de desempenhar diferentes papéis e se tornar útil em uma extensa variedade de contextos culturais e sociais e no próprio cotidiano individual. Além disso, segundo a autora, quanto mais o seu uso se propagar, mais este continuará a diversificar-se.

Tais evidências e características vão ao encontro de investigações como as de Lasen³⁴ (2004) – uma das primeiras a estudar empiricamente o celular –, que mostram, igualmente, que o uso de telefones móveis é geralmente determinado pelo ambiente social e cultural. A pesquisadora, que estudou os usos culturais e sociais do telefone celular em três metrópoles europeias, conclui que, apesar de este ser um artefato globalizado – representativo dos fluxos de tecnologias em nível global, o qual Appadurai (1999) chamou de tecnopanoramas –, os usos e significados atrelados a esse meio são perpassados pelas culturas locais. Um exemplo que nos dá a autora está no fato de que os ingleses, mais reservados, usam o modo silencioso do celular com bem mais frequência do que os espanhóis. Já em Paris, motociclistas usam o telefone celular encostado ao rosto, dentro do capacete. E, em todas as cidades pesquisadas, Lasen observou que os indivíduos frequentemente seguram o celular nas mãos, mesmo sem usá-lo.

Para Bauman (2001), o telefone celular consolidou-se como um dos artefatos símbolo da contemporaneidade. Conforme o autor, ele é a tecnologia emblemática da compressão espaço-tempo, demarcando sua importância no contexto da chamada Pós-Modernidade: “Corpo esguio e adequação ao movimento, roupa leve e tênis, telefones celulares (inventados para o uso dos nômades que têm de estar ‘constantemente em contato’), pertences portáteis ou descartáveis – são os principais objetos culturais da era da instantaneidade” (BAUMAN, 2001, p. 149); nômades esses que necessitam estar sempre em contato e que sinalizam a existência de uma ligação afetiva com seus telefones móveis, conforme nos fala Lasen que “os usuários possuem um relacionamento emocional com seus telefones e sentem-se ligados a eles” (2004, p. 1).

Sobre essa temática, Winocur mostra em seu texto *Robinson Crusóe ya tiene celular* (2009, p. 30) exemplos que apareceram em sua investigação. Quando os entrevistados são perguntados sobre seu sentimento ao esquecer o telefone móvel em casa, respostas como “fico

³⁴ Lasen realizou um estudo sobre os usos sociais e culturais dos telefones celulares em Madri, Londres e Paris, ao longo de três anos (2002-2004). A pesquisa foi financiada pela *Vodafone*, uma das maiores empresas de telefonia do Reino Unido.

histórica, desesperada”, “volto para buscá-lo”, “me sinto desprotegida” ou “me sinto como se estivesse nua” aparecem. A autora nos fala ainda de uma notícia, divulgada na internet em janeiro de 2009, de um jovem que, ao tentar resgatar seu celular que caiu no banheiro de um trem, fica com o braço preso e é levado às pressas para o hospital pelos bombeiros. São reações como essas que, segundo Winocur, nos mostram não apenas laços afetivos, mas, em muitos casos, relações de “vício” para com o telefone celular.

Para Morley (2008), o telefone móvel é, por excelência, a tecnologia privatizadora de nossa época. Segundo o autor, o celular é capaz de deslocar a ideia de lar, já que permite que cada um leve consigo sua rede, para onde quer que vá. É quando, mesmo sozinhos ou deslocados de nosso lar, no sentido geográfico, nos sentimos “em casa” – seja ao ouvir vozes familiares através do telefone, ou, como em um exemplo citado por Morley, vivenciamos o “tempo da família”, mesmo deslocados fisicamente:

“[...] um estudante estrangeiro na Universidade Goldsmiths [...] escreveu recentemente sobre a alegria que sentiu quando, viajando de trem para a universidade uma noite, o dia do Ano Novo chinês, recebeu uma saudação de ano novo de seus pais que lhe ligaram de Pequim, no momento simbólico da meia noite naquele lugar; disse, simplesmente, que, “ao ouvir essas vozes familiares através de meu pequeno telefone móvel, de imediato senti que estava em casa (MORLEY, 2008, p. 151).

Do mesmo modo que o celular possibilita tal deslocamento do âmbito doméstico, este também é capaz de preencher os espaços vazios da cidade, ressignificando-os para os indivíduos – por exemplo com nossas músicas preferidas ou tranquilizadoras, que nos permitirão transitar pelos espaços imprimindo nossas marcas pessoais e tendo nosso repertório de bens culturais como companhia. Além disso, a possibilidade de interação concomitante com pessoas fisicamente presentes e distantes, nos mostraria, conforme Morley (2008), que o celular não funciona apenas como um refúgio psíquico para o seu usuário, mas, também, como um tipo de comunidade móvel fechada³⁵.

Em seu texto já mencionado – *On the mobile: the effects of mobile telephones on social and individual life* (2002) – Plant faz um estudo dos usos do celular no meio empresarial e traz exemplos de executivos que relatam que, ao encontrarem-se em reuniões em que não conhecem ninguém, ou que se sentem inseguros e desconfortáveis, recorrem ao uso do celular para conectarem-se com suas redes pessoais. Um duplo benefício oferecido pelo aparato

³⁵ O termo utilizado pelo autor em inglês é *gated community*. Já na tradução da obra para o espanhol, aparece como *comunidad móvil cercada*.

comunicacional, já que, além de não precisarem entrar em contato com aquela nova rede estranha e pouco familiar, ainda podem passar a imagem de executivos altamente ocupados e importantes, que não têm tempo a perder.

Muito mais do que transcender a distância espacial, o celular tem se mostrado um artefato utilizado para estabelecer redes de comunicação paralelas no mesmo espaço, que escapam aos modos convencionais de controle territorial baseados em um lugar físico. O que não significa, entretanto, segundo Morley (2008), a morte da geografia no que diz respeito ao uso do telefone móvel, mas uma mudança conceitual: isto é, enquanto que com o telefone fixo a pessoa que realizava a chamada sabia para onde estava ligando – no sentido geográfico – mas não sabia quem poderia, efetivamente, atender à ligação, com o celular a identidade do respondente é substituída pela geografia, já que não mais se trata de saber quem atenderá, e sim, a partir de onde a chamada será atendida.

Como geralmente quem faz a ligação pergunta, ou quem atende à chamada prontamente fala sobre sua localização ou situação – se pode ou não conversar naquele momento –, parece que a geografia não perdeu sua importância. Mais que isso, o celular abre as portas para comentários ansiosos, por vezes longos ou até aborrecidos, sobre nossa localização e nossos percursos geográficos. “[...] o telefone móvel é, entre outras coisas, um dispositivo para tratar nossas ansiedades sobre os problemas de distância causados por nossos novos estilos de vida móvel e a desconexão emocional que essa distância geográfica simboliza para nós” (MORLEY, 2008, p. 155).

A capacidade de os telefones celulares operarem independentemente de localização geográfica oportuniza o surgimento de um novo padrão de contínuas interações mediadas, denominadas “*constant touch*”, “*perpetual contact*” ou “*connected relationships*” pelos autores Agar (2003), Katz e Aakhus (2002) e Licoppe (2004). O borramento das fronteiras entre o ausente e o presente estaria, então, associado a diferentes e intensas formas de conexão. Um estudo realizado na Austrália³⁶, no ano de 2007, buscou compreender como se relacionavam as esferas do trabalho e do doméstico a partir da perspectiva da extensão – e possível fusão – desses âmbitos através da conexão contínua possibilitada pelos telefones celulares. Ao invés de encontrarem uma invasão do espaço familiar pelo trabalho, como propõem algumas teses, os

³⁶ WAJCMAN, J. BITTMAN, M.; BROWN, J. Families without borders: mobile phones, connectedness and work-home divisions. *Sociology*, n.42, v.4, 2008. pp.635-652.

resultados da pesquisa mostram que conectar-se com pessoas significativas é a razão predominante do tráfego de chamadas³⁷.

Para Green (2002), as tecnologias móveis fornecem novas oportunidades para o aprofundamento de laços, tornando o local, em seu sentido geográfico, irrelevante. Ao contrário de fragmentar as relações, a autora afirma que o tempo gasto com aparatos comunicacionais fazem dos relacionamentos mais duráveis e contínuos. Neste mesmo sentido afirma Silva (2007, p. 6): “Os celulares, na medida em que constituem uma combinação entre o humano e o não humano, constituem ‘tecnologias afetivas’ e funcionam como instâncias mediadoras das emoções e mantenedoras dos laços sociais”.

Mais que manter laços sociais, entretanto, o estudo oferece suporte para a proposição de que a comunicação é fundamental para práticas contemporâneas em torno da intimidade. Ao confrontarem as teses a respeito da extensão do trabalho a partir de tecnologias móveis, que enfatizam a dissolução das fronteiras espaço-temporais, a concepção da presença conectada utilizada pelos pesquisadores chama a atenção para práticas sociais que constituem e mantêm um domínio privado para relacionamentos afetivos entre membros da família e amigos. “Este novo desenvolvimento reforça a natureza relacional das práticas familiares, desenfazendo a presença física para o funcionamento do doméstico e criando famílias sem fronteiras” (WAJCMAN et al., 2008, p. 649).

A crescente importância da comunicação em si, defendem os autores da pesquisa, sugere que o telefone móvel pode fornecer um canal adicional para a realização da intimidade.

Ao invés de transmitir informações específicas, em muitos casos, a chamada telefônica em si pode ser constitutiva da relação. Manter-se em contato enquanto fisicamente separados é um marcador de intimidade. Se a conexão constante é a principal qualidade proporcionada por dispositivos móveis, então será que esta propriedade também não estaria permitindo intimidade à distância? (2008, p. 647).

Sobre esta questão, a pesquisa interrogou os entrevistados: “Se você e seu parceiro estão rotineiramente distantes por mais de um dia, o quão importante é o telefone celular para manter a qualidade do relacionamento?”. Os pesquisados foram convidados a responder esta questão em uma escala de um a cinco, que variava entre “muito importante” e “muito pouco importante”. Aproximadamente três-quartos dos homens e mulheres consideraram o telefone

³⁷ Dentre 9714 ligações, 74% foram para contato com a família ou amigos. Sendo as ligações referentes a trabalho ou estudo representantes de apenas 26% das chamadas.

móvel muito importante ou importante para manter a qualidade de seu relacionamento enquanto separados geograficamente.

Parece que o telefone móvel aumenta significativamente a capacidade das pessoas em manter a intimidade a uma distância ao longo do dia. Da mesma forma, temos argumentado que tanto o questionário quanto o log de registro de chamadas [instrumentos utilizados na pesquisa] sugerem que manter o contato via chamadas curtas desempenha um papel na manutenção de relações íntimas quando essas chamadas são entre membros da família. Esta capacidade de contato perpétuo dá origem a novas formas de intimidade, formando, aprofundando e dissolvendo as relações através de mensagens SMS e reforçando a capacidade de ser comunicavelmente presente enquanto estando fisicamente ausente (WAJCMAN et al., 2008, p. 648).

Para Morgan (1999, p. 20), que ressalta que a vida familiar é sempre continuada e estendida a outras áreas da vida, as “práticas familiares não são necessariamente as práticas que acontecem no tempo e espaço convencionalmente designado para o fazer em ‘família’, que é a casa [lar]”. Ao invés disso, as famílias são construídas de forma ativa nas atividades do dia a dia de seus membros, inclusive em locais de trabalho remunerado.

No que diz respeito ao celular no âmbito familiar, Castro (2012), nos diz que o impacto do uso do celular é distinto em cada família e em cada membro dela: algumas mais tradicionais e conservadoras, que são relutantes ao uso desses aparatos – principalmente pela possibilidade de se ter acesso ilimitado à internet, dia e noite –, outras mais flexíveis, que veem o uso do *smartphone* de forma positiva. Além disso, no que concerne a questões geracionais, diz a autora, o celular permeia as relações familiares mesmo que a maioria dos jovens não goste da ideia de relacionar seu *smartphone* e suas redes sociais a seus pais.

Os dispositivos móveis se tornaram parte do processo de emancipação dos jovens³⁸. E a forma como aderem e se apropriam dessa tecnologia além de lhes proporcionar maior controle e segurança, contribui para a construção de sua própria cultura por meio da diferenciação dos adultos (CASTELLS et al., 2007) – já que, segundo os autores, existe hoje uma cultura jovem que encontra nos celulares, e na comunicação móvel em geral, uma forma adequada de

³⁸ De acordo com Ling (2004) o telefone móvel proporciona uma sensação de segurança e de coordenação da vida cotidiana, fatores muito almejados pelos adolescentes. Do ponto de vista intrafamiliar a posse de um celular significa que os adolescentes estão no controle de seu próprio canal de comunicação. O autor explica ainda que em sua pesquisa (2004) muitos adultos se mostraram intimidados pelos jovens e se consideraram amadores quando o assunto é o celular. Segundo ele, boa parte dos adultos pesquisados têm a sensação de que o uso dos *smartphones* entre os adolescentes é uma coisa à parte e que os jovens possuem competências e habilidades tecnológicas que eles não têm.

expressão e de reforço. O aumento do uso do celular, entretanto, vem causando modificações nas relações entre mães e filhos, segundo estudos de Nicolaci-da-Costa (2006) que mostram que o celular pode ser tanto um elo entre pais e filhos, ampliando as fronteiras de comunicação e proteção de ambos, como pode ser sufocante – quando o telefone é utilizado como uma espécie de “coleira digital” (LING, 2004).

Para Winocur (2009), o celular reúne todas as qualidades de um objeto transitório, que serve para aliviar a dor e a ansiedade da separação entre os mais próximos – não obstante esta comunicação, conforme ressaltamos há pouco, tem sentidos distintos para pais e filhos. Se, para os pais, há uma necessidade de estabelecer a já mencionada “coleira digital” – com o objetivo de que seus filhos estejam disponíveis e visíveis para acalmar a ansiedade do estar “fora”, que não podem controlar desde “dentro” do lar –, para os filhos há a necessidade, por outro lado de demarcar determinada distância dos pais, ao mesmo que tempo que devem permanecer disponíveis e visíveis virtualmente para suas próprias redes de pertencimento que transitam constantemente entre o mundo online e o off-line.

Segundo Verza (2008), em muitas famílias o jovem adquire um status diferente ao ganhar um celular³⁹. De acordo à psicóloga, o aparelho, simbolicamente, auxilia no rito de passagem para uma nova fase da vida do jovem. Dar um telefone celular para um adolescente poderia significar uma atitude de confiança por parte dos pais – ao mesmo tempo que pode significar um problema para os filhos, que às vezes passam a ser muito controlados pelos pais que buscam a tranquilidade de saber que seus filhos estão bem.

Através de entrevistas em campo, Silva (2014), assim como já assinalava Winocur (2009), constatou que o telefone celular também permitiu aos jovens uma maior flexibilidade nos acordos com os pais e estabelecimento de regras em casa, em função de que podem sair de casa e avisar os pais através do celular onde estão, podendo “estar próximo mesmo que longe de casa” (SILVA, 2014, p. 5). O contrário também tem se mostrado verdadeiro: de acordo à investigação de Dutra (2014), o uso do celular também tem afastado os jovens da família, mesmo quando estão compartilhando o mesmo ambiente dentro de casa. Em sua pesquisa muitos conflitos apareceram no lar dos entrevistados em decorrência do uso constante do

³⁹ Os *smartphones* (assim como os computadores) também têm constituído plataformas simbólicas compensatórias e substitutivas da falta de poder real dos jovens na vida cotidiana. Segundo Winocur (2009), frente às dificuldades de inclusão na maioria das instituições tradicionais, como as que se relacionam com a formação, emprego e acesso ao poder, os jovens têm criado estratégias flexíveis e móveis de inclusão. Tem papel fundamental neste processo a internet, que se revelou um espaço privilegiado e propício para isso.

aparelho. Os jovens relatam estar acompanhados do celular ao fazer suas refeições diárias e mesmo enquanto participam de uma conversa familiar. Vale ressaltar que todos os entrevistados da pesquisadora concordaram que o celular atrapalha a convivência no lar.

O modo como os jovens incorporaram o celular em suas vidas, com “entradas” e “saídas” simultâneas nos âmbitos online e off-line, nos mostra que a participação nesses dois “mundos” se integra de maneira fluída às suas experiências cotidianas e denota um permanente trânsito entre o dentro e o fora de casa (WINOCUR, 2009). O entendimento e a mobilidade nos âmbitos público e privado – que não necessariamente está na casa ou no lar – e a intensa experiência de socialização digital – que não substitui as interações no mundo off-line – também nos indicam um modo de ser e viver desses jovens, “que não deixam de estar conectados à rede, ainda que tenham interrompido a conexão física, e não deixam de estar conectados com o mundo real, ainda que estejam fisicamente conectados à rede” (WINOCUR, 2009, p. 23).

É importante lembrar que, neste contexto, estar desconectado relaciona-se com a ideia de invisibilidade. Desse modo, a internet, seja ela acessada pelo celular ou qualquer outro dispositivo digital, passou a ser objeto de desejo no imaginário dos jovens. No âmbito universitário, nos diz Winocur (2009), essa socialização digital não se constitui apenas por exigências curriculares, mas toda uma cultura universitária, que compreende código de pertencimento, símbolos e circuitos de consumo cultura – ideias que nos remetem ao próprio surgimento do site da rede social *Facebook*, que surgiu no mesmo contexto universitário de socialização informática que acabamos de mencionar.

Outro ponto importante a ser ressaltado com relação ao celular é como, principalmente no caso das classes economicamente menos favorecidas, a porta de entrada para o “mundo digital” muitíssimas vezes têm se dado através do telefone celular (CASTRO, 2012). A internet, que antes só podia ser acessada através de um computador, pode facilmente ser acessada por *smartphones*, os quais têm um valor bem mais acessível. No caso do Brasil, em agosto de 2016, o país atingiu a marca de 252,1 milhões de assinaturas de telefonia celular⁴⁰, dos quais quase 70% usam o sistema pré-pago – dados que podem indicar, de acordo a Silva (2010b), uma rápida disseminação dos celulares entre as camadas populares. Ademais, segundo pesquisa da *GlobalWebIndex*⁴¹, o tempo que os brasileiros dispõem conectados à internet via *smartphones* triplicou entre os anos de 2012 e 2015, atingindo três horas e 40 minutos por dia

⁴⁰ Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/ncel.asp>>. Acesso em: 20 out. 2016.

⁴¹ Disponível em: <<http://www.globalwebindex.net/blog/fast-growth-nations-clock-up-the-most-hours-for-mobile-web-usage>>. Acesso em: 19 out. 2016.

– números que colocam o Brasil em terceira posição no mundo, perdendo apenas para a Tailândia e a Arábia Saudita.

Mais que uma porta de entrada para o digital, Silva nos mostra em sua tese de doutorado, defendida em 2010⁴², e desenvolvida junto a um grupo popular da cidade de Florianópolis (SC), como o celular, para aquela comunidade, representava – nas palavras de seus entrevistados – um “estar no tempo, estar no mundo”:

[...] possuir um telefone celular significava sentir-se incluído na lógica da modernidade globalizada. Ter um celular significa, assim, “estar no tempo, estar no mundo” diziam-me meus interlocutores, atestando desta forma a associação entre a posse de telefones celulares e um sentido daquilo que para eles significa “ser moderno” ou, mesmo, “ser alguém”. Assim, um primeiro ponto a ser considerado é o do papel dos telefones celulares na inclusão simbólica dos agentes sociais em uma lógica de modernidade marcada pela conectividade e pela interatividade (SILVA, 2010, p. 171).

Possuir um telefone móvel, significava, inclusive, a maior chance de conseguir um emprego. Uma das entrevistadas da pesquisa explicou como pode ser complicado arranjar um trabalho sem a posse de um celular – considerado tão relevante quanto o nome ou o endereço. O mesmo se passava com trabalhadores autônomos, que, com a posse de um telefone, viabilizavam e potencializavam a disponibilidade para novos trabalhos. “Para os interlocutores, de um modo geral, é importante justificar que ter um celular, nos dias de hoje, não é um luxo, mas sim uma necessidade” (SILVA, 2010, p. 180).

Já encaminhando a discussão para o final desta seção, gostaríamos ainda de reforçar que os resultados obtidos por WAJCMAN et al. (2008) – no que diz respeito à comunicação ser fundamental para práticas contemporâneas de intimidade na família, desenfazendo a presença física para o funcionamento do doméstico e criando *famílias sem fronteiras* – oferecem pistas importantes para a investigação aqui em curso. Reforçamos, igualmente, a ideia de que o telefone sempre foi importante na comunicação entre pais e filhos. A chegada dos celulares, contudo, alterou o sentido da comunicação e da disponibilidade dos membros da família. Ademais de retirarem a obrigatoriedade de cessar nossas atividades enquanto estamos falando com alguém – a mobilidade do celular proporciona fazer diversas outras coisas enquanto se fala ao telefone – os telefones móveis, enquanto ligados, nos colocam constantemente disponíveis.

⁴² SILVA, Sandra Rubia da. **Estar no tempo, estar no mundo: vida social dos telefones celulares em um grupo popular.** 2010b. 435f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/93615>>. Acesso em: 15 set. 2016.

Situação que leva a outra questão relevante para esta pesquisa: a ansiedade de não estar “localizável” ou a necessidade de estar permanentemente “localizável”, fatores intimamente ligados à necessidade de estender o ancoradouro doméstico e familiar no espaço público, como uma forma de combater as incertezas cotidianas e de levar consigo as certezas conhecidas e seguras do lar.

Antes de adentrarmos na seção dedicada às estratégias metodológicas, ressaltamos que o percurso que realizamos no Capítulo 3 deu foco especial ao computador e ao celular em virtude de serem os dois aparatos utilizados atualmente pelas *famílias sem fronteiras* pesquisadas por nós para se comunicarem.

4 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

“[...] as pessoas são sempre mais complexas do que a forma como aparecem retratadas em nossas pesquisas”.

Bruno Campanella e Fernanda Martineli (2010, p. 14)

Nesta seção falaremos sobre as estratégias metodológicas empregadas para o desenvolvimento deste trabalho, bem como as perspectivas teóricas que as norteiam. Apresentaremos, ainda, a descrição dos instrumentos dos quais lançamos mão, sua justificativa e o modo como foram utilizados na pesquisa de campo.

4.1 APROXIMAÇÕES ENTRE DOIS CAMPOS: A EMERGÊNCIA DA ANTROPOLOGIA DA MÍDIA

Refletir sobre as sociedades urbanas contemporâneas é tarefa quase impossível sem darmos um lugar de destaque para os meios de comunicação. “Eles podem ser uma valiosa porta de entrada para compreendermos os fenômenos sociais produzidos por seus nativos, assim como ajudam a desvendar seus *códigos e mapas*” (FERREIRA e TRAVANCAS, 2014, p. 623). Desse modo, segundo as autoras, eles precisam ser investigados na sua complexidade e riqueza para além de preconceitos e ideias pré-estabelecidas – “muitas delas baseadas em uma leitura superficial da obra dos pensadores da Escola de Frankfurt [...] para deixarmos de encarar a indústria cultural como um mal em si, focando no significado das mensagens, na elaboração

dos produtos e na interpretação de seus receptores” (FERREIRA e TRAVANCAS, 2014, p. 623).

Em artigo publicado em 2010, Campanella e Martineli refletem sobre as possibilidades de articulação entre os campos da Comunicação e da Antropologia, buscando pensar sobre as limitações e os benefícios da adoção de instrumentos, como a etnografia, e de conceitos fornecidos pela Antropologia, como religião, mito e ritual – entre outras categorias e métodos oriundos dessa área – nos estudos contemporâneos de comunicação. A reflexão vai no sentido de pensar como “a antropologia traz possibilidades analíticas que incorporam novas dimensões aos estudos dos produtos e processos comunicacionais, não restringindo o consumo midiático a estruturas sociais de ordem política ou econômica” (CAMPANELLA e MARTINELI, 2010, p. 1).

Nesta perspectiva emerge a antropologia da mídia, como um campo de estudos interdisciplinar que permite abordar os meios e comunicação a partir de sistemas culturais mais amplos de produção de sentidos, levando em conta sociabilidades e processos de interação mobilizados pelos meios, que reverberam no contexto social mais amplo.

A antropologia da mídia, enquanto um campo ainda em formação e pouco estudado no Brasil, constitui-se, acreditamos, em um lugar privilegiado para a investigação de processos comunicacionais – e há um crescente interesse do meio acadêmico em aproximar as áreas da Antropologia e da Comunicação. Um dos marcos iniciais dessa discussão é o texto *Anthropology and Mass Media* (1993), de Debra Spitulnik. Nele, a autora fala da constituição de um campo, então incipiente, demonstrando que a Antropologia pode contribuir para os debates sobre a mídia porque percebe os usos dos meios de comunicação de massa inseridos em uma dinâmica de realidade social mais ampla.

Spitulnik (1993) enfatiza, igualmente, a importância da integração das duas áreas para que se possa compreender como os meios de comunicação atuam sobre valores culturais em uma dada sociedade; como os meios de comunicação influenciam a constituição das identidades sociais e as transformações sociais, econômicas e culturais; como podem estruturar noções de tempo e espaço; que papel têm na formação de comunidades, grupos sociais, subculturas e, até mesmo, culturas nacionais. Ainda segundo a autora, há inúmeras maneiras de se abordar antropologicamente os meios de comunicação de massa: como instituições, lugares de trabalho, práticas comunicativas, produtos culturais, atividades sociais, formas estéticas e desenvolvimentos históricos.

No que diz respeito às tecnologias digitais em emergência no início da década de 1990, Spitulnik (1993) defende que, diante delas, as questões que se colocam para a Antropologia devem avançar, levando em conta as condições culturais mais amplas que possibilitam a expansão dessas mídias, bem como a economia política que impulsiona a circulação dos produtos midiáticos nos mais distintos contextos. Uma vez que a vida contemporânea é quase que inevitavelmente atravessada pelos produtos culturais veiculados nos meios de comunicação, uma atenção especial é despertada sobre os modos de produção e consumo desses discursos e as formas de representação social através dele replicadas.

Contudo, tal debate só ganha impulso nos anos 2000, com obras como *Media worlds: anthropology on new terrain* (2002); a série *Anthropology of Media* (2009); os debates impulsionados pela *European Association of Social Anthropology* (EASA), entre outros. Algumas aproximações, no entanto, já podiam ser vistas nos anos 1970⁴³, quando a Comunicação passou a interessar-se pela Antropologia – como é o caso dos pensadores da Comunicação e dos Estudos Culturais, que começaram, já nessa década, a utilizar conceitos e categorias tradicionais da Antropologia, tais como ritual, mito, religião e estrutura simbólica (ROTHENBUHLER, 2010), como é o caso de Hall e Jefferson (1976) e Silverstone (1981).

Outro momento importante a ser ressaltado é a chamada virada etnográfica dos estudos de audiência, nos anos 1980. Tal evento se constitui em um marco nos estudos de audiência, tendo como ponto de partida os Estudos Culturais. Sua preocupação recai em investigar mais o papel dos meios de comunicação na vida cotidiana do que o próprio conteúdo dos textos midiáticos, voltando sua atenção, principalmente, para os usos e apropriações dos meios pelos diversos grupos sociais. Estudos de recepção como os de Morley (1986; 1991), já mencionados aqui, por exemplo, começaram a incorporar preocupações mais amplas no que diz respeito às condições nas quais ocorriam o processo de consumo midiático.

⁴³ Do final desta década também são datados os primeiros trabalhos realizados em programas de Pós-Graduação de Antropologia sobre o universo da comunicação de massa no Brasil. Estes, porém, só ganham mais espaço dos anos 1990 em diante (FERREIRA E TRAVANCAS, 2014). A fim de refletir sobre como a Antropologia tem contribuído para uma análise mais fecunda do campo da Comunicação e quais as possibilidades futuras de articulação entre a Antropologia e a Comunicação, Travancas (2008) realizou uma pesquisa a respeito dos estudos produzidos em três Programas de Pós-Graduação em Antropologia no Brasil: Museu Nacional (UFRJ), Universidade de Brasília (UNB) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Segundo o levantamento, o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, o primeiro do país (implementado em 1968), teve, desde sua criação até o ano de 2008, 187 teses e 364 dissertações produzidas – dentre elas quatro teses e 13 dissertações têm como tema central a mídia. Já no Programa de Pós-Graduação da UFRGS, criado no início dos anos 1980, 174 dissertações e 35 teses haviam sido produzidas até 2007 – dentre elas sete dissertações e nenhuma tese tratavam da temática da mídia. E, por fim, o Programa da UNB, criado no início da década de 1970, de suas 237 dissertações defendidas a partir de 1974, apenas duas abordam a mídia e das 80 teses defendidas, apenas uma trata da comunicação de massa.

Como consequência, a etnografia, da qual a Antropologia tradicionalmente lançava mão, passou a ser utilizada também no âmbito da Comunicação com o intuito de compreender de que modo as práticas diárias do sujeito articulam os signos produzidos pelas mídias dentro de seu universo cultural. “É notável a ênfase metodológica na prática etnográfica que surge em primeira instância pela mão dos Estudos Culturais, com a denominada ‘virada etnográfica’, que traz uma contribuição fundamental para o estudo das audiências e recepções” (FERREIRA e TRAVANCAS, 2014, p. 640).

Há igualmente um cruzamento teórico entre os autores da antropologia da comunicação mais clássica com os da Escola de Chicago e de Palo Alto e do ritual e da interação – como Turner (1969), Goffman (1985) ou Park (1967) –, com as atuais propostas da *media anthropology*, que emergem no mundo acadêmico anglo-saxônico. Por outro lado, muitos trabalhos apresentam suas discussões apoiados em autores que trabalham as questões de identidade nacional, religiosidade, cultura popular, estudos de comunidade, gênero e antropologia do poder.

Jacks e Capparelli (2006) argumentam que, desde que Richard Hoggart realizou seu estudo sobre os usos da alfabetização, no começo da década de 1950, a etnografia passou a ser um tema relevante nos debates dos Estudos Culturais britânicos. Nas pesquisas em Comunicação, entretanto, sua importância foi reconhecida somente nos últimos 25 a 30 anos, ganhando vida própria com as experiências empíricas na área da recepção. A etnografia tornou-se, então, uma importante perspectiva técnica e metodológica para os estudos dos meios, enfrentando períodos de críticas e autocríticas e passando a ser considerada, até mesmo, uma alternativa epistemológica (DROTNER, 1993). Dessa convergência entre Comunicação e a Antropologia, e da contribuição de pesquisadores de ambas as áreas, vemos a construção de outro novo campo de estudos: a etnografia da audiência. “[...] o campo começa a se estabelecer, seguindo princípios metodológicos-chave desenvolvidos pela Antropologia, mas, fundamentalmente, dirigidos para os Estudos da Mídia e da Comunicação [...]” (JACKS e CAPPARELLI, 2006, p. 165).

As etnografias da mídia e da audiência focam nas distintas formas em que a mídia ganha espaço na vida cotidiana e na interação mediada que ocorre no dia a dia, seja apenas entre as audiências ou entre essas e as tecnologias e os fluxos midiáticos. A apropriação de instrumentos e métodos como a etnografia e de conceitos tradicionais da Antropologia, entretanto, é alvo de críticas por parte de alguns estudiosos mais conservadores, que consideram que essa apropriação pode ocorrer de modo pouco criterioso – a vocação interdisciplinar da

Comunicação às vezes é confundida com um sentido de falta de rigor teórico e metodológico. No que diz respeito às etnografias da comunicação, outro alvo de críticas tem sido a quantidade de tempo que os pesquisadores dedicam ao/no campo – para alguns antropólogos mais puristas, esse tempo não é considerado suficiente (CAMPANELLA e MARTINELI, 2010). Entretanto, defendem Campanella e Martineli, (2010, p. 8) “uma vez que nas etnografias da comunicação o pesquisador já está familiarizado com o contexto cultural dos informantes, não há necessidade de um longo tempo para o aprendizado da língua e de alguns códigos culturais”. Fato que requer atenção para uma outra questão: a impossibilidade de investigar um fenômeno de modo imparcial e totalmente despido de seus próprios valores e códigos morais; nesse caso – e assumimos aqui um compromisso em nossa pesquisa – é imprescindível que o pesquisador tenha consciência desse fato e coloque todas essas questões em diálogo.

Com o intuito de melhor aclarar o que tem se entendido por etnografia, apontamos, a seguir, algumas observações a respeito deste método de pesquisa. Para Angrosino (2009, p. 30), “a etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças”. Enquanto isso, o etnógrafo seria o investigador que observa, coleta e descreve o conhecimento da cultura material e imaterial de um determinado grupo (MARCONI e PRESOTTO, 2006). Fazer etnografia, implica mais que estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e chegar a uma descrição densa da complexidade e multiplicidade de estruturas do grupo estudado.

Segundo Clifford Geertz (1978), considerado o pai da antropologia interpretativa, a etnografia vai além disso, sendo um esforço intelectual único: é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos – utilizando-se da descrição densa, que, para Geertz, é um processo de interpretação que pretende e, espera-se que consiga, dar conta das estruturas significantes que estão por trás e dentro do menor gesto humano. Hine (2004) nos fala também que, através da etnografia, é possível compreender como as pessoas interpretam o mundo que as cerca e como organizam suas vidas nele. A experiência etnográfica pode ser considerada, além disso, a construção de um mundo de significados, os quais se formam a partir de sentimentos, de percepções e de inferências.

Se a Antropologia estava, até então, imbuída da ideia de “mergulhar” na cultura do “outro”, a fim de conhecê-la com mais profundidade, grandes mudanças surgem para o campo a partir das experiências da Escola de Chicago, especialmente desde a década de 1950, quando

as pesquisas passam a estar direcionadas aos grandes centros urbanos. A cidade, agora vista como laboratório social, passa a constituir-se, também, como campo fértil para pesquisas etnográficas. Desse modo, o pesquisador nem sempre terá a “terra estrangeira” como espaço de investigação, já que, muitas vezes, pesquisará a própria sociedade da qual faz parte.

Sobre isso, Roberto DaMatta (1978), que se tornou referência na antropologia brasileira, nos fala a respeito do ofício do etnógrafo, ou, conforme título de seu texto, em como ter “*anthropological blues*”. Explicamos: ao sair para o campo, às vezes é preciso que o pesquisador vivencie o *anthropological blues*, isto é, uma espécie de tristeza que é o resultado da sua tentativa de transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico. O primeiro movimento descrito pelo autor é o do pesquisador com a sociedade do “outro”, do diferente. É o encontro pessoal com outros códigos, outras lógicas, outras maneiras de viver e pensar. Já o segundo movimento – direção para a qual aponta nossa pesquisa – é o que envolve o antropólogo que decide pesquisar a sua própria sociedade, procurando encará-la de uma forma nova e com novos olhos, experimentando o estranhamento dentro da sua própria cultura. O etnógrafo habita, assim, em um tipo de mundo intermediário, sendo simultaneamente um estranho e um nativo, necessitando aproximar-se suficientemente à cultura que estuda para entender como esta funciona, sem deixar de manter a distância necessária para dar conta dela.

Conforme visto anteriormente, a partir dos anos 1980, a etnografia da mídia adquire significativo espaço no Brasil, passando a ser considerada uma alternativa epistemológica válida. Seguindo princípios metodológicos-chave desenvolvidos pela Antropologia e dirigidos para as análises da mídia e da Comunicação, a pesquisa etnográfica foi acolhida como fundamento relevante para os estudos da recepção de produtos televisivos, tal qual a telenovela (ANDRADE, 2010). Para Gomes (2004), a etnografia praticada nos Estudos Culturais cumpre a função de dar lugar às vozes silenciadas ou petrificadas nas análises de mercado e índices de audiência, já que o conhecimento baseado em dados estatísticos encobria as subjetividades nas relações dos sujeitos com as mídias e com as tecnologias dentro do espaço doméstico.

Neste contexto, uma das pesquisas pioneira no uso da etnografia é a de Ondina Fachel Leal, intitulada *A leitura social da novela das oito*, publicada em 1986, com base na sua dissertação de Mestrado em Antropologia Social, defendida em 1983. Neste estudo, Leal buscou compreender o lugar e o papel da televisão, especialmente da novela das oito, na sociedade brasileira, isto é, “perceber como este bem cultural [a telenovela], produzido pela indústria cultural, é assistido, escutado, incorporado, vivenciado, enfim, reelaborado a partir do cotidiano das pessoas [...]” (Leal, 1986, p. 7). Para tal, a pesquisadora estudou a recepção da

telenovela *Sol de Verão* – veiculada pela Rede Globo, em 1982, no horário das 20 horas – por famílias de dois grupos sociais distintos da cidade de Porto Alegre. As técnicas utilizadas por Leal foram entrevistas abertas, histórias de vida, observação participante e fotografia, além de a pesquisadora ter se deslocado para o espaço doméstico onde o programa era assistido – a observação de seu, inclusive, durante a assistência da novela pela família.

O pioneirismo de Leal, entretanto, não está apenas no uso da etnografia como método, mas também por relacionar a assistência de uma telenovela com a constituição da vida social, dotando de importância a recepção de um produto de entretenimento massivo, até então, desprezado pela academia. Outros pesquisadores brasileiros, influenciados pela bagagem advinda dos Estudos Culturais, também buscaram apropriar-se da nova possibilidade metodológica para os estudos da recepção televisiva, optando pela etnografia da mídia – como é o caso de Roberta Manuela Barros de Andrade, que, em sua tese de Doutorado em Sociologia, defendida em 2001 e intitulada *O fascínio de Scherazade: os usos sociais da telenovela*, realiza um estudo de recepção com moradores de Fortaleza em seus ambientes domésticos.

No que se refere a pesquisas com famílias que aproximam teórica e metodologicamente os campos da Comunicação e Antropologia consideramos importante destacar a pesquisa que James Lull realizou, na década de 1980, na China urbana, a qual caracterizou como uma etnografia da cultura e da comunicação. O estudo, publicado no Brasil em 1992⁴⁴, teve o intuito de situar o papel da televisão no contexto do desenvolvimento cultural, econômico e político da era comunista, e enfatizar o que ocorreu durante o período de modernização, começando no início dos anos 1980, quando a televisão penetrou na vida cotidiana das famílias chinesas.

Para tanto, Lull e a chinesa Se-Wen Sun, uma doutoranda da Universidade de Wisconsin-Madison, visitaram casas de famílias nas três maiores cidades da China – Shangai (onde foram entrevistadas 31 famílias), Beijing (30) e Guangzhou (14) – e um quarto município chamado Xian (10), realizando entrevistas com famílias, escolhidas de modo aleatório⁴⁵, em seu ambiente doméstico. As entrevistas aconteciam de modo coletivo, com um gravador multidirecional localizado no centro da mesa – onde geralmente ocorriam as entrevistas e em volta da qual todos eram convidados pelos donos da casa a se posicionarem – gravando as conversas/discussões.

⁴⁴ LULL, James. *A China ligada – televisão, reforma e resistência*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1992.

⁴⁵ No final da tarde, quando as pessoas começavam a retornar para casa, após a jornada de trabalho, Lull e sua assistente abordavam famílias nas ruas e as convidavam para participar da pesquisa. A participação, segundo Lull (1992), aconteceu em 87% dos convites.

Cada membro da família era questionado sobre sua idade, escolaridade, ocupação, tipos de programas de televisão que costumavam assistir e histórico da família em relação à televisão. Outras 13 perguntas eram direcionadas ao grande grupo, que conduzia, ele próprio, as discussões a respeito dos temas propostos pelos pesquisadores. A dificuldade do idioma enfrentada por Lull (e compensada por sua assistente) possibilitou que o pesquisador se ativesse a outros aspectos da incursão a campo, que diziam respeito às anotações (diário de campo) dos detalhes físicos das casas, das famílias e de seus membros. As conversas/discussões foram gravadas para posterior análise.

Em Family television: cultural power and domestic leisure (1986), trabalho anteriormente destacado nesse Projeto de Qualificação, Morley também realiza entrevistas gravadas com famílias. No estudo, o pesquisador centra sua atenção no consumo televisivo no universo familiar, recaindo sua atenção mais sobre os usos sociais da mídia que pelo conteúdo de programas televisionados. Para realizar sua pesquisa, que teve como amostra 18 famílias britânicas (todas contendo dois adultos e pelo menos duas dependentes com menos de 18 anos), o sociólogo realizou entrevistas em profundidade com cada uma delas, durante a primavera de 1985, para compreender como os indivíduos entendiam o papel da televisão em suas atividades de lazer. As entrevistas eram gravadas – e transcritas na íntegra para análise posterior – e tiveram duração entre uma e duas horas cada.

Inicialmente os adultos (pais) eram entrevistados e, após um tempo, em cada uma das entrevistas, seus filhos eram convidados a participar das discussões. Morley discute o fato de que, sendo as entrevistas conduzidas em família, muito possivelmente os respondentes sentiriam uma certa necessidade de desempenhar determinados papéis aceitos e que, certamente, entrevistas em separado trariam outras respostas. Todavia, explica o autor, “[...] eu estava precisamente interessado em como eles funcionavam enquanto *famílias*, em (e em oposição a) seus papéis” (MORLEY, 1986, p. 40).

Os estudos com família que temos mencionado nas últimas páginas se remetem a experiências com a televisão. Por mais que englobem a perspectiva de um sujeito que não é completamente passivo, ainda tratam de uma relação bastante focada no meio de comunicação, em si – e, por vezes, nas mensagens. As transformações que temos visto na comunicação nas últimas duas décadas, com a popularização das tecnologias digitais, nos colocam novas problemáticas metodológicas para a busca da compreensão dos processos comunicacionais atuais.

As tecnologias digitais têm proporcionado uma pluralidade ainda maior nas formas de comunicação e expandido o próprio campo de estudos da disciplina. E, para observá-los e compreendê-los, somos levados a retomar alguns elementos típicos da etnografia clássica – um retorno à observação na *comunidade*, que, no caso de nossa pesquisa, está representada pela família. Tratar de compreender as lógicas de um mundo permeado pela coexistência do online e do off-line – e de cotidianos familiares vividos nesses dois âmbitos/espços – tem exigido de nós a concepção de novas maneiras de olhar nossos objetos. Se, numa época, a etnografia bastou em algumas pesquisas para dar conta da realidade da comunicação – e se, por outro lado, a etnografia virtual (ou netnografia) tem dado conta de pesquisas que visam compreender as relações no espaço virtual – em investigações como a nossa, sugestionamos perseguir um caminho intermediário, que dê conta desta realidade “híbrida” a qual vivemos atualmente.

Neste contexto, e tendo em vista o alargamento do campo e as transformações nos objetos de estudo da Comunicação, tentamos com esta tese colaborar para a construção de novas formas de apreensão e compreensão dessa realidade, ou seja, novas formas para pesquisar esses novos objetos. Utilizamos, portanto, as ferramentas que estavam a nosso alcance, e que julgamos úteis para auxiliar-nos nesta empreitada. Ainda que saibamos que não chegamos a uma forma ideal, vale o apontamento para que outros estudos sigam também propondo e experimentando novas formas de aproximação desses objetos.

Retomando às famílias como cenário de pesquisa, e, desta vez, vislumbrando o horizonte das tecnologias digitais, temos o exemplo da investigação conduzida por Rosalía Winocur e Rosario Sánchez Vilela, entre os anos de 2011 e 2012 no Uruguai. O estudo – que deu origem ao relatório *Evaluación cualitativa de las experiencias de apropiación de las computadoras portátiles XO en las familias y comunidades beneficiarias del Plan Ceibal* e ao livro *Familias pobres y computadoras – claroscuros de la apropiación digital*, publicado este ano pela editora Planeta –, tratou da relação entre políticas de inclusão digital e famílias de baixa renda. A partir de um enfoque sócio-antropológico, a investigação buscou compreender as famílias e os entornos comunitários das crianças que receberam os computadores do *Plan Ceibal*⁴⁶, reconstituindo suas práticas com o dispositivo e indagando sobre os significados que os indivíduos outorgam à experiência da entrada dos computadores portáteis no ambiente

⁴⁶ O *Plan Ceibal* (*Conectividad Educativa de Informática Básica para el Aprendizaje en Línea*) é um programa pioneiro que distribuiu computadores portáteis a todos os estudantes de escolas públicas uruguaias com o intuito de reduzir a brecha digital existente no país. Desse modo, os computadores foram entregues para que os alunos pudessem utilizá-los em sala de aula, mas, também, em casa, socializando seu uso com o restante da família. O projeto faz parte da aplicação do modelo *Uno a Uno*, da OLPC (*One Laptop per Child*), defendido por Nicholas Negroponte durante visita ao país no fim do ano de 2006.

familiar. Nenhuma estratégia metodológica abarcou a família com um todo, tendo sido realizadas, por uma equipe de investigadores em todo o país, entrevistas individuais semiestruturadas com alguns membros de 125 famílias uruguaias e mais seis entrevistas conjuntas com líderes comunitários.

Entrevistas em profundidade também foram utilizadas por Silva e Pereira (2014), em sua pesquisa *Jovens, smartphones e relações familiares*, através da qual as pesquisadoras buscaram compreender a relação entre jovens usuários de *smartphones* (de uma escola estadual da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul) e suas famílias. Com uma pesquisa de inspiração etnográfica, conforme caracterizada pelas autoras, e com duração de sete meses, foram observadas as diferentes apropriações que os adolescentes de camadas populares fazem do *smartphone*. Ao todo foram realizadas entrevistas em profundidade com 16 jovens, entre 12 e 15 anos – além da observação de 137 alunos matriculados nas sétima e oitava séries.

A partir das entrevistas, as pesquisadoras puderam identificar que as relações familiares estão diretamente vinculadas com o uso que tais jovens fazem dos dispositivos móveis e no modo como são vistos e valorados os telefones celulares. “A história de cada um com sua família molda sua maneira de ver e utilizar o *smartphone*” (SILVA e PEREIRA, 2014, p. 1).

Do mesmo modo nossa pesquisa também buscará compreender como os usos e as apropriações das novas tecnologias de informação e comunicação estão relacionadas às questões familiares. Para realizar tal tarefa, gostaríamos de pontuar ainda que as estratégias metodológicas que aqui propomos vão ao encontro da experiência subjetiva dos sujeitos pesquisados, ou seja, buscam situar-se na experiência subjetiva dos mesmos. Portanto, mais importante que a observação do modo como utilizam as TICs para se comunicar com membros apartados da família é o significado que os indivíduos pesquisados atribuem a esses usos. Que significado dão às experiências de encontro virtual com a família?

A ideia, tal qual defendida por Winocur em artigo publicado na Revista de Ciencias Sociales - segunda época, em 2013⁴⁷, é que os entrevistados possam governar em seu relato o sentido das experiências e dotá-las de “significados a partir de sua intimidade e suas necessidades afetivas, e não como resultado das exigências práticas resultantes do manejo da tecnologia” (WINOCUR, 2013, p. 16). E é precisamente desse modo que pretendemos conduzir nossa pesquisa.

⁴⁷ WINOCUR, Rosalía. Etnografías multisituadas de la intimidad online y offline. **Revista de Ciencias Sociales**, segunda época, Buenos Aires, n.23, 2013. pp. 7-27.

Neste sentido, nos propomos a trabalhar tendo como horizonte norteador três operações (ou deslocamentos) epistemológicas, conforme propostas por Winocur (2013). A primeira diz respeito ao posicionamento da pesquisa, que deve situar-se na experiência subjetiva dos informantes, como exposto anteriormente, e não em sua experiência pragmática com as TICs. Já o segundo deslocamento epistemológico propõe a superação da dicotomia das práticas online/off-line para explicar as relações simbólicas entre as realidades presenciais e virtuais. De acordo a Winocur (2013, p. 20), a bibliografia dominante separa em dois âmbitos, online e off-line, a relação dos sujeitos com as tecnologias digitais; entre esses dois mundos, entretanto, “existe uma multiplicidade de referências afetivas e simbólicas que os imbricam mais além do fato do computador estar ligado ou desligado. O espaço de integração da operação física e emocional de *conectar-se* não se dá na máquina, e sim, no sujeito” (WINOCUR, 2013, p. 21).

Por fim, a terceira operação epistemológica traz a noção de que, na análise, é necessário transcender a explicação causa e efeito entre tecnologias e usuários, para situar-se no marco das transformações culturais mais amplas onde estão inseridas tais relações. Isto é, como dito anteriormente neste trabalho, o uso de tecnologias digitais não se explica pura e simplesmente como um impacto das múltiplas possibilidades oferecidas por seus programas e aplicativos, mas também como consequência de marcos sociais e culturais que encontraram nessas tecnologias um suporte simbólico ideal para expressar-se.

Desenvolvemos, portanto, nossa proposta nessa direção: levando em conta os aspectos abordados nesta seção, com vistas a concretizar uma pesquisa de inspirações etnográficas, e tendo por objetivo reconstituir as práticas e experiências de comunicação de famílias que possuem membros que vivem apartados. Para atingir tais objetivos, explicitamos, a seguir, nossas estratégias e instrumentos utilizados.

4.2 APROXIMAÇÃO E INTERAÇÃO COM AS FAMÍLIAS PESQUISADAS

O grupo pesquisado por este trabalho está composto por cinco famílias – que, mais adiante, serão descritas em detalhe – escolhidas através da técnica bola de neve (*snowball sampling*). Trata-se de uma técnica de amostragem não probabilística⁴⁸, utilizada em pesquisas

⁴⁸ A amostra não probabilista é obtida a partir do estabelecimento de algum critério de inclusão, e nem todos os elementos da população alvo têm a mesma oportunidade de serem selecionados para participar da amostra (BICKMAN e ROG, 1997).

sociais, na qual os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes, que por sua vez indicam outros e, assim, sucessivamente, até que se atinja o objetivo proposto.

Para a constituição do grupo estudado, buscamos a maior diversidade possível no que diz respeito à composição das famílias – seja em tipos de famílias (nuclear, monoparental, com chefia masculina ou feminina, extensa, etc.), número de membros, idade dos filhos, motivação e tempo de saída do núcleo original familiar, entre outros aspectos. Todas as famílias pesquisadas, entretanto, partilham de uma condição em comum: atendem às lógicas das *famílias sem fronteiras*, descritas anteriormente neste trabalho, especialmente no que tange às suas características de gerenciamento dos laços afetivos entre seus membros à distância.

Todas elas compartilham, portanto, dos desafios da manutenção da coesão familiar, apesar da distância geográfica que possa separar seus membros, e desenvolvem estratégias, apoiando-se nos meios de comunicação, para busca da manutenção e da continuidade dos laços afetivos e da intimidade. Possuem todas, portanto, ao menos um membro que vive apartado geograficamente do núcleo original da família, ou seja, mudou-se de sua cidade e/ou país natal para viver longe de seu núcleo familiar com o qual mantém relações filiais.

Nosso primeiro contato com cada família aconteceu através de um dos membros (filho ou filha) que fez dita mudança. A esses, denominamos *contato principal* e, a partir deles, contatamos outros integrantes, obtivemos informações sobre suas famílias, recebemos dados para análise de suas comunicações em grupo e tiramos dúvidas que tivemos durante a aplicação dos instrumentos de pesquisa e a análise e compreensão dos dados.

Vale lembrar que, em alguns casos, a família possui mais de um filho afastado. Optamos, então, ter como contato principal somente o primeiro membro contatado, estudando em detalhes sua experiência de separação da família e desenvolvendo um laço de confiança com esta fonte. Sabemos da importância do fortalecimento deste vínculo, especialmente em uma pesquisa como esta que se ocupa de experiências muito pessoais, emocionalmente profundas para os pesquisados e que adentra na intimidade das relações familiares.

A primeira comunicação com o contato principal de cada família se deu por telefone⁴⁹, entre os meses de março a julho de 2017, e teve por objetivo apresentar brevemente a

⁴⁹ Os contatos principais desta tese, na época em que participaram da pesquisa empírica, viviam atualmente nas seguintes localidades: Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC), Belo Horizonte (MG), Loughborough (Inglaterra) e Copenhague (Dinamarca).

pesquisadora e sua investigação, propondo a participação de suas famílias na investigação⁵⁰. Já em uma segunda ligação ao contato principal, após todos os membros da família terem consentido participação no estudo, pedimos que este falasse livremente, e a partir do momento histórico familiar que desejasse, sobre: a) a composição e a história de sua família, conforme a conhece; b) sua situação atual (onde vive e onde vivem seus parentes; se há ou não previsão de retorno à cidade de origem da família); c) as formas como tem se comunicado com os familiares.

Desta primeira conversa, que teve duração média de 40 minutos nos cinco casos, resultou um primeiro texto, ao qual chamamos *descrição densa*, com o objetivo de, e conforme a expressão já o qualifica, descrever detalhadamente cada família, justificando sua importância no contexto da investigação em curso⁵¹. Após, tais textos foram enviados aos contatos principais e lhes foi pedido que avaliassem a necessidade de retirar, acrescentar ou corrigir qualquer informação que, porventura, pudesse estar incorreta, incompleta ou que não gostariam que fosse divulgada.

Posteriormente, desenvolvemos um *protocolo de observação* – espécie de guia – para cada família, de acordo a especificidade de cada caso. Ou seja, para cada uma das famílias foi criada uma estratégia para o aprofundamento de seu estudo – explicitadas em detalhes no próximo capítulo desta tese.

Às famílias que possuíam grupos online para comunicarem-se entre si, foi solicitado ao contato principal a cópia do conteúdo de mensagens trocadas no período de uma semana – com o intuito de abarcar dias úteis e não-úteis, possibilitando a observação de possíveis padrões de interação de acordo aos dias da semana. Apesar de haver sido explicitado aos participantes da pesquisa que estes poderiam ocultar qualquer informação que desejassem neste material entregue à pesquisadora, nenhum optou por essa medida. Ao total, quatro das cinco famílias estudadas possuem ao menos um grupo online (no *WhatsApp*) do qual participam todos os membros do núcleo considerado como principal da família (com exceção de um avô que não possui celular) e através do qual se comunicam; e todas consentiram em fornecer o conteúdo das mensagens trocadas.

Ainda no âmbito de trocas online, as famílias possuem membros que se comunicam no *Facebook* – algumas de modo bastante intenso. Não através de grupos ou mensagens

⁵⁰ Além das cinco famílias pesquisadas, chegamos a contatar outras três, que, entretanto, não deram seguimento à pesquisa.

⁵¹ Tal descrição inicial foi complementada posteriormente com mais observações e informações levantadas nas entrevistas com os sujeitos pesquisados. As descrições podem ser vista no Capítulo 5 deste trabalho.

individuais nesta plataforma, mas, especialmente, de postagens e comentários em postagens. Tendo notado isso⁵², também pedimos aos sujeitos investigados autorização para o monitoramento de postagens com conteúdos cujas temáticas remetem à família e a interações entre seus membros. Alguns posts considerados importantes para a compreensão das dinâmicas familiares foram coletados e são mostrados (de forma anônima) no Capítulo 6 deste texto⁵³.

A apreciação do material coletado no período de uma semana aconteceu tendo em vista alguns “recursos” considerados por nós *a priori*. Seriam esses, possíveis recursos utilizados na comunicação entre os indivíduos da família com o intuito de manter um *status quo* qualquer, como recursos reparatórios, compensatórios, de extravaso de sentimentos e de afirmação de identidade. É necessário esclarecer que tais recursos emergiram a partir de: a) leituras prévias à pesquisa empírica; b) experiências anteriores com pesquisas de família; c) exploração inicial do campo com observação autoetnográfica proposta pela coorientadora durante período do Doutorado Sanduíche no exterior.

A observação dos referidos dados, bem como dos recursos recém citados, contribuiu para a emergência de categorias de análise⁵⁴, que, após, foram consolidadas com o instrumento base para este trabalho: a entrevista em profundidade. Ou seja, as entrevistas também serviram para adequar as categorias analíticas ao trabalho empírico.

As entrevistas em profundidade foram realizadas no segundo semestre de 2017 com todos os contatos principais e, de acordo à necessidade, com mais algum/alguns membro(s) de suas famílias. Elas tiveram duração entre 45 minutos e quatro horas⁵⁵ e se deram através de seis blocos temáticos, desenhados para servirem como guias norteadores das conversas, isto é, sem a necessidade de contemplarem todas as questões propostas para cada um deles. Vale ressaltar ainda que, como guias, as perguntas propostas serviram como abordagem metodológica e, em muitas ocasiões, mudaram ou fundiram-se para refletir ou adequar-se melhor às particularidades de cada uma das famílias. Elas estavam contempladas nos seguintes blocos temáticos: a) *Histórico Pessoal*, b) *Histórico laboral/educativo*, c) *Vida Familiar*, d) *História pessoal e familiar com as TICs*, e) *Processo de saída do núcleo familiar principal* e f)

⁵² Desde o início da pesquisa, já havíamos solicitado amizade nos perfis pessoais de nossos contatos principais na rede social *Facebook*.

⁵³ Importante ressaltar que essas observações conduzidas nos perfis pessoais no *Facebook* serviram apenas como ferramenta complementar às demais, no intuito de ampliar a visão sobre a comunicação online dos integrantes das famílias e auxiliar na compreensão das relações constituídas entre eles.

⁵⁴ As categorias de análise utilizadas para a compreensão dos dados coletados nesta pesquisa são apresentadas a partir da página 119.

⁵⁵ No caso mais longo foi necessário dividir a entrevista em dois dias, de acordo à disponibilidade do entrevistado.

*Experiências de comunicação com a família*⁵⁶. Todas as entrevistas tiveram seus áudios gravados para possibilitar nosso posterior acesso às falas dos entrevistados.

É importante aclarar ainda que o que se buscou com as entrevistas não foi uma construção de autobiografias individuais e familiares e, sim, a ativação, através do relato biográfico, das experiências e modos de ver e entender as dinâmicas das relações entre pais e filhos que se comunicam à distância, com a mediação de dispositivos tecnológicos. Sem dúvida, para mim⁵⁷, um esforço metodológico bastante exigente, já que significou adentrar em distintos territórios familiares – com diversas origens e sentidos –, além de um empenho bastante grande como investigadora, não apenas para a estruturação dos dados, como também para a interpretação dos mesmos à luz das categorias por nós propostas e das experiências vividas com cada um dos entrevistados.

Destacamos também que procuramos realizar o maior número possível de entrevistas ao vivo. Para os casos em que isso não foi praticável, em função da distância geográfica dos pesquisados, priorizamos as entrevistas por vídeo, *Skype*⁵⁸ ou *WhatsApp*⁵⁹. Apenas uma entrevistada – contato principal de uma das famílias – preferiu conversar por voz, enquanto outros dois precisaram ter o vídeo fechado durante a conversa por problemas de instabilidade na rede de internet. Vale ressaltar que notamos uma diferença na relação com os entrevistados a partir do momento em que começamos a nos comunicar com os mesmos por vídeo. Tendo em vista que os primeiros dois contatos foram realizados por voz, notamos que a imagem, apesar de produzir uma inibição inicial em todos os casos, parece ter acabado por gerar um comprometimento maior dos pesquisados com o estudo e com a pesquisadora.

Ao total foram feitas sete entrevistas: os cinco contatos principais da pesquisa (um ao vivo e quatro por vídeo), mais dois de seus familiares (um pai ao vivo e uma mãe por vídeo)⁶⁰. Vale lembrar que, em sua maioria, os contatos principais residem longe da pesquisadora, o que impossibilitou a comunicação face a face durante o desenvolvimento da pesquisa. Importante destacar também que, além de realizar anotações durante as conversas e entrevistas com os indivíduos pesquisados, após tais interações também elaborávamos um relato escrito sobre a

⁵⁶ Os blocos temáticos são apresentados em detalhe na página 105.

⁵⁷ Aqui mesclamos a primeira pessoa do singular e do plural.

⁵⁸ O *Skype* é um programa gratuito (*freeware*) que permite conversações simultâneas em áudio e vídeo usando computadores, celulares e *tablets*. Disponível em: <www.skype.com>.

⁵⁹ O *WhatsApp* é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz e vídeo. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão à internet.

⁶⁰ Chegamos a entrevistar, ao vivo, mais três pessoas (uma filha e seus pais) de uma sexta família que, entretanto, não deram continuidade à pesquisa.

experiência – uma espécie de relato de campo, ao qual chamamos de *diário de contato com as famílias*⁶¹, que passava, em um segundo momento, a compor um diário de campo, mais amplo, mantido por nós durante toda a pesquisa. Lá também anotávamos perguntas, dúvidas, pensamentos, considerações e novas informações acerca das famílias estudadas.

Em todos os casos foram feitos novos contatos com os entrevistados para tirar dúvidas, retomar alguns temas que julgamos importantes de serem desenvolvidos com mais profundidade e indagar sobre novos temas que surgiram ao longo da análise dos dados. Tais contatos foram feitos por *WhatsApp* (texto, voz e/ou vídeo).

As ferramentas utilizadas para a realização dos procedimentos recém expostos serão apresentadas em detalhe na seção a seguir.

4.3 FERRAMENTAS DE AÇÃO

Neste segmento apresentaremos as ferramentas utilizadas para incursão a campo no desenvolvimento empírico desta pesquisa.

4.3.1 Entrevista em profundidade: tomando o entrevistado como referência

Começamos por explicar o instrumento que consideramos o principal para o desenvolvimento deste trabalho, que é a entrevista em profundidade: “uma técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências dos informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (DUARTE, 2011, p. 62). Cremos que uma das principais virtudes dessa abordagem é a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e, ao entrevistador, ajustar livremente as perguntas ao longo da conversa com o entrevistado. Este tipo de entrevista, como coloca Duarte (2011, p. 62), “procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística”.

A entrevista em profundidade representa um recurso metodológico que busca recolher respostas, a partir da experiência subjetiva de uma fonte. Nesse processo, explica DEMO (2001, p. 10), “os dados não são apenas colhidos, mas também resultado de interpretação e reconstrução pelo pesquisador, em diálogo inteligente e crítico com a realidade”. Pode ser classificada em aberta – com questões não estruturadas – e semiaberta – utilizando-se de

⁶¹ Um exemplo deste tipo de relato pode ser visto no Apêndice C, nas páginas 226 e 227 deste texto.

questões semiestruturadas – sendo os dois tipos caracterizados pela flexibilidade e pela busca de exploração profunda dos temas abordados. O que as diferencia é que as abertas “são realizadas a partir de um tema central, uma entrevista sem itinerário, enquanto as semiabertas partem de um roteiro-base” (DUARTE, 2011, p. 64).

Para conduzir as entrevistas deste estudo, optamos pelo modelo de entrevista semiaberta, ou seja, que tem origem em um roteiro-base de questões que contemplam os interesses da pesquisa, organizados em *blocos temáticos*⁶², porém, sem ter a obrigatoriedade de respeitar uma ordem específica – conforme sugerem os modelos tradicionais de questionários ou entrevistas estruturadas (ROSENTHAL, 2014). Buscamos, sim, flexibilidade na condução das perguntas, tomando os blocos temáticos apenas como guias de referência, visando um princípio de abertura que permitirá que a entrevista parta de determinados temas de interesse e vá, ao longo da conversa abrindo espaço para novos questionamentos e aprofundamentos. O percurso é percorrido, assim, conjuntamente: um caminho construído em coautoria entre o entrevistado e a fonte. “Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas” (DUARTE, 2011, p. 66).

Tendo como inspiração a “entrevista ativa”⁶³, como caracterizam Gabriele Rosenthal (2014, p. 171) e Holstein e Gubrium (1995), – porém sem tornar as entrevistas deste trabalho totalmente abertas –, buscaremos conduzi-las tendo em vista o já mencionado princípio de abertura e tomando os entrevistados como referência. Isto é, tudo o que é dito, durante a conversa, interessa e é importante, em maior ou em menor grau, visto que as informações ajudam na compreensão do entrevistado, do grupo a que pertence, bem como às lógicas da cultura na qual está inserido. Desse modo, o entrevistador:

[...] não julga seu discurso [do entrevistado], suas atitudes, suas escolhas. Ele escuta. Ele não está em busca de uma resposta verdadeira, objetiva. O próprio fato de um entrevistado não querer responder uma questão, por exemplo, pode dizer tanto dele e de sua visão de mundo, quanto uma resposta (TRAVANCAS, 2011, p. 103).

Além disso, ainda inspirados no modelo das entrevistas ativas, levaremos em conta sua premissa de tomar como referência os códigos linguísticos dos entrevistados e a sequência, isto

⁶² As perguntas propostas para cada bloco temático podem ser observadas no Apêndice A deste trabalho.

⁶³ Para Holstein e Gubrium (1995), na entrevista ativa, todo significado é produzido em conjunto, na interação. Para eles, a entrevista não pode ser um “encanamento” para uma espécie de drenagem direta do saber disponível na fonte, a partir de perguntas que o pesquisador julgue adequadas. Para eles, em cada entrevista se produz uma forma específica de relação social entre entrevistado e entrevistador. Assim, a entrevista aberta ou ativa nos permitiria evidenciar os processos interativos da produção de significado e de conhecimento.

é, o curso da conversa, escolhidos pelos sujeitos pesquisados. Sobre isso, exemplifica Rosenthal (2014, pp. 173-174):

Se alguém que tenha vivenciado a Segunda Guerra se refere, por exemplo, ao “colapso de 1945”, outro ao “fim da guerra”, outro à “libertação”, podemos nos apropriar, enquanto entrevistadores, para as perguntas seguintes, dessas referências, que correspondem a leituras bastante diversas desse período. Estruturar o curso da entrevista tomando o entrevistado como referência [...] significa se deixar levar pela sequência temática espontaneamente proposta pelo entrevistado, significa respeitar mudanças repentinas de assunto e também de ritmo [...].

Nesse sentido, concordamos com a proposta de uma maior flexibilidade para os entrevistadores, para que possam desviar, se necessário, do roteiro e, dependendo do percurso da conversa, tenham a liberdade de abordar temas originalmente ausentes no planejamento – sendo sensíveis à importância dada pelos entrevistados às experiências relatadas e a ordem escolhida para o relato.

Se, por exemplo, uma entrevistada de origem libanesa, em uma entrevista sobre os acontecimentos de 11 de setembro de 2001, passa da descrição da experiência de assistir à queda das torres gêmeas pela televisão direto para um relato da sua vivência de guerra no Líbano, respeitar o princípio de abertura significaria, aqui, lhe indagar sobre essas vivências do conflito, ainda que, eventualmente, experiências de guerra não tenham necessariamente que ser tematizadas em entrevistas posteriores [com a própria entrevistada ou com os demais sujeitos pesquisados] (ROSENTHAL, 2014, p. 174).

Acreditamos, portanto, que os códigos linguísticos, as escolhas de palavras e até mesmo a ordenação da narrativa podem fornecer dados do significado que atribuem os entrevistados às experiências relatadas. Neste sentido, Morley (1996, p. 261) nos fala que a entrevista, além de permitir “que o investigador tenha acesso às opiniões e declarações conscientes das pessoas entrevistadas”, também propicia o “acesso a termos e a categorias linguísticas [...] em virtude dos quais as pessoas entrevistadas constroem seus mundos e a própria compreensão de suas atividades”. Neste sentido, e retomando a ideia de Winocur (2013), anteriormente explicitada neste trabalho, pontuamos novamente que as estratégias metodológicas vão ao encontro da experiência subjetiva dos sujeitos pesquisados, ou seja, ao significado que esses atribuem a tais experiências.

Abaixo explicitamos os objetivos de cada um dos blocos temáticos propostos para as entrevistas. Os mesmos também podem ser vistos de modo estruturado, ou seja, contendo todas as perguntas propostas, no Apêndice A – lembrando que, segundo os princípios de abertura que

utilizamos neste instrumento de pesquisa, não havia qualquer obrigatoriedade de contemplar todas as perguntas propostas, nem tampouco de seguir ordem específica durante as entrevistas.

Bloco temático 1:

O primeiro bloco temático, intitulado *Histórico Pessoal*, teve por objetivo conhecer um pouco mais sobre a história de vida do entrevistado através de sua narrativa, ativando sua memória e buscando compreender de que modo interpreta os acontecimentos de sua vida. A ativação da memória da infância como forma de introdução da entrevista mostrou-se uma maneira bastante efetiva de “quebra do gelo” inicial entre entrevistado e entrevistadora, possibilitando maior entrosamento entre ambos e fazendo com o que o primeiro se sentisse mais à vontade e começasse a gerar vínculo mais facilmente com a pesquisadora.

Em alguns casos, havia muita curiosidade e, por vezes, certa impaciência por parte dos entrevistados, que questionavam sobre o tempo que gastariam na entrevista. Notamos que também com esta inquietude o primeiro bloco foi de grande auxílio, já que, a partir do momento em que o entrevistado começava a falar sobre si mesmo, sentia prazer em contar sua história, fazendo inúmeras referências sobre seu passado, lembrando feitos e memórias e se esforçando para contar a versão de si mesmo que mais gosta, ou que acredita ser a mais fiel. O prazer antropológico de falar sobre si mesmo (KANT, 2006)⁶⁴, neste caso, auxiliou na despreocupação com relação ao tempo de entrevista – tanto que, por vezes, mesmo após a indicação do término da conversa, os pesquisados queriam seguir desenvolvendo assuntos e oferecendo histórias pessoais acerca dos temas tratados na entrevista.

Nesse primeiro bloco também foram feitas perguntas referentes à relação que o entrevistado tinha com seus pais e irmãos na infância e adolescência, sobre suas atuais rotinas, seus planos e sonhos, entre outros.

⁶⁴ Um estudo realizado por Diana I. Tamir e Jason P. Mitchell, no Laboratório de Cognição Social e Neurociência Afetiva da Universidade de Harvard (intitulado *Disclosing information about the self is intrinsically rewarding*), e publicado em 2016 no periódico científico *Proceedings of the National Academy of Sciences*, indicou que partes do cérebro ligadas ao prazer são ativadas quando alguém fala sobre si mesmo. Os autores descobriram que a região do cérebro provocada quando uma pessoa fala de si é a mesma ativada por comida, sexo, dinheiro e, até mesmo, algumas drogas. Os autores estimam que de 30% a 40% de tudo o que um indivíduo fala é basicamente autorreferente.

Bloco temático 2:

Já o segundo bloco, ao qual chamamos *Histórico laboral/educativo*, conforme o próprio nome o classifica, buscou saber mais sobre a formação e a situação laboral e educativa atual e passada do entrevistado e seus familiares.

Bloco temático 3:

Neste bloco, intitulado *Vida Familiar*, procuramos conhecer um pouco sobre o histórico e a situação atual das famílias, suas antigas e atuais rotinas, seus valores, como solucionam (e solucionavam) conflitos, que memórias seus membros guardam em relação às práticas e aos usos dos meios de comunicação em família, o que imaginam para suas famílias no futuro, etc.

Bloco temático 4:

A quarta seção da entrevista teve como temática a *História pessoal e familiar com as TICs*, visando explorar a relação que cada indivíduo pesquisado tem e teve com as TICs individualmente e, em família – bem como o valor que o entrevistado outorga a cada um deles. Indagamos, especificamente, a respeito do celular, do computador/*notebook* e da internet.

Bloco temático 5:

O bloco temático em questão teve por objetivo desenvolver o *Processo de saída do núcleo familiar principal*, indagando, especificamente, acerca do afastamento/saída de nossos contatos principais de seus núcleos originais familiares – como este se deu, quais os motivos, sob que circunstâncias e que consequências teve.

Bloco temático 6:

A última porção da entrevista, a qual batizamos *Experiências de comunicação com a família*, teve por meta evidenciar aspectos da atual comunicação entre os familiares que vivem apartados e buscar narrativas a respeito de momentos de interação com a família – com possíveis descrições de como estas se dão, através de quais meios, com que finalidades, entre quais membros, etc. Também nesta seção são realizados questionamentos a respeito dos momentos em que os membros da família se reúnem fisicamente.

4.3.2 Entrevista síncrona mediada pela internet

Para as entrevistas realizadas via internet, através dos aplicativos *Skype* e *WhatsApp*, com membros da família que não puderem ser visitados pessoalmente, tomamos o mesmo

caminho metodológico, não perdendo de vista, entretanto, a condição desta interação: mediada por internet. As entrevistas em profundidade se deram nos mesmos moldes, seguindo os referidos blocos temáticos propostos, e tendo em vista os mesmos pressupostos demonstrados na seção anterior. Nas próximas páginas, buscaremos, então, trazer para discussão algumas questões importantes a respeito da condução de entrevistas mediadas tecnologicamente.

A reflexão acerca da comunicação interpessoal mediada pela tecnologia tem há mais de um século o telefone como principal referência. O *Skype*, juntamente com outros provedores de tecnologia *VoIP* (*Voice over Internet Protocol*)⁶⁵, vem contemporaneamente redefinindo a noção de comunicação telefônica em todo o mundo (BRAGA e GASTALDO, 2012), inclusive, em pesquisas sociais:

A popularização de uma tecnologia como o *Skype* permite que se trabalhe digitalmente com dados, técnicas e métodos ligados à pesquisa qualitativa com som e imagem, oferecendo dados de contexto que permitem interpretações densas de fenômenos sociais, revitalizando a perspectiva etnográfica, de história oral e os estudos de recepção (BRAGA e GASTALDO, 2012, p. 6).

No livro *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva* (1991), Maria Isaura Pereira de Queiroz propõe uma discussão a respeito das implicações da possibilidade técnica de gravar depoimentos para posterior transcrição, já que o gravador possibilitou o desenvolvimento de uma importante vertente metodológica da pesquisa em ciências sociais e humanas: as histórias de vida ou história oral. Do mesmo modo, Braga e Gastaldo (2012, p. 7) acreditam que a introdução de um canal de vídeo em um meio de comunicação interpessoal “traz uma série de consequências para a pesquisa que adota este meio como instrumento de trabalho ou objeto de investigação”.

O *Skype* é um aplicativo para computadores que combina tecnologia *VoIP* com a organização de uma base de dados de participantes, aos moldes das redes sociais digitais. Criada em 2003, a empresa fundamentou sua popularidade na distribuição gratuita de seu sistema *VoIP*, o mais utilizado no mundo. Segundo a *Statistic Brain*⁶⁶, em 2016 o *Skype* conta com 74 milhões de usuários, sendo 560 milhões o número de usuários totais desde o seu lançamento.

Atualmente, o aplicativo possibilita chamadas usando o microfone e as caixas de som de um computador, *smartphone* ou *tablet*, ligando tanto para outros computadores conectados

⁶⁵ A tecnologia *VoIP*, viabilizada a partir da popularização das conexões domésticas em sistema banda larga (DSL), no início dos anos 2000, é um método para tomar sinais de áudio analógico, como os ouvidos através do telefone, e transformá-los em dados digitais que podem ser transmitidos pela internet.

⁶⁶ Disponível em: <www.statisticbrain.com/skype-statistics/>. Acesso em: 9 nov. 2016.

à internet quanto para telefones fixos e celulares de todo o mundo – além de possuir um sistema de mensagens instantâneas (via texto) e a possibilitar o envio de arquivos. O *Skype* permite ainda fazer teleconferências (por voz), conectando até 100 pessoas ao mesmo tempo, ou videoconferências, com até 10 indivíduos simultaneamente.

Já o *WhatsApp* ou *WhatsApp Messenger* se constitui em um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas – envio de mensagens de texto, imagens, vídeos, PDFs, etc. –, e chamadas de voz e vídeo⁶⁷. O *software* está disponível para *Android*, *BlackBerry OS*, *iOS*, *Symbian*, *Windows Phone* e *Nokia*. A empresa, homônima, foi fundada em 2009 por Brian Acton e Jan Koum e está sediada em Santa Clara, na Califórnia.

Competindo com uma série de serviços asiáticos, o *WhatsApp* cresceu de dois bilhões de mensagens por dia, em abril de 2012, para dez bilhões em agosto do mesmo ano. Em setembro de 2015, o aplicativo alcançou a marca dos 900 milhões de usuários ativos⁶⁸. Em janeiro de 2015, o *WhatsApp* passou também a ser utilizado pelo computador, através do navegador *Google Chrome*, e em fevereiro, também foi disponibilizado para usuários dos navegadores *Mozilla Firefox* e *Opera*.

Quando pensamos no uso do *Skype* ou no *WhatsApp* para a realização de entrevistas em profundidade, uma questão importante emerge: podemos considerar interação simultânea mediada por áudio e vídeo como uma interação face a face? Em *Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior*, de 1967, Erving Goffman – autor que dedicou especial atenção aos elementos formais da interação social – afirma que o objeto de estudo das interações sociais em situação natural é a classe de eventos que ocorre durante e por efeito da co-presença. Os materiais comportamentais seriam os olhares, os gestos, posicionamentos e declarações verbais que as pessoas continuamente colocam na situação. Ainda para o autor, um dos objetivos ao lidar com estes dados é descrever as unidades naturais da interação das quais eles são feitos, começando com os menores – fugazes movimentos faciais que um indivíduo pode fazer, por exemplo – e, finalizando, com temas mais amplos, apresentados ao longo da interação.

Lembramos, aqui, que muitos destes materiais interacionais significantes trazidos por Goffman estão disponíveis aos participantes de uma interação mediada por áudio e vídeo. Evidentemente, reconhecemos, entretanto, que a co-presença física, bem como elementos como

⁶⁷ Funcionalidade disponível a partir de 2016.

⁶⁸ Informação disponível em: <<https://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/09/04/whatsapp-atinge-900-milhoes-de-usuarios-ativos-mensais.htm>>. Acesso em: 20 set. 2017.

cheiros, tremores de mãos, suores, vestimentas ou posicionamento corporal não estão – ou estão parcialmente – acessíveis em uma interação mediada por internet. Mas, para compreendermos melhor se a referida interação pode ser considerada uma face a face, também é importante verificarmos o que se pode entender por “face”.

Para Goffman, face refere-se a uma dimensão moral do *self*, “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si (...), é uma imagem do self delineada em termos de atributos sociais aprovados” (GOFFMAN, 1967, p. 5). Desse modo, cada pessoa em interação com outras tem um conjunto de definições valorativas acerca de si mesmo para defender. É a esta tarefa de manter-se à altura da própria dignidade que o autor chama de *facework*⁶⁹. Uma série de ações estão relacionadas ao trabalho de face, como evitar lugares, pessoas e situações que possam colocar em risco a face a ser defendida, ou o uso de expressões rituais de interação como “com licença”, “desculpe”, “obrigado”, etc.

Desse modo, percebendo a face enquanto uma entidade moral, concordam Braga e Gastaldo (2012), muitos dos elementos componentes do trabalho de face podem ser não apenas presenciados, mas também gravados e analisados na interação mediada pelo *Skype*. “Mesmo que não haja co-presença *stricto sensu*, ainda assim existe nestas interações tecnologicamente mediadas um ganho substancial em qualidade e sutileza dos dados para quem lida com qualquer tipo de entrevista na pesquisa empírica [...]” (BRAGA e GASTALDO, 2012, p. 11).

Se uma interação mediada por áudio e vídeo está longe de se constituir em uma situação de co-presença física imediata, por outro lado, em sutileza e riqueza de informações está muito acima de uma entrevista gravada por telefone ou realizada via e-mail. Assim, explorar as múltiplas possibilidades desse meio técnico pode trazer vantagens de várias ordens para a pesquisa científica.

Outro aspecto importante de ser discutido é a presença da pequena tela com a imagem da câmera que cada participante da conversa por *Skype* pode visualizar no canto superior direito – com possibilidade de movimentação – de sua tela. Este elemento de *feedback* visual funciona como uma espécie de espelho, onde se tem acesso à imagem que o outro recebe. Tal recurso é fundamental no que Goffman chama de “manejo da impressão” (GOFFMAN, 1985). Esta área retangular em proporção 3x4 na qual a realidade está reduzida e através da qual é digitalizada e transmitida passa a ser uma espécie de “palco” durante a interação via *Skype*. A janela de *feedback* torna-se fundamental para corrigir problemas triviais como reflexos indesejados,

⁶⁹ Neste trabalho utilizaremos a tradução trabalho de face para nos referirmos ao conceito de *facework* de Goffman.

cabelo despenteado, roupa desarrumada, ou seja, para ajustes, manejos, controles da impressão que se quer causar no outro. O acesso a uma visão privilegiada de si mesmo permite monitorar, inclusive as expressões – faciais, gesticulares – utilizadas. É como falar com os outros como se tivesse sempre diante de um espelho (e com o descompromisso, ou melhor, a impossibilidade, de olhar diretamente nos olhos do outro, o que caracteriza uma considerável diferença para situações de encontro face a face).

Tal problemática a respeito da imagem de feedback foi apontada por pesquisadores do Canadá⁷⁰ em estudo empírico sobre entrevistas via *Skype* como um novo método de coleta de dados. Os relatos da investigação contam que alguns pesquisadores se surpreenderam ao perceber que olhavam para si mesmos muito mais do que para o interlocutor durante a conversa, perdendo as nuances de seus gestos e demais aspectos da comunicação não-verbal. Eles relatam o ocorrido como “uma distração que pode ser curada” (BERTRAND e BOURDEAU, 2010, p. 8).

Aprendendo com experiências de pesquisas anteriores e considerando os aspectos previamente discutidos em outros trabalhos, conduziremos as entrevistas via *Skype* acreditando ser esta uma forma eficiente de suprir a impossibilidade de entrevistar indivíduos importantes para a pesquisa. Conduzir entrevistas presencialmente pode ser particularmente difícil para pesquisadores cujos entrevistados estão geograficamente dispersos (SEDGWICK e SPIERS, 2009). Podemos verificar nos últimos anos um número crescente de opções para pesquisadores realizarem entrevistas – e diferentes métodos são cada vez mais necessários para acessar a amostra de pesquisa ideal (DEAKIN e WAKEFIELD, 2014).

Enquanto há um número substancial de literatura tratando da entrevista aos moldes tradicionais, face a face, e uma literatura ganhando corpo no que diz respeito a entrevistas por e-mail (do tipo assíncrona), há pouca discussão ainda a respeito do uso de entrevistas síncronas online e sobre pesquisas que se utilizam de múltiplas técnicas de entrevista em um único projeto de pesquisa (OPDENAKKER, 2006).

A disponibilidade de tecnologias baratas, e, até mesmo gratuitas, tornaram mais viável o potencial para conduzir entrevistas em áudio e vídeo online nos últimos anos. O *Skype*, como

⁷⁰ Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/profile/Catherine_Bertrand2/publication/256117370_Bertrand_C._Bourdeau_L._\(2010\)._Research_interviews_by_Skype_A_new_data_collection_method._In_J._Esteves_\(Ed.\)_Proceedings_from_the_9th_European_Conference_on_Research_Methods._\(pp_70-79\).Spain_IE_Business_School/links/00463521d569d741ff000000.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Catherine_Bertrand2/publication/256117370_Bertrand_C._Bourdeau_L._(2010)._Research_interviews_by_Skype_A_new_data_collection_method._In_J._Esteves_(Ed.)_Proceedings_from_the_9th_European_Conference_on_Research_Methods._(pp_70-79).Spain_IE_Business_School/links/00463521d569d741ff000000.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2016.

defendido anteriormente, é uma das opções de *softwares* disponíveis para facilitar tais comunicações. Para Deakin e Wakefield (2014), a entrevista online deveria ser tratada como uma opção viável para o pesquisador e não como uma alternativa ou escolha secundária quando entrevistas face a face não podem ser realizadas. As autoras afirmam que as entrevistas online podem produzir dados tão fiáveis e profundos como produzidos durante encontros presenciais. Apontamos tal visão sem, entretanto, entrar no mérito desta discussão, que não é tema deste trabalho. Vale ressaltar, porém, que para este estudo, utilizaremos a entrevista síncrona mediada por computador como técnica complementar à entrevista presencial face a face, para entrevistar aqueles membros da família que vivem em locais os quais a pesquisadora não tem acesso e, portanto, não podem ser encontrados presencialmente.

As entrevistas online representam uma forma de pesquisa mediada pela internet (do inglês IMR – *internet-mediated research*) que tem sido anunciada como uma nova fronteira metodológica, com grande potencial para coletar dados de forma inovadora (MADGE, 2010). Apesar de tais métodos de pesquisa online oferecem grande potencial metodológico e versatilidade para a pesquisa, ainda é diminuta a literatura sobre as tecnologias de informação e comunicação como um meio de pesquisa, e a aceitação de tais métodos tem sido limitada (MADGE e O'CONNOR, 2004) – especialmente os métodos assíncronos, que não serão utilizados neste trabalho.

A prática de pesquisa online está, portanto, em sua infância, o que significa que os pesquisadores são confrontados com dilemas em quase todas as fases do processo de pesquisa (MANN e STEWART, 2000). Apesar disso, há um crescente apoio para o uso de *softwares* online para a realização de entrevistas. Segundo Denscombe (2003), tem-se visto que a qualidade das respostas obtidas através da pesquisa online é muito próxima das produzidas por métodos mais tradicionais.

O *Skype* tem se destacado na referente literatura devido ao seu maior reconhecimento internacional em relação a outros aplicativos de *software* online disponíveis. Embora as entrevistas por telefone também tenham a capacidade de se comunicar em uma longa distância, o *Skype*, como visto anteriormente, oportuniza ao pesquisador ver seus entrevistados em tempo real. Videoconferências têm sido cada vez mais utilizadas como métodos de entrevista, especialmente onde a população da pesquisa está geograficamente dispersa (DEAKIN e WAKEFIELD, 2014). Para as pesquisas desenvolvidas pelas autoras, cujas experiências foram publicadas no artigo *Skype interviewing: reflections of two PhD researchers* (2014), o uso do aplicativo se deu, justamente, para proporcionar conversas com indivíduos de outra forma

inacessíveis. Apesar de reconhecerem que as entrevistas online podem mudar o sentido da entrevista, sobre sua pesquisa empírica relatam que em suas experiências com entrevistas via *Skype* a única diferença entre essas e as entrevistas face a face foi a proximidade geográfica.

Apesar de chegarem a essa conclusão, é tema de discussão das autoras as diferenças – e eventuais dificuldades – em se gerar o *rapport*⁷¹ com os entrevistados em pesquisa online. Mesmo que pesquisador e pesquisado possam se comunicar em tempo real em entrevistas por vídeo, tal comunicação não acontece em um ambiente físico compartilhado, o que significa que certos costumes e rituais – que possibilitam uma primeira aproximação e construção paulatina do relacionamento –, como cumprimentos com apertos de mão ou uma xícara de café antes da entrevista, ficam inviabilizados.

Outro fator que pode comprometer o *rapport*, tal como apontado pelas autoras, são os casos em que os entrevistados não “apareceram” – não ficaram online – para a entrevista no horário combinado: “Nas experiências de ambas as pesquisadoras no uso do *Skype* para entrevistas online houve abstenções. Abstenções podem enfraquecer o senso de *rapport* em desenvolvimento (DEAKIN e WAKEFIELD, 2014, p. XX)”. Para uma das pesquisadoras, o número de abstenções em entrevistas via *Skype* foi de 5%, enquanto que, para a segunda, esse valor chegou a 40%. Já as entrevistas face a face, para ambas, tiveram 100% de presença.

Apesar das autoras discutirem que a manutenção do compromisso com a entrevista é influenciada pela familiaridade que o entrevistado tem com o pesquisador – quando se conhecem previamente –, acreditamos que, no caso de nossa pesquisa, o fato de os entrevistados via *Skype* serem indicados por suas famílias pode reduzir as chances de abstenções. Daí, também, a importância de o encontro presencial ocorrer antes das entrevistas online.

4.3.3 Diário de campo – a pesquisadora em ação

Em *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*, Daniel Bertaux (2010, p. 39) nos diz que “na pesquisa de campo o pesquisador tem o cuidado de, antes de tudo, abrir seus olhos, seus ouvidos, sua inteligência e sua sensibilidade ao que poderá lhe ser dito ou mostrado [...]”. No mesmo sentido Pedro Demo (2012, p. 33) nos fala que o pesquisador qualitativo “observa tudo, o que é ou não dito: os gestos, o olhar, o balanço, o meneio do corpo, o vaivém das mãos,

⁷¹ Preferimos, aqui, utilizar o termo em inglês para denotar a conexão, ou a fluidez de comunicação, construídas entre entrevistador e entrevistado.

a cara de quem fala ou deixa de falar, porque tudo pode estar imbuído de sentido e expressar mais do que a própria fala, pois a comunicação humana é feita de sutilezas [...]”.

Para realizar tais tarefas, faz-se necessário que o pesquisador lance mão de alguns instrumentos que lhe deem suporte. Travancas (2011), ao discorrer sobre pesquisas etnográficas em comunicação, fala que o seu desenvolvimento é composto por três momentos distintos: o primeiro diz respeito ao levantamento bibliográfico e à leitura do material coletado nessas pesquisas. Já o segundo momento, ao qual nos deteremos um pouco mais, é constituído da elaboração de um diário ou caderno de campo – aqui, optamos pela primeira nomenclatura. A autora explica que o diário tem um papel fundamental, já que é nele que o pesquisador anotá as questões que o levaram a escolher aquele grupo e aquele tema, bem como as perguntas que tem em mente sobre o assunto e, principalmente, os registros descritivos de tudo o que vir e presenciar na terceira etapa – que corresponde à entrada do pesquisador em campo.

Na “pré-história” da Antropologia, o caderno de campo tinha inúmeras funções. O gravador hoje exerce uma que anteriormente era exclusiva do caderno: registrar entrevistas, eventos, conversas, músicas, liberando, em muitos aspectos, o olhar do pesquisador para o que está acontecendo ao redor (2011, p. 101).

Com o diário de campo, portanto, é possível registrar todos os dados passíveis de interpretação, permitindo sistematizar as experiências que serão posteriormente analisadas. Segundo Minayo (1993) nos diários de campo

constam todas as informações que não sejam o registro das entrevistas formais. Ou seja, observações sobre conversas informais, comportamentos, cerimoniais, festas, instituições, gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa. Falas, comportamentos, hábitos, usos, costumes, celebrações e instituições compõem o quadro das representações sociais (MINAYO, 1993, p. 100).

Fazer anotações que descrevem os espaços físicos, por exemplo, possibilitaram Oliveira (2014) – em sua pesquisa de cunho autobiográfico em uma comunidade Quilombola – entender significados e sentidos que paredes, cores, telhados, janelas, bancos, cortinas e retratos representavam para o grupo pesquisado. Em uma das entrevistas, como relata a autora, o espaço físico era marcado por folhinhas (calendários ilustrados) e fotografias. “Os ‘retratos’ nas paredes de amigos e pessoas da família – alguns/mas já não estavam vivos/as – mostravam que: ‘Aquilo que é essência da cultura, o poder de tornar presentes os seres que se ausentaram do

nosso cotidiano” (BOSI, 2008, p. 25 apud OLIVEIRA, 2014, p. 80). Aqueles sentidos e significados não captados pelo gravador foram registrados no diário de campo.

O diário de campo potencializa o exercício da escrita e da reflexão e, segundo Molon e Pinho, torna-se uma fonte inesgotável de produção de sentidos, já que é o guardião das anotações que são constantemente relidas, das intervenções no cotidiano que são construídas, reconstruídas e desconstruídas e que possibilitam também reelaborações teóricas (MOLON e PINHO, 2011). Nesse sentido, esse instrumento configura-se como um dispositivo de registro das temporalidades cotidianas vivenciadas na pesquisa, ao potencializar a compreensão dos movimentos da pesquisa e do grupo estudado. Desse modo, pretendemos durante essa pesquisa construir o diário de campo para que seja o lugar de registro dos movimentos, das leituras, dos tempos, espaços e das observações. O etnógrafo, segundo Geertz (1978, p. 14), “inscreve o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente”.

A prática do diário de campo como instrumento de registro de informações na pesquisa científica ainda é relativamente recente (OLIVEIRA, 2014), embora sua existência seja anterior ao uso científico. Foi no século XIX, fecundo para o surgimento de novas ciências, que este instrumento passou a ser utilizado por pesquisadores. Os sociólogos Hess e Weigand (2006) ressaltam o fato de o diário remontar às origens da escrita. Nas suas diversas formas, alguns

são mais narrativos (eles reportam ao dia a dia, às atividades de troca) ou psicossociológicos (trazendo a vivência e o que é concebido de um grupo). O diário é uma ferramenta eficaz para quem quer compreender sua prática, refletir, organizar, mudar e torná-la coerente com suas ideias. O objetivo do diário é guardar uma memória, para si mesmo ou para os outros, de um pensamento que se forma ao cotidiano na sucessão das observações e das reflexões” (p. 17).

Hess ainda ressalta que, por serem os diários escritos “[...] sempre no momento, onde vivemos ou onde pensamos” (2006, p. 18), eles conservam o modo pelo qual somos impactados, conservam a força dos sentimentos que nos despertam, sem que haja um distanciamento entre o que sentimos e vivemos e o que escrevemos. Desse modo, os diários trazem à tona a experiência do relator.

Para fins deste trabalho, compreendemos que as entrevistas, mesmo gravadas, precisavam de anotações complementares, seja dos gestos, “descrição das pessoas, objetos,

lugares, atividades, acontecimentos e conversas” (BOGDAN e BIKLEN, 1994), seja dos registros dos saberes práticos, experiências e contextos que emergiram nas interações com os sujeitos pesquisados. Para Bogdan e Biklen (1994, p. 152), as notas de campo consistem em dois tipos de materiais: “o primeiro é descritivo, em que a preocupação é captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas”. Já o outro “[...] é reflexivo – a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as ideias e preocupações”. Para Hess (1996), o diário de campo – que foi, segundo ele, uma técnica indispensável em suas pesquisas – é uma passagem que permite ao pesquisador estar claro com suas próprias ideias. Local onde os funcionamentos do “foro íntimo” e “do fórum exterior” estabelecem conexões.

No diário, do qual fizeram parte também todos os “relatos de campo” (anotações feitas após todas as interações com os pesquisados), foi registrado tudo aquilo que ouvimos, vimos, sentimos e experienciamos na pesquisa de campo – seja nas casas das famílias estudadas, durante as conversas por vídeo ou mesmo em momentos de reflexão durante todo o período da pesquisa empírica. Seguindo os passos de Oliveira (2014), para quem a memória foi um dispositivo essencial para tais registros em sua pesquisa em uma comunidade Quilombola, e de Bogdan e Biklen (1994), nos propomos ao exercício de registrar todas as impressões e aspectos não captados pelo gravador no dia das visitas ou entrevistas. “Havia aspectos que o gravador e o vídeo não captavam. Cheiros, sabores, olhares, sorrisos, gestos corporais, impressões e comentários, ditos antes e depois da entrevista narrativa [...]” (OLIVEIRA, 2014, p. 75).

Nesse sentido, acreditamos que os registros do diário de campo potencializaram a compreensão das famílias pesquisadas, complementando as informações captadas no discurso de seus membros durante as entrevistas e na análise dos conteúdos por elas compartilhados em seus grupos online. Na pesquisa com famílias, para Jacks e Capparelli (2006, p. 33), o uso do diário de campo é fundamental: a família “é uma comunidade hermenêutica, estética, afetiva, de consumidores, e de poderes reticulares desnivelados, que, para se tornar observável, necessita de diversas técnicas e instrumentos, com destaque para o diário de campo”.

É verdade que cada investigador tem a sua própria metodologia para a produção do diário de campo. Algumas dicas, entretanto, nos são oferecidas por Oliveira (2014). Uma delas é o aproveitamento do tempo em que estamos aguardando os participantes da pesquisa (devemos chegar, preferencialmente, com antecedência) para verificarmos as condições do local, organização técnica e de nossas ideias, reconfigurar possíveis imprevistos, etc. O trajeto até o local combinado também é um bom momento para isso, segundo a autora para anotações e organizações mentais: “[...] transportes públicos, são também um bom espaço para anotações

(escrevi algumas notas nos trajetos que fiz; utilizei, na maioria das vezes, o transporte que levava/leva os professores/professoras da sede para o distrito e vice-versa” (OLIVEIRA, 2014, pp. 83-84). Vale lembrar também que, no diário, ainda podem ser incluídas novas ideias, *insights*, frases importantes de entrevistados, mapas, esquemas, palavras-chave, percepções, observações a respeito do ambiente e dos sujeitos pesquisados, novas perguntas que surgem ao longo das entrevistas, etc.⁷².

La Pastina (1999) também fornece dicas a respeito de seu processo em campo durante sua pesquisa de Doutorado, entre os anos de 1996 e 1997. O pesquisador, que viveu por 13 meses na comunidade a qual estava estudando – um pequeno município no interior do Rio Grande do Norte – queria compreender como se dava a recepção de telenovelas no local. Para isso, acompanhou toda a transmissão de *O Rei do Gado*, veiculado pela Rede Globo. Sem questões pré-concebidas, La Pastina foi, primeiro, a campo, e, de suas entrevistas e anotações (diário de campo), emergiram as questões e categorias com as quais ficou trabalhando durante dois anos até a produção do texto final da tese.

O autor conta que seu diário era dividido em três partes: uma primeira na qual escrevia tudo o que aconteceu durante o dia; numa segunda, onde escrevia possíveis dúvidas que lhe acometiam, como coisas que não compreendia, outras que gostaria de voltar a perguntar a seus entrevistados, ou mesmo lembretes de coisas e/ou reflexões a fazer sobre tópicos específicos; e, por fim, a terceira parte tinha por objetivo abarcar teorias, metateorias e questões teóricas que ajudariam a explicar o que estava vivenciando/percebendo. Além disso, La Pastina (SIFUENTES, 2014, p. 131), que assumidamente não gosta de rotinas, ressalta que a coisa mais importante no fazer etnográfico é a rotina: “a rotina permite que as pessoas contem com você de uma forma previsível, que as pessoas entendam como você entra naquela comunidade, que você faz parte daquela comunidade”.

Em momento posterior às anotações no diário de campo, criamos uma tabela – que têm como base as orientações de Bogdan e Biklen (1994) sobre notas de campo e como inspiração os trabalhos de La Pastina (1999) e de Oliveira (2014) – no intuito de que auxiliassem na organização dos registros. O objetivo foi que este recurso oportunizasse maior fluidez na leitura

⁷² Alguns autores sugerem que o diário de campo seja dividido em duas colunas: em uma, o pesquisador pode incluir tudo o que diz respeito às suas observações, e, na outra, as suas conclusões/respostas preliminares ou hipóteses. Ao fim do dia de ida a campo, também é recomendado que o pesquisador retome suas anotações e escreva possíveis reflexões.

e interpretação de anotações significativas para a análise dos dados de campo e escrita do texto final da tese. O modelo proposto pode ser apreciado no Apêndice B deste trabalho.

Fará parte do diário de campo, também, e como dito anteriormente, os relatos de campo produzidos após cada interação com os pesquisados – presencialmente ou online. Estes foram feitos através de escrita livre, o mais brevemente possível após os encontros com os entrevistados. O relato de campo, conforme o entendemos aqui,

vem dar espaço à subjetividade do pesquisador que [...] é capaz de captar impressões e levantar questionamentos com base aos fatos, contextos e ambientes observados. Além disso, o Relato de campo é o espaço reservado para as críticas e autocríticas em relação à aplicação dos instrumentos de pesquisa em campo, proporcionando um espaço de expressão e posicionamento analítico”. [...] Observações acerca do ambiente e dos sujeitos pesquisados encontram espaço no Relato de campo para serem descritas conforme o pesquisador bem entender (BIANCHINI e SIFUENTES, 2015, p. 10 e p. 9).

Produzidos imediatamente após cada encontro físico ou virtual, compreendemos o relato de campo como narrativas, ou seja, não consistem em transcrições de atividades gravadas nem em relatórios descritivos, mas em narrativa sobre o modo como fomos afetados, como nos sentimos, como compreendemos e como nos posicionamos em relação às vivências narradas e às experiências durante a incursão a campo. Compreendemos que o relato de campo é, deste modo, o instrumento que dá mais espaço à subjetividade da pesquisadora e onde as primeiras relações/conexões para uma pré-análise começam a ser feitas, ainda que de modo bastante prematuro e intuicional.

“A pesquisa voltada para a experiência coloca em cena necessariamente, a estrutura do saber narrativo [...]” (Schmidt, 1990, p. 37). O relato de campo – bem como o diário, como um todo –, enquanto narrativa, “[...] faz circular a palavra, concebendo a cada um e a todos o direito de ouvir, de falar e protagonizar o vivido e sua reflexão sobre ele” (MORATO e SCHIMIDT, 1999, p. 127). O leitor a quem o diário dá direito de ouvir, neste caso o próprio pesquisador, permite revisitar a voz de sua experiência, marcada pelo impacto do momento, oferecendo a oportunidade de um rico diálogo com seus pressupostos teóricos e pela própria questão que instigou o início da pesquisa.

Lançando mão das ferramentas e das experiências dos estudos anteriores aqui apresentados, desenvolvemos o diário de campo ao longo de toda a pesquisa empírica. Ressaltamos ainda que reflexões, questionamentos e experiências pessoais começaram a ser

registrados desde o início da revisão bibliográfica desta tese – exercício autoetnográfico que vem compondo um diário desde o início da pesquisa e que foi de bastante utilidade nas primeiras incursões a campo.

4.4 CATEGORIAS ANALÍTICAS: EM BUSCA DA COMPREENSÃO DOS PROCESSOS COMUNICACIONAIS ENTRE MEMBROS DAS FAMÍLIAS PESQUISADAS

Tendo explicitado nosso campo, corpus de estudo e ferramentas utilizadas, a seguir apresentamos as categorias analíticas que embasaram o trabalho empírico – desde a definição e construção das ferramentas a serem utilizadas, até tornarem-se eixo central da análise dos dados levantados em campo. Como dito anteriormente, as categorias de análise pré-concebidas foram adequadas, expandidas, remodeladas e consolidadas durante o trabalho de campo (desde o primeiro contato com as famílias, passando pela observação de suas interações em grupos e redes sociais, até, e principalmente, com a aplicação das entrevistas). Ademais, é através de tais categorias que buscamos a compreensão dos processos comunicacionais presentes nas famílias pesquisadas.

Sabemos que os indivíduos pesquisados se comunicam de maneiras diferentes, com competências e tempos distintos – tanto no que se refere a continuidades/descontinuidades nas interações, aos padrões que essas seguem e ao tempo individual de apropriação das ferramentas. O que eles têm, entretanto, em comum, é a vontade e/ou necessidade de se comunicarem, para a manutenção e nutrição dos laços afetivos que têm entre si.

Tendo em vista tais fatores, as categorias de análise que propusemos para esta pesquisa auxiliaram na compreensão das trajetórias individuais e familiares que fizeram/fazem com que seus membros chegassem a um lugar comum de comunicação, ou seja, com que as dinâmicas de comunicação familiar ocorressem de determinadas formas – coerentes com suas trajetórias histórico-biográficas. Em outras palavras, as categorias ajudaram a enxergar marcas da história e das experiências familiares na comunicação de seus membros mediada pelas TICs.

A seguir apresentamos uma definição sucinta de cada uma dessas categorias, além de explicitarmos como estas se desdobram em unidades de análises observáveis na execução do trabalho de campo.

1) Padrões de interação

Esta categoria preconiza a observação de padrões de interação entre os integrantes das famílias. São consideradas questões como:

a) horários, frequência e tipos de interação;

b) padrões de resposta;

c) regras e protocolos tácitos e explícitos na comunicação em grupo⁷³;

d) comunicação contingente;

e) estratégias de comunicação (o que facilita e o que dificulta a comunicação entre os membros);

f) administração e negociação de conflitos: como se configuram os consensos nos grupos, como lidam com espaços de divergência – aparecimento de subgrupos, conversas paralelas;

g) espaços de interação e de negociação;

h) negociação de espaços coletivos;

i) padrões mais regulares de interação.

Além disso, a categoria considera a possibilidade da existência de recursos utilizados para neutralizar/amenizar a relação e os vínculos entre os integrantes em comunicação na família, quais sejam: reparatórios, compensatórios, de extravaso de sentimentos e de afirmação de identidade.

2) Processos de apropriação das TICs

Diz respeito à identificação de processos de apropriação das TICs em âmbito familiar e ao longo do tempo (dispositivos – *hardware* – e ferramentas – *software*). Ou seja, à capacidade

⁷³ Toda a comunicação humana obedece a certas regras e protocolos implícitos ou explícitos, observados e gerados de modo consciente ou inconsciente, de acordo aos ambientes em que ocorrem, ao grau de proximidade/intimidade que se tenha com os demais partícipes e de acordo aos *status quo* que se queiram manter para preservar o equilíbrio e a manutenção dos laços entre as pessoas envolvidas. Na comunicação online – *WhatsApp* e *Facebook*, no caso das famílias por nós pesquisadas – também novas regras, protocolos e “etiquetas” se criam – de acordo ao funcionamento de cada família e as especificidades de cada ferramenta tecnológica. Que regras são essas? Como elas se instituem? Que danos podem causar quando não são seguidas? Neste sentido, nos perguntamos, por exemplo: que impacto tem na família a saída de um de seus integrantes de um grupo familiar de *WhatsApp*?

que os indivíduos têm de apropriar-se e incorporar as tecnologias em sua vida cotidiana, de tal maneira que, primeiro, reflitam sua vontade de fazê-los próprios e, posteriormente, os assimilem através de uma mudança em suas práticas culturais (SILVERSTONE e HIRSCH, 1996). Retoma, portanto, o processo de domesticação das TICs (em âmbito familiar), exposto no Capítulo 3 deste trabalho, no qual identificamos quatro fases: apropriação, objetificação, incorporação e conversão.

Além disso, esta categoria auxilia na compreensão de como a inserção/incorporação de novas tecnologias na família influencia no modo como seus integrantes se comunicam e que aspectos histórico-culturais individuais e familiares fazem com que a família opte por um ou outro dispositivo/ferramenta de comunicação. Bem como de que maneira os dispositivos tecnológicos incorporados modificam as práticas familiares relacionadas à comunicação.

3) Processos de socialização

Esta categoria refere-se aos processos de socialização observados na comunicação entre os membros da família. Para isso, consideramos o online e o off-line como dois espaços reais para a vivência do cotidiano familiar, mas que funcionam através de continuidades e descontinuidades – e que podem servir, ou não, como espaços neutralizadores dos embates inevitáveis da convivência ou da manutenção dos vínculos gerenciados à distância.

Tendo feito esta consideração, lançamos mão de alguns questionamentos pertinentes ao tema em questão que auxiliaram na compreensão dos referidos processos de socialização:

a) Considerando o cotidiano virtual das famílias (mediado pelas TICs), como este se torna um espaço de retroalimentação da convivência presencial e vice-versa?

b) Como o presencial se une ao digital, e vice-versa, e como isso ajuda a gerenciar o cotidiano das famílias?

c) Como a lógica do “estar junto”, em momentos de “festejo”⁷⁴, se relaciona com o cotidiano de comunicação à distância e vice-versa? Como estes se complementam?

Além disso, esta categoria observa que papel desempenha o entretenimento na comunicação familiar em grupo (no *WhatsApp* e *Facebook*), isto é, como os indivíduos se

⁷⁴ Aqui nos referimos a momentos em que a família se encontra, seja por motivos de datas comemorativas (aniversários, casamentos, batizados, etc.) seja para o “festejo” do “estar junto”, da convivência (por exemplo em almoços, jantas, churrascos, férias, etc.).

relacionam através do entretenimento e que tipo de “lubrificante social”⁷⁵ este representa na interação entre os familiares.

4) Processos de significação e ressignificação

Categoria que busca indagar sobre os significados pessoais e familiares que as ferramentas de comunicação vão adquirindo através de seu uso e das práticas cotidianas que se conformam e se sustentam através delas – e também como vão se ressignificando à medida que são incorporadas. Que rastros a presença dessas TICs vão deixando na vivência do cotidiano (on e off-line) da família e em sua estruturação e organização.

5 AMOR À DISTÂNCIA: A TRAJETÓRIA DE FAMÍLIAS QUE POSSUEM MEMBROS APARTADOS

Vivemos em um mundo em que é frequente que as pessoas queridas se encontrem distantes, e que nos sintamos distantes daqueles que vivem ao nosso redor.

Ulrick Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (2012, p. 5)

Neste capítulo aprofundamos ainda mais nosso corpus de pesquisa. Apresentamos, em um primeiro momento, as características gerais do grupo de famílias pesquisado e, após, detalhamos cada uma dessas unidades familiares através das descrições densas elaboradas. Explicitamos também o protocolo de observação concebido para cada uma delas e as ferramentas metodológicas utilizadas para o aprofundamento de seu estudo.

⁷⁵ Aqui faz-se uma referência e uma analogia ao termo “lubrificante social” utilizado por Wainberg em diversas ocasiões. Uma delas foi para designar a função social da bebida alcoólica – mais especificamente a cerveja – que, segundo o autor (2017), desempenha um papel social de “lubrificante”, amenizando e facilitando conversas e a aceitação das opiniões/posicionamentos alheios, etc. O autor também utiliza o termo para designar o uso da emoção por grupos políticos que se autodenominam revolucionários na difusão de suas causas (2013); e para referir-se ao medo (em entrevista concedida ao site *Terra*, em 11 de setembro de 2011), que funciona como um propulsor da atenção do público à mídia e, segundo ele, servindo como um “lubrificante social”.

5.1 O GRUPO DE FAMÍLIAS PESQUISADAS

O grupo pesquisado por este trabalho está composto por cinco famílias que possuem membros que vivem geograficamente distantes de seu núcleo original, ou seja, longe da cidade onde este reside, e com o qual mantém relação filial. As cinco foram originadas no Brasil e todas possuem seus progenitores vivendo no país. Apenas uma delas possui um pai, vivendo na Europa (Espanha), porém ele não é considerado por seu filho (nosso contato direto para a pesquisa) como fazendo parte do núcleo principal⁷⁶ de sua família.

Duas entre as cinco famílias possuem membros (filhos) que vivem em outros países; quais sejam: Dinamarca (situação, inicialmente temporária, mas com possibilidade de tornar-se permanente) e Inglaterra (situação permanente). Duas possuem filhos vivendo em Estados diferentes ao de seu núcleo principal e uma tem filha residindo no mesmo Estado, em cidade diferente da dos pais⁷⁷. Em alguns casos, conforme será apresentado em detalhe posteriormente, os meios de comunicação utilizados pelas famílias para se comunicarem mudaram desde a saída dos filhos da casa dos pais – especialmente naqueles em que a partida se deu antes da popularização dos *smartphones* e/ou da internet. Atualmente, os membros das famílias estudadas se comunicam através dos seguintes dispositivos e ferramentas: *WhatsApp*, *Skype*, *Facebook* e ligações telefônicas, e, em poucos casos, e-mail.

Com relação à escolaridade, dos cinco contatos principais da pesquisa, três possuem Ensino Superior Completo e dois estão com os respectivos cursos em andamento – ou seja, 100% têm Graduação completa ou prestes a completá-la. Apesar de nem todos os progenitores possuírem Ensino Superior, chamou atenção que todos os seus filhos maiores de idade (inclusive os que não mantiveram contato direto com a pesquisa) possuem um Diploma de Graduação. Percebemos que no universo das famílias pesquisadas, sem exceção, a questão do estudo se revelou um fator muito importante – motivo de afastamento de três dos cinco entrevistados desta pesquisa⁷⁸ –, visto como forma de melhorar ou manter um bom padrão de vida. Quanto à escolaridade dos pais, esta variou entre Ensino Médio até Ensino Superior Completo e, em alguns casos, com Pós-Graduação.

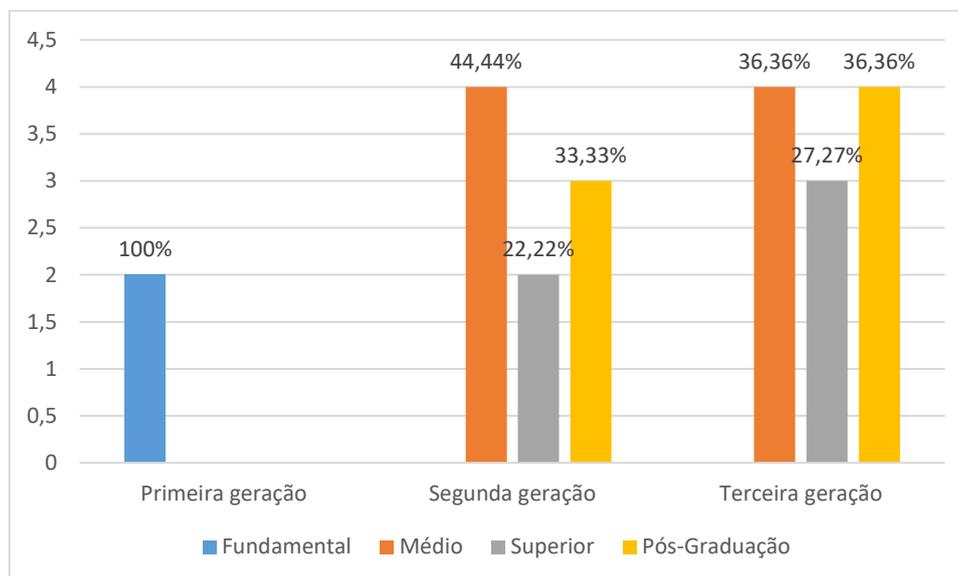
⁷⁶ Utilizamos como referência de núcleo principal da família aqueles membros considerados por nosso contato principal como sendo sua “família mais próxima”, ou seja, com quem mantém contato regularmente e a quem considera seus parentes mais próximos.

⁷⁷ Essas informações dizem respeito somente aos nossos contatos principais das famílias e não de outros filhos dos grupos pesquisados que, por ventura, possam igualmente residir longe de seu núcleo de origem.

⁷⁸ O afastamento dos outros dois se deu por motivos profissionais.

A seguir mostramos um gráfico que explicita o grau de escolaridade dos membros das famílias envolvidas na pesquisa.

Gráfico 1 – Escolaridade dos integrantes das famílias pesquisadas



Fonte: Gráfico gerado pela autora a partir de dados fornecidos pelos entrevistados

Como é possível observar, a primeira geração, os avós⁷⁹, é composta por apenas dois integrantes. Duas das cinco famílias tem avós (uma avó materna e um avô paterno) que são integrantes considerados como sendo do círculo mais próximo de nossos contatos principais⁸⁰ – no entanto ambos vivem sozinhos, em residências diferentes às da segunda e terceira gerações. No que tange à escolaridade, os dois possuem Ensino Fundamental completo.

Já a segunda geração, representada pelos progenitores das famílias estudadas, possuem quatro representantes com Ensino Médio (três pais e uma mãe), dois com Graduação (um pai e uma mãe) e três com Pós-Graduação (duas mães e um pai). Enquanto que na terceira geração, representada pelos cinco contatos principais da pesquisa e seus irmãos⁸¹, todos os membros possuem graduação superior ao Ensino Fundamental: quatro possuem Ensino Médio (dois com curso de Graduação em andamento), três têm Ensino Superior completo e quatro realizaram curso de Especialização ou Mestrado (sendo que uma delas está com o Doutorado em andamento e outra, interrompeu o Doutorado para realizar outro curso de Graduação).

⁷⁹ Grau de parentesco em relação ao contato principal de nossa pesquisa.

⁸⁰ Por essa razão tais membros aparecem no gráfico e nas descrições densas, as quais apresentaremos mais adiante.

⁸¹ Estão contemplados no gráfico apenas os membros com mais de 18 anos. Desse modo, um irmão (15) e uma irmã (13) não fazem parte desta amostragem.

Importante assinalar que fazem parte do gráfico, na terceira geração, dois cunhados (casados com irmãs de um de nossos contatos principais, quem os considerou como sendo membros integrantes de seu círculo familiar mais próximo). Um deles possui Ensino Superior em andamento e, o outro, curso de Mestrado finalizado.

Conforme explicado anteriormente, buscamos a maior diversidade possível no que diz respeito à composição das famílias – partilhando, entretanto, a condição comum de atenderem às lógicas das famílias globais, no que diz respeito a sua especificidade de gerirem os laços afetivos à distância. Quanto à sua constituição, elas estão conformadas da seguinte forma:

1) Família M.⁸²: está composta por seis integrantes em comunicação (pai, mãe, avô paterno e três filhas – as mais velhas gêmeas), sendo que cinco membros são considerados como fazendo parte do núcleo principal (neste caso o pai foi desconsiderado por nosso contato; ele mantém conversas apenas com a filha mais nova, de 13 anos). O círculo principal da família conta com a mãe, divorciada, com as três filhas e o avô paterno. Nosso contato principal é uma das gêmeas, 27 anos, primeira a mudar-se para uma cidade (em seu caso, Estado) distante de seu núcleo original, há três anos.

2) Família K.: essa família, bem como a anterior, apresenta uma geração a mais no seu considerado núcleo principal (avó materna), que está composto por mãe divorciada e dois filhos. O pai e ex-marido (de nacionalidade chinesa), vive atualmente na Espanha com outra esposa, e não é considerado como fazendo parte do núcleo principal, ainda que mantenha conversas com os filhos. Nosso contato principal é o filho mais novo, de 21 anos, que saiu da casa da mãe há três anos.

3) Família P.: tem como integrantes pai e mãe casados e dois filhos. Nosso contato principal é o filho mais velho, 22 anos, que se mudou para a Dinamarca há um ano.

4) Família S.: a família S. tem como integrantes de seu núcleo principal o pai, viúvo há sete anos, três filhas (das quais duas têm filhos pequenos, com menos de cinco anos) e dois

⁸² Os nomes das famílias foram ocultados, utilizando-se apenas sua primeira letra, enquanto que os nomes pessoais foram alterados, mantendo-se, também, apenas a primeira letra. Tendo em vista o amplo acesso a textos científicos na internet – e o grau de exposição pessoal suscitado por uma pesquisa qualitativa familiar, de vínculo bastante emocional como esta – buscamos evitar o reconhecimento das famílias, preservando o princípio do anonimato.

genros (pais dos netos). Nosso contato principal é a filha do meio, de 33 anos, que saiu da casa dos pais há 15 anos, quando sua mãe ainda era viva.

5) Família Z.: única família do universo pesquisado constituída por apenas uma filha. Pai e mãe são casados. Nosso contato principal, com 29 anos, saiu da casa de seus pais há 11 anos.

Para facilitar a visualização de tais dados e possibilitar comparação entre as famílias pesquisadas, a seguir apresentamos um quadro (Quadro 1) com o resumo de tais informações. Na sequência, expomos também um segundo quadro (Quadro 2) com as tecnologias⁸³ utilizadas por cada família em sua comunicação à distância – tanto no passado⁸⁴ quanto no presente⁸⁵.

⁸³ Aqui, nos referimos tanto aos aparatos/aparelhos quanto aos aplicativos/programadas utilizados pelas famílias em sua comunicação à distância.

⁸⁴ Com a palavra “passado” nos referimos ao momento de afastamento de nosso contato principal de seu núcleo familiar, ou seja, a época em que saiu da casa de seus pais.

⁸⁵ Com o termo “presente” nos referimos ao momento em que esta pesquisa foi finalizada.

Quadro 1 – Constituição do grupo pesquisado

Famílias Pesquisadas					
Denominação	Integrantes	Núcleo principal	Situação conjugal dos pais	Contato principal - idade	Contato principal - tempo de afastamento
Família M.	6	5	Divorciados	27 anos	3 anos
Família K.	5	4	Divorciados	21 anos	3 anos
Família P.	4	4	Casados	22 anos	1 ano
Família S.	6	6	Pai viúvo	33 anos	14 anos
Família Z.	3	3	Casados	29 anos	10 anos

Quadro 2 – Tecnologias utilizadas pelas famílias em sua comunicação à distância

Identificação da família	Tecnologias utilizadas no passado	Tecnologias utilizadas no presente
Família M.	<i>WhatsApp</i> , ligação por celular, telefone fixo	<i>WhatsApp</i> , ligação por celular, telefone fixo
Família K.	<i>WhatsApp</i> , <i>Telegram</i> , ligação por celular	<i>WhatsApp</i> , ligação por celular
Família P.	<i>WhatsApp</i> , <i>Skype</i> , <i>Facebook</i>	<i>WhatsApp</i>
Família S.	Telefone público, telefone fixo, ligação por celular	<i>WhatsApp</i> , <i>FaceTime</i> , <i>Facebook</i> e-mail
Família Z.	Telefone público, telefone fixo, ligação por celular	<i>WhatsApp</i> , ligação por celular

A seguir apresentaremos em detalhe tais famílias. Nas seções que seguem fazemos uma breve descrição – a já mencionada descrição densa – de cada uma delas, além de expormos uma tabela sistematizando algumas informações básicas de seus membros, sendo elas: os lugares onde vivem seus integrantes; quantos estão regularmente em comunicação; quantos e quais são considerados por nosso contato como sendo do círculo principal da família; idade e escolaridade de cada um; posição de cada um na família; e o nome fictício que foi utilizado para cada um nesta pesquisa.

5.1.1 Família M.

“Que triste não ter um grupo [de WhatsApp], não ter um ‘bom dia’ da família quando acorda” (Alice M.)⁸⁶.

Primeiramente, antes de apresentarmos a Família M., sistematizamos algumas informações acerca de seus membros que podem ser importantes para a compreensão geral de sua constituição (Quadro 3). Uma aclaração: no quadro referente a esta família, bem como nos das demais, os nomes que contém um asterisco (*) ao seu lado referem-se aos nossos contatos principais, ou seja, aqueles filhos que tiveram a experiência de afastamento (mudança de cidade e/ou país) geográfico de seu núcleo original e que fizeram a ponte desta pesquisa com seus familiares.

⁸⁶ Todas as falas dos indivíduos pesquisados que reproduzimos aqui foram mantidas tal qual proferidas por eles, mantendo os ocasionais vícios de linguagem e as expressões e a palavras exatas utilizadas por eles.

Quadro 3 – Identificação da Família M.⁸⁷

FAMÍLIA M.						
Lugares	(3) ⁸⁸ Rio Grande - RS, (1) Florianópolis - SC, (1) Rio de Janeiro – RJ					
Integrantes em comunicação	6					
Integrantes considerados do núcleo principal	5					
	Pai ⁸⁹	Mãe	Filha	Filha	Filha	Avô P ⁹⁰ .
Nome	Marcos	Gabriela	Alice*	Adriana	Flávia	Joaquim
Idade	46	46	27	27	13	75
Escolaridade	E.M.	E.M.	E.S.c.	E.S.c.	7º ano E.F.	E.F.
Residência	RJ	RS	RS	RS	RS	RS

Fonte: Quadro gerado pela autora a partir de dados fornecidos pelos indivíduos pesquisados

Nosso contato com a família M. se deu através de Alice, economista, que, junto com sua irmã gêmea, Adriana (27), e a caçula, Flávia (13), são as filhas de um casal separado (ambos com 46 anos). Alice atualmente mora em Florianópolis – a 780 quilômetros da cidade de origem da família (Rio Grande). Já a irmã gêmea vive com o namorado no balneário da cidade natal, a cerca de 20 quilômetros do bairro onde residem sua mãe e sua irmã menor – em uma casa – e o avô – em outra casa –, separados apenas por algumas quadras. O pai, sargento da marinha, vive atualmente no Rio de Janeiro com sua nova esposa e dois enteados, e mantém contato apenas com a filha mais nova, por *WhatsApp*.

De acordo com Alice, a relação de seus pais nunca foi muito boa. Os dois se conheceram em Rio Grande, ainda na escola, quando tinham 16 anos. Dois anos depois, ela, com cinco irmãos, e ele, filho único, descobriram que ela estava grávida de gêmeos e decidiram ir para a

⁸⁷ O item de escolaridade nas tabelas de identificação das famílias contém algumas siglas as quais esclarecemos nesta nota de rodapé: E.F. (Ensino Fundamental); E.M. (Ensino Médio); E.S.c. (Ensino Superior completo); E.S.i. (Ensino Superior incompleto).

⁸⁸ Nas Tabelas de 1 a 6, o número que aparece entre parênteses antes das cidades refere-se à quantidade de moradias daquela família existentes no referido município. Por exemplo: os membros da família M. que residem na cidade de Rio Grande, identificados na Tabela 1, ocupam três moradias diferentes. Já no Rio de Janeiro, existe apenas uma residência contendo membro(s) da família.

⁸⁹ O pai desta família possui contato apenas com a filha mais nova, de 13 anos, que não corresponde ao nosso contato principal. Ele aparece nesta tabela como membro em comunicação, porém não é contado como fazendo parte do núcleo principal da família, já que não é considerado um familiar próximo por nossa interlocutora.

⁹⁰ A letra “P.” refere-se a “paterno”.

casa dos pais do rapaz. Com a ajuda de seus sogros para criar as meninas, a jovem amadureceu muito rápido – ao contrário do companheiro, que, segundo Alice sempre foi muito imaturo e “nunca foi pai, pai”⁹¹. Quatro anos depois, Gabriela não aceitou a demanda da sogra⁹² de criar as gêmeas enquanto o casal ia viver no Rio de Janeiro (a quase 1.900 quilômetros dali), para onde o rapaz havia sido transferido.

Assim, dos quatro aos 16 anos, enquanto seus pais ainda eram casados, Alice viveu com a família no Morro do Dendê, na Ilha do governador (RJ), – lugar bastante violento, do qual ela e a irmã gêmea nunca gostaram, já que se identificavam mais com a terra natal, onde costumavam passar todas as férias escolares. Quando ocorreu a separação do casal, as meninas foram viver com os avós paternos em Rio Grande. A decisão foi tomada independentemente do divórcio dos pais, já que as gêmeas, à época com 16 anos, decidiram ir embora de casa em função da violência doméstica, que, há alguns meses, havia passado de psicológica para física – além de problemas com alcoolismo e de casos de traição, por parte do pai, relatados por Alice.

Nossa relação [com o pai] quebrou quando a gente tinha 15 anos, quando ele começou a agredir a mãe. A gente não permitia isso, ele fazia na nossa frente. A gente disse pra mãe que se ela quisesse ficar, tudo bem, mas que a gente ia embora e não estaria mais lá para proteger ela.

Gabriela decidiu-se por partir também, indo morar na casa de sua família, que, agora, residia em Curitiba (a 1.000 quilômetros de sua cidade original). Pesou em sua decisão o fato de ter uma filha pequena para criar sozinha e de que lá já havia um emprego garantido esperando por ela.

Alice conta que este primeiro momento de separação foi muito ruim. Passados os primeiros seis meses, ela e a irmã foram visitar a mãe e a caçula e diz que a experiência “foi horrível”: “Foi separação por necessidade, mas a mãe viu que não dava pra ficar longe”. Durante este período, mãe e filhas se comunicavam através do telefone fixo e pelo chat *MSN*, nos finais de semana, com a *webcam* ligada.

Um ano depois da mudança das gêmeas para a casa dos avós – mesma época em que ambas passaram no vestibular –, não aguentando a distância que as separavam, sua mãe e irmã caçula foram viver em Rio Grande. A saudade era grande, além de as irmãs mais velhas quererem estar mais próximas da menor, a quem Alice se refere como “nossa bonequinha”. No

⁹¹ Esclarecemos que nas descrições densas das famílias utilizamos as aspas para referir-nos às falas dos sujeitos pesquisados, e as transcrevemos tais quais nos foram ditas.

⁹² Quando Alice e sua irmã nasceram, seus avós paternos tinham 48 (avô) e 38 (avó) anos de idade.

total, Alice viveu na casa do avô paterno, a qual se refere como sua própria casa, por oito anos. Um ano depois que a irmã gêmea se mudou para viver com o namorado, já graduada e com um bom emprego, ela recebeu uma proposta de trabalho em Florianópolis, onde vive desde 2015.

Neste segundo momento de afastamento da família, agora já mais madura e em busca de uma vida melhor – já que na cidade onde estava, apesar do bom emprego que possuía, não via perspectiva de crescimento profissional –, Alice afirma não ter sofrido. “Sabia que uma hora ia chegar, porque eu já queria sair de lá. [...] Era mais medo, medo de não dar certo. Pois eu tinha um emprego muito bom. Então era medo de não me adaptar às pessoas no trabalho, quebrar a cara”.

Segundo nossa entrevistada, sua mãe ficou preocupada com a mudança, apesar de sempre haver sabido da vontade da filha de morar fora – inclusive, do país.

Ela ficou impactada, até me surpreendi. Dizia: ‘morar sozinha, guria louca’. Mas daí, logo em seguida, caiu em si. Me comprou pijama e outras coisas que eu ia precisar. E mudou: ‘tem que ir mesmo, vai ser melhor pra ti’. Então foi tranquila a minha despedida porque sabia mesmo que era melhor.

Alice nos contou que, no momento da partida, percebeu que a mãe se controlou para não chorar, no intuito de não passar qualquer insegurança para a filha. Já o avô, proferiu uma lista de recomendações com “tudo de ruim” que poderia acontecer na mudança. Sobre isso, nos diz nossa entrevistada:

Isso eu já esperava, ele é muito preocupado”. [...] “Ninguém disse ‘não vai’. Não foi fácil, a gente sempre tem medo. Mas minha adaptação foi bem tranquila e hoje todos enxergam que foi o melhor que fiz pra minha vida. Não sofreram muito porque logo viram que estava tudo bem comigo.

Como sua família próxima, Alice considera sua mãe, suas irmãs e seu avô (75) – pai de seu pai –, o qual, segundo ela, representa a figura paterna em seu núcleo familiar. O avô, que, de acordo a nossa interlocutora, “sempre foi muito família”, considera a nora como sua própria filha. Apesar de ainda ser bastante ativo fisicamente, não gosta muito de sair de sua casa, a não ser para o carteado com os amigos. Nem mesmo para a formatura das netas se animou a sair. Com ele, Alice se comunica através do telefone fixo, já que ele não maneja muito bem o celular e não possui um aparelho.

Já com a avó paterna, que segundo Alice “tomou outro rumo na vida”, nossa interlocutora não tem mais contato. Ela, dez anos mais jovem que o ex-marido, encontrou uma companheira com quem foi viver, em 2007, quando ainda não tinha completado 60 anos de

idade. O relacionamento começou com conversas pela internet, espaço onde Alice considera que a avó descobriu “toda uma vida”. Apesar das netas terem lido as conversas da avó, que apareciam na tela do computador da casa quando ela não deslogava do *chat*, nunca contaram para o avô, que ainda pensa que a ex-mulher vive com um homem (homem fictício ao qual Alice se refere como “um negão”) – a verdadeira informação as netas preferem não revelar em função da já avançada idade do avô.

Quanto a Alice, seu grande sonho sempre foi ter um diploma de Graduação (que tinha, necessariamente, que ser de uma universidade pública, pois sua família não teria condições de pagar por sua formação). Assim, poderia ter um apartamento e comprar uma casa para sua mãe. “Eu nem sabia o que era vestibular ainda e já queria fazer faculdade. Eu sabia que emprego bom era sinônimo de faculdade”. Essa questão era tão importante para nossa interlocutora que, quando perguntada sobre o(s) acontecimento(s) mais importante(s) de sua vida, ela relata que foi passar no vestibular. Lembra em detalhes e com alegria da ocasião em que a família toda esperou, ouvindo o rádio, o resultado do vestibular – o chamado listão – da universidade federal na qual estava concorrendo a uma vaga no curso de Economia. Na mesma ocasião também esperavam pelo resultado do processo seletivo da irmã, que também foi positivo. Segundo ela, o avô já havia mandado fazer uma faixa em comemoração à entrada das duas na universidade.

Em sua família, nenhum parente próximo fez faculdade. Nem os avós, tampouco os pais e os cinco tios e tias. E todos recomendavam: “se vocês (Alice e a irmã) quiserem ser alguém na vida, têm que fazer faculdade. Não basta estudar, tem que ser a melhor da turma”. E tal conselho realmente foi interiorizado por ambas, ou, nas palavras de Alice: “ficou muito forte na cabeça”. Para as irmãs, durante a infância e parte da adolescência, o estudo sempre foi visto como a forma de saírem da favela onde moravam. Daí vinha a motivação para serem boas alunas – o que, segundo nossa interlocutora, não foi nenhum sacrifício, já que elas sempre gostaram de estudar e eram bastante dedicadas. “Competíamos uma com a outra, brigávamos por nota em aula. [...] eu ligava pro vô pra fazer ciúmes na minha irmã quando a minha nota era mais alta que a dela”.

Atualmente Alice mora sozinha em Florianópolis, coisa que, para ela, sempre foi um sonho – pois, “gêmea sempre divide tudo, inclusive o quarto” – e da qual gosta muito: “Hoje pra mim é difícil arrumar namorado, porque estou super bem”. Ela trabalha com importação em uma empresa de tecnologia e se considera uma *workaholic* – relata que chega a trabalhar de 12 a 13 horas por dia. Devido ao emprego, faz aulas de inglês e, em março, começará um MBA em gestão empresarial para melhorar o currículo, além de fazer amizades. Apesar de ter um

perfil no *Facebook* repleto de fotos de festas, idas à praia e comemorações da empresa com muitas pessoas, ela diz que se sente só em Florianópolis: “Gosto de ter contato, de fazer amigos. Em Rio Grande tenho muitos, aqui sinto falta. Tenho vários amigos aqui, mas é tudo casal. Estou atrás de amigas solteiras. De resto, a minha vida é maravilhosa aqui”.

Em sua visão de futuro para a família, Alice gostaria de levar sua mãe e irmã para morarem em Florianópolis: “Morar comigo... morar comigo não, mas sei lá”. A mudança, para ela, seria melhor que acontecesse imediatamente após o término do Ensino Fundamental da irmã – já que ela gostaria que a caçula fizesse o Ensino Médio em Santa Catarina, onde acredita que as oportunidades de emprego são mais fartas. Além disso, nossa interlocutora também gostaria que a mãe voltasse a estudar. Aliás, foi ela quem incentivou-a a finalizar o Ensino Médio, há alguns anos. É o sonho de Alice que a mãe faça um curso de faculdade para que possa, em suas palavras, “sair do serviço braçal”. Atualmente a mãe trabalha com serviços de limpeza em uma empresa de fertilizantes – e, ao longo de sua vida, segundo Alice, sempre trabalhou “no que tinha”: cozinha de empresa, caixa de supermercado, etc.

No que se refere à sua atual comunicação com a família, com exceção do avô – com quem fala de duas a três vezes por mês, geralmente aos domingos, por telefone fixo –, Alice conversa, quase que diariamente, por *WhatsApp* com a mãe e as irmãs, através de um grupo do qual todas fazem parte. O uso diário do aplicativo se dá, especialmente, segundo ela, para novidades⁹³, coisas urgentes, importantes e com necessidade de rápida decisão – além de contatos breves para desejar bom dia ou boa noite e para informar se estão bem ou se chegaram com segurança a algum destino. Também relata que o grupo tem a função de organizar questões cotidianas, como horário de chegada na rodoviária, necessidade de buscar a irmã caçula em algum lugar, etc.

Alice também faz distinção entre o grupo que tem com sua família mais próxima, ao qual se referiu como “família menor”, e grupos familiares mais amplos dos quais participam parentes um pouco mais distantes, como tios e primos. A esses, chamou de “família geral”, onde encontram-se “todos, a cambada”. Segundo ela, são grupos bastante engraçados, nos quais “passam rindo”, falando sobre futebol, postando mensagens cômicas, etc.

Para conversas mais longas e, nas palavras de Alice, mais “significativas” – ou para compartilhar “fofocas” – utilizam o telefone celular. Graças ao plano de chamadas gratuitas que oferece a empresa de telecomunicações que todos as integrantes da família possuem, têm longas

⁹³ Como, por exemplo, uma viagem escolar da irmã menor.

conversas por celular – cerca de três vezes por semana com a irmã gêmea, com quem afirma ter “mais assunto”; e até duas vezes com a mãe).

Alice considera que ela, sua mãe e irmãs utilizam o *WhatsApp* com igual intensidade para a comunicação na família. No que se refere à comunicação através de ligações telefônicas, entretanto, ela acredita ser, sem dúvida, a mais ativa. “Gosto mais do telefone. Telefone é muito melhor que ‘whats’”. Apesar da preferência, com a irmã caçula o *WhatsApp* é o meio principal de contato: “A Flávia é mais estranha, adolescente: [...] quase não falo com ela por telefone, falo por *WhatsApp* mesmo. Mas o contato mais forte é ao vivo mesmo”.

Quando perguntada se há algo na comunicação com sua família que gostaria de mudar, Alice responde que gostaria que o avô tivesse um celular e o aplicativo *WhatsApp*, já que, atualmente, ele só possui telefone fixo. Também quando questionada se, alguma vez, já havia saído de algum grupo de família – seja de seu círculo mais íntimo ou de parentes mais distantes, respondeu, em tom bem “gauchês” e bastante enfático, como se estivéssemos propondo algo impensável: “Não, bem capaz”.

Os cinco se encontram, fisicamente, cerca de três a quatro vezes por ano, quando Alice vai até Rio Grande. Ao longo do ano, porém – especialmente no verão –, recebe visitas da mãe e das irmãs. Para Alice, esses momentos de encontro, que têm duração média de três a quatro dias, são muito importantes. Relata que, quando estão juntos, almoçam sábados e domingos na casa do avô (mãe prepara as refeições na casa dele). E, apesar do avô não sair de casa, ela, as irmãs e a mãe aproveitam para ir ao cinema, ao boliche e ao shopping. Tais momentos, segundo nossa entrevistada, ajudam a matar a saudade de quem ela ama e a fazem vivenciar uma sensação de alívio: “[...] nunca sabemos o dia de amanhã. Meu avô tem 76 anos, pode acontecer algo. Sempre que vejo, ‘ufa’. Consegui ver ele”.

Uma particularidade da família M., que faz com que seja um caso relevante para este trabalho, é o fato de conter, em seu considerado núcleo principal, uma geração a mais da família, com a presença do avô paterno. Além disso, é a única família pesquisada que tem em sua constituição irmãos gêmeos e progenitores que tiveram filhos ainda na adolescência.

5.1.1.1 Protocolo de observação para a Família M.

Tendo feito os primeiros dois contatos com Alice – conversa inicial sobre a possibilidade de participação na pesquisa e, em momento posterior, conversa sobre sua família –, conforme descrito no Capítulo 4, o passo seguinte foi a solicitação do envio do conteúdo das

conversas que ela trocou ao longo de uma semana com sua mãe e irmãs no grupo que as quatro possuem no *WhatsApp*. Contudo, nossa interlocutora enviou material referente a 16 dias de interações

Após observação deste material, fizemos uma entrevista, via *WhatsApp*, a qual nossa interlocutora preferiu que fosse feita somente por voz – apesar de nossa solicitação para realizá-la por vídeo. A conversa começou com alguns minutos de atraso, pois naquele dia o avô de Alice fazia aniversário e ela estava tentando, sem sucesso, contato com ele por telefone fixo para parabenizá-lo. Ela garantiu que após a finalização da entrevista seguiria tentando falar com ele.

No início um pouco tímida, nossa entrevistada, aos poucos, foi sentindo-se mais à vontade para discorrer sobre os temas propostos – chegando a expor fatos familiares, considerações e reflexões de foro bastante íntimo. Muitas vezes, durante a entrevista, Alice fala na primeira pessoa do plural. Consciente deste fato, sem ser questionada a respeito, diz: “Falo no plural porque somos gêmeas, minha vida é dupla. Falo pelas duas”.

Uma das temáticas mais presentes em seu discurso foi o mau relacionamento com o pai e a irresponsabilidade deste em relação à família, ao contrário da mãe, que sempre priorizou as filhas acima de qualquer coisa. Assim como o pai, outra temática que compôs o plano de fundo de sua narrativa foi a questão da educação: era ela a saída para uma vida melhor, longe da violência na qual viveram ela e a irmã na infância, e sem a necessidade de realizarem serviços braçais, como a mãe. Não ficar em recuperação no fim do ano era um objetivo de ambas, já que quanto mais rápido terminassem o ano letivo, mais rápido estariam disponíveis para viajar para a casa dos avós e rever a turma de amigos com quem brincavam na rua – coisa que, na favela onde moravam, conta que não podiam fazer.

A questão da violência urbana aparece poucas vezes na entrevista de maneira explícita, mas diversas outras de modo implícito em sua fala. Aspecto que chama atenção, posteriormente, na análise do material coletado do grupo de *WhatsApp* e em sua narrativa sobre a comunicação atual da família – tópicos que serão abordados de forma mais extensa e profunda no capítulo seguinte, no qual analisamos os casos à luz das categorias propostas.

Após a entrevista, mantivemos contato algumas outras vezes com Alice para tirarmos dúvidas, desenvolvermos questões que julgamos importantes serem aprofundadas – como o relato do uso do grupo de *WhatsApp* para a organização cotidiana da família, dentre outros – e para solicitar autorização do monitoramento de postagens em seu perfil pessoal no *Facebook*.

Ademais, e também após a entrevista, foi solicitado a Alice o envio de novo conteúdo de interações realizadas entre ela, sua mãe e irmãs no grupo de *WhatsApp* da família, em outros sete dias de sua escolha⁹⁴. Vale ressaltar que o envio do primeiro grupo de mensagens foi feito através de um arquivo do tipo *txt*, gerado pelo próprio aplicativo *WhatsApp* no momento em que se solicita a exportação das conversas de um grupo – e, neste processo, acaba suprimindo as imagens trocadas pelos integrantes. Já neste segundo momento de envio de materiais, após a entrevista, não descartando o possível argumento da praticidade da realização de *prints* da tela de seu celular – e levando em consideração a notória descontração e desinibição da entrevistada para conosco a cada novo passo dado na pesquisa –, notamos que Alice se sentiu mais à vontade para enviar imagens das conversas trocadas com a mãe e as irmãs.

Alice, nosso contato principal, foi a única pessoa entrevistada da Família M.

5.1.2 Família K.

“[...] eu tenho esse ‘receiozinho’: será que não vou conseguir retomar o contato [com o pai]? Mas tudo tem seu tempo” (Alan K.).

Antes de adentrarmos na Família K, disponibilizamos um quadro (Quadro 4) que sistematiza os dados de seus integrantes para viabilizar uma compreensão geral da constituição deste grupo familiar.

⁹⁴ Optamos por fazer essa solicitação com o principal intuito de aprofundar o olhar sobre a gestão do cotidiano através do grupo de *WhatsApp*, prática evidenciada diversas vezes por nossa interlocutora ao longo de sua entrevista.

Quadro 4 – Identificação da Família K.

FAMÍLIA K.					
Lugares	(1) São Paulo - SP ₁ , (1) Belo Horizonte - MG, (2) São José dos Campos - SP ₂ , (1) Espanha				
Integrantes em comunicação	5				
Integrantes considerados do núcleo principal	4				
	Pai	Mãe	Filho	Filho	Avó M. ⁹⁵
Nome	Jorge	Ana	Maurício	Alan*	Helena
Idade	69	53	25	21	78
Escolaridade	E.S.c.	Especialização	E.S.i.	E.S.i.	E.F.
Residência	Espanha	SP ₂	SP ₁	MG	SP ₂

Fonte: Quadro gerado pela autora a partir de dados fornecidos pelos indivíduos pesquisados

Nosso contato com a família K. se deu através de Alan (21), um estudante de Filosofia que saiu da casa da mãe (53), Ana, há três anos para estudar em Belo Horizonte, a cerca de 600 quilômetros. Alan ainda tem um irmão, Maurício (25), que atualmente mora em São Paulo – tendo saído de casa cinco anos antes que ele – e o pai, Jorge, que vive na Espanha com sua nova esposa e dois enteados. Como sua família mais próxima – e quem considera as três pessoas mais importantes de sua vida, além de suas bases fundamentais –, nosso interlocutor tem em conta sua mãe, seu irmão e sua avó materna, Helena (78), que mora na mesma cidade que Ana, São José dos Campos.

De uma família chinesa muito tradicional, na qual não eram aceitos casamentos com pessoas de nacionalidades diferentes, o pai de Alan, nascido em 1948, na China, não somente se casou como constitui família com uma brasileira. Quando tinha apenas dois anos de idade, seus pais, que tinham uma vida bastante próspera na China, decidiram mudar-se para o Brasil, por conta de problemas durante a Revolução Comunista. Sobre a família do pai, que possui ainda duas irmãs, Alan não sabe contar muito mais do que isso.

Na (como é chamada a avó paterna), já no Brasil, separou-se e casou-se com quem, hoje, ele considera o seu avô. *Kun kun*, como é chamado pelos netos, criou o pai de Alan como se fosse seu próprio filho. Muito bem-sucedido na área da Publicidade e Propaganda – e, hoje,

⁹⁵ A letra “M.” refere-se à “materna”.

desenhista –, o pai de nosso interlocutor trabalhou em muitos lugares e teve uma vida profissional bastante interessante. Já em meados dos anos 1980, no Rio de Janeiro, conheceu Ana, 17 anos mais nova que ele. Ela possui um irmão e, apesar de ter nascido no Rio Grande do Sul – em uma família bastante tradicional de ascendência alemã –, foi criada no Rio. Sua mãe, Helena, foi a primeira de sua família a casar-se com um “não-alemão”: um homem, segundo Alan, “bem misturado, bem brasileiro”, com ascendência variada, mas herdando, fisicamente, traços indígenas⁹⁶.

Com o término da ditadura franquista, em 1975, o campo de trabalho na Espanha era bastante fértil na área de atuação de Jorge, fazendo com que ele decidisse mudar-se para lá. Após alguns anos, voltou ao Brasil, retomou o relacionamento com a moça que conhecera anos antes e os dois decidiram ir morar juntos na Espanha. Lá ficaram por 17 anos. Cinco anos após a mudança, tiveram seu primeiro filho e, cinco anos mais tarde, seu segundo filho, Alan. Quando este tinha não mais que sete anos, a família retornou ao Brasil: desta vez sem o pai, que ficou na Europa, tentando prover economicamente para a família.

Durante seu tempo na Espanha, a família de Alan mudou-se bastante: duas vezes de cidade e muitas vezes de casa. Primeiro viveram em Madri, onde nasceu nosso interlocutor. Oito meses depois, mudaram-se para um vilarejo próximo a Barcelona. Desse modo, Alan viveu seus primeiros anos em contato com três idiomas diferente: o português, o qual falava em casa; o espanhol, que falava com os amigos; e o catalão, na escola. Ana, entretanto, nunca havia se acostumada com a vida na Espanha. Além de não gostar do trato com os locais, os quais caracteriza como emocionalmente mais frios – e o que a fazia infeliz –, um clima bastante xenofóbico começou a se formar a partir dos ataques terroristas que aconteceram na época⁹⁷. Acrescido a isto, já no final da estadia na Espanha, os pais de Alan tinham muitas brigas e desavenças. Assim, Ana decidiu criar os filhos no Brasil. De dois a três anos após a mudança, e com grandes problemas financeiros, o casal separou-se.

Logo que se mudaram para o Brasil⁹⁸, Ana e Jorge tentaram manter o relacionamento, mesmo à distância. Durante este período, Alan via o pai cerca de duas vezes por ano. O que se transformou, com o passar do tempo, em uma vez a cada dois anos. E, no momento de nossa primeira conversa, em junho de 2017, o interlocutor relatou que já havia cinco anos que ele e o

⁹⁶ Daí decorre, em parte, a marcante mistura estampada no rosto de Alan, que carrega nítidos traços indígenas e orientais.

⁹⁷ Aqui nos referimos ao ano de 2004.

⁹⁸ Devido à necessidade de esperar o término do ano letivo de Maurício, primeiro vieram para o Brasil Alan e sua avó materna, que também vivia na Espanha, para, dois meses depois, chegarem sua mãe e irmão.

pai não se viam presencialmente. Mesmo tendo Jorge vivido por algum tempo no Brasil, por volta do ano de 2010, Alan e o irmão seguiam tendo muito pouco contato com ele. Já vivendo com outra mulher, o pai de Alan retornou à Espanha, onde permanece até hoje.

Com o irmão, Alan tem uma relação muito próxima, apesar da falta de convivência presencial. Relata que o considera uma figura paterna bastante presente, e com quem conta nos momentos de tomada de decisões importantes em sua vida. Um episódio que considera bastante emblemático, e que vivenciou com o irmão, foi a viagem de mudança para a nova cidade, quando saiu da casa de sua mãe para iniciar a faculdade em outro Estado. lembra que viajou de carro com o irmão, levando suas bagagens, e que, durante o trajeto de 600 quilômetros, completou 18 anos.

Foi incrível. O semestre começa em março, então eu fui pra BH numa Fiorino do tio, levando as coisas. Fui levar minhas coisas de Fiorino com meu irmão. Fiz 18 anos enquanto estava na estrada. Foi bem legal e bem simbólico. Foi realmente essa passagem para uma vida nova, pra morar sozinho. Em BH mudou completamente tudo. Rotina, independência, responsabilidades, cuidar do próprio dinheiro, do tempo. E não cuidei muito bem no começo, ia pro bar pra caramba. Mudança radical de estilo de vida. Foi lá mesmo que comecei a criar a minha própria identidade. Comecei do zero. Não conhecia ninguém lá. Não tinha isso de ser irmão do Maurício. Isso me deixou livre para ser quem eu era mesmo.

Sobre esta experiência, na visão de nosso entrevistado, o mais importante foi ter tido a possibilidade de “criar”⁹⁹ sua identidade – já que na nova cidade, conforme explicitamos nas palavras dele, ele não mais era o irmão de alguém e não tinha, portanto, a responsabilidade de atingir expectativas alheias (ou próprias).

Maurício é um empresário, de 25 anos, que desistiu da faculdade para abrir seu próprio negócio. Tem feito tanto sucesso na área em que atua e com o posicionamento que assumiu perante o mercado que já foi convidado para dar inúmeras entrevistas na televisão, palestras em eventos e em alguns TEDx¹⁰⁰, possui um profícuo canal no *YouTube*, dentre outras coisas. Devido ao fato de ser uma pessoa muito ocupada, quando iniciamos a pesquisa empírica Alan

⁹⁹ Reproduzimos aqui o termo exato utilizado por nosso entrevistado.

¹⁰⁰ Programa criado pelo TED, em 2009, com o objetivo de fomentar a realização de eventos locais, organizados de forma independente, que reúnam pessoas para dividir uma experiência ao estilo TED. Com edições feitas em diversos continentes, o TED conseguiu um alcance ainda maior de disseminação de ideias, de tal forma que, em 2010, foram realizadas as primeiras conferências em países de difícil acesso, como o Líbano, Arábia Saudita e Armênia. No Brasil, a experiência TED tem chegado pelas portas do TEDx. Em novembro de 2009, o país teve seu primeiro evento no estilo TED, o *TEDxSãoPaulo*, que aconteceu na capital paulista, com o tema “O que o Brasil tem a oferecer ao mundo hoje?”. E, desde então, têm sido realizados eventos como este em diversos Estados do país.

relatou que o irmão separava seus contatos mais importantes e prioritários, com os quais se comunicava pelo aplicativo *Telegram*¹⁰¹, dos contatos relacionados ao trabalho, para os quais reservava o *WhatsApp*. Durante os primeiros meses da pesquisa, entretanto, a comunicação com seu irmão passou a se dar pelo *WhatsApp*. Segundo ele, não houve motivo aparente para a migração do irmão, que, simplesmente passou a retornar suas mensagens pelo outro aplicativo, fazendo com o que o primeiro, gradualmente, entrasse em desuso¹⁰². Em ambas ferramentas citadas, Alan troca/trocava mensagens curtas¹⁰³, enquanto que, no *Skype*, têm conversas mais longas, geralmente de meia a uma hora. Tais interações, de acordo com Alan, são mais esporádicas, porém muito profundas.

Com a mãe, Alan diz que nunca teve muita liberdade para conversar sobre sentimentos e assuntos mais profundos – o que para ele fica claro que é algo importante e necessário –, que conversam mais sobre assuntos corriqueiros e cotidianos; mas, que sempre teve uma ótima relação com ela, que gosta muito de estar com ela e se sente muito bem ao seu lado, além de mencionar várias vezes o acolhimento de seus abraços. Segundo Alan, desde que saiu de casa o contato com a mãe foi diminuindo com o passar dos anos. Atualmente utiliza o *WhatsApp* para falar com ela sobre assuntos cotidianos e financeiros – cerca de uma vez por semana. E, por *Skype* e telefone, conversam de uma a duas vezes por mês. Já com a avó, o contato de Alan é por telefone fixo.

Com o pai, com quem Alan nunca teve muito contato¹⁰⁴, atualmente ele conversa por *Skype* cerca de uma vez a cada três meses, geralmente em datas comemorativas. No último aniversário do pai, em junho de 2017, nosso interlocutor comunicou-se com o pai e o irmão ao mesmo tempo. Na conversa de cerca de duas horas, a qual relata ter sido bastante forte, eles conversaram sobre o relacionamento dos três – fato que destaca como algo positivo, pois considera um primeiro passo para um “movimento de se conhecerem melhor”. Inclusive, na tentativa de estreitar laços, os filhos programam uma viagem com o pai para a China, no final de 2018. “Meu pai é bem saudável e está muito bem. Inclusive pegou faixa preta de Aikido.

¹⁰¹ Assim como o *WhatsApp*, o *Telegram* é um serviço de mensagens online instantâneas. O aplicativo está disponível para *smartphones*, *tablets*, computadores e também como aplicação *web*. Com ele, os usuários podem enviar mensagens e trocar fotos, vídeos, *stickers* e arquivos de qualquer tipo.

¹⁰² O contato com o irmão era a única coisa que motivava Alan a utilizar o *Telegram*; assim, quando passaram a não mais de comunicar através deste aplicativo, nosso entrevistado também parou de utilizá-lo, tendo-o desinstalado de seu celular.

¹⁰³ Grande parte das interações são sobre malhação, dicas de academia e exercícios físicos, bem como equipamentos, suplementos e tênis – gostos que hoje têm em comum, mas que Alan conheceu e afeiçãoou-se através, primeiro, dos interesses do irmão.

¹⁰⁴ Mesmo quando moravam todos juntos na Espanha, o contato de Alan com o pai se dava quase que exclusivamente nos finais de semana, devido ao pai ser muito ausente em função da sobrecarga de trabalho.

Mas também está velho, com 69 anos, então eu tenho esse receiozinho: ‘será que não vou conseguir retomar o contato’? Mas tudo tem seu tempo”.

Além disso, após terminar sua faculdade Alan planeja passar um ano vivendo na Espanha em um ano “sabático”, conforme denominou. Possui dupla nacionalidade, o que facilita para ele uma longa estadia no país. Sua intenção é trabalhar como *dealer* em casinos para juntar dinheiro para, talvez, viajar pelo mundo no ano seguinte. Ou, outra possibilidade, é retornar a Belo Horizonte, onde já tem um professor disposto a orientá-lo em um curso de Mestrado. De todos os modos, para nosso entrevistado, o objetivo principal da viagem é aproximar-se um pouco mais do pai, que, segundo ele, prometeu ajudá-lo com os custos: “Acho que ele se sente em dívida comigo, e uma das formas que achou foi me ajudar a ir pra Europa”.

No que diz respeito a encontros físicos dos membros familiares, o último ano foi atípico para Alan. Com exceção do pai, que já não vê há mais de cinco anos, nosso entrevistado viu com mais frequência que habitualmente a mãe, o irmão e a avó, devido a ter conseguido adquirir seu ID Jovem¹⁰⁵, que lhe dá o direito de pagar meia passagem em viagens interestaduais ou viajar gratuitamente, dependendo da disponibilidade de vagas em ônibus. Além disso, ele tem o costume de passar três meses, durante as férias de verão, na casa da mãe, em São José dos Campos.

Com o irmão, uma decisão no ano de 2017 foi tomada, entre os dois, de que passariam mais tempo juntos, presencialmente, já que, desde que nosso entrevistado saiu de casa, os dois pouco tempo estiveram juntos, sozinhos e convivendo. Para isto também contribuiu, além da rotina cheia de Maurício, o fato de ele ter sido casado durante quatro anos com uma moça nascida na Albânia, criada na Itália e que fez faculdade na Inglaterra¹⁰⁶. Segundo Alan, ele e o irmão seguiram sempre sendo muito próximos, porém sem contato físico. Tendo ambos sentido a mesma necessidade, concordaram em dar mais atenção à sua relação e articular encontros mais frequentes e mais longos.

Atualmente Alan também mantém um relacionamento à distância com uma menina de 16 anos que mora em São José do Rio Preto, no Estado de São Paulo, a cerca de 670 quilômetros de Belo Horizonte. Quando perguntado sobre as condições da relação, ele ressalta a distância

¹⁰⁵ A Identidade Jovem, ou simplesmente ID Jovem, é o documento que possibilita acesso aos benefícios de meia-entrada em eventos artístico-culturais e esportivos e também a vagas gratuitas ou com desconto no sistema de transporte coletivo interestadual, conforme disposto no Decreto 8.537/2015.

¹⁰⁶ Para que a moça pudesse permanecer no Brasil, Maurício casou-se com ela no cartório, sem realização de uma cerimônia.

como positiva, já que, com o ID Jovem, pode visitá-la com um custo mais baixo, ou mesmo gratuitamente. Além disso, acredita que o efeito do namoro nos seus estudos é bastante positivo, já que consegue se concentrar mais, sair menos para festas e, conseqüentemente, estudar e economizar mais. O tempo máximo que ficam sem se ver é de cerca de dois meses, porém se falam diariamente e já chegaram a ter conversas por voz com duração de três a quatro horas.

A família K.¹ possui um grupo de *WhatsApp* do qual participam Alan, sua mãe, seu irmão e sua ex-cunhada, porém que não possui muita movimentação. Ele é utilizado, esporadicamente, para compartilhamento de conteúdos que consideram serem do interesse dos demais e é mantido, segundo nosso entrevistado, em função de sua mãe. “Esse grupo é mais importante pra mãe. É um lugar onde ela pode mandar coisas para os dois filhos verem. É a que mais manda coisas, mas, ainda assim, ela não utiliza muito. A maior parte das conversas são, mesmo, individuais”.

Aos moldes das famílias globais, que “resolvem em seu interior as contradições do mundo”, conforme caracterizam Beck e Beck-Gernsheim (2012, p. 15), encontramos os K gerenciando os mais diversos tipos de distâncias. Além das geográficas, as distâncias culturais e de origem entre os próprios membros da família; as rupturas com estruturas familiares anteriores ligadas à tradição cultural de suas ascendências; bem como as experiências que tiveram, juntos, morando em dois países e em diversas cidades. Devido a este fato, acreditamos que a família K. contribuiu imensamente para a realização desta pesquisa.

5.1.2.1 Protocolo de observação para a Família K.

Assim como na Família M., fizemos os primeiros dois contatos com Alan, que demonstrou, de imediato, bastante receptividade em relação ao tema da pesquisa. Tendo por base informações captadas nas conversas iniciais, solicitamos a ele o conteúdo de mensagens trocadas ao longo de uma semana com seu irmão, Maurício¹⁰⁷, pessoa com quem relatou ter o vínculo afetivo mais profundo. Apesar da solicitação do conteúdo de uma semana, Alan enviou-nos material referente a 21 dias de conversas com o irmão.

Após observação deste material, fizemos uma entrevista com Alan. Iniciamos a conversa por vídeo, porém este teve de ser fechado, a pedido dele, por problemas de

¹⁰⁷ No início da pesquisa empírica, a troca de mensagens de Alan com o irmão se dava através do aplicativo *Telegram*. Porém, quando da coleta do material, nosso interlocutor explicou que suas conversas com Maurício haviam migrado para o *WhatsApp*.

instabilidade na rede. Desse modo, prosseguimos a entrevista por voz. A conversa teve duração total de quatro horas, e precisou ser dividida em dois dias (que foram consecutivos), em função da disponibilidade do entrevistado.

Sem olhar diretamente para a câmera no início de nossa conversa, Alan, desde o começo da entrevista, demonstrou visível afeição por falar acerca de temas familiares e discorrer sobre seus sentimentos e emoções em relação a isso. Por vezes demonstrava tanta segurança no relato desses sentimentos que passava a impressão de que já havia feito reflexões mais profundas a respeito de suas relações familiares. Com uso bastante frequente de gírias e expressões idiomáticas, ele também expressou muito gosto em falar sobre si mesmo e sua vida. Também evidenciou possuir excelente memória, lembrando de detalhes bastante particulares de sua infância e dos momentos precisos – geralmente relacionados a anos escolares – em que aconteceram determinadas situações.

Em sua fala, uma das temáticas mais frequentes é a de relações de amizade. Em quase todos os relatos da infância, adolescência e mesmo do período da faculdade, relaciona acontecimentos e experiências com amizades que marcam/marcaram sua vida. Aparecem constantemente temas sobre a conformação de grupos e o seu posicionamento em relação a eles; melhores amigos da Espanha e de São José dos Campos (com os quais, em sua maioria, ainda tem contato até hoje) e Belo Horizonte; períodos em que oferecia festas em casa para os amigos; equipes de trabalho; equipes de pesquisa, etc.

Outra temática bastante marcante é o irmão, a quem demonstra admirar imensamente e com quem relata ter uma relação muito próxima – além de ser a pessoa em quem mais confia para pedir conselhos, para conversar sobre a vida, e quem Alan acredita ter desempenhado um papel muito forte de pai em sua vida, desde sua infância. Ele relata que este fato é “o motivo dos paradoxos que tenho hoje com meu irmão”. Quando perguntado acerca desses paradoxos, no intuito de aprofundar o assunto, Alan recusou falar mais sobre a temática. Sua justificativa foi de que ele ainda seguia pensando e refletindo sobre este tema, construindo ideias e que, portanto, não se sentia confortável ainda para falar sobre isso. Respeitando sua vontade, não insistimos. Vale ressaltar que este foi o único momento da entrevista em que nosso interlocutor hesitou em falar sobre algum assunto.

Alan conta que, além de irmão, Maurício era um amigo e companheiro para jogos de computador, para trocar ideias, mas, ao mesmo tempo, também fazia o papel de “homem da casa”. “Ele que lidava com a mãe, com os problemas financeiros. Meu irmão meio que tomou

a iniciativa. Como meu pai não estava [...]”. Ademais, segundo nos conta, ele protegia Alan dos conflitos entre os pais. “Ele sempre foi super protetor, no sentido de ‘tomar o soco’ para o irmão não ter que viver isso. Foi sempre uma figura paterna de proteção. Estou começando a perceber e lidar com isso”.

Após a entrevista, solicitamos a nosso entrevistado um novo envio de conteúdo de mensagens trocadas por *WhatsApp* pelo período de uma semana, porém, desta vez, referente às interações individuais com a mãe. Optamos por observar igualmente tal material tendo em vista a importância que Alan outorgou à relação afetiva que cultivava, e sempre cultivou, com a mãe. Além disso, mantivemos contato algumas outras vezes com Alan para solicitar autorização do monitoramento de postagens em seu perfil pessoal no *Facebook*, e de também de seu irmão, e para desenvolvermos algumas questões mencionadas na entrevista que julgamos importantes serem aprofundadas. A principal delas foi uma questão levantada durante a entrevista que diz respeito à nacionalidade do pai e como Alan acredita que a cultura na qual o pai foi criado influenciou no modo como ele se relaciona, hoje, com os filhos. A esse respeito, transcrevemos aqui a fala de Alan, obtida em contato posterior à entrevista, no intuito de aprofundar o tema:

“O que eu posso falar sobre a nacionalidade do meu pai é que assim, por ele ser chinês e ter nascido em uma família completamente chinesa, né, a tradição estava muito arraigada na vida deles. Ele cresceu num ambiente em que ele era o filho homem, então, que tinha mais privilégio na família. Meu pai quis romper com a tradição familiar. Desde sempre foi muito impulsivo, viajava, nunca ficava em casa. Ficava com várias mulheres. Sempre ficou fora de casa e nunca deu prioridade pra família. O que isso impacta mais na minha vida é justamente essa questão dele não dar prioridade pra família. Ele nunca foi alguém que quis ser um pai. Isso influenciou bastante para ele ser ausente, como ele foi. Esse aspecto super tradicional criou nele uma revolta em relação a isso e uma consequência disso é ele não querer ter família e não querer ser parte de uma família tradicional e, portanto, não querer ser um pai. Tem vários outros fatores, mas acho que tudo provém dessa questão”.

Alan foi o único entrevistado da Família K.

5.1.3 Família P.

A mãe manda mensagem de bom dia, boa tarde e boa noite [...] não tem como sentir saudade” (Gustavo P.).

Como de praxe, sistematizamos, no Quadro 5, algumas informações acerca dos integrantes da Família P. para a melhor compreensão de sua constituição. Logo após, apresentamos a descrição densa produzida acerca da mesma.

Quadro 5 – Identificação da Família P.

FAMÍLIA P.				
Lugares	(1) Porto Alegre - RS, (1) Dinamarca			
Integrantes em comunicação	4			
Integrantes considerados do núcleo principal	4			
	Pai	Mãe	Filho	Filho
Nome	Guilherme	Sarah	Gustavo*	Gonçalo
Idade	51	52	22	15
Escolaridade	E.M.	E.S.c.	E.S.i.	8º ano E.F.
Residência	RS	RS	Dinamarca	RS

Fonte: Quadro gerado pela autora a partir de dados fornecidos pelos indivíduos pesquisados

É nos churrascos de família que Gustavo (22) – estudante de Educação Física que hoje vive¹⁰⁸ em Copenhagen, Dinamarca (a mais de 11 mil quilômetros de sua família) – escuta muitas vezes sobre como os pais, Guilherme (51) e Sarah (52), se aproximaram e começaram a namorar. Suas famílias já se conheciam há vários anos, além de morarem no mesmo bairro da cidade de Porto Alegre, mas foi em um samba em que ambas costumavam ir, em finais da década de 1980, que os dois trocaram bilhetes – uma prática comum na festa. A permuta de recados levou a encontros, que, depois de algum tempo, transformaram-se em namoro, e, mais adiante, em casamento.

¹⁰⁸ Um esclarecimento: no início de nossa pesquisa empírica, Gustavo já vivia há cerca de meio ano na Dinamarca. Ao completar um ano de estadia, ele precisou retornar ao Brasil, já que não tinha visto de permanência naquele país. Portanto, ao final da pesquisa, nosso interlocutor já estava com sua família, em Porto Alegre – conforme será exposto posteriormente –, planejando os próximos passos para poder retornar à Europa.

Ambos com quatro irmãos, constituíram família no mesmo bairro onde moravam. Quando Gustavo, o primogênito, tinha cerca de quatro anos, mudaram-se para outra parte da cidade, para o apartamento em que vivem até hoje juntos e onde, cerca de dois anos depois da mudança, nasceu o segundo filho da família, Gonçalo – atualmente com 15 anos. Os irmãos sempre tiveram uma boa relação, apesar de alguns anos de enfrentamento, especialmente durante o início da adolescência do caçula: coisa que Gustavo considera “normal da idade”. Sempre bastante companheiros, o mais velho relembra com humor das fotos antigas em que os dois aparecem fazendo um bolo. A mãe, chef de cozinha, sempre ensinou os dois, desde pequenos.

A ideia de ir para a Dinamarca surgiu em 2015, antes de a família receber a terceira visita do dinamarquês Túlio (26), que viveu com eles durante sete meses, em 2011, devido a um intercâmbio que estava realizando. A amizade entre Gustavo e Túlio se reforçou nas visitas seguintes do dinamarquês ao Brasil: três meses em 2013 e, mais três meses, em 2016.

Durante dois anos, Gustavo economizou dinheiro e organizou-se para, então, em janeiro de 2017, realizar o intercâmbio para a Dinamarca. Lá, com ajuda de seu amigo, fez testes em vários clubes de futebol – estudante universitário de Educação Física no Brasil, sempre sonhou em jogar profissionalmente em um time. Foi aceito no primeiro clube para o qual realizou testes naquele país. Sendo um clube da série B do campeonato europeu, ele explica que não há possibilidade de ter um contrato assinado e que, portanto, não recebe salário; mas espera, mediante o destaque que tem alcançado, conseguir em breve uma chance na série A. A contratação profissional além de representar um passo a mais na conquista do sonho, significaria a mudança definitiva para a Europa.

O programa de intercâmbio para o qual Gustavo havia se inscrito exigia uma condição: escolher algum projeto no bairro onde viveria para fazer trabalho voluntário – em creches, escolas, jardins de infância, etc. Tendo já trabalhado como professor de crianças na Associação Cristã de Moços (ACM), em sua cidade natal, Gustavo escolheu dedicar-se a um Jardim de Infância na Dinamarca, onde passou a auxiliar professores na formação e recreação de crianças de três a seis anos.

Findado o prazo do estágio, após seis meses, Gustavo foi indicado para um outro trabalho voluntário no interior do país, a cerca de quatro horas da capital. Lá, tinha seus custos de alimentação e moradia coberto, já que vivia no alojamento da instituição que o acolheu. Este local é um tipo de escola bastante comum na Dinamarca, chamada *after school*, onde alunos

saídos do Ensino Médio têm a chance de conhecerem e testarem suas aptidões antes de partirem para o mercado de trabalho. Lá eles têm a oportunidade de viver um ano, juntamente com outros jovens, experimentando-se nas diversas áreas do saber – incluindo esportes, gastronomia, artes, ciências, etc. –, no intuito de visualizarem melhor sua vocação antes de partirem para um curso de Graduação ou diretamente para um ofício profissional.

A *after school* deu a Gustavo a possibilidade de conviver com jovens dinamarqueses e, também, de diversos outros países, principalmente asiáticos. Além de atuar como professor voluntário, também frequentou aulas de dinamarquês, onde afirma ter aprendido o idioma – que antes falava de forma muito incipiente –, além de aperfeiçoar seu inglês. A experiência de estar dos “dois lados”, isto é, como aluno e como professor, segundo Gustavo, foi extremamente engrandecedora. Além disso, teve oportunidade de jogar no time oficial desta última cidade onde viveu na Dinamarca.

É notável que nosso pesquisado apresenta bastante facilidade para gerar vínculos com as pessoas; e, também, que seu trabalho é de reconhecida qualidade, já que, pelos locais onde passou, as portas sempre se mantiveram abertas para um possível retorno seu. Neste sentido, vale ressaltar que a direção da *after school* onde residiu nos últimos seis meses de sua estadia na Europa ofereceu a ele a cobertura de seus custos de viagem de volta ao Brasil, com a promessa de retornar, no momento em que lhe fosse mais conveniente, para ser voluntário novamente naquele local.

Durante sua estadia na Dinamarca, nosso interlocutor conta que a forma como se comunicava com a família modificou-se ao longo dos meses. Nas primeiras conversas conosco, o jovem relatou que se falava com os pais de duas a três vezes por semana através do *Skype* – ele havia criado para eles uma conta no aplicativo antes de viajar. Os pais, que haviam adaptado suas rotinas para resolver a questão da diferença de fuso horário, geralmente conversavam com Gustavo juntos, em frente à câmera (salvo algumas vezes que a mãe, mesmo realizando tarefas domésticas, escutava de longe à conversa e participava de alguns assuntos).

Naquele momento, o *Skype* era utilizado para conversas mais longas, sobre atividades gerais, planos futuros e, até mesmo, para o auxílio de tarefas domésticas. Para assuntos mais burocráticos e envio de fotos, o *WhatsApp* era o meio mais utilizado, através de imagens de texto. Já com o irmão, a comunicação se dava quase que totalmente por *WhatsApp* (texto e gravações de áudio), especialmente para assuntos mais íntimos, como festas e namoradas. Naquela época também aparecia no relato o *Facebook*, já que a mãe passou um período sem o

celular e utilizava a conversa privada deste site de rede social para o envio, principalmente, de fotos e receitas.

Em determinado momento do ano de 2017, já no segundo semestre – nenhum dos entrevistados soube precisar o mês –, houve uma troca dos aparelhos celulares dos membros da família¹⁰⁹. “O pai e a mãe não tinham um celular tão bom. Agora compraram celulares com câmera e conseguem ligar por *WhatsApp*”. A troca de aparelhos causou uma mudança bastante significativa nas interações de Gustavo com a família – a qual nosso interlocutor vê muito positiva. Segundo ele, com a possibilidade de realizarem chamadas através do aparelho celular, não houve mais a necessidade de marcação de horário para conversas e de uma preparação de ambas as partes para se posicionarem em frente ao computador para conversarem. Desse modo, Gustavo destaca uma menor formalidade nas ligações e uma maior espontaneidade no que diz respeito a horários, dias e duração das chamadas.

Desse modo, as ligações, após a troca de aparelhos, se tornaram mais espontâneas, mais curtas e, segundo Gustavo, “mais objetivas”¹¹⁰ – o que, particularmente, prefere. “Melhorou, todos os dias falamos algo. [...] antes era uma coisa de falar por *Skype* [...] aquela coisa formal de parar tudo o que está fazendo. Agora eles só querem *Whats*. Até desinstalei do celular [*o Skype*]”.

As interações passaram a ocorrer um pouco antes do almoço da família, quando estavam reunidos os pais e o irmão (momento lembrado por Gustavo); à noite, já deitados na cama; pela manhã, minutos antes do pai – técnico em radiologia – começar a trabalhar no hospital (momento lembrado com carinho por Guilherme), dentre outros. Essas últimas eram, em sua maioria, ligações realizadas pelo pai, que relata: “O *Whats* é melhor. Se dá saudade, liga e já vê o rosto, até do trabalho [...] sou mais eu que ligo pra dar bom dia”. Ainda assim, segundo os relatos de nossos entrevistados da Família P., na maior parte das vezes pai e filho se trocavam “bom dia” por escrito, combinando de mais tarde, naquele dia, “se falarem melhor”, ou no intervalo do almoço, ou à noite – turno em que mais se comunicavam.

Outro ponto ressaltado por Gustavo com relação às mudanças que ocorreram na comunicação com a família diz respeito às interações com o pai quando queria sua opinião para

¹⁰⁹ Gustavo comprou um *iPhone* para si na Dinamarca e enviou para o Brasil o celular que entrou em desuso, para que seu pai ou seu irmão o utilizassem. O aparelho foi extraviado e nunca chegou ao destino. A mãe e o pai compraram celulares novos e o irmão, Gonçalo, trabalhou na loja do tio por um período para pagar pelo seu.

¹¹⁰ Em determinado momento da entrevista, Gustavo também utiliza o termo “mais eficiente”, para descrever as novas características das interações com sua família.

tomar alguma decisão – geralmente relacionado a compras¹¹¹. “Melhorou nossa comunicação quando estávamos fora de casa. Por exemplo, se via algum produto, algum tênis ou jaqueta na em uma loja, tirava foto e mandava pro pai pedindo a opinião dele. Na hora ele já me respondia se eu comprava ou não. Mandava áudio”. Fato que também foi destacado por seu pai em entrevista. Ao ser perguntando se o mesmo hábito do filho ocorre com sua esposa, Guilherme responde: “[...] ele compartilha muito as decisões comigo. Comigo é mais razão, quando diz respeito a alguma decisão, com a mãe já é mais sentimento mesmo. Muito maternal”.

Apesar de Gustavo não falar muito sobre as interações com sua mãe, ele a considera a mais ativa de toda a família no que diz respeito à comunicação. Durante sua estadia na Dinamarca, sua mãe não estava trabalhando fora de casa¹¹², o que considera ser um dos principais motivos para que procurasse mais interações à distância. “A mãe tá com tempinho de sobra. Mais que o pai”. Gustavo ainda ressalta sua preferência por comunicar-se com o pai, que é mais objetivo nas interações – o que considera uma virtude: “O pai é mais direto, a mãe gosta de viajar, falar de diversos assuntos. É bom, mas o pai é mais direto”.

Sobre a experiência de separação da família – esta havia sido a primeira vez que algum de seus integrantes foi morar fora de casa –, Gustavo afirma não ter sofrido: “Por mais estranho que pareça, não [sofri]. Me perguntam se tenho saudade, e eu digo que não. Com *Skype*, *WhatsApp*, a mãe e o pai estão sempre comigo. Sempre presentes. Sinto saudade física, mas de uma forma ou outra estão sempre presentes”. Além disso, a reação de seus pais foi no momento da partida foi melhor do que ele esperava – em sua opinião, devido ao fato de todo o processo ter sido planejado com antecedência. “No aeroporto, achei que iam chorar, fazer toda uma cena. Mas não, foi só abraços, beijos. Até me surpreendi”.

Quando faltavam poucos dias para completar um ano de sua chegada à Dinamarca, Gustavo retornou ao Brasil. Apesar de não precisar ficar mais do que dois ou três meses no Brasil para ter novamente o direito de retornar àquele país, nosso interlocutor planeja utilizar o ano de 2018 para finalizar o curso de Graduação que, o que pode ser feito num período entre seis meses e um ano, já que tem apenas cadeiras referentes ao trabalho de conclusão para cursar.

¹¹¹ Nosso interlocutor da Família P. parece ser bastante estiloso e cuidadoso no que diz respeito a marcas e modas de vestimentas, tênis, casacos, etc. Percebemos isso através de suas fotos postadas no *Facebook*, bem como em sua fala.

¹¹² Poucos dias antes do retorno de Gustavo ao Brasil, sua mãe assumiu a cozinha do bistrô de uma amiga, passando a ter menos tempo livre.

A ideia é poder retornar à Europa com um diploma de Graduação, para que possa buscar alternativas melhores de trabalho¹¹³.

Hoje, Gustavo não vê mais seu futuro no Brasil – decisão totalmente apoiada por seus pais, que acreditam que o padrão de vida que ele terá lá, dificilmente poderá ser alcançado no país de origem, especialmente tendo em vista as crises político-econômicas que vem enfrentando. Nosso interlocutor, então, que retornou apenas por necessidade, manifestou a intenção de utilizar seu tempo no Brasil para preparar-se e traçar um planejamento de retorno à Europa. “Vou fazer o que tiver que fazer pra tentar voltar e continuar a vida fora”.

A Família P. se constituiu como um bom caso para este trabalho à medida em que foi a única em que o membro que se afastava de seu núcleo familiar tinha perspectiva de retorno ao país de origem – já tinha sua passagem de retorno comprada desde que partiu. E tornou-se ainda mais proveitosa por ser a única família com a qual conseguimos nos reunir presencialmente com todos os membros após o retorno de Gustavo ao Brasil.

5.1.3.1 Protocolo de observação para a Família P.

A Família P. foi o único caso pesquisado em que a primeira interação que tivemos foi com a mãe de quem veio a ser nosso contato principal. Tendo explicado a ela os objetivos do estudo e como o caso de sua família coincidia com a nossa proposta de investigação, ela aceitou fazer a ponte, convidando seu filho para participar. Após o contato ter sido repassado, iniciamos as tratativas com Gustavo e realizamos o procedimento usual da pesquisa.

Após as duas conversas iniciais, realizamos uma entrevista com nosso interlocutor através de chamada pelo *WhatsApp*. E, posteriormente, uma entrevista com seu pai¹¹⁴. Como a família não possui qualquer meio de comunicação em grupo e quase que a totalidade dos contatos é feita via chamadas de vídeo, não solicitamos o envio de nenhum material para esta família. Como dito anteriormente, os contatos feitos por mensagens individuais, de texto e, principalmente, áudio, acontecem com o irmão, Gonçalo.

¹¹³ Outras possibilidades que ele cogita são: a realização de um curso de Pós-Graduação em Portugal, onde a família tem amigos, ou, seguir tentando a carreira como jogador de futebol.

¹¹⁴ O pai foi escolhido para ser entrevistado porque aparece constantemente no relato de Gustavo como sendo a pessoa a quem frequentemente pede aconselhamento, a quem admira muito e em que se espelha, tomando-o como exemplo de vida. Outra razão foi porque notamos um forte senso de responsabilidade de nosso interlocutor com relação ao irmão mais novo, que, por vezes, aparece em seu discurso como uma função bastante próxima à paterna, de proteção e de formação. Em virtude disso, quisemos compreender melhor a relação pai-filho e, portanto, acreditamos ser importante conversar com ambos

Outro diferencial do protocolo de observação desta família é que esta foi a única em que conseguimos reunir todos os membros¹¹⁵, fisicamente, para uma conversa em família sobre a experiência de saída do filho, e com a oportunidade de observar sua interação em um momento em que todos estavam reunidos para uma refeição – para a qual fui¹¹⁶ convidada a participar. As refeições, para esta família, são momentos particularmente especiais, já que o tema da alimentação é muito recorrente nas falas e depoimentos de seus membros. Peculiaridade que, certamente, tem a ver com o fato de a matriarca ser chef de cozinha e frequentemente oferecer refeições fartas e com excelente apresentação à família e amigos.

Conforme já exposto, foram dois os entrevistados desta família: Gustavo e seu pai, Guilherme. O primeiro teve de ter sua entrevista remarcada devido a um atraso em seu voo que partia de Praga rumo a Copenhague. Em virtude do atraso da viagem, que o impossibilitou de conversar conosco no dia e horário combinados, remarcamos para o dia seguinte. A conversa fluiu de maneira tranquila, por cerca de uma hora. Gustavo, sempre muito seguro de seus posicionamentos e contando com uma visão otimista inabalável acerca de todos os temas conversados, demonstrou especial preocupação pela formação do irmão mais novo e manifestou sentir-se um exemplo e modelo para ele.

A temática da alimentação, conforme dito anteriormente, apareceu muitas vezes, seja na justificativa de pequenos atrasos – “[...] estava na cozinha, fazendo minha janta. Sabe como é, aqui não tem a Sarinha¹¹⁷” – seja para relatar as primeiras interações de Gustavo com a mãe depois da chegada à Europa – “Aqui o fogão é elétrico, não funcionava a panela de pressão nesse fogão, aí fui forçado a pedir ajuda pra mãe. [...] a mãe manda receitas, diz que é importante comer isso... aquilo... manda receita de bolos, sabe que eu gosto de fazer” –, ou, até mesmo, quando relembra momentos da infância e descreve fotos nas quais aparecem ele e o irmão aprendendo a fazer doces com a mãe. Outra temática bastante evidente em seu discurso diz respeito ao futebol que, desde pequeno, enquanto brincadeira, já despertava seu desejo em tornar-se jogador profissional – “Onde tinha uma bola eu tava chutando”. Sonho este que foi o motivo pelo qual decidiu viver fora do Brasil.

Guilherme, por sua vez, teve sua entrevista realizada ao vivo, em sua casa, em Porto Alegre. Com o pretexto de deixar-nos a sós para conversarmos, Sarah foi até o supermercado –

¹¹⁵ O encontro aconteceu após o retorno temporário de Gustavo ao Brasil, na casa de seus pais, em Porto Alegre.

¹¹⁶ Aqui mesclamos, novamente, a primeira pessoa do singular e a do plural.

¹¹⁷ Apesar de mantermos o nome fictício criado para a mãe de Gustavo, aqui reproduzimos o diminutivo utilizado por ele para referir-se à mãe naquela ocasião.

onde relata que ficou, em suas palavras, “enrolando um pouquinho” para dar-nos tempo. Ela decidiu ir às compras de ingredientes para o preparo de uma janta para todos nós¹¹⁸. Em nossa conversa, notamos que o estudo e o trabalho foram as temáticas mais evidentes do discurso de Guilherme. Ele, que desde cedo trabalhou e teve independência financeira, porém sem nunca haver deixado de estudar, confia plenamente na instrução como caminho para melhorar, financeiramente, de vida, e no trabalho para o desenvolvimento do caráter. Também muito afeito aos esportes, relata que sempre os teve incorporados à sua vida e que, até hoje, faz atividades físicas regularmente. A manutenção da saúde é a principal justificativa, além de relatar que se sente bem praticando esportes – gosto que transmitiu ao filho mais velho.

Durante sua entrevista, Guilherme ressaltou alguns aspectos a respeito de seu filho mais novo e da relação deste com Gustavo. Conforme já havíamos notado em conversas anteriores com nosso interlocutor – e concorda conosco seu pai –, este demonstra um elevado grau de preocupação com a conduta e formação do irmão caçula, por vezes assumindo uma postura bastante parecida com a da função de pai. Além de sentir-se responsável por ser um exemplo para ele.

Para contextualizar um pouco a relação entre os irmãos, vale ressaltar alguns pontos interessantes de suas histórias. Quando o dinamarquês, Túlio, veio para o Brasil pela primeira vez, Gonçalo, que desde pequeno dormia com o irmão, foi trocado de quarto, para, assim dar espaço aos dois meninos no quarto maior (onde até hoje fica o computador da família¹¹⁹). De acordo aos relatos de Guilherme, mal a família chegou do aeroporto após a partida de Gustavo, Gonçalo tomou posse do quarto do irmão – o qual teve de devolver após um ano, com o retorno do mais velho ao Brasil.

Outro aspecto bastante marcante na fala de Guilherme é a diferença entre os filhos com relação ao desempenho escolar. Enquanto Gustavo nunca ficou em recuperação na escola, Gonçalo tem sérios problemas escolares e já reprovou de ano duas vezes. Também passou por uma série de trocas de escolas – uma em função da instituição, privada, ter perdido muita qualidade e muitos dos bons professores; outra, também privada, por ter enfrentado preconceito em função de sua cor¹²⁰; e, por fim, uma terceira, pública, que não oferecia estrutura mínima

¹¹⁸ Nesta ocasião, Sarah, sempre muito amável e solícita, nos convidou a comer um risoto de alho-poró feito por ela na hora. Gonçalo, que chegou em casa após sua mãe ter ido procurá-lo na vizinhança, não quis comer – relatou não estar com fome e preferiu ficar em seu quarto, mexendo no celular.

¹¹⁹ Segundo Gustavo, o computador da família sempre ficou em seu quarto por ser o único local da casa onde havia espaço para colocá-lo.

¹²⁰ Todos os integrantes da Família P. são da raça negra.

para o seu bom funcionamento, além de permitir uma série de condutas não aceitáveis¹²¹ por parte dos alunos. Atualmente, Gonçalo voltou a estudar em uma escola particular, da rede Salesiana.

Guilhermo nos conta que, desde o começo da experiência vivida pelo irmão na Dinamarca, o caçula se incomoda muito com as frequentes perguntas de parentes e amigos da família sobre quando será a sua vez de viajar para fora do país. Questionamento ao qual reage com bastante irritação: “Por que tenho que ter a mesma história que a do meu irmão?”. Seu pai, em contrapartida, tenta mostrar compreensão ao dizer a ele que “tu podes escrever tua história de mil formas [...]”, mas não consegue fugir da reafirmação do estigma dado ao caçula pela família e por seus professores ao completar a frase: “[...] e já sei que tu não és padrão; reafirmo isso todos os dias”.

A chegada de Gustavo em casa¹²², desde o primeiro dia, gerou atrito entre os irmãos e desencadeou uma série de discussões e brigas, as quais o pai diz estar farto e delegar aos filhos a missão de resolvê-las sozinhos. Na opinião de Guilhermo, Gustavo é muito duro com o irmão mais novo, pouco tolerante com pequenos deslizes e critica muito o que considera uma falta de “pulso” ou de ação mais contundente por parte dos pais em relação a ele. “Ele trabalha com jovens, precisa entender que jovens são diferentes. E ele foi um adolescente muito diferente do irmão, então tem dificuldade em compreender. Eu disse pra ele: ‘Cara, tu recém chegou. Curte teu irmão, curte tua família’”, aconselhou Guilhermo ao filho recém-chegado.

No momento de nossa última conversa com a Família P., os seus integrantes ainda não tinham tido muito tempo de convivência – em parte porque a mãe agora trabalhava fora de casa, em parte porque, tendo Gustavo retornado com um novo amigo dinamarquês, precisava dar atenção ao visitante e ao planejamento da viagem que faria com ele, em seguida, a Florianópolis. Desse modo, ainda não haviam tido a chance de efetuar os programas que a família costumeiramente realizava junto, como assistir seriados no *Netflix*, andar de bicicleta, fazer piqueniques no parque, dentre outros.

¹²¹ Após ter enfrentado problemas de preconceito racial em uma escola privada de Porto Alegre, Gonçalo pediu aos pais para que o matriculassem em uma escola Estadual. A experiência foi considerada válida pela família pelo fato de que o menino tomou contato com uma realidade de pobreza e falta de estrutura muito diferente da que, até então, havia experimentado. Pelos motivos já expostos no texto, ele decidiu sair desta escola e foi matriculado em uma outra instituição particular.

¹²² Vale ressaltar que Gustavo retornou ao Brasil trazendo consigo um amigo dinamarquês, companheiro de time de futebol na Dinamarca. O menino passaria cerca de duas semanas na casa da Família P. Depois, ambos seguiriam para Florianópolis, onde ficariam por alguns dias de férias e, a partir de onde, o europeu seguiria sozinho para o Rio de Janeiro, com o objetivo de encontrar sua namorada.

Além das entrevistas e do encontro presencial com Gustavo e sua família, mantivemos contato algumas outras vezes com nosso interlocutor da Família P. para tirarmos dúvidas e para solicitar autorização do monitoramento de postagens em seu perfil pessoal no *Facebook*.

5.1.4 Família S.

“Estou mais por dentro do que acontece na vida deles, [...] mas um abraço hoje é muito raro”. (Thais S.)

Como de costume, antes de apresentarmos a Família S., sistematizamos algumas informações acerca de seus membros (Quadro 6). Lembrando que os indivíduos cujos nomes contém um asterisco (*) referem-se aos nossos contatos principais, isto é, os filhos que fizeram a ponte desta pesquisa com seus familiares.

Quadro 6 – Identificação da Família S.

FAMÍLIA S.						
Lugares	(2) Rio Grande - RS, (1) Manaus - AM, (1) Inglaterra					
Integrantes em comunicação	6					
Integrantes considerados do núcleo principal	6					
	Pai	Filha	Filha	Filha	Cunhado ₁	Cunhado ₂
Nome	Juliano	Márcia	Tatiana*	Fernanda	Marcos	Lucas
Idade	69	38	33	32	35	30
Escolaridade	Técnico	E.S.c.	Mestrado	Mestrado	E.S.i.	Mestrado
Residência	RS	RS	Inglaterra	AM	RS	AM

Fonte: Quadro gerado pela autora a partir de dados fornecidos pelos indivíduos pesquisados

Tatiana (33), jornalista, é nossa interlocutora da Família S. Ela vive há pouco mais de um ano na Inglaterra, onde realiza seu Doutorado em Comunicação. Brasileira, já morou também um ano na Bélgica e, 12, em Porto Alegre – a cerca de 320 quilômetros de sua cidade natal, Rio Grande. Ela tem duas irmãs: uma mais nova, Fernanda (32), que vive com o marido em Manaus, desde 2013 (a quase cinco mil quilômetros do lugar de origem), e que, durante o

período da pesquisa deu à luz ao futuro afilhado de Tatiana¹²³; e outra, mais velha – Márcia (38) –, que vive em Rio Grande com o marido e dois filhos, gêmeos, de dois anos de idade. Na mesma cidade também mora o pai (69) das três, Juliano, viúvo há cerca de sete anos.

Tatiana considera sua família muito unida, apesar das distâncias físicas. Sua primeira mudança aconteceu em 2003, quando saiu da casa da família, com 20 anos de idade, para fazer faculdade. A experiência, segundo seus relatos, foi traumática. A mãe, à época, professora e vice-diretora de uma escola de Ensino Médio, não apoiou a mudança da filha para outra cidade – fato que nossa interlocutora atribui ao histórico de abandono da mãe na infância.

Ela [a mãe] ficou brava comigo porque eu tinha passado em Direito na FURG¹²⁴. Num curso mais conceituado que Jornalismo. Dizia que eu estava jogando meu potencial fora, que iria ser pobre pra sempre. Na verdade, ela se sentiu como se eu estivesse abandonando a família. Com o tempo fui lidando com isso, com afeto.

Além disso, Tatiana conta que os parentes e amigos da família faziam “terrorismo” com sua mãe, dizendo que a filha jamais conseguiria ter um bom salário e que, por outro lado, tinha potencial para ser juíza.

No começo da faculdade, Tatiana retornava todos os finais de semana para a casa dos pais. Um ano depois da mudança, ela já estava bem colocada profissionalmente e, namorando um rapaz de Porto Alegre, o que acabou fazendo com que as visitas à cidade natal diminuíssem cada vez mais. Tendo em vista o histórico familiar de abandono da mãe, quem, segundo Tatiana, criou um “ideal de família” segundo o qual todos viveriam juntos ou muito próximos, nossa entrevistada tentava compensar a falta que fazia para a mãe. Ela conta que, certa vez, em meio a plantões de fim de semana no jornal onde trabalhava, foi a Rio Grande somente para almoçar com a mãe no Dia das Mães, no intuito de, nas suas palavras, “mostrar pra ela como isso importava pra mim, e como eu queria ser presente na família, mesmo vivendo distante”.

Sobre a reação do pai em relação à sua saída, Tatiana relatou que ele sofre mais com a distância atualmente do que no passado, já não tem mais a companhia da esposa. Na época de sua saída, nossa entrevistada teve bastante apoio do pai, que se orgulhava muito dela – e, até hoje, sente muito orgulho de suas conquistas, valorizando muito o fato de a filha fazer Doutorado no exterior. Desde o período da faculdade, dizia a ela: “Nem quero que tu volte, as

¹²³ Tatiana viajou aos Estados Unidos com a irmã para comprar o enxoval do bebê; além disso, virá ao Brasil, em março de 2018, para batizar o sobrinho.

¹²⁴ Universidade Federal do Rio Grande, sediada na cidade de Rio Grande, no sul do Estado do Rio Grande do Sul.

coisas não estão boas aqui. Tu precisa ter mais”. Segundo Tatiana, seu pai tem a “cabeça um pouco mais aberta que a mãe”, fato que atribui à sua residência por alguns anos no Rio de Janeiro. “Ele sabe que criou uma mulher confiante e bem-sucedida. A mãe tinha dificuldade de lidar porque se sentia abandonada. Uma resposta bem diferente da do pai”.

Durante os quatro primeiros anos fora de casa (período em que fez faculdade), a mãe era a pessoa para quem Tatiana mais telefonava. Vivendo em Porto Alegre por 12 anos, nossa interlocutora passou por várias mudanças na forma como se comunicava com a família. No princípio, não possuía telefone fixo em casa, e, tendo em vista os altos custos para fazer ligações com o celular na época, ligava todos os dias para a família de um “orelhão” que ficava na frente de sua casa. Às vezes, com chamadas de uma a duas horas de duração. Por algum tempo, nossa interlocutora também se comunicou com a família através do telefone celular, aproveitando promoções de uma operadora¹²⁵.

Nossa interlocutora adquiriu seu primeiro *Smartphone* por volta dos anos 2007/2008, quando começou a poder fazer ligações por internet. E, cerca de um ano depois, passou a ter internet em casa – antes utilizava a rede somente na faculdade ou no trabalho. Apesar de a família ter obtido o hábito de ligar por *Skype* para um dos cunhados, quando este foi passar uma temporada na Espanha, foi o *FaceTime*¹²⁶ o aplicativo que a família adotou para fazer ligações – bastante utilizado pelos S. até hoje.

Em 2015, Tatiana mudou-se com o marido para a cidade de Ghent, na Bélgica, onde viveram durante um ano por conta do Doutorado que ele começaria lá. Passado este período, nossa entrevistada decidiu ir para Loughborough, na Inglaterra, para realizar o seu próprio Doutorado, terminando o relacionamento de 12 anos de duração.

Na Inglaterra, quatro horas à frente do horário do pai e da irmã mais velha, e cinco da caçula, Tatiana se comunica com a família todos os dias por *WhatsApp*. E, uma vez por semana, nos finais de semana, liga para todos eles por *FaceTime*, *Skype* ou *WhatsApp*¹²⁷. Segundo ela, apesar de todos estarem sempre muito atualizados acerca do dia a dia dos demais membros da família, o pai é o mais ativo, compartilhando coisas de seu cotidiano – inclusive fotos de suas

¹²⁵ Se tratava dos planos do tipo *Pula-Pula*, que foram lançados pela operadora Brasil Telecom nos anos de 2004 e 2005. Eles ficaram famosos porque os clientes acumulavam em crédito valores idênticos ao total de chamadas que recebiam e podiam usar tal saldo em ligações para linhas de qualquer operadora e chamadas de longa distância.

¹²⁶ *FaceTime* é um *software* desenvolvido pela *Apple* capaz de realizar chamadas de áudio e vídeo. Utiliza a câmera frontal para fazer chamadas de vídeo entre os aparelhos com sistema operacional iOS.

¹²⁷ Em nossa última comunicação com Tatiana, no começo de 2018, ela afirmou ter aumentado o número de vezes que faz ligações para os membros da família desde que iniciamos a pesquisa, passando a duas a três vezes por semana.

refeições. Isso se dá, ela acredita, pelo fato de o pai morar sozinho e ser aposentado, tendo mais tempo livre – além dele ter um especial gosto por usar internet, o que o faz ser mais engajado e responder a toda e qualquer comunicação da família. De acordo à nossa interlocutora, todos respondem tudo o que é postado no grupo, inclusive as mensagens de “bom dia” – com exceção de um dos cunhados, que nem sempre está disponível.

Quanto ao uso do *WhatsApp*, a Família S. possui os seguintes grupos constituídos para comunicar-se entre si: um grupo do qual participam as três irmãs; outro no qual estão as três irmãs, o pai, os cunhados e a família do pai dos gêmeos – que serve para compartilhar fotos e vídeos das crianças; um terceiro formado pelas três irmãs, o pai, os cunhados e a família do outro cunhado, pai do afilhado de Tatiana – também com a finalidade de compartilharem notícias, fotos e vídeos do recém-nascido; e, por fim, um grupo do qual fazem parte as três irmãs, o pai e os cunhados de Tatiana (30 e 35 anos). Nossa interlocutora recebe ainda, cerca de duas vezes ao mês, e-mails de seu pai compartilhando notícias que lhe possam interessar ou mensagens que gostaria de partilhar individualmente com ela.

Sobre as conversas privadas, que têm em paralelo com cada um dos membros de sua família, Tatiana conta que essas estão relacionadas a assuntos de diversos temas. Com a irmã mais velha, por exemplo, costuma conversar sobre as dificuldades da carreira dela e questões de maternidade – já que ela se sente bastante sobrecarregada com os gêmeos; já com a caçula, mãe de seu afilhado, com quem afirma ter mais afinidade, fala sobre concepções que ambas têm sobre a vida, criação de filhos e planos para o futuro, além de auxiliá-la na revisão de trabalhos acadêmicos – já que a irmã, conforme será explicitado posteriormente, decidiu começar uma nova faculdade.

No que diz respeito à comunicação com o pai, nossa entrevistada afirma conversar muito sobre o que caracterizou como “coisas de sentimento”. Sempre demonstrando alto grau de responsabilidade com relação ao bem-estar dele, afirma: “Sou a filha que mais ouve ele com relação a sentimentos. Se está deprê, como está, se está bebendo muito. Pra eu monitorar, saber como está indo”¹²⁸. Além de ser o mais ativo na comunicação familiar, o pai é com quem Tatiana mais se preocupa, afirmando que tem sido difícil para ele lidar com a distância física, principalmente após a morte da esposa. Inclusive, comentou durante a entrevista, que o pai

¹²⁸ Tatiana ressalta em uma de nossas conversas que, devido ao fato de o pai não ter tido nenhum “filho homem”, ela se preocupou em “fazer esse papel”, relatando ter aprendido pintura, marchetaria e pesca para fazê-lo companhia nessas atividades.

estava um pouco “deprê” naquele período e que, assim que terminasse a conversa conosco, ligaria para conversar com ele e saber como estava passando.

Nossa interlocutora, que nunca escondeu o fato de ser muito ligada à família e ter profunda admiração pelos pais e pelo modo como foi criada, também demonstrou alguma dificuldade para lidar com a questão da distância. Segundo ela, nos últimos tempos, os períodos mais complicados foram quando os sobrinhos nasceram. “Fraquejei. Pensei que de repente não vale a pena estar tão longe. Porque, de resto, não reclamo. Minha vida é ótima. É que tu vê tudo à distância, parece que tu não faz parte de algumas coisas”. Diante de tal colocação, decidimos aprofundar a conversa sobre esse sentimento de não pertencimento, destacado por Tatiana; ao qual ela respondeu, e trazemos aqui suas palavras:

Tenho medo de não participar: não sei o tamanho deles, quanto pesam. A última vez que vi o Erik¹²⁹, era recém-nascido. Agora está com dobro do tamanho. Não me sinto participando do dia a dia. Mas faço o que posso para estar nos grandes momentos, como nascimento, aniversário de um ano, batizado. [...] minhas irmãs fazem o esforço de mandar coisas. Levei pro Erik uma roupinha da seleção inglesa de futebol. Ontem estava usando, então minha irmã mandou foto dele usando. Me sinto mais próxima ao ver isso. Roupas de praia que mandei pra ele. Postagens no *Facebook* com roupinha que dei. [...] não posso ter os dois mundos. Se escolhi isso, algo vou perder.

Tatiana contou que sente que a família se uniu muito após a morte da mãe. Quando questionada sobre como é estar junto de sua família, fisicamente, respondeu ser algo maravilhoso e lembrou, naquele momento, do episódio em que viu a irmã, grávida, “com um barrigão”, no aeroporto e, instantaneamente, começou a chorar. Além disso, acrescentou que sente que, quando estão juntos, precisa “construir todas as memórias possíveis, especialmente com os pequenos”. Desabafa contando que

Minhas irmãs sabem que podem contar umas com as outras. Mas meus sobrinhos... quero que me conheçam, me abracem, como fazem com as outras tias. É um desafio. [...] quero que meus sobrinhos lembrem de mim, do meu cheiro, da minha voz. É uma sensação de que precisamos ficar construindo memórias. Estamos tanto tempo separados. Meu pai até se enoja da quantidade de fotos que tiramos.

¹²⁹ Seguindo o padrão estipulado pela pesquisa, alteramos o primeiro nome do afilhado de Tatiana, preservando apenas sua primeira letra.

Neste contexto, e como explicitado anteriormente, Tatiana busca participar ativamente das vidas de seus familiares através do celular – assistiu, inclusive, ao nascimento dos sobrinhos por *Facetime*. Contudo, ainda faz a seguinte ressalva:

Antes [quando se mudou por primeira vez] era mais difícil falar com a família, mas se eu quisesse, podia ir nos finais de semana vê-los. Agora, quando estou com saudade, não tenho o que fazer. Consigo saber o que acontece com todos, mas a saudade é diferente porque não consigo solucioná-la. [...] estou mais por dentro do que acontece na vida deles [...], mas um abraço hoje é muito raro.

Atualmente, Tatiana visita o Brasil de uma a duas vezes por ano, oportunidades nas quais vê todos os membros da família. Segundo ela, aproveitam datas comemorativas, como, por exemplo, a visita que fará em março de 2018 para comemorar o aniversário do pai e batizar o sobrinho recém-nascido. Ademais, nossa interlocutora também recebeu visitas na Europa, no ano de 2016, do pai – que, apesar de não ser muito afeito a viagens, pretende visitá-la novamente este ano –, e da irmã caçula – quem, segundo Tatiana, tem mais condições financeiras que sua outra irmã, o que facilita a possibilidade de viagens ao exterior.

De acordo a nossa entrevistada, ela e a irmã caçula sempre foram muito ligadas e têm gostos e pensamentos muito parecidos, além de que compartilharam, durante muitos anos, um quarto na casa dos pais – fato que Tatiana considera ter tido um efeito bastante grande de aproximação na relação entre as duas. Já com relação à irmã mais velha, apesar de esta, no geral, sempre haver tido uma boa relação com as duas mais novas, Tatiana relata algumas brigas devido à diferença geracional. “Eu e minha irmã mais nova temos quase a mesma idade. Mas a mais velha começou a sair antes, namorar antes. Quando ela estava debutando, nós ainda éramos crianças”. Além da diferença de idade, nossa entrevistada também acredita que o fato de a irmã mais velha ter vivido seus quatro primeiros anos como filha única – e ainda com a presença da bisavó na mesma casa até a adolescência –, a tenha tornado um tanto egoísta. Outro agravante presente na personalidade da irmã, mencionado por Tatiana, é o que chamou de “TOC de arrumação”, devido ao qual não permitia que as irmãs mexessem em suas coisas; a consequência disso era que a mãe a obrigava a emprestar seus pertences a elas.

Apesar das antigas desavenças na infância e na adolescência, e de Tatiana demonstrar ter uma relação mais próxima com a irmã mais nova, hoje as três são muito amigas e companheiras umas das outras. Segundo nossa entrevistada, as três receberam uma criação em que a demonstração dos sentimentos era algo importante, o que as tornou “muito abertas a relacionamentos”, sem “medo de demonstrar amor” e “sem malícia” – fator que, em sua

avaliação, permitiu que acreditem nas pessoas, nos relacionamentos e no carinho. “Conversamos há uns dias sobre isso no *WhatsApp*. [...] sobre como achamos que tivemos um modelo de relacionamento muito bom dos nossos pais. [...] Como afeta nossos relacionamentos o jeito como somos criados”. Além disso, confere ao modelo de criação também a facilidade que as filhas da Família S. têm em compartilhar problemas pessoais: “Sempre fomos muito abertas para conversar. Fomos criadas de um jeito que não há problema em falhar. Nenhuma de nós foi idealizada para ser perfeita. Sempre fomos muito honestas com as coisas que dão errado. Levanta, sacode a poeira, começa de novo”.

Tendo ainda dois anos do Doutorado pela frente, Tatiana não tem planos de voltar a viver no Brasil. Atualmente, namora um rapaz indiano, que frequenta a mesma universidade inglesa que ela, e que a acompanhará em sua visita ao Brasil para conhecer sua família. Ela e o namorado já estão juntos há mais de um ano e seu pai ainda não o conhece pessoalmente, coisa que não é costume acontecer em sua família. Além disso, acredita que esse será o momento em que o namorado pedirá sua mão em casamento, pois, tendo em vista que planejam morar juntos ao regressarem para a Inglaterra e que, na cultura dele, não é bem aceito que um casal viva junto sem ser casado, esse parece ser o momento ideal para que ele realize o pedido.

Sobre o futuro, nossa entrevistada afirma querer engravidar o quanto antes. Pondera, também, que provavelmente criará os filhos fora do Brasil, muito possivelmente em um país de língua inglesa, o que considera ser o mais justo para o casal, sem privilegiar o idioma de nenhum dos dois. Quanto ao pai e as irmãs, diz imaginar-se visitando-os a cada dois ou três anos e recebendo, igualmente, visitas deles.

Um fato curioso, o qual optamos por trazer à luz nesta descrição densa, diz respeito às diferenças notadas por Tatiana entre a comunicação que tem com sua família, e a do namorado com seus familiares, que residem na Índia¹³⁰. Enquanto afirma passar o dia todo online, conectada com seus parentes¹³¹, via mensagens textuais e de áudio por *WhatsApp* ou eventuais chamadas de vídeo, o namorado somente se comunica com a família por telefone, com regularidade que, às vezes, não chega a uma vez por semana. Pedimos, posteriormente à entrevista, que Tatiana escrevesse um parágrafo (ou gravasse uma mensagem de áudio) sobre como percebe tais diferenças entre sua família e a do namorado no que diz respeito à

¹³⁰ Hoje, Tatiana conhece pessoalmente apenas a irmã do namorado, que os encontrou na Europa; e, por ora, não menciona qualquer previsão ou planejamento para conhecer os demais membros de sua família na Índia.

¹³¹ Tatiana afirma responder bastante rápido às mensagens da família durante o dia. Diz que geralmente estão “debochando ou conversando sobre algo” e demonstra estar sempre muito disponível para o pai e as irmãs quando estes precisam conversar sobre algum assunto pessoal.

comunicação entre seus membros e possíveis aspectos culturais que possam influenciar neste processo – pedido ao qual respondeu com agilidade e boa vontade, enviando-nos, por e-mail, as seguintes linhas que aqui expomos *ipsis litteris*:

“Acho que um dos pontos em que mais vejo diferença cultural no meu relacionamento é justamente no jeito que a gente se comunica com as nossas famílias. Eu falo com minha família todos os dias por WhatsApp e algum dos nossos vários grupos, ligo 2 ou 3 vezes por semana por FaceTime ou WhatsApp Video Call, sem contar que a gente está sempre curtindo as coisas uns dos outros no Instagram e no Facebook. Parece que estamos sempre em contato, que sempre sabemos o que está acontecendo na vida dos outros. Mas o meu namorado, que é do Sul da Índia, tem uma dinâmica bem diferente com a família dele. Eles não se comunicam por WhatsApp e também nunca fazem videochamadas. Eles se falam basicamente por telefone (meu namorado usa um app pra ligar como se o número na Índia fosse local aqui na Inglaterra). Eles se falam no máximo uma vez por semana, às vezes nem isso. Agora mesmo, a irmã dele está grávida e ele nunca sabe nenhuma atualização sobre ele. Eles simplesmente não têm o hábito de se ligar todos os dias, de atualizar sobre cada pequena coisa que acontece. Minhas irmãs, quando estavam grávidas, nos atualizavam de tudo minuto a minuto. Enfim, é uma dinâmica bem diferente. Isso não significa que todas as famílias indianas são assim, porque tenho outros amigos que estão sempre em contato com suas famílias. E o interessante é que quando nós estamos longe, ele age completamente diferente: me liga todos os dias, às vezes por horas, manda mensagem e fotos, fazemos pelo menos uma ligação em vídeo (normalmente usamos Hangout) por dia, enfim, ficamos em contato o tempo todo. Então não é que ele não goste de estar em contato, apenas a família dele tem um jeito diferente de lidar com isso. Às vezes me angustia porque parece que ele não sabe nada do que está acontecendo com a família dele, mas tento respeitar, porque talvez ele mesmo tenha a impressão que eu falo demais com a minha família. No fim das contas, o jeito que ele foi criado é muito diferente do jeito que eu fui criada”.

A Família S. aporta a esta pesquisa por ter muitos de seus membros vivendo apartados geograficamente – e com grandes distâncias. Já com três gerações em seu núcleo principal, também tem a singularidade da experiência da morte da mãe, que, segundo nossa interlocutora, acabou por aproximar e aprofundar o relacionamento entre as irmãs.

5.1.4.1 Protocolo de observação para a Família S.

Tendo feito os primeiros dois contatos com Tatiana – conversa inicial sobre a possibilidade de participação na pesquisa e, em momento posterior, conversa sobre sua família –, conforme descrito no Capítulo 4, o passo seguinte foi a solicitação do envio do conteúdo das conversas que ela trocou ao longo de uma semana nos grupos familiares que possui no *WhatsApp*. Ao ser perguntada sobre qual grupo gostaria de compartilhar o conteúdo, respondeu que enviaria *prints* de todos eles, totalizando quatro: um do qual fazem parte ela e suas irmãs; outro no qual estão suas irmãs, seu pai e seus cunhados; e outros dois dos quais fazem parte seu pai, suas irmãs, e os cunhados com seus respectivos familiares para a troca de informações, fotos e vídeos de seus sobrinhos (os gêmeos e o recém-nascido).

Após a observação deste material fizemos uma entrevista com Tatiana, via *WhatsApp*¹³². Sempre muito solícita e falante, nossa interlocutora narrou, de forma muito eloquente e aberta sobre sua história familiar, a relação com as irmãs e os pais, seus sentimentos em relação à distância geográfica que a separa do restante da família, dentre outras questões pertinentes a esse trabalho.

Sua narrativa revelou três temáticas muito frequentes, das quais uma aparece com mais força que as outras duas: a morte da mãe, causada por um câncer de pulmão que progrediu para uma metástase no cérebro – fato que, conforme dito anteriormente, Tatiana considera que aproximou as irmãs. Sobre esse acontecimento, que narra como o mais marcante de sua vida, Tatiana conta que a mãe lutou contra a doença durante um ano e meio e que, por um período de cerca de quatro a cinco meses, a mãe viveu com ela e seu companheiro (na época namorado e, atualmente, ex-marido), para realizar o tratamento.

Eu ia em todos os médicos com a mãe. Minhas irmãs estavam em Rio Grande. Comprei rápido um apartamento de dois quartos porque queria um de dois quartos pra ela se mudar. Fiz um quarto pra ela. Ela ia no fim de semana pra Rio Grande, quando não tinha ‘radio’ todos os dias. Teve um período que tinha todos os dias, aí ficava em Porto Alegre. Foram mais de 60 sessões.

Tatiana lembra com carinho das atividades que mais gostava de realizar junto com a mãe: assistir e conversar sobre seriados de televisão¹³³. Segundo ela, em função de uma “depressão não tratada”, a mãe ficava muito em casa, assistindo a séries. E quando a família

¹³² Devido a instabilidades na rede, foi necessário realizar a conversa somente por áudio.

¹³³ Em outro momento, Tatiana também menciona o gosto pela leitura compartilhado por ambas, o que gerava uma proximidade entre as duas, que intercambiavam livros e comentários a respeito das obras.

passou a ter TV a cabo, a mãe “teve mais entretenimento”. Além disso, nossa entrevistada costumava baixar episódios de seriados, os quais levava para a casa da mãe para assistirem juntas nos finais de semana. Outra lembrança que resgata com apreço é a coleção de cartas que recebeu da mãe: segundo Tatiana, sua mãe gostava de escrever em momentos especiais, como o Dia das Crianças, o Vestibular, a saída de casa para ir para a faculdade, etc. As cartas eram sempre entregues em mãos, com a orientação de lê-las posteriormente¹³⁴. Atualmente, nossa interlocutora da Família S. leva no pulso uma tatuagem que consiste de duas palavras de uma carta que recebeu da mãe (com sua caligrafia), juntamente com um desenho feito pelo pai.

Outras duas temáticas bastante evidentes na entrevista foram a importância que a educação tem para a Família S. e, até hoje, se faz presente na experiência de Tatiana, e o seu sonho de ser mãe.

Sempre tive o sonho de ser mãe, ainda tenho, ainda quero realizar. Muito forte. A mãe teve uma infância difícil, mas conseguiu se formar na faculdade. Ela tinha muito forte que tínhamos que ser independentes de marido. Então era carreira ‘e’ família e não uma coisa ‘ou’ outra. [...] Sempre quis ser professora, desde pequena. A mãe e o pai me deram de presente um quadro negro. Eu dava aula pra toda a quadra. Tenho essa certeza ainda: quero dar aula. Mesmo que não seja a única atividade. Me sinto muito realizada.

Tendo sido uma aluna exemplar e muito estudiosa, o que causava muito orgulho à mãe, Tatiana sempre se envolveu em diversas atividades escolares – como coral, teatro, banda, curso de origami, bordado, entre outros. Estudou em uma escola pública, da qual a mãe era vice-diretora, e que acredita ter sido uma excelente opção:

Nunca tivemos dinheiro pra estudar em escola particular, educação quem faz é o aluno, não existe escola ruim pra aluno bom e nem vice-versa. [...] vejo que tive estudo muito mais iluminista: tinha Francês, Filosofia, Psicologia. Coisa que colegas de [escola] privada não tiveram.

A educação sempre foi muito importante para os pais de Tatiana, ao ponto de que o pai¹³⁵ nem cogitava a ideia de que alguma das filhas não fizesse faculdade. Ao mesmo tempo, a família não tinha recursos para custear uma universidade privada, portanto, a única opção para Tatiana e suas irmãs era ingressar em uma instituição federal – fato que se tornou realidade para as três, após reprovarem no primeiro ano de tentativa e estudarem em cursinho pré-vestibular

¹³⁴ Tatiana tem até hoje a lembrança de chorar ao ler uma carta da mãe no ônibus, a caminho de Porto Alegre.

¹³⁵ Ele próprio, apesar de não ter diploma de Graduação – antes de se aposentar era radiotelegrafista e realizava a comunicação com navios na estação costeira da Embratel, tendo realizado curso Técnico –, não aceitava que alguma das filhas não fizesse faculdade.

durante o ano seguinte. “Eles ficaram muito felizes quando eu me formei na UFRGS¹³⁶ com láurea acadêmica. Foi um momento de muito orgulho pros meus pais [...] e eu segui estudando, ela [mãe] sempre me incentivou”.

Contudo, a educação, que sempre foi algo prioritário para a Família S., não era o forte da filha mais velha, que, segundo Tatiana, não tinha muito interesse nos estudos – ponto de conflito entre ela e mãe. Atualmente, Márcia é advogada e tem um escritório na cidade natal. Já a caçula, que sempre teve o sonho de fazer Medicina Veterinária, contentou-se em estudar Biologia, já que o curso preferido não é oferecido em sua cidade natal e a mãe não permitiu que mais uma filha saísse de casa para fazer faculdade em um município vizinho (distante 60 quilômetros). “[Fernanda] passou no vestibular em Pelotas, mas também passou em Biologia na FURG. E a mãe não apoiou muito ela ir pra Pelotas. Ela sofreu as consequências de eu ter saído cedo de casa”, explica Tatiana sem nenhum peso ou crítica no comentário. Hoje, Fernanda cursa Medicina Veterinária em Manaus: quando o marido passou em um concurso no Amazonas, ela desistiu do Doutorado em Biologia Marinha que estava realizando para estudar o que sempre quis. Segundo Tatiana, ainda faltam dois ou três anos para que a irmã se forme.

Durante a entrevista, Tatiana destacou ainda que, apesar de ter uma natureza bastante exploradora, e de gostar muito de viajar e conhecer novos lugares¹³⁷, até sair de sua cidade natal para ingressar na faculdade não havia viajado para mais longe do que um raio aproximado de 400 quilômetros. Ressaltando que os pais eram extremamente caseiros, lembra que a sua casa era o local onde seus amigos se reuniam, inclusive para dormir, no período da adolescência¹³⁸. Retrata o ambiente familiar da infância e adolescência como um ambiente “alto astral”, sem grandes crises, onde o maior problema foi o financeiro: “Nunca foi dinheiro sobrando, sempre foi apertado [...], mas o que faltou em dinheiro, sobrou em amor, amizade, compreensão e carinho. [...] Um dos motivos que tenho vontade de ter filho é porque tive uma experiência maravilhosa em casa”.

Nos meses que se seguiram à entrevista, mantivemos contato com nossa interlocutora algumas vezes para tirar dúvidas e solicitar autorização para monitorar postagens em seu perfil pessoal no *Facebook*. Além disso, conforme explicitado na seção anterior, após a entrevista também foi solicitado a Tatiana uma reflexão sobre como percebe as diferenças na comunicação

¹³⁶ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sediada em Porto Alegre.

¹³⁷ Atualmente vivendo na Inglaterra, sempre que tem a oportunidade viaja nos finais de semana com o namorado para conhecer cidades vizinhas. Quando têm a possibilidade, inclusive, viajam para outros países da Europa.

¹³⁸ Outra lembrança que guarda com carinho é a de se reunir com os pais e irmãs para assistir à televisão na sala da casa, já que, até os seus 15 ou 16 anos, havia apenas um televisor para toda a família.

que tem com sua família no Brasil, e na comunicação que seu namorado tem com a família na Índia. Tatiana foi a única entrevistada da Família S.

5.1.5 Família Z.

“Quando estou com minha família, me sinto como se estivesse no meu porto seguro. Onde eu posso me soltar, ser eu mesma. Onde não há críticas ou julgamentos” (Joana Z.).

Antes de adentrarmos na Família Z., disponibilizamos um quadro (Quadro 7) que sistematiza os dados de seus integrantes para viabilizar uma compreensão geral da constituição deste grupo familiar.

Quadro 7 – Identificação da Família Z.

FAMÍLIA Z.			
Lugares	(1) Caxias do Sul - RS ₁ , (1) Porto Alegre - RS ₂		
Integrantes em comunicação	3		
Integrantes considerados do núcleo principal	3		
	Pai	Mãe	Filha
Nome	Roberto	Solange	Joana*
Idade	61	57	29
Escolaridade	Especialização	Especialização	Especialização
Residência	RS ₁	RS ₁	RS ₂

Fonte: Quadro gerado pela autora a partir de dados fornecidos pelos indivíduos pesquisados

Joana, médica de 29 anos que vive em Porto Alegre (a 126 quilômetros de sua cidade natal, Caxias do Sul), foi a interlocutora que fez a ponte entre nossa pesquisa e a Família Z. Filha única do casal Roberto (61) e Solange (57), Joana saiu da casa dos pais há 10 anos para

estudar Medicina, em uma universidade particular¹³⁹, e Biologia, na universidade federal¹⁴⁰, em Porto Alegre. Após um ano e meio de estudos, optou pela Medicina. Atualmente, tendo terminado uma Residência de dois anos em Anestesiologia, inicia, em março de 2018, contrato como médica da Santa Casa, na mesma cidade.

Roberto, natural do município de Antônio Prado, é o segundo filho de 11 irmãos. Segundo Joana, já por volta dos 12 anos seu pai percebeu que, se ficasse trabalhando no armazém da família, não haveria lugar para todos os filhos. Sendo o primeiro “filho homem”, decidiu ir para Caxias do Sul (a 60 quilômetros dali) para estudar no Seminário. Roberto cursou Ensino Superior – Engenharia Mecânica – na mesma cidade, onde também trabalhava para pagar seus estudos. Já Solange, natural de Caxias do Sul e formada em Educação Física, é a filha mais nova de seis irmãos. Sempre ajudou, desde pequena, no armazém dos pais, porém, segundo Joana, sua relação com o trabalho era bastante diferente da do marido. “O pai tinha que trabalhar para pagar as contas. A mãe, não. Tinha suporte familiar, mas tinha que contribuir. Ajudar de alguma forma, e essa forma era trabalhar no armazém”.

Os pais de Joana se conheceram através de amigos em comum na faculdade. Tiveram um noivado e casamento rápidos, o que fez com que a família pensasse que Solange pudesse estar grávida¹⁴¹. No entanto, nossa interlocutora (conforme dito anteriormente, a única filha do casal), nasceu apenas cerca de três ou quatro anos após o casamento dos pais – segundo ela, uma gravidez desejada, porém não planejada, pois os pais pensavam em tê-la alguns anos mais tarde.

Joana tem lembranças de a relação dos pais durante sua infância ter sido um tanto conturbada. Lembra também da mãe, trabalhando muito e se esforçando para estar o máximo de tempo com a filha, e não conseguindo boas noites de sono e descanso. Solange, professora de Educação Física¹⁴², era quem levava e buscava Joana na escola, aproveitando seu intervalo de almoço para comer com a filha, todos os dias – hábito do qual não abria mão.

Já seu pai, engenheiro mecânico, já trabalhou em diversos setores da Indústria – vale lembrar que a cidade onde a família reside é uma região altamente industrial. Durante boa parte da infância de Joana, ele esteve empregado no setor de vendas de uma empresa e, por isso,

¹³⁹ Na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

¹⁴⁰ Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

¹⁴¹ Joana menciona que a família chegou a fazer um “bolão” a respeito da possível gravidez da mãe.

¹⁴² Quando Joana já fazia faculdade em Porto Alegre, Solange decidiu fazer um curso de Pós-Graduação em Mídias, na UFRGS, passando a assumir, também, a disciplina de Informática na escola onde lecionava, em Caxias do Sul.

viajava muito a trabalho. Havia, de acordo a Joana, uma “pressão” para que ele estivesse mais presente, o que fez com que Roberto mudasse de área, para que não precisasse sair tantas vezes da cidade. Em meados dos anos 2000, decidiu abrir sua própria empresa – de perfis metálicos –, momento em que Solange assumiu todas as despesas da casa. Há dois anos Roberto é corretor de imóveis, pois ao vender a empresa, em 2012 – negociação pela qual ainda não recebeu a totalidade do valor combinado –, quando Joana estava no penúltimo ano da faculdade, tentou recolocar-se no mercado, porém não obteve sucesso devido a sua idade.

Com a família do pai, Joana nunca teve proximidade, enquanto que, com a da mãe, mantém relações até hoje – os quais julga não serem muito profundos. Neta mais nova da avó materna, possui quatro primos com idades compatíveis entre eles, o que, dificultou sua convivência com eles. Sobre relações com pessoas da mesma idade, comenta que, no geral, não desenvolveu amizades duradouras e profundas durante a infância e adolescência, tendo convivido bastante com adultos (especialmente, o pai e a mãe). Até pouco antes dos sete anos de Joana, a família Z. viveu em um condomínio de apartamentos onde a menina convivia e tinha amizade com crianças da mesma idade. Porém, antes mesmo de se mudarem, Joana já não queria mais se relacionar com as vizinhas – conta que, desde cedo, era extremamente crítica e seletiva na escolha de amizades.

Pouco antes do sétimo aniversário de Joana, a Família Z. mudou-se para a casa em que vivem, até hoje, Solange e Roberto. A filha lembra de a mudança haver sido um processo difícil para ela. E, durante a entrevista, comentou que jamais havia se dado conta de que não tem quaisquer lembranças da mudança em si – apenas dos primeiros dias da casa nova, de “perder-se” dentro da própria casa e dos pesadelos que teve nos primeiros dias na nova moradia. O novo bairro, na época em expansão na cidade, contava com poucos moradores: a casa da Família Z. era a quinta casa de toda a rua. “Tinha muito terreno baldio, muito rato, muito vagalume. [...] Nós três saímos à noite pra rua para ver os vagalumes”.

Na época da mudança, seu pai ainda viajava bastante a trabalho, e Joana ficava muito tempo sozinha com a mãe. Conta, também, que devido ao reduzido número de vizinhos, tampouco tinha muitos amigos para brincar, passando boa parte de seu tempo dentro de casa, convivendo com a mãe. “A ausência do meu pai em casa não me marcou muito, mas para minha mãe sim. Ela disse que sentia falta de dividir as funções”.

Ainda sobre o período que vivia com os pais, Joana lembra com carinho, esboçando gratidão, que a mãe buscava garantir que ela aprendesse a ser “dona de casa”, a “fazer as coisas

na casa”, mas que também entendesse a importância de sair para trabalhar, para ganhar a vida. Do pai, lembra de herdar o gosto¹⁴³ de mexer com a terra e com as plantas. Segundo ela, a mãe também gostava do cultivo de plantas, mas era o pai quem a chamava para desfrutarem juntos da atividade e quem buscava ensinar, não apenas a lida em si com os vegetais, mas, no caso das frutas, verduras e legumes, o tempo de crescimento, maturação e colheita – a família aproveitava a pequena horta que cultivavam no quintal para consumo próprio.

Neste sentido, Joana recorda também que a convivência dos três sempre esteve muito atrelada a tarefas, seja auxiliando a mãe a cuidar da casa, com o pai o jardim, ou mesmo nas noites em que Roberto utilizava frutas para ajudá-la nos temas de casa. “Eu sempre fui muito visual, precisava de algo palpável para estudar”. Em sua avaliação, considera ter tido uma boa relação com os pais, apesar da rígida educação que recebeu. “Sempre foram rígidos na educação, mas sempre explicavam o porquê das coisas. E isso foi essencial. E tudo de forma muito educada e gentil. Foram exemplares nesse sentido, agradeço até hoje”. Joana pontuou, igualmente, a importância de ambos sempre terem estado de acordo em sua educação – conta que nenhum dos dois nunca contradisse o outro. “O pai diz que a mãe é tirana, que por ele, ele teria sido mais brando. Mas hoje eu agradeço”.

Quando viviam juntos, os membros da Família Z. costumavam ficar com a TV ligada em casa pela manhã e à noite – por causa do pai, que gostava de ver noticiários. Já a mãe sempre teve uma relação mais próxima à música¹⁴⁴ e ao rádio do que à televisão, fato que marcou a infância de Joana. Quanto a ela, gostava de ver programas televisivos infantis e, quando adolescente, conectar-se à internet.

Eu usava bastante o chat, e-mail. Pra ouvir música. Acessava site de figurinhas e joguinhos. Mas era tudo muito regrado. Internet discada na época era muito caro. Minha dinda tinha internet, então nos fins de semana queria muito que a gente fosse na dinda. Eu comia rápido pra ir pro computador, ou me atrasava pro almoço. Lembro que todas as propagandas tinham site. Tudo tinha site. Aí, quando achava algo interessante, eu anotava o site e quando ia na dinda olhava.

Quando a Família Z. finalmente adquiriu internet, Joana alterou seus horários e sua dinâmica de convivência com a família mudou:

¹⁴³ Quando entrevistada em sua casa, fez questão de mostrar as folhagens, suculentas e hortaliças – com as quais faz chás medicinais – que cultivava em seu apartamento, em Porto Alegre.

¹⁴⁴ Em entrevista, Solange contou-nos que quando tinha 15 anos ganhou um aparelho minicassete, com o qual escutava e gravava músicas. Além disso, mencionou diversas vezes que a música a acompanha nas mais diversas tarefas cotidianas.

Eu sempre queria estar conectada. Fazia questão de ficar sozinha em casa pra poder me conectar. Eu tentava conectar e meus pais davam toque pra ver se a linha estava ocupada. [...] E no fim de semana, ao invés de ficar no terreno, no pátio, queria ficar no computador¹⁴⁵.

Na relação com seus pais, Joana afirmou que a atenção de Roberto sempre foi bastante voltada à questão da educação. Ele a ensinava o valor do estudo e do desenvolvimento profissional, trazendo para sua vida o aspecto de autossuficiência. Já com a mãe, conforme mencionado, aprendeu a gerenciar e a cuidar de uma casa. Desde pequena, nossa interlocutora fazia pequenas tarefas domésticas, como lavar louça, arrumar o próprio quarto, passar roupa, tirar pó, etc. Caso tivesse cumprido com seus afazeres, recebia, no final da semana, uma mesada – que começou em R\$ 1,00 no começo da infância, e chegou a R\$ 100,00 vários anos depois. “Meus pais foram fantásticos neste sentido de organização financeira. Mostravam o valor do dinheiro e o valor das coisas também”, contou Joana que acrescentou, ainda, que guardava consigo um caderno para anotar os gastos e que aprendeu, desde muito cedo, a refletir antes de comprar algo.

Joana, que durante sua vida escolar sempre frequentou instituições privadas, contou que sempre adorou estudar e, desde cedo, teve muito estímulo dos pais para ler e aprender. Lembra que, já no primeiro ano do Ensino Fundamental, havia lido todos os livros da biblioteca do colégio reservados aos alunos daquela série. Como os pais não dispunham de muito dinheiro na época para a compra de livros, menciona com entusiasmo que sua professora permitiu que começasse a ler as obras destinadas aos alunos mais velhos.

Já no Ensino Médio, tinha vontade de trabalhar, porém seus pais não permitiram. Nesta época, nossa interlocutora conta que tinha o sonho de fazer um curso de Graduação em Porto Alegre e, depois, fazer especializações, ou Pós-Graduação, no eixo Rio-São Paulo, para, de lá, partir para mais uma etapa de estudos na Europa, com o intuito de viver lá e não mais voltar ao Brasil. Quando questionada sobre o porquê da vontade de viver tão longe da família, respondeu:

Porque eu queria cortar o cordão umbilical. Cortar cortado. Tanto que quando eu vim pra Porto Alegre foi muito fácil. Não teve nenhum dia que sofri por estar longe, com saudade. Claro que andar de carro era mais fácil que de ônibus. Mas eu tinha um desejo muito grande de me sentir independente, autônoma. Claro, depois vi que eu não precisava ir tão longe, vi que em Porto Alegre eu já tinha tudo isso. [...] Ter sido filha única fez com que eu fizesse a vontade deles em muitos momentos, tipo:

¹⁴⁵ Durante toda a faculdade, Joana tinha acesso à internet para seus estudos e realização de trabalhos. Atualmente, não possui serviço de internet em casa. Ela e o namorado utilizam apenas a rede de seus trabalhos e o serviço de 4G de sua operadora de celular.

‘Não queria, mas já que o pai e a mãe acham que devo’. Sou muito diplomática, não faço bem o que quero pra atender aos desejos dos outros¹⁴⁶.

Após finalizar o Ensino Médio, Joana estudou durante dois anos em um cursinho preparatório para o Vestibular. Segundo ela, foi um período bastante difícil, “foi uma bitolação total. Eu não saía do quarto nem pra comer. Tinha metas de estudo e um cronograma bem doentio e paranoico. Não fazia festa, não saía com amigas, nem pra comemorar meu aniversário. Tinha um sentimento de incapacidade e incompetência”. Foi só quando nossa entrevistada conseguiu diminuir a pressão e as expectativas sobre si mesma – processo que foi ajudado, segundo ela, por atividades extracurriculares – que conseguiu passar no Vestibular. “Abri a mente, estudei sem tanta paranoia, aí passei”.

Entre os anos de 2008 e 2013, Joana cursou Medicina, tendo estudado concomitantemente, como dito anteriormente, Biologia no primeiro um ano e meio de faculdade. Nossa interlocutora pondera que, somente o primeiro curso já a teria propiciado uma agenda extremamente complexa e cheia e, portanto, cursando duas graduações, o grau de dificuldade aumentava muito. Durante este período, e desde que chegou na capital do Rio Grande do Sul, Joana viveu em um pensionato, por ser mais barato – mesmo a mãe tendo sugerido que ela fosse viver em um apartamento, para que tivesse mais privacidade. Grata com a sinceridade do pai em dizer-lhe que tinha economias suficientes para arcar com os custos de, pelo menos, três anos de sua faculdade de Medicina – e que os demais anos não estavam totalmente garantidos –, Joana procurou despender o menos possível com seus gastos de moradia, transporte e alimentação, para que não tornasse ainda mais difícil a situação financeira da família.

Neste sentido, utilizava ônibus para deslocar-se e comia no restaurante universitário para economizar o máximo possível, vivendo com um orçamento bastante baixo, porém suficiente, em sua avaliação. Alguns produtos alimentícios que custavam mais caro nos supermercados de Porto Alegre, como frios e iogurte, por exemplo, conta que levava de Caxias do Sul no retorno de sua visita à família nos finais de semana. Também optou por dividir o quarto no pensionato com outra estudante, que cursava a Graduação em Física, para tornar o aluguel mais barato. Tendo desenvolvido uma amizade com a colega, decidiu, no mesmo período em que abandonou o curso de Biologia, mudar-se para um apartamento mais próximo

¹⁴⁶ Sobre esta questão, Joana também menciona durante a entrevista que em determinado momento da infância lhe foi dada a opção de eleger entre dois cachorros, porém, teve enorme dificuldade na escolha, já que ficou detida entre sua própria vontade e a de agradar ao pai.

à universidade onde estudava Medicina, dividindo o aluguel com a mesma colega que havia conhecido no pensionato.

Sobre sua experiência de saída da casa dos pais, Joana lembra de haver sido um processo muito tranquilo para ela. Era ainda dia quando Solange e Roberto a deixaram em seu quarto no pensionato e regressaram a Caxias do Sul¹⁴⁷, então, nossa interlocutora, ao terminar de arrumar seus pertences, foi caminhar no parque. Enviou uma mensagem a um conhecido que morava em Porto Alegre e combinou de encontrar-se com ele para um passeio. Já para os pais, sua saída foi bastante difícil, tendo em vista que é a única filha do casal: “Sofreram, os dois. Não sofreram, na verdade ainda sofrem”.

Nos primeiros meses que se seguiram à mudança de Joana, os pais telefonavam todos os dias, o que, em momentos de muita pressão com o apertado calendário de estudos e provas¹⁴⁸, passou a representar um fardo¹⁴⁹. Em sua avaliação, esse sentimento decorreu de uma inabilidade emocional, pela própria imaturidade e pouca idade, acrescida da falta de tato com os pais e o namorado da época (que havia ficado vivendo em Caxias do Sul). Em determinado momento, conforme contou, foi bastante rude com ele e com Solange, orientando-os a não mais ligarem para ela – pois quando ela pudesse, ela mesma entraria em contato.

A partir deste momento, Joana passou a ligar para a mãe e o namorado de um telefone público, não lembrando, contudo, a frequência com que fazia isso. Optamos por mencionar esse episódio entre mãe e filha¹⁵⁰ porque, até hoje, segundo Joana, a mãe não se sente à vontade para fazer ligações para ela. “Apesar de pedir desculpa mil vezes, a mãe não liga. Ou ela dá toque, ou pergunta antes se pode ligar [...] se eu pudesse mudar algo, não teria falado para ela não me ligar mais”.

Atualmente, dez anos depois da saída de Joana da casa dos pais, a comunicação se dá, principalmente, por ligações telefônicas com a mãe – que hoje têm custo zero, já que todos

¹⁴⁷ Sobre esta mesma experiência, Solange contou-nos em entrevista que, apesar de ter ficado feliz pela filha ter passado no Vestibular, no dia em que a deixou no pensionato, voltou chorando para casa. Disse que se preocupava se a filha conseguiria morar sozinha e que, “se ela ligava”, conversavam bastante. Como Joana dava retornos positivos, foi tranquilizando-se, vendo que a filha estava bem, feliz e gostando do que estava fazendo.

¹⁴⁸ Joana contou que, à época, tinha 15 turnos por semana com aulas – o que representava um calendário com aulas todas as manhãs, tardes e noites. Nos finais de semana, único momento de que dispunha para estudar, voltava para a cidade natal para visitar a família e o namorado da época. Por isso, conta que se acostumou a estudar em ônibus, aproveitando o tempo de cada deslocamento que fazia.

¹⁴⁹ Além disso, Joana mencionou o fato de que, como não tinha entrado no curso de Medicina na universidade federal, tinha o sonho de, pelo menos, ser laureada na universidade particular. Quando percebeu que suas notas não estavam sendo compatíveis com essa meta, sentiu-se extremamente pressionada.

¹⁵⁰ Apesar de a filha mencionar o episódio muitas vezes durante a entrevista, a mãe, que também foi entrevistada por nós (conforme descrito posteriormente), não o relata nenhuma vez.

possuem um plano da mesma operadora que permite isso. Nossa interlocutora menciona que utilizou *Skype* uma ou outra vez com a mãe e que, durante um tempo, também chegaram a utilizar o aplicativo *Facetime* do *iPhone*. De acordo a Joana, ela e a mãe chegam a falar-se uma ou duas vezes por semana com ligações de cerca de 15 a 30 minutos de duração. “Quando falamos com calma, às vezes ficamos no *viva voz*, ouvindo o barulho uma da outra, cada uma fazendo suas coisas, sem falar nada. É que não dá vontade de desligar, mas precisamos fazer coisas, como arrumar a casa”.

Já com o pai, na maioria das vezes Joana aproveita a ligação com a mãe para falar com ele. Segundo ela, Solange coloca o telefone no modo *viva voz* e ela fala com ambos ao mesmo tempo. “O pai tem a política de que telefone é para coisas sérias e importantes, e não pra bater papo. Que não adianta ter telefone se ele está ocupado. [...] Hoje ele se supera: consegue ficar três, quatro, até cinco minutos no telefone”, comentou em tom de brincadeira. As ligações diretamente para o celular do pai acontecem apenas quando o casal não está junto¹⁵¹.

Na época de nosso primeiro contato com Joana, a Família Z. ainda não possuía um grupo de comunicação no *WhatsApp*, tendo este sido criado apenas em agosto de 2017, pouco antes da realização das entrevistas com nossa interlocutora da família e sua mãe, fundadora do grupo. Antes da criação dele, porém, a família havia tido apenas uma experiência de comunicação por grupo de *WhatsApp* – quando Joana e seu noivo viajaram ao Peru e criaram um grupo do qual faziam parte eles dois e os pais de Joana, para compartilharem fotos e enviarem notícias. Assim que retornaram da viagem, o grupo foi desfeito.

No final de agosto de 2017, conforme mencionado, Solange decide criar um grupo chamado *AMO*, do qual fazem parte ela, Roberto e Joana. Neste espaço, a Família Z. se comunica de modo mais imagético que verbal, conforme já nos havia dito nossa interlocutora, antes mesmo que pudéssemos apreciar as postagens realizadas neste. Lá, compartilham, basicamente, vídeos, fotos, piadas, novidades curtas e lembretes. De acordo com Joana, sente que a comunicação no grupo não gera diálogos, apenas compartilhamento de mensagens que cada um avalia que os demais iriam gostar de ler, ver e/ou ouvir.

Solange é, segundo Joana, a mais ativa na comunicação da família. Além de postar mensagens no grupo dos três todos os dias, envia outras individuais para Joana. Já com o pai,

¹⁵¹ Atualmente aposentada, é bastante comum que ela viaje sozinha para a casa que a família tem na praia, a cerca de três horas de Caxias do Sul. Segundo Solange, já há algum tempo – cerca de um ano – ela decidiu reduzir o ritmo de trabalho e viver de modo mais tranquilo. Atualmente, tem orgulho de dizer que não tem uma rotina fixa.

Joana quase nunca se comunicava por *WhatsApp* antes da criação do grupo. Conversas individuais via o aplicativo tampouco acontecem com uma frequência significativa.

Atualmente, Joana vive em Porto Alegre com o noivo. Afirma não sentir saudades dos pais e tampouco se considera distante deles. “Sei que a mãe e o pai sentem. Pra eles é insuficiente, mas pra mim, a comunicação e o laço que temos são suficientes. Por respeito a eles, tento fazer mais”. Apesar do esforço de Joana em encontrar os pais uma vez por mês, a Família Z. se encontra, pessoalmente, em média duas vezes a cada três meses:

Faz mal passar muito tempo juntos. Fiquei esses tempos de segunda a sexta com a mãe e voltei completamente desequilibrada. Meio perdida, meio rançosa, como se algo estivesse me incomodando. [...] A gente passa o dia sem fazer nada, isso detona a pessoa. Se estou com eles e tento fazer minhas coisas, seguindo meus horários, reclamam que eu não curto com eles, que só quero estudar, que não fico curtindo.

Quando perguntada sobre como vê o futuro de sua família, Joana começa contando que não sente vontade de ter filhos – e ressalta que esse assunto não gera qualquer conflito em sua vida. Prevê que os pais se tornarão mais dependentes, e incentiva-os a, num futuro médio, mudarem-se da casa que vivem atualmente (que não considera própria para idosos) para um apartamento mais perto dela, para que possam receber os cuidados dela.

A Família Z. representa um caso significativo para nossa pesquisa por ser a única que possui uma filha única em sua constituição – todas os demais grupos familiares pesquisados têm, ao menos, dois filhos. Conforme pudemos comprovar ao longo da pesquisa empírica, este fato coloca em jogo questões diferentes relativas aos laços familiares a serem consideradas quando da análise da comunicação entre seus membros.

5.1.5.1 Protocolo de observação para a Família Z.

Após o primeiro contato por telefone com Joana, diferentemente das demais famílias até agora descritas, o passo posterior – que consistiu da conversa sobre sua família – foi realizado ao vivo, em sua casa. Na sequência, solicitamos à nossa interlocutora o envio do conteúdo das conversas trocadas ao longo de uma semana no grupo de *WhatsApp* da família. Já o passo seguinte, foi a realização de duas entrevistas: uma com Joana, ao vivo, em seu apartamento, e outra com Solange, por vídeo chamada via *WhatsApp*. Devido ao calendário cheio de Joana, em virtude de plantões no hospital e aulas da Residência, conseguimos,

primeiro, agenda para entrevistar Solange, que, muito gentilmente, consentiu em conversar conosco desde sua casa, em Caxias do Sul.

A entrevista com Joana aconteceu com algumas interrupções: primeiro recebeu uma chamada telefônica de algum membro da família não identificado por nós; e, depois, em função do conteúdo conversado, ligou para a mãe¹⁵²; por fim, a chegada em casa do noivo, acompanhado de um amigo. Em nossas conversas, a interlocutora da Família Z. sempre demonstrou um grau elevado de reflexão sobre si mesma e sobre seu posicionamento diante da família. Ao mesmo tempo em que também demonstrava racionalidade e objetividade marcantes no que diz respeito aos sentimentos que têm em relação aos pais.

Uma temática bastante significativa na fala de Joana, e que já exploramos na seção anterior, diz respeito ao fato de ela nunca ter tido muitas amizades profundas e duradouras e de sentir dificuldades em criar laços com pessoas, de modo geral – assunto que recorrentemente trazia à tona durante a entrevista. Ao primeiro aspecto, relacionava o fato de viver em uma rua com poucas casas e, portanto, poucas crianças e pouca convivência com outros que não os pais. Além disso, vivia muito longe da escola e da casa de seus colegas, e acabava, por isso, ficando muito sozinha com os pais nos finais de semana: “Estávamos sempre junto. Sempre em casa, sempre junto”.

Outra questão, menos relevante na fala de nossa interlocutora, porém bastante marcante no discurso de sua mãe, é a forma como se sente cobrada pelos pais por não ter muito tempo livre disponível para conviver com a família.

Hoje meus pais manipulam. Até então [na época da faculdade], não faziam chantagem emocional. Mas atualmente é que mais fazem: ‘Esqueceu do pai? Vou te denunciar por abandono de idoso, isso é contra o estatuto’. Essa chantagem emocional, esse apego, acredito que veio depois de eu estar estabilizada, porque sentem segurança pra fazer isso. Na faculdade eu precisava de estabilidade externa, apoio externo. Hoje sou independente, sou estável. Acho que se sentem mais livres para demonstrar carências. [...] Outro fator é que não dependo mais deles financeiramente. Eles me dão dicas e tal. Seguido, direto eu conversei com eles, mas a decisão é minha. Quando eles pagavam as contas, eles é que decidiam. Agora podem demonstrar carências. Faço essa correlação temporal. E, claro, agora estão aposentados.

¹⁵² Sem esconder o conteúdo da ligação telefônica, Joana questiona à mãe, em determinado momento da conversa: “essa família só acha coisa pra se incomodar”?

Apesar de ser cobrada por estar mais presente com a família, quando está junto aos pais – não por demasiado tempo –, Joana afirma sentir-se como em seu “porto seguro”: “É muito bom, é onde eu posso me soltar, ser eu mesma. Onde não há críticas ou julgamentos. Lugar para onde não levo o trabalho (porque nem na minha casa é tão livre assim de trabalho). Lá não entra trabalho”. Interessante notar ainda que, desde que começou a aproximar-se da pesquisa, nossa interlocutora percebeu que se tornou mais ativa na comunicação com a família. “Me peguei pensando sobre minha relação com meus pais e sobre como me comunico com eles. Percebi que fiquei mais ativa também”.

Já a entrevista com Solange, conforme dito anteriormente, aconteceu por vídeo, através do aplicativo *WhatsApp*. Visivelmente vaidosa e preocupada com sua aparência na câmera, a mãe de Joana foi extremamente acessível, apesar de um pouco tímida no começo da conversa. Quando questionada sobre sua data de nascimento, informou apenas dia e mês – ainda que a pergunta feita tenha sido *data de nascimento*, e não *aniversário*¹⁵³.

A temática recorrente em sua fala disse respeito ao pouco tempo que a filha dispõe para visitar os pais. Mesmo quando o assunto da entrevista não dizia respeito a esse tópico, Solange tornava a falar sobre ele: “Não temos muito conflito na família porque não nos vemos muito. O problema é que não nos vemos. [...] Nos vemos quando a Joana pode. [...] Fico esperando o próximo momento de nos encontrarmos. A gente se vê pouco, fico triste quando acaba”. Além disso, Solange fez questão de deixar claro que ela e o marido respeitam a “característica dela [Joana] de ser objetiva”. Ainda assim, mesmo fazendo este esforço, pudemos notar – talvez mal interpretado por nós, ou não – um tom crítico em sua fala.

Outro assunto, não tão recorrente, mas que apareceu em muitos momentos de sua fala, diz respeito ao “presente” que se concedeu no último ano:

Minha vida foi muito corrida, trabalhei muito. Agora que me aposentei, me dei de presente esse ano não ter rotina. Faço as coisas na hora que tenho vontade. Cuido da minha horta da casa da praia, faço exercício físico, tomo café com amigos. Não é muito frequente ver minha filha¹⁵⁴, mas gosto também. [...] Inclusive fiz um intercâmbio em Malta, em outubro passado.

Quando adolescente, Solange sonhava, em suas palavras, em “ser psicóloga, morar no exterior, ser rica e sucedida”. Como não conseguiu passar no Vestibular para o curso de

¹⁵³ No intuito de não sermos insistentes e, possivelmente, invasivos, a informação sobre a idade da entrevistada foi fornecida por sua filha.

¹⁵⁴ Aqui vemos novamente que Solange sente falta de estar com a filha e que a frequência com que se veem não lhe é suficiente – diferentemente de Joana que, não sente falta de ver os pais com mais regularidade.

Psicologia, decidiu fazer Educação Física, até passar na Graduação desejada. Porém, acabou gostando e terminando o curso iniciado. Durante sua carreira, além de professora em escolas, conta que chegou a montar uma academia. Já as aulas de informática, conforme comentamos anteriormente, vieram depois, após a realização de um curso de Pós-Graduação na UFRGS, fato do qual, visivelmente, se orgulha muito.

Quando questionada sobre se gostaria de haver se dedicado mais aos estudos ou escolhido uma profissão diferente, Solange rapidamente direcionou o assunto para as escolhas da filha. Afirma ter sido feliz na profissão que seguiu, ainda que esta não tivesse sido sua primeira opção – porém, relacionou este assunto a Joana e às escolhas profissionais da filha. Vale ressaltar também que notamos uma possível baixa autoestima por parte de Solange neste âmbito profissional. Foi apenas quando falou sobre o curso de informática que se mostrou mais confiante. Sobre isso, inclusive, contou que a filha tinha ciúmes de seu conhecimento com o computador: “A Joana ficava brava porque ela é mais nova que eu, então deveria saber mais sobre informática e não perguntar as coisas pra mãe”.

Por fim, acrescentamos ainda que, segundo Solange, em conversas individuais com a filha, é comum falarem sobre “dúvidas, roupas e interesses femininos particulares”. Ressaltamos, ainda, que as duas únicas vezes nas quais mencionou o marido durante a entrevista foi quando contou sobre o primeiro aparelho celular que teve¹⁵⁵ e quando esboçou uma ponta de ciúmes ao contar que Roberto e Joana tinham muito gosto de cuidar da horta e do jardim juntos. Vale ressaltar ainda que em seu perfil no *Facebook* não há nenhuma foto do marido, porém dezenas de fotos com Joana, além de imagens de flores e de seu cachorro.

Nos meses que se seguiram às entrevistas, contatamos Solange uma vez, para pedir autorização para a observar as postagens em seu perfil pessoal no *Facebook*, e Joana, algumas vezes, no intuito de: solicitar o conteúdo de outros sete dias de interação da família no grupo de *WhatsApp*¹⁵⁶; desenvolver e aprofundar uma questão levantada na primeira conversa sobre sua família; e, também, requisitar autorização para o monitoramento de suas postagens no *Facebook*.

¹⁵⁵ Solange contou que quando seu pai estava doente e hospitalizado, pouco antes de vir a falecer, seu marido lhe presenteou com um celular – na época um item ainda bastante caro e grande em dimensões –, para que pudesse viajar de férias com a família para o Rio de Janeiro e, ainda assim, receber notícias do pai. Sobre este fato, Joana tem a memória de a mãe haver imposto ao marido a compra do celular como condição para a realização da viagem.

¹⁵⁶ Novos *prints* com o conteúdo de mensagens trocadas no grupo foram solicitados em virtude de o mesmo não possuir muita movimentação de postagens. Apesar de sabermos que este fato, em si, já dá indícios e pistas sobre a comunicação entre os membros da família, optamos por solicitar mais conteúdo onde pudéssemos observar um pouco mais a interação entre os membros da família em grupo.

6 **FAMÍLIAS SEM FRONTEIRAS: PROCESSOS COMUNICACIONAIS DE FAMILIARES QUE VIVEM APARTADOS**

A seguir, para tornar tudo isto um pouco mais concreto, gostaria de referir-me por uns momentos a meu próprio trabalho, que, sejam quais forem seus defeitos, tem pelo menos a virtude de ser meu.

Clifford Geertz (1997, p. 89).

Neste capítulo, adentramos o campo de pesquisa propriamente dito e desenvolvemos a análise do corpus proposto para este estudo. Após havermos apresentado as características gerais do grupo pesquisado e detalhado cada uma das famílias, buscamos, agora, a compreensão dos dados coletados à luz da proposta teórico-metodológica apresentada nos capítulos anteriores.

Para isso, retomamos as categorias analíticas que, conforme dito anteriormente, foram adequadas, expandidas, remodeladas e consolidadas durante o trabalho de campo (desde o primeiro contato com as famílias, passando pela observação de suas interações em grupos e redes sociais, até, e principalmente, com a aplicação das entrevistas). Relembramos ainda que, não obstante as diversidades nas competências com as TICs, nos tempos – físico e psicológico – individuais e coletivos e as continuidades e discontinuidades nas interações familiares, o que todas têm em comum é a vontade e/ou necessidade de se comunicarem, na busca da manutenção dos laços afetivos.

Tendo em vista tais fatores, as categorias de análise auxiliam na compreensão das trajetórias individuais e familiares que fazem com que as dinâmicas de comunicação na família ocorram de determinadas formas. Isto é, as categorias ajudam a enxergar marcas da história e das experiências familiares na comunicação de seus membros mediada pelas TICs.

Por fim, recordamos ainda, que além das entrevistas em profundidade realizadas com nossos contatos principais e com alguns de seus familiares, também observamos as interações familiares em grupos de *WhatsApp*, bem como na rede social *Facebook*.

6.1 BREVE RETOMADA DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS

Antes de adentrarmos a observação propriamente dita dos dados coletados, cremos importante fazermos uma breve retomada das categorias de análise propostas para esta pesquisa – *padrões de interação; processos de apropriação das TICs; processos de socialização e processos de significação e ressignificação* –, as quais auxiliarão na compreensão dos processos comunicativos das famílias pesquisadas.

Essencial pontuar que, no esforço empreendido para a compreensão de cada um desses processos, evidenciamos que os mesmos são permeados pela trajetória biográfica dos sujeitos, além de haver cruzamentos significativos entre as próprias categorias. Ainda que explicadas de modo separado para fins didáticos no Capítulo 4, e a seguir, nesta seção, a natureza do objeto em estudo nesta tese torna impossível a dissociação de tais categorias durante o processo de análise e compreensão dos dados. O que não nos surpreende, considerando o alto grau de complexidade do objeto em questão.

Tendo feito tais considerações, enfim retomamos as categorias analíticas propostas. A primeira delas diz respeito aos *padrões de interação*, categoria que preconiza a observação de determinados padrões na comunicação entre os integrantes das famílias. Aqui, são observadas questões como horários, frequência e tipos de interação; padrões de resposta; regras e protocolos tácitos e explícitos na comunicação em grupo; comunicação contingente; estratégias de comunicação; administração e negociação de conflitos; espaços de interação e de negociação; negociação de espaços coletivos; e padrões mais regulares de interação.

Já a segunda categoria analítica – *processos de apropriação das TICs* –, conforme sua designação já indica, refere-se à identificação de processos de apropriação das TICs em âmbito familiar e ao longo do tempo (dispositivos – *hardware* – e ferramentas – *software*). Ela considera a capacidade que os indivíduos têm de apropriar-se e incorporar as tecnologias em sua vida cotidiana, de tal maneira que, primeiro, reflitam sua vontade de fazê-los próprios e, posteriormente, os assimilem através de uma mudança em suas práticas culturais (SILVERSTONE e HIRSCH, 1996). Retoma, portanto, o processo de domesticação das TICs, em âmbito familiar, exposto no Capítulo 3 deste trabalho.

A categoria em questão auxilia também na compreensão de como a inserção/incorporação de novas tecnologias na família influencia no modo como seus integrantes se comunicam e que aspectos histórico-culturais individuais e familiares fazem com que a família opte por um ou por outro dispositivo/ferramenta de comunicação. Bem como, de

que maneira os dispositivos tecnológicos incorporados modificam as práticas familiares relacionadas à comunicação.

Com a terceira categoria de análise – *processos de socialização* –, por sua vez, torna-se possível observar os processos de socialização presentes na comunicação entre os membros da família. Para isso, consideramos o online e o off-line como dois espaços reais para a vivência do cotidiano familiar, mas que funcionam através de continuidades e discontinuidades. Relembramos, portanto, que nesta etapa lançamos mão de alguns questionamentos que consideramos pertinentes para a compreensão dos referidos processos de socialização. São eles¹⁵⁷:

a) Considerando o cotidiano virtual das famílias (mediado pelas TICs), como este se torna um espaço de retroalimentação da convivência presencial e vice-versa?

b) Como o presencial se une ao digital, e vice-versa, e como isso ajuda a gerenciar o cotidiano das famílias?

c) Como a lógica do “estar junto”, em momentos de “festejo”¹⁵⁸, se relaciona com o cotidiano de comunicação à distância e vice-versa? Como estes se complementam?

Esta categoria observa também o papel desempenhado pelo entretenimento na comunicação familiar em grupo, ou seja, como os indivíduos se relacionam através do entretenimento e o que isto representa na interação entre os familiares.

E, por fim, a quarta categoria busca indagar sobre os significados pessoais e familiares que as ferramentas de comunicação vão adquirindo através de seu uso e das práticas cotidianas que se conformam e se sustentam através delas. Ademais, que rastros a presença dessas TICs vão deixando na vivência do cotidiano (on e off-line) da família e em sua estruturação e organização.

¹⁵⁷ Aqui, resgatamos tais questionamentos para facilitar a leitura do texto, evitando que o leitor tenha que deslocar-se ao Capítulo 4 para retomá-los.

¹⁵⁸ Aqui, nos referimos a momentos em que a família se encontra, seja por motivos de datas comemorativas (aniversários, casamentos, batizados, etc.), seja para o “festejo” do “estar junto”, da convivência (por exemplo em almoços, jantás, churrascos, férias, etc.).

6.2 A COMUNICAÇÃO DAS FAMÍLIAS PESQUISADAS: O OBJETO À LUZ DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS PROPOSTAS

As categorias resgatadas na seção anterior auxiliaram na compreensão das trajetórias individuais e familiares, bem como das dinâmicas de comunicação entre os membros das famílias pesquisadas. Coerentes com suas trajetórias histórico-biográficas, as interações ocorridas nas cinco famílias pesquisadas utilizam-se de estratégias e recursos, os quais pontuamos nesta seção à luz das categorias analíticas descritas.

Cientes, conforme exposto anteriormente, da impossível dissociação de tais categorias durante o processo de compreensão dos dados, achamos por bem começarmos por desenvolver reflexões acerca dos *processos de socialização* percebidos na comunicação das famílias, sabendo que este estará articulado com as demais categorias analíticas e vice-versa. Tal categoria, especialmente em seu aspecto que tange às continuidades e discontinuidades da vivência do cotidiano familiar – online e off-line –, foram observados no caso de nossa interlocutora da Família S.

Para Tatiana S., o celular – do ponto de vista do aparato – e os aplicativos e sites de redes sociais passaram a representar o meio através do qual nutre as relações familiares durante o período compreendido entre os encontros (físicos) com os familiares – quando pode, em suas palavras, “construir todas as memórias possíveis” com sua família, para, novamente, vivenciarem um novo período de ausência de convivência.

Conforme seus relatos, ela experimenta por vezes a sensação de não ser partícipe na vida dos sobrinhos – único motivo que já a fez questionar a residência em país estrangeiro –, fazendo esforço para estar presente nas ocasiões as quais chamou de “grandes momentos”, como batizados, aniversários, etc. Em uma dessas ocasiões em que não pôde estar presente, o nascimento dos sobrinhos gêmeos, nossa entrevistada acompanhou o acontecimento via *FaceTime*. Um ano depois, na comemoração de seus aniversários, postou em seu perfil no *Facebook prints* das interações nos dois momentos, juntamente com um texto, como pode ser observado na Figura a seguir.

Figura 1 – *Post* de Tatiana S. sobre o nascimento dos sobrinhos, acompanhado via *FaceTime*



Fonte: Perfil pessoal de Tatiana S. no *Facebook*

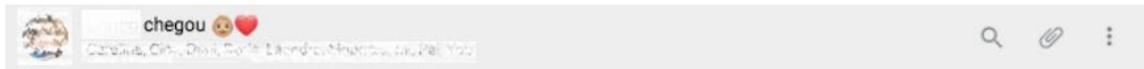
No texto, Tatiana conta a experiência de assistir, emocionada, ao nascimento de seus sobrinhos desde o sofá de sua casa, a milhares de quilômetros de distância. Fala também do medo que tem de não reconhecerem sua voz, de como se sente com as interações via celular, de como as crianças reagem às ligações e de como a existência delas veio a transformar a vida de cada integrante da Família S. Nas imagens – propositalmente borradas para manter o anonimato dos indivíduos –, é possível observar dois quadrados com contornos de cor vermelha desenhados por nós. Eles demarcam o lugar onde a imagem de Tatiana aparece em uma pequena janela, no momento da interação com os sobrinhos.

Suas irmãs, por outro lado – e neste mesmo sentido, tratando-se do gerenciamento do cotidiano e suas continuidades e descontinuidades –, também se empenham em mantê-la à par de tudo o que acontece com os sobrinhos: através de fotos e vídeos, registram momentos importantes das crianças, ou mesmo pequenos detalhes cotidianos postados nos grupos de *WhatsApp* ou no *Facebook* (como, por exemplo, o uso de alguma roupa presenteada pela tia que vive na Inglaterra). Gestos esses que, segundo Tatiana, a fazem sentir mais próxima durante o período de distanciamento da família.

Exemplos disso podem ser vistos continuamente em postagens de *WhatsApp* da Família S., especialmente pelo fato de haverem sido criados dois grupos exclusivos para o compartilhamento de notícias das crianças, com as famílias dos respectivos cunhados. Abaixo,

nas Figuras 2 e 3, mostramos os nomes desses grupos, ocultando, como de praxe, dados e imagens que poderiam fornecer informações acerca da identidade de seus participantes.

Figura 2 – Identificação do grupo criado pela Família S. para o compartilhamento de fotos e vídeos do afilhado de Tatiana S.



Fonte: *WhatsApp* de Tatiana S.

Figura 3 – Identificação do grupo criado pela Família S. para o compartilhamento de fotos e vídeos dos sobrinhos gêmeos de Tatiana S.



Fonte: *WhatsApp* de Tatiana S.

Ainda com relação ao gerenciamento cotidiano das famílias, pensando os *processos de socialização* presentes na Família S., um momento bastante comum de confraternização e celebração do estar junto, são as refeições. É bastante comum que o pai de Tatiana, conforme ela mesmo nos havia alertado, envie fotos de suas refeições – momentos em que ele, segundo nossa entrevistada, se sente só. Um exemplo deste tipo de postagem em grupos da família pode ser visto na Figura 4.

Figura 4 – Foto de refeição postada por Juliano S. em grupo da Família S. no *WhatsApp*



Fonte: *WhatsApp* de Tatiana S.

Neste sentido, e conforme visto anteriormente, os celulares constituem “tecnologias afetivas” e funcionam como instâncias mediadoras das emoções e mantenedoras dos laços sociais (SILVA, 2007). Assim, as TICs também podem ser entendidas como oportunidades para a manutenção e aprofundamento de laços, tornando o local, em seu sentido geográfico, irrelevante (GREEN, 2002).

Em outro momento de refeição, Tatiana faz o *print* (Figura 5) da imagem que aparece em seu celular, em tempo real, na qual aparecem seu pai e uma de suas irmãs com o marido. No canto superior esquerdo da imagem aparece um pequeno quadro com o rosto de nossa entrevistada, acompanhando o momento em que a família come carne e oferece a ela, através da câmera. O gesto cômico e provocativo, pelo fato de ela não ter acesso, na Inglaterra, ao produto com a mesma qualidade e preço que no Rio Grande do Sul, vira tema de piada em sua publicação no *Facebook*, onde pode-se ler: “As definições de maldade foram atualizadas”.

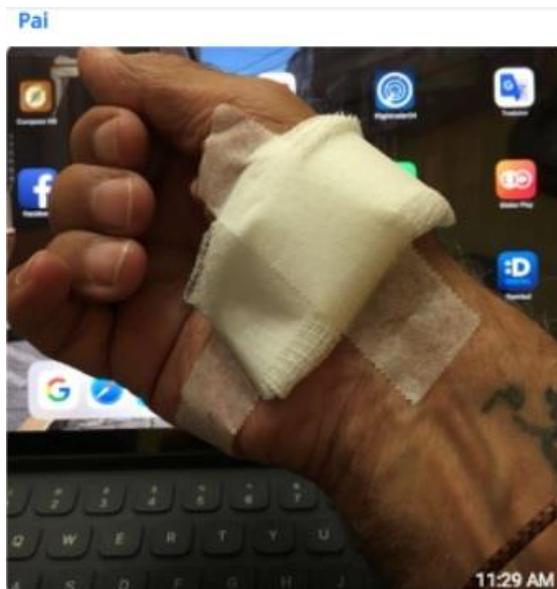
Figura 5 – Postagem de Tatiana S. no *Facebook* sobre momento de refeição compartilhado via *FaceTime*



Fonte: Perfil pessoal de Tatiana S. no *Facebook*

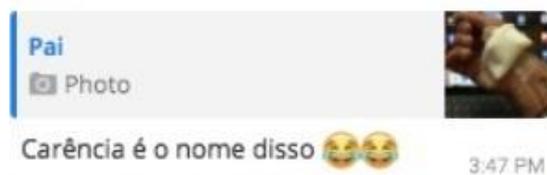
Por diversas vezes, em nossas conversas com Tatiana, ela menciona o fato de o pai se sentir só e da preocupação que tem com seu bem-estar, checando, de tempos em tempos, como vai. Nos deparamos, em um dos grupos da Família S., com uma postagem de Juliano onde aparece com um curativo na mão após um incidente com uma chave de fenda. Algumas horas depois, uma de suas filhas brinca com essa questão, denominando a postagem do pai, em tom de piada, como “carência”, conforme explicitamos nas Figuras 6 e 7.

Figura 6 – Foto postada por Juliano S. com a mão machucada



Fonte: *WhatsApp* de Tatiana S.

Figura 7 – Mensagem de resposta de uma das filhas ao *post* de Juliano S.



Fonte: *WhatsApp* de Tatiana S.

A geração de memórias com a família, na concepção de Tatiana – e ela deixa isso claro em seus depoimentos –, acontece apenas em momentos de convivência física de seus integrantes. Assim, os intervalos entre um momento de encontro e outro funcionam como uma pausa; e os meios de comunicação, como motores que mantêm a relação *aquecida* durante essa pausa, como que em estado de latência, aguardando, então, novos momentos de convivência – isto é, de construção de novas memórias. Nas palavras de Tatiana S., de “todas as memórias possíveis, especialmente com os pequenos”. Retomamos aqui, sua fala a esse respeito:

Minhas irmãs sabem que podem contar umas com as outras. Mas meus sobrinhos... quero que me conheçam, me abracem, como fazem com as outras tias. É um desafio. [...] Quero que meus sobrinhos lembrem de mim, do meu cheiro, da minha voz. É uma sensação de que precisamos ficar construindo memórias. Estamos tanto tempo separados. Meu pai até se enoja da quantidade de fotos que tiramos.

Para além das já discutidas questões de continuidades e descontinuidades, online e offline das vivências cotidianas da família de Tatiana, vemos neste exemplo evidenciado em sua fala uma outra questão articulada aos *processos de socialização*, que, acreditamos, atravessa de modo marcante a experiência da Família S. Diz respeito a um possível *processo de (re)significação*, relacionado à quarta categoria analítica proposta, que emerge na relação de nossa interlocutora com o aparelho celular.

Se, para uma mãe ou uma avó na Cidade do México (WINOCUR, 2009), o celular transcende sua condição de aparato tecnológico para se tornar uma espécie de “ansiolítico social”, reduzindo as incertezas do contexto urbano violento. Ou se, em algumas tribos africanas, o celular compartilhado pela comunidade é a única forma de saberem se seus familiares que se aventuram na imigração ilegal em pequenas barcas oceano afora chegaram com vida a seus destinos – casos em que o celular ganha um significado quase místico. Guardadas as devidas proporções, no caso de Tatiana S., o celular ganha um sentido especial, principalmente após o nascimento dos sobrinhos, ao permitir que aprecie momentos únicos e importantes da família, como, por exemplo, o próprio momento do nascimento deles – ao qual assistiu via *FaceTime*, conforme mencionado anteriormente.

Portanto, o celular passa a ter especial sentido em sua vida por permitir, quase como que abrindo um *portal*, que Tatiana participe ativamente da vida da família/em família – questão pela qual demonstrou conferir extrema importância. Sendo os sobrinhos os únicos integrantes da família com quem Tatiana S. não edificou uma relação através de anos de convivência presencial – tendo sido sua convivência, desde o início da vida das crianças, baseada em comunicações online, com poucos encontros presenciais –, o celular ganha uma imensa carga simbólica ao propiciar o único “ambiente” possível para a construção dessa relação a longo prazo.

Agora, passando a tratar da posse de artefatos de comunicação e da apropriação destes, cremos válido ressaltar que, se por um lado, reconhecemos que as facilidades outorgadas por um aparato comunicacional facilitam e abrem portas para a conexão familiar – e, em certos casos, a ressignificação dos mesmos, conforme visto há pouco –, por outro lado, acreditamos que sua existência (ou inexistência) não é, necessariamente, definidora do modo como os membros de uma família se comunicam. Pontuamos esta questão devido à comparação que fizemos enquanto observando os casos de Tatiana S. e Joana Z. Ambas, durante o início da faculdade, realizavam ligações para suas famílias através de telefones públicos, devido aos altos custos das ligações por celular na época. Enquanto Tatiana telefonava para os parentes todos os dias, através de um “orelhão” em frente à sua casa, Joana apenas lembra que, sem dúvidas, a comunicação não era diária – demonstrando uma diferença clara nos *padrões de interação*, especialmente no que diz respeito à frequência.

O que queremos dizer é que a mesma dificuldade imposta a Joana Z. em ter de se deslocar a um telefone público para fazer ligações – fato que poderia vir a reduzir o número de interações com a família –, também era um obstáculo para Tatiana S., que, sentindo a

necessidade de comunicar-se com os familiares, não hesitava em ligar diariamente – ficando, às vezes, horas em pé, no telefone público. Ao contrário do que se possa imaginar, fica evidente, neste caso, que as funcionalidades e facilidades proporcionadas pelos meios de comunicação, ou inexistência delas, não definiram a maneira de nossas pesquisadas se comunicarem. Podemos apenas imaginar que os hábitos, os tipos de relações afetivas construídas entre os membros da família ou mesmo as características pessoais¹⁵⁹, estabeleçam, ou pelo menos influenciem, tais práticas – revelando diferentes *processos de apropriação*.

Antes de retomarmos à trajetória da Família Z., e ainda fazendo um esforço de reflexão acerca da categoria recém mencionada, percebemos na Família P. a emergência de um aspecto que diz respeito ao modo como a inserção/incorporação de novas tecnologias na família influenciou a forma como seus integrantes se comunicavam. Conforme descrito anteriormente, a troca de aparelhos celulares efetuada pelos pais e irmão de Gustavo no Brasil, durante sua estadia na Dinamarca, alterou a maneira como a família se comunicava.

A aquisição de telefones com melhores câmeras e, no caso da mãe, a inclusão da câmera – já que seu antigo telefone sequer possuía uma –, fez com que a Família P. passasse a se comunicar através do celular, com ligações de vídeo no *WhatsApp*. Esta, contudo, não foi apenas uma troca de aparatos, já que a possibilidade de fazerem chamadas por telefone ocasionou toda uma mudança na prática comunicacional da família: desde horários (que se tornaram mais variados), locais de interação (sala de estar da casa, quarto, local de trabalho do pai, etc.), até mesmo a frequência (tornaram-se mais seguidas) e duração das ligações (tornaram-se mais curtas).

Na opinião de Gustavo, conforme já foi também pontuado na descrição densa, as mudanças resultaram positivas, já que as interações passaram a ser mais espontâneas – sem a necessidade de marcação de horário para os pais estarem em casa na frente do computador, com o *Skype* conectado –; mais sintéticas e objetivas; e menos formais. “Melhorou, todos os dias falamos algo. [...] Antes era uma coisa de falar por *Skype* [...] aquela coisa formal de parar tudo o que está fazendo” (Gustavo P.).

Retornando à Família Z., trazemos aqui seu exemplo elucidativo, dessa vez no que diz respeito a *padrões de interação* – mais especificamente no que tange à observação de regras tácitas e explícitas de comunicação. Explicamos: conforme demonstrado na descrição densa

¹⁵⁹ Lembramos, aqui, da fala de Solange, mãe de Joana, quando comenta que ela e o marido acostumaram-se e buscam respeitar o jeito “objetivo” da filha nas relações afetivas com a família.

desta família, nos primeiros meses que se seguiram à mudança de Joana Z. para Porto Alegre, seus pais a telefonavam todos os dias. Sentindo-se pressionada com o calendário completamente cheio de aulas e provas em duas faculdades, juntamente com uma altíssima auto cobrança por bom desempenho, nossa interlocutora decidiu dizer à mãe que não voltasse a ligar, pois precisava concentrar-se nos estudos. E que, a partir daquele momento, ela passaria a realizar as chamadas quando tivesse tempo de conversar.

Ainda hoje, mesmo com os incentivos de Joana – que se sente mal pela conduta do passado – para que a mãe se comunique, Solange Z. não realiza chamadas para a filha. Antes de fazer isso, verifica por *WhatsApp* a disponibilidade da filha ou utiliza o recurso do “toque” no celular. Sendo assim, vemos claramente que a presença de uma regra explícita para conversas telefônicas, imposta pela filha aos pais em determinado momento da vida familiar, mesmo deixando de existir¹⁶⁰, segue orientando, tacitamente, o modo como a família se comunica por telefone.

Outros tipos de *padrões de interação* também foram identificados nas famílias estudadas por nós. Um deles diz respeito à comunicação de nossos contatos principais com a primeira geração, representada por um avô e por uma avó, de famílias diferentes. Em ambos os casos, verificou-se que ela se dá através do telefone fixo, apesar dos dois possuírem celulares.

Outra repetição de padrão pôde ser vista na importância dada pelas mães à comunicação entre os membros da família e aos grupos de *WhatsApp*. Em três de quatro casos – já que a Família S. não pôde ser avaliada em função de sua matriarca já haver falecido – tal aspecto ficou bastante marcado. Na Família K, por exemplo, conforme mostrado em sua descrição densa, há um grupo de *WhatsApp* quase sem uso, do qual ainda participam a ex-cunhada de Alan, sua mãe e seu irmão. Segundo nosso entrevistado, o referido grupo é mantido apenas em função da mãe: Maurício quase não responde e nosso interlocutor afirma responder às mensagens de Ana “por respeito”, pois acredita que aquele grupo é importante para ela. Já a Família Z., que até agosto de 2017 não se comunicava conjuntamente no *WhatsApp*, teve um grupo criado pela mãe de nossa interlocutora – integrante mais ativa no envio de mensagens.

Por fim, na Família P., apesar de não possuírem um grupo de *WhatsApp*, boa parte das comunicações entre a família ocorria em conjunto – Gustavo, na Dinamarca, os pais e o irmão caçula – quando estava em casa –, em Porto Alegre. Através dos relatos, soubemos que a mãe,

¹⁶⁰ “Apesar de pedir desculpa mil vezes, a mãe não liga. [...] se eu pudesse mudar algo, não teria falado para ela não me ligar mais” – fragmento de uma das falas de Joana Z. a esse respeito durante a entrevista.

por diversas vezes, intrometia-se nas conversas do pai com o filho e era quem tinha as conversas mais longas com ele quando se comunicavam. Ademais, Sarah é bastante sensível a datas comemorativas, não escondendo o desapontamento quando mencionou que, por fazer aniversário no segundo dia do ano, quase ninguém se lembra de parabenizá-la. Por curiosidade, e com o consentimento de nosso interlocutor, procuramos por postagens no perfil de Gustavo no *Facebook* com possíveis temáticas familiares. Encontramos, realizando pesquisa no período de um ano de postagens, temáticas familiares em datas comemorativas, como Dia dos Pais, Dia das Crianças, Dia das Mães e o aniversário do pai, porém nenhuma na data de nascimento da mãe.

Interessante notar, e aqui trazemos a experiência de outra pesquisa com famílias, desenvolvida ao longo do Doutorado¹⁶¹, que nos grupos rurais estudados naquela ocasião, era também a mulher que dava especial atenção à comunicação com os familiares – além de fazer o gerenciamento de visitas familiares e do calendário de datas comemorativas e aniversários para celebrar com as respectivas famílias (até mesmo as dos seus maridos). O celular e o telefone eram os meios favoritos dessas mulheres, justamente por permitirem o acesso às suas famílias de origem, já que o isolamento geográfico da vida rural, as distâncias entre as propriedades e a dificuldade de locomoção contribuía para o isolamento social de algumas delas¹⁶².

Ainda outro aspecto observado com relação a padrões de interação diz respeito à experiência da Família M. Conforme mostramos em sua descrição densa, a fala de Alice M. traz consigo a temática da violência urbana. Apesar de poucas vezes aparecer de forma explícita em sua fala, está contida de forma implícita no discurso de nossa entrevistada – aspecto que chama atenção, também, na análise do material coletado do grupo de *WhatsApp* que mantém com a mãe e as irmãs.

Em sua narrativa, Alice conta que a educação sempre teve muita importância em sua vida: era uma forma de não precisar realizar serviços braçais, como a mãe, mas também uma

¹⁶¹ A pesquisa *Tecnologias de comunicação nas práticas cotidianas: o caso de famílias relacionadas à cadeia agroindustrial do tabaco* (MCTI/CNPq No 14/2014) foi desenvolvida no município de Vale do Sol (RS) por uma equipe interdisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS e do Programa de Desenvolvimento Regional da UNISC. O estudo, que tomou o cotidiano como eixo central na compreensão das dinâmicas de apropriação simbólica e consumo das TICs, buscou compreender como se dão os usos e apropriações dessas tecnologias por famílias agricultoras na zona rural daquela localidade, onde ainda é recente o acesso à internet.

¹⁶² Motivo pelo qual algumas valorizavam muito a independentização das filhas, incentivando-as a possuírem carteira de habilitação para dirigir, não dependendo dos homens da família para se locomoverem. No caso de uma delas, notou-se também a alta valorização do *Facebook*, ferramenta que possibilitava a fuga do isolamento social.

maneira de conseguir uma vida melhor, longe da violência na qual viveram ela e a irmã na infância; também relata que, quando crianças, ela e a irmã gêmea se esforçavam para não ficarem em recuperação na escola e, o mais rápido possível, viajarem para a casa dos avós, onde podiam brincar na rua com os amigos – coisa que, na favela onde moravam no Rio de Janeiro, não podiam fazer devido à violência; dentre outros exemplos fornecidos por Alice. Tal temática marcante na trajetória de nossa interlocutora da Família M., e a preocupação com o tema, de modo geral, na família – como, por exemplo, na intervenção do avô no momento de sua partida para Florianópolis, quando este descreve uma lista de “tudo de ruim” que poderia acontecer com sua mudança –, aparece refletida também, de modo implícito, nas mensagens trocadas pelos membros da família em seu grupo de *WhatsApp*.

A seguir, na Figura 8, é possível ver interações que exemplificam isso.

Figura 8 – Conversa de Aline M. com mãe e irmã gêmea, com temática implícita referente à violência

11/11/2017 16:16:25:	E aí CudePlay
Na expectativa?	
11/11/2017 16:16:29:	Chegou bem?
11/11/2017 16:16:35:	Que fazes
11/11/2017 17:53:50:	Tô na arena já
12/11/2017 01:44:22:	Só pra avisar que
estou bem, indo pra casa da camila	
12/11/2017 01:44:44:	Parei antes pra
recarregar o cel na casa da prima donlucas	
12/11/2017 01:44:53:	O show foi
indescritível	
12/11/2017 01:45:04:	Temos que ir todas
juntas no próximo	
12/11/2017 01:45:12:	É a coisa mais linda
desse mundo	
12/11/2017 02:29:47:	👉👉👉👉👉👉👉👉
😊	
12/11/2017 02:34:11:	To no aniver da chega
com pagodin	
12/11/2017 02:34:19:	Quase cudiplay
12/11/2017 16:29:22:	Voltando pra casa,
partiu floripa	
12/11/2017 18:31:03:	Boa viagem 🙏🙏
12/11/2017 19:24:20:	Mamy Vivo: Boa viagem 🙏🙏🙏
12/11/2017 23:43:20:	Em casa, boa noite
😊	
12/11/2017 23:53:25:	🙏🙏🙏🙏❤️
Good night	
13/11/2017 00:09:18:	Mamy Vivo: Boa noite 🙏🙏🙏

Fonte: *WhatsApp* de Alice M.

A conversa recém ilustrada, da qual participam Alice, sua mãe e sua irmã gêmea, aconteceu no dia em que nossa interlocutora viajou a Porto Alegre para assistir a um concerto musical, da banda internacional *Coldplay*. Na interação entre as três, iniciada pela irmã, que

queria saber notícias suas, podemos ver que Alice narra cada novo passo, informando se chegou bem aos seus destinos: primeiro a Arena, local onde aconteceu o show; depois a saída para a casa de uma amiga onde iria dormir – incluindo a interrupção do percurso para carregar o celular na casa de um primo desta amiga; no dia seguinte, à tarde, quando iniciou sua viagem de retorno a Florianópolis; e, finalmente, quando chegou em casa – notícia respondida tanto pela irmã quanto pela mãe.

Note-se que as interações começam no final da tarde do dia do show – quando Alice vai para outra cidade, igualmente distante de sua família – e terminam apenas na madrugada seguinte, quando ela, já na segurança de sua casa em Florianópolis, afirma ter chegado bem. A possível correlação entre a experiência familiar impactada pela temática da violência – questão explicitamente posta na trajetória biográfica dos sujeitos pesquisados –, acrescida de indícios de tais marcas em suas trocas de mensagens, dão pistas da emergência de *padrões de interação* influenciados por esse tema.

A seguir, mostramos uma outra figura que também remete à questão da segurança, desta vez em uma viagem da irmã gêmea de Alice. Pode-se perceber, novamente, a triangulação “mãe-irmãs gêmeas” trocando mensagens na espera por notícias positivas em relação ao bem-estar e integridade física de algum dos membros da família.

Figura 9 – Segunda conversa de Aline M. com mãe e irmã gêmea, com temática implícita referente à violência

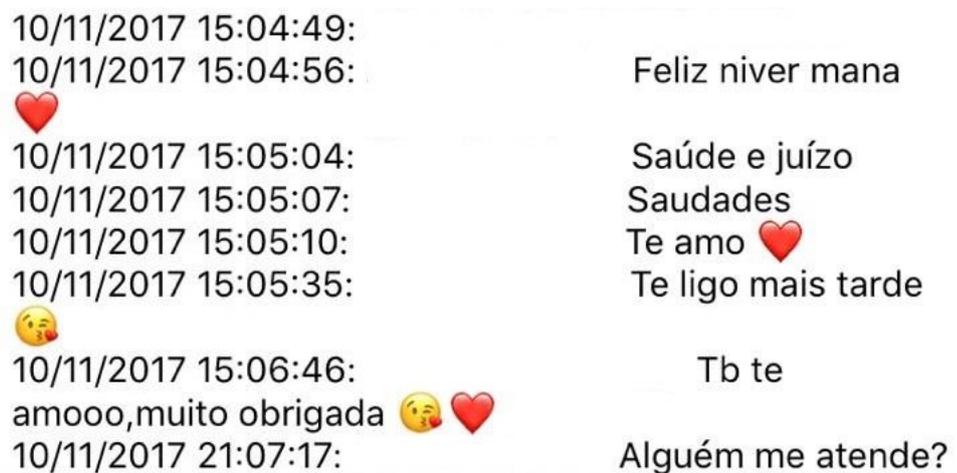


Fonte: WhatsApp de Alice M.

Outro aspecto observado na comunicação da Família M. diz respeito ao sentimento de cuidado e proteção manifestados por Alice com relação à mãe e, principalmente, à irmã caçula. Por diversas vezes em sua fala, demonstra um sentido muito forte de responsabilidade no cuidado das duas. Seja na iniciativa e planos de levá-las para viverem próximas a ela – para que a mãe possa voltar a estudar e a irmã tenha um ensino melhor e mais oportunidades de bons empregos –; ou mesmo quando afirma que ela e a irmã gêmea fazem o possível para não envolverem a irmã menor em conflitos familiares anteriores à sua própria existência – dando espaço para que ela construa uma relação com o pai diferente da que as mais velhas desenvolveram – e para que tenha uma infância e juventude melhor do que tiveram.

Em mensagens de *WhatsApp*, podemos notar pistas dos aspectos recém expostos em mensagens como as seguintes:

Figura 10 – Mensagem de aniversário da Família M.



Fonte: *WhatsApp* de Alice M.

Figura 11 – Mensagens cotidianas da Família M. em seu grupo de *WhatsApp* - 1



Fonte: *WhatsApp* de Alice M.

Figura 12 – Mensagens cotidianas da Família M. em seu grupo de *WhatsApp* - 2



Fonte: *WhatsApp* de Alice M.

Na Figura 10, vemos Alice parabenizando a irmã mais nova¹⁶³ por seu aniversário: uma mensagem prévia, no meio da tarde, avisando que, mais tarde, ligaria para felicitá-la¹⁶⁴. Adiantando os votos à caçula, pontua: “Saúde e juízo”. Já na Figura 11, nossa entrevistada não apenas felicita a irmã mais nova, como incentiva-a com a promessa feita em levá-la a *Disney*, caso conquistasse boas notas na escola. E, por fim, na Figura 12 podemos perceber a preocupação de Alice com Flávia em não se atrasar para um compromisso e em ter alguém que a leve à escola¹⁶⁵.

Esse último aspecto mencionado, que diz respeito à coordenação da agenda da caçula, além de demonstrar a vontade de Alice em auxiliar e participar da vida da família quando está presente em sua cidade natal, também traz à tona outra questão observada no uso que a Família M. faz do grupo de *WhatsApp* – no que concerne à organização do cotidiano. Vemos, portanto, um *processo de socialização* importante, bem como o aparecimento de espaços de negociação,

¹⁶³ Não é possível identificar que a felicitação se refere à irmã caçula, pois, como de praxe, ocultamos qualquer elemento que pudesse dar pistas sobre a identificação dos sujeitos pesquisados.

¹⁶⁴ Tentativa inicialmente frustrada, como pode-se ver na mensagem postada no grupo, às 21h07 – horário em que já chegou do trabalho e que faz boa parte das ligações para a família –, a qual diz: “Alguém me atende”?

¹⁶⁵ Essa mensagem foi postada por Alice em um momento em que ela se encontrava na cidade natal, visitando a família. Por isso, pôde oferecer-se para levar a irmã na escola.

aspecto compreendido nesta mesma categoria analítica em questão – tanto no que diz respeito à condução da questão prática cotidiana em si (cronograma familiar), como na relação de Alice perante à mãe (que é quem responde à mensagem), já que ambas atuam neste aspecto materno de proteção e cuidado com Flávia.

Sobre o primeiro item mencionado, de gerenciamento do cotidiano, explicitamos a seguir alguns exemplos extraídos de conversas entre os membros da Família M. em seu grupo de *WhatsApp*.

Figura 13 – Mensagens cotidianas da Família M. em seu grupo de *WhatsApp* - 3



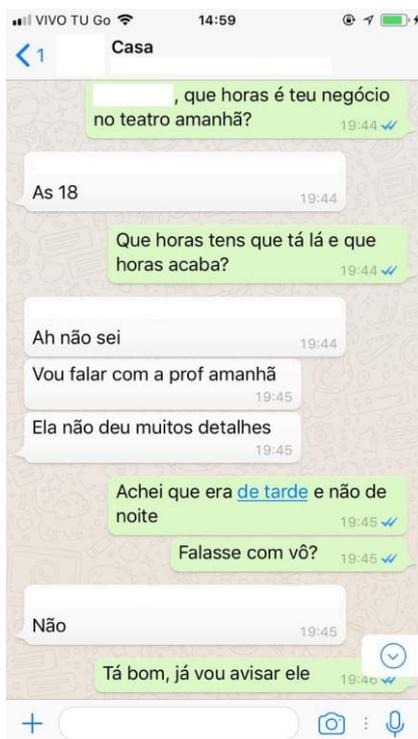
Fonte: *WhatsApp* de Alice M.

Figura 14 – Mensagens cotidianas da Família M. em seu grupo de *WhatsApp* - 4



Fonte: *WhatsApp* de Alice M.

Figura 15 – Mensagens cotidianas da Família M. em seu grupo de *WhatsApp* - 5



Fonte: *WhatsApp* de Alice M.

Figura 16 – Mensagens cotidianas da Família M. em seu grupo de *WhatsApp* - 6



Fonte: *WhatsApp* de Alice M.

Quanto ao segundo aspecto ressaltado, que diz respeito à criação de espaços de negociação, faceta observada juntamente à categoria de *processos de socialização*, fazemos um paralelo da Família M. com a Família P., na qual percebemos o aparecimento deste mesmo aspecto na relação entre Gustavo P. e seu pai. Conforme explicitado na descrição densa, o filho mais velho de Guilherme demonstra bastante preocupação com relação aos estudos e à criação dada pelos pais ao irmão mais novo, Gonçalo. Externa suas críticas abertamente à família e não hesitou em fazê-lo desde o momento em que retornou para a casa dos pais, após um ano vivendo no exterior.

Durante a entrevista, Gustavo demonstrou diversas vezes preocupação com o período difícil de adolescência pelo qual passa o irmão, além de expressar o sentimento de responsabilidade em ser exemplo para ele. Ao longo de sua estadia na Dinamarca, relata haver tido uma boa relação com o caçula, fazendo apenas alguns comentários para os pais sobre assuntos que o irmão compartilhava com ele, ou sugerindo alguma iniciativa corretiva mais contundente por parte dos pais em relação ao irmão. Porém, ao retornar a Porto Alegre, uma série de atritos aconteceram entre os dois. É neste contexto familiar que observamos o espaço de negociação há pouco referido: a dupla função (fraterna e paternal) que nosso interlocutor da Família P. exerce, ou busca exercer.

Uma dinâmica curiosa entre dois irmãos também ocorre na Família K., entre nosso entrevistado e seu irmão mais velho, Maurício. Durante suas conversas conosco, Alan K. já nos havia alertado, com um tom um pouco envergonhado, que os assuntos abordados com o irmão via *WhatsApp* eram muito triviais – mais especificamente sobre rotinas de treinos físicos e opiniões sobre calçados esportivos; e que as conversas mais longas e que considera mais profundas, acontecem com menos frequência, por *Skype*. Em suas interações por *WhatsApp* com o irmão, que nos foram disponibilizadas, é possível identificar com muita clareza tal aspecto pontuado por Alan. Além disso, essas conversas, as quais considera, em suas palavras, “só besteira”, chegam a durar dias, alimentadas, principalmente, por ele. Antes de avançarmos em tal discussão, colocamos abaixo um exemplo de conversação entre Alan e Maurício no *WhatsApp*:

Figura 17 – Interações de Alan K. com o irmão via *WhatsApp* - 1

24/11/17, 10:37 -	mas ñ tem meu tamanho
24/11/17, 10:37 -	https://www.adidas.com.br/tenis-tubular-invader-strap/BB8392.html
24/11/17, 10:37 -	esse tem meu tamanho: https://www.adidas.com.br/tenis-tubular-instinct/S80088.html
24/11/17, 10:40 -	detalhe que o primeiro ia sair com 30% de desconto q ficar 273
reais	
24/11/17, 10:40 -	:((((
24/11/17, 10:40 -	Eita da hora
24/11/17, 10:40 -	ñ tem 42
24/11/17, 10:40 -	tomar no cu
24/11/17, 10:40 -	ia comprar
24/11/17, 10:45 -	Tem 43?
24/11/17, 10:46 -	só 45
24/11/17, 10:46 -	:/
24/11/17, 10:46 -	41 e 45
24/11/17, 10:47 -	é mt lindo to mt tisti
24/11/17, 10:48 -	280 por um tenis desse bixo
24/11/17, 10:48 -	queria ter o pé 41
24/11/17, 10:49 -	Já olhou na nike?
24/11/17, 10:52 -	MANO
24/11/17, 10:52 -	FOPDASE
24/11/17, 10:52 -	VOU COMPRAR
24/11/17, 10:52 -	41
24/11/17, 10:52 -	ACABEI DE MEDIR MEU PÉ
24/11/17, 10:52 -	E DEU ISSO
24/11/17, 10:52 -	NA ESCALA DELES
24/11/17, 10:52 -	SE N DER CERTOD A PRA DEVOLVER
24/11/17, 10:53 -	Não faz isso
24/11/17, 10:53 -	Já tive que devolver tênis duas vezes
24/11/17, 10:53 -	mano deu 27,5
24/11/17, 10:53 -	cm
24/11/17, 10:53 -	Nao interessa

Fonte: *WhatsApp* de Alan K.

Na observação de 13 dias seguidos de conversas entre Alan e o irmão, os únicos dois assuntos tratados foram exatamente os citados por nosso interlocutor durante sua entrevista: treinos físicos e compra de tênis. A única interrupção, ou tentativa de mudança de assunto, foi feita por Alan, que enviou um link com a seguinte notícia: “*Is the death of an elder worse than the death of a young person?*”¹⁶⁶. E, na postagem seguinte, a frase: “*Sobre a vovó*”. Tal comunicação nunca foi respondida por Maurício, quem, 24 horas depois, enviou uma nova mensagem, com outra temática, completamente diversa ao último recado de Alan, que dizia: “*Você malha com os daily workouts que são lançados ou com os Program*”?

Percebemos, em outros dias de observação, algumas outras tentativas de mudança de temática por parte de Alan, sem, contudo, atingir esse objetivo – já que o irmão tende a não responder tais mensagens (ou, quando o faz, retorna aos assuntos originais). Percebemos, também, que as iniciativas de conversa são, em sua maioria, por parte de Alan. E que, por diversas vezes, quando percebe que o irmão não responde aos estímulos de conversas diferentes dos temas habituais, torna a falar sobre eles na tentativa de engajar o irmão novamente na conversação – obtendo sucesso em tal empreendimento.

No caso recém relatado, podemos notar alguns *padrões de interação* no que diz respeito a: a) padrões de resposta, mais evidente na comunicação de Maurício com o irmão; b) estratégias de comunicação, por parte de Alan, no intuito de engajar o irmão em uma conversação; c) padrões mais regulares de interação, claramente evidenciado pelas únicas duas temáticas amplamente desenvolvidas pelos irmãos em suas conversas de *WhatsApp*. Ainda que o nosso esforço compreensivo seja interpretativo, e não possamos afirmar com infalibilidade, a partir de nossas observações e do conhecimento da trajetória da Família K., podemos apontar a presença de indícios de que Alan sente grande necessidade de contato com o irmão, independentemente do assunto a ser tratado. É como se o conteúdo da interação não importasse, contanto que houvesse (alguma) interação.

A importância da comunicação em si sugere que o telefone móvel pode fornecer um canal adicional para a realização da intimidade (WAJCMAN et al., 2008), ou seja, a importância, antes de mais nada, da interação propriamente dita, sem que o conteúdo da mesma tenha, necessariamente, tanta relevância. “Ao invés de transmitir informações específicas, em muitos casos, a chamada telefônica¹⁶⁷ em si pode ser constitutiva da relação. Manter-se em

¹⁶⁶ “A morte de um idoso é pior do que a morte de uma pessoa jovem”? (tradução da autora).

¹⁶⁷ Em nosso caso, as conversas de *WhatsApp*.

contato enquanto fisicamente separados é um marcador de intimidade” (WAJCMAN et al., 2008, p. 647).

Alan, que durante a entrevista valorou como algo importantíssimo as conversas profundas e afetivas, utiliza conversas triviais como estratégias de acesso ao irmão mais velho – lembrando que, anteriormente, quando se falavam por *Telegram*, a comunicação era ainda mais rara. A justificativa de Alan para o fato era a agenda lotada do irmão, sujeito jovem e bastante bem-sucedido para a pouca idade.

Importante lembrar também que nosso entrevistado considera o irmão como um pai, e, por diversas vezes, menciona o fato de Maurício ter assumido o papel de “homem da casa”, protegendo-o dos conflitos entre os pais e dos problemas financeiros enfrentados pela família. Conforme nos confessou Alan, Maurício é a pessoa a quem pede conselhos antes de tomar decisões importantes. Não foram poucas as vezes em que mencionou, durante a entrevista, que seguiu os passos do irmão por diversas vezes: estagiou nos mesmos lugares, começou a fazer os exercícios físicos sugeridos pelo irmão, participou de eventos para jovens organizados pela empresa de Maurício, etc.

Claramente um admirador do irmão, ao ficar sabendo, de última hora, e a partir de uma conversa iniciada por ele próprio, sobre uma viagem a trabalho que ele faria a Colômbia, Alan faz um pedido a Maurício, conforme pode ser visto na figura a seguir.

Figura 18 – Interações de Alan K. com o irmão via *WhatsApp* - 2

09/12/17, 12:59 - <Mídia omitida>
 09/12/17, 14:36 - Eeeeeita porra
 09/12/17, 14:36 - 🍷🍷🍷
 09/12/17, 16:18 - MANO
 09/12/17, 16:19 - TO TERRORIST NO AEROPORTO
 09/12/17, 16:19 - Tô soltando umas bombas atômicas insuportáveis
 09/12/17, 16:19 - hushauhsa
 09/12/17, 16:19 - vai pra onde?
 09/12/17, 16:23 - Medellin
 09/12/17, 16:23 - Escobar feelings
 09/12/17, 16:24 - fazer prove lá? ou palestra?
 09/12/17, 16:46 - Um evento mutcho loco
 09/12/17, 16:46 - Tô indo como convidado observador
 09/12/17, 16:47 - sobre o q
 09/12/17, 16:51 - Leadership pra jovens
 09/12/17, 16:51 - Galera de Stanford e tal
 09/12/17, 16:51 - Haha
 09/12/17, 17:03 - carai incrível
 09/12/17, 17:03 - faz uns contatinhos pra eu fazer pós lá
 09/12/17, 17:03 - :B
 09/12/17, 17:17 - Hahahaha
 09/12/17, 17:17 - 👍

Fonte: *WhatsApp* de Alan K.

Outro aspecto bastante evidente em Alan é a relação afetuosa que tem com a mãe. Durante sua entrevista, já havia mencionado quão boa é a relação que tem com Ana no que diz respeito ao carinho – exaltando, ainda, a qualidade de seu abraço. Pois bem: ao nos depararmos com mensagens trocadas no *WhatsApp* entre eles, durante o período de férias em que Alan estava passando alguns dias na casa da mãe, testemunhamos esse carinho refletido em tais interações¹⁶⁸.

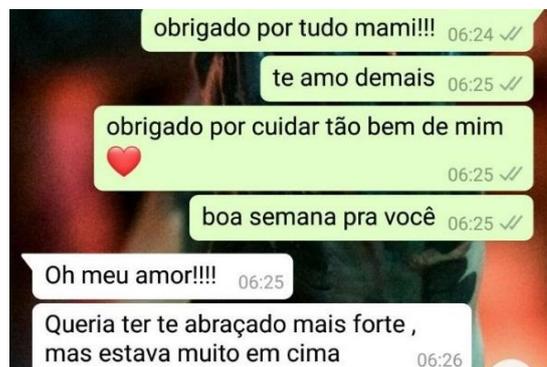
¹⁶⁸ Nas Figuras 19 e 20, Alan refere-se à mãe como “mami”. Em conversa com o irmão, também já havia utilizado o termo “mamãe”.

Figura 19 – Interações de Alan K. com a mãe via WhatsApp - 1



Fonte: *WhatsApp* de Alan K.

Figura 20 – Interações de Alan K. com a mãe via WhatsApp - 2



Fonte: *WhatsApp* de Alan K.

Vemos, não somente na narrativa da entrevista, mas também em mensagens trocadas com a mãe e o irmão, a posição assumida por Alan, perante a família, de filho menor, com necessidade de ajuda e proteção. Ao contrário do irmão, que se mostra como um jovem decidido, bem-sucedido e forte pilar emocional familiar – quem assumiu a posição de pai, já que, segundo o relato enviado por Alan¹⁶⁹, o seu pai biológico nunca teve vontade de ser pai e de ter uma família. Maurício é a quem o irmão mais novo recorre para solicitar conselhos, desde os mais cotidianos (sobre aquisição de produtos, por exemplo), até decisões importantes de carreira.

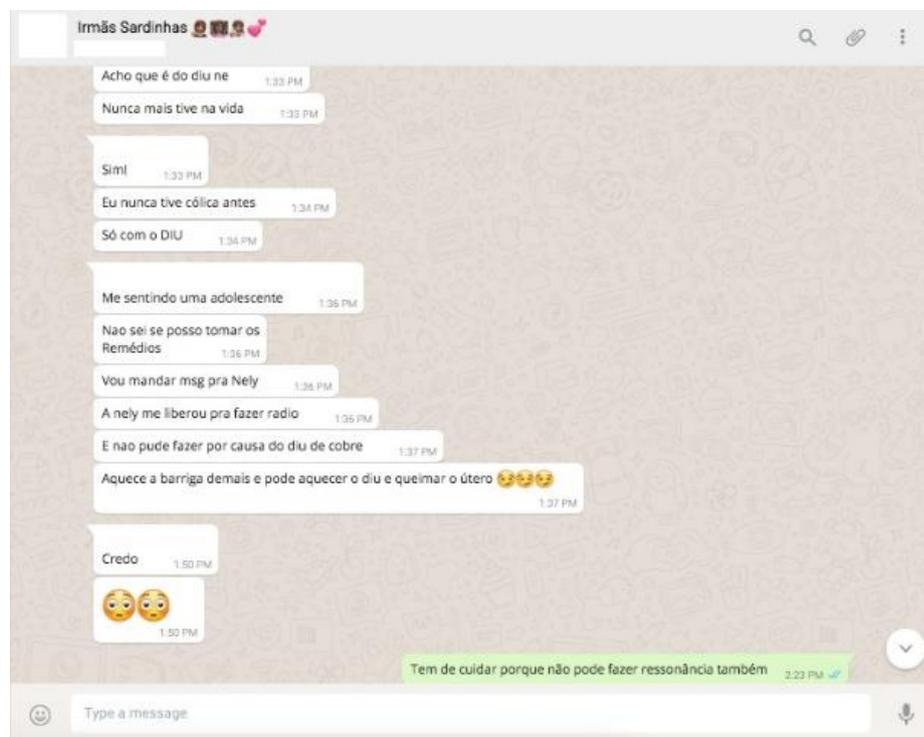
Nas conversações triviais entre os irmãos K., mencionadas anteriormente, pudemos ver um especial sentido de busca por interação. Mesmo que, se vivendo na mesma cidade, os irmãos compartilhassem muito raramente (ou nunca) de momentos triviais das vidas um do outro (como a compra de um tênis ou treinar juntos em uma academia, para usar as temáticas

¹⁶⁹ O relato pode ser lido, na íntegra, na página 142 deste trabalho.

recorrentes dos K.), a falta de um cotidiano presencial parece justificar esse tipo de interação mais corriqueira, sem um grande propósito comunicativo – como também já pontuamos com a visão de WAJCMAN et al. (2008).

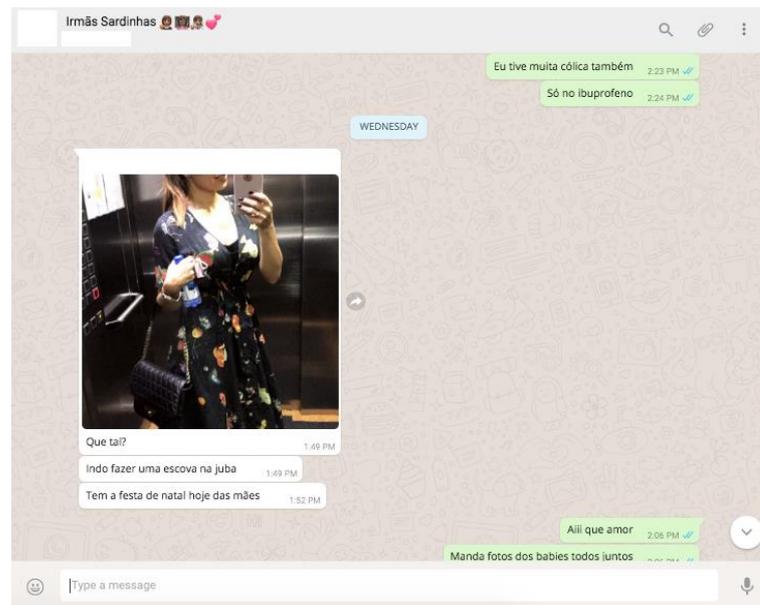
Vemos um processo bastante semelhante acontecer na relação entre as irmãs S., que, além de conversarem sobre temas como maternidade, estudos e projetos de vida, também compartilham de conversas triviais, como as exemplificadas nas figuras 21, 22 e 23.

Figura 21 – Conversas corriqueiras de Tatiana S. com as irmãs no *WhatsApp* - 1



Fonte: *WhatsApp* de Tatiana S.

Figura 22 – Conversas corriqueiras de Tatiana S. com as irmãs no *WhatsApp* - 2



Fonte: *WhatsApp* de Tatiana S.

Figura 23 – Conversas corriqueiras de Tatiana S. com as irmãs no *WhatsApp* - 3



Fonte: *WhatsApp* de Tatiana S.

Percebemos a cotidianidade das conversações das irmãs como, além de estratégia para a nutrição e manutenção dos vínculos afetivos, também uma forma significativa de manter a intimidade conquistada ao longo de anos de convivência familiar presencial. A conservação da intimidade, aqui, torna-se essencial para que não esmoreçam as relações construídas na infância

e adolescência. “Parece que o telefone móvel aumenta significativamente a capacidade das pessoas em manter a intimidade a uma distância ao longo do dia (WAJCMAN et al., 2008, p. 648)”.

Por fim, acreditamos importante pontuar que no item referente à observação do papel desempenhado pelo entretenimento na comunicação familiar em grupo, proposto pela categoria analítica *processos de socialização*, não logramos observar nenhuma particularidade relevante nas famílias estudadas. Entretanto, nas conversas e entrevistas com nossos contatos principais, vários deles mencionaram participar de outros grupos familiares dedicados às suas famílias extensa – com participantes como primos, tios, padrinhos/madrinhas, etc. Grupos esses¹⁷⁰ que, segundo seus relatos, contém alta carga de conteúdo humorístico – sendo este, às vezes, o único tipo de conteúdo compartilhado. São possíveis indícios para, quem sabe, o desenvolvimento de uma futura investigação que abarque a família extensa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se para Silverstone, Hirsch e Morley (1996), os meios de comunicação na esfera doméstica proporcionavam o contato da família e de seus membros com o “mundo exterior”, oferecendo-lhes uma “janela” para o mundo, hoje, passaram a servir como pontes, não apenas da esfera da família para o mundo, mas também como conexões dentro do próprio âmbito doméstico. Acrescentando a isso o fato de as *famílias sem fronteiras* possuírem membros que se relacionam à distância, como é o caso daquelas estudadas por nós, tal característica acentua-se ainda mais, reforçando e aprofundando seu papel de conexão entre os integrantes dessas famílias.

Hoje, a pluralidade, a rapidez e a flexibilidade das possibilidades de comunicação propiciadas pelas tecnologias digitais e pelos dispositivos móveis, essas pontes de conexão entre os membros da família tornaram-se ferramentas de auxílio na manutenção e gerenciamento dos vínculos afetivos entre os indivíduos. Com a possibilidade de conexão permanente e contínua, o espaço doméstico além de alargar-se (transpondo as barreiras do lar), também e, principalmente nos últimos anos, intensificou-se. O cotidiano familiar acabou por

¹⁷⁰ Tais grupos não fizeram parte de nossa pesquisa, já que buscávamos compreender as práticas de comunicação em sua relação filial, focando apenas no estudo da família mais próxima de nossos contatos principais. Contudo, uma investigação posterior de grande validade poderia, justamente, tratar da relação entre os membros da considerada família extensa.

ganhar um novo espaço, o virtual, onde a família segue relacionando-se, com as mesmas lógicas e arcabouço simbólico que antes já as regiam.

Neste contexto, buscamos nesta tese compreender como tem se dado a comunicação dessas famílias que possuem integrantes que vivem geograficamente apartados entre si. A partir da observação dos usos e apropriações das TICs, procuramos entender como tais famílias têm se apropriado dessas ferramentas – tanto do ponto de vista do aparato quanto dos aplicativos – para gerenciar as distâncias e os vínculos afetivos entre seus membros.

Ao todo, foram oito meses de pesquisa de campo, durante os quais entrei¹⁷¹ na vida de oito famílias – dessas, cinco compõem o grupo investigado. Para mim, a pesquisa empírica com pessoas, por si só, já proporciona um vínculo diferente e especial do pesquisador com seu objeto. Ao escolher estudar famílias, esse sentimento se multiplicou, fazendo com que o exercício de estar no campo, lidando com as subjetividades, minhas e de meus entrevistados, fosse ainda mais rico e engrandecedor.

Conforme mencionado, além das famílias compreendidas nessa pesquisa, cheguei a ter contato com outras três, com as quais, duas, tive a primeira conversa e, a terceira, fiz entrevistas presenciais com uma filha e seus pais. Cada família é um mundo. São apaixonantes, cheias de nuances e histórias fantásticas – o que fez com que fosse muito difícil deixá-las para trás quando foi necessário. Em todo o caso, cada uma delas contribuiu de modo importante para a construção dos aspectos metodológicos e interpretativos que, hoje, compõem esta tese.

Por isso, mesmo que brevemente, não poderia deixar de fazer menção a elas. Por ordem cronológica – critério absolutamente aleatório –, tive contato com uma família composta por uma mãe e duas filhas, uma das quais vivia em Portugal. Advogada, mudou-se para o país estrangeiro devido a um Curso de Especialização. Porém, ao longo dos primeiros meses, percebeu que sua decisão tinha motivações que, no princípio, desconhecia: buscar independência da mãe – que possui um perfil bastante controlar, tentando, inclusive, controlar os passos da filha à distância, desde o Brasil – e, também, do noivo – com quem combinou de, após seis meses, recebê-lo na Europa para viverem juntos (mas já em nossa última comunicação, estava bastante propensa a mudar de ideia).

¹⁷¹ Assim como no capítulo dedicado às estratégias metodológicas, aqui mesclamos a primeira pessoa do singular e do plural.

Já a segunda era uma família nuclear tradicional, composta por pai e mãe – casados – e um casal de filhos. A filha vivia no Canadá para fazer um curso de Pós-Graduação (e sem intenção de retorno ao Brasil) e o filho, há mais de dez anos, residia em Moçambique, para onde se mudou em função do trabalho (após dois anos de residência lá, sua namorada na época – hoje esposa – juntou-se a ele).

Por fim, a terceira família foi a que me relacionei por mais tempo. Composta por pai e mãe, idosos, que vivem no interior do Rio Grande do Sul, na cidade de Ijuí, e três filhas: uma que vive na casa ao lado dos pais, outra em São Leopoldo (RS) e, a terceira, na Alemanha – onde mora com sua filha de 15 anos. Esta família foi a que senti mais dificuldade em “abandonar” ao longo da pesquisa, mas o convívio com seus integrantes – dos quais entrevistei três ao vivo, em suas casas –, suscitou reflexões importantes, que contribuíram de maneira expressiva para o crescimento deste trabalho. Um fato curioso a respeito dela é que seu patriarca, filho de ucranianos fugidos da Revolução Bolchevique¹⁷², escreveu um livro¹⁷³ sobre suas origens e trajetória de vida. Nele, conta a história de seus antepassados, fala de sua infância e adolescência e sobre a trajetória da família formada por ele e a esposa no interior do Rio Grande do Sul.

Durante todo o processo de contato com as famílias, além do trabalho com as subjetividades envolvidas, também tive de lidar com uma série de questões pessoais e internas. Eu, que também poderia ser um contato para minha própria pesquisa, e que lido, em minha vida íntima, com as mesmas questões do amor à distância, precisei manejar, muitas vezes – como acredito que todo pesquisador social deve fazê-lo –, meus próprios preconceitos e emoções, que por vezes afloraram mais do que poderia imagina; minhas limitações; meus pequenos incômodos advindos da formação e criação recebidos; tudo isso no esforço de compreender, da forma mais precisa possível, o objeto que se colocava à minha frente.

Vale ressaltar que, para me auxiliar neste processo de reflexão autoetnográfica, que ocorreu em paralelo à pesquisa – num primeiro momento de forma inconsciente e, depois, de forma consciente e mais estruturada –, lancei mão de instrumentos como o diário de campo e anotações avulsas eventuais. Inclusive, já existe o esboço para um trabalho ensaístico, de caráter autoetnográfico, que venha a discutir algumas das questões que emergiram durante o processo da pesquisa.

¹⁷² Na época da migração da família, seu pai era soldado do Czar russo.

¹⁷³ Do qual recebemos uma cópia autografada pelo autor.

Também contabilizo em minhas experiências algumas dificuldades, características de qualquer pesquisa empírica com pessoas, com as quais me deparei na relação com os entrevistados. Alguns, no que diz respeito a calendário, já que alteravam muitas vezes as datas para nos comunicarmos. Com outro contato, a quem entrevistei pessoalmente, e que, a primeira vez que fui ao seu encontro em outra cidade, havia esquecido de nossa combinação – o que fez com que eu tivesse que retornar uma vez mais lá. E com alguns outros que desistiram de participar da pesquisa durante o andamento dela. Ressalto que todas foram experiências valiosíssimas para a construção desse trabalho e, também, para o meu próprio desenvolvimento e aprendizado enquanto pesquisadora.

Sempre tomando os sujeitos pesquisados como ponto de partida, conforme pontuamos teoricamente ao longo do trabalho, parti da perspectiva dos entrevistados, compreendendo que, mais importante que os fatos em si, é a forma como eles são interpretados, significados e ressignificados pelos indivíduos. Conforme pontuado anteriormente, recuperar os significados da experiência dos sujeitos se torna essencial para entender em que universos simbólicos se inscrevem suas práticas e representações (THOMPSON, 1999).

Foi, portanto, o sentido que as pessoas dão às suas experiências o que norteou nosso trabalho de campo e interpretativo, dando espaço para que a memória, falível, e a carga simbólica que a acompanha. Refletimos: de que adiantaria confrontar duas informações contrárias – utilizando um exemplo da Família P. –, uma vinda do filho e a outra do pai, sobre a forma como a família começou (sobre como o casal se conheceu e deu início ao núcleo familiar)? Saber ambas versões pode ser importante para compreender as relações que se dão entre os membros da família e os significados que atribuem uns aos outros e à própria unidade familiar. Contudo, confrontá-las, em si, não nos serviria de nada, já que a construção simbólica de nossos contatos principais – que foram aqueles que nos ofereceram as lentes a partir das quais enxergaríamos nosso problema – é o ponto de partida para que cada um deles constituísse memórias e relações afetivas com o seu núcleo familiar.

Neste contexto, buscamos a compreensão dos processos comunicacionais presentes nessas famílias, evidenciando os recursos e estratégias que elas têm utilizado no gerenciamento e manutenção de seus laços afetivos à distância. Nos interessou, também, e conforme já explicitado, compreender a intensificação do cotidiano doméstico através da vivência online e off-line dos mesmos pelas famílias.

A comunicação nos grupos estudados se dá, basicamente, pelo celular – com algumas exceções, que utilizam, além do *smartphone*, o computador. É caso de Juliano S., que envia e-mails à filha Tatiana pelo computador; de Guilherme e Sarah P. que, nos primeiros meses da estadia do filho na Dinamarca, se comunicavam com ele através do *Skype* no computador – mas, ao longo da pesquisa empírica, os pais da Família P. já haviam migrado toda sua comunicação com o filho para o celular; e de Alan K. que, quando tem conversas mais longas com o irmão – as que mais valoriza, por considerar as mais profundas e significativas – utiliza o computador para falar por *Skype*¹⁷⁴.

Em algumas famílias, o *Skype*, o *FaceTime* e as chamadas telefônicas são utilizados para conversas mais longas. E, em todas, sem exceção, o *WhatsApp* é usado para mensagens e chamadas mais curtas. Além disso, devido à natureza dos aplicativos *WhatsApp* e *FaceTime* – diferentes do *Skype*, que precisa ser mantido conectado para receber chamadas –, vimos que eles têm um maior uso em chamadas espontâneas, sem combinação prévia para acontecer.

Evidenciamos também que os grupos de *WhatsApp* conformados pelas *famílias sem fronteiras* pesquisadas se configuram como novos espaços para a vivência do cotidiano familiar. Neles, os indivíduos se utilizam de uma série de recursos para dar continuidade às relações e aos vínculos entre um encontro presencial de outro, bem como para gerenciar questões práticas do cotidiano familiar. Vimos, inclusive, uma intensificação desse cotidiano, como no caso de Tatiana S., que afirma que hoje tem muito mais conhecimento da rotina e do dia a dia de seus familiares do que há anos atrás, quando saiu da casa dos pais, além de ter mais possibilidade de atuação em suas vidas, mesmo vivendo muito mais longe de seus parentes do que vivia no primeiro momento de afastamento.

Em um contexto de intensificação do cotidiano familiar e da percepção do desaparecimento (ou diminuição de importância) do “local”, em seu sentido geográfico, essas *famílias sem fronteiras* têm a comunicação como fundamental para suas práticas contemporâneas de intimidade, diminuindo significativamente a relevância do espaço físico para o funcionamento e gerenciamento do âmbito doméstico. A disseminação dos celulares e, principalmente, *smartphones*, alterou o sentido da disponibilidade dos membros da família,

¹⁷⁴ O uso do *Skype* pelo computador também é bastante influenciado pelo fato de Alan K. estar muitas horas jogando *games* nele. Tem, inclusive, uma estrutura bastante “confortável” de cadeira, fones de ouvido, etc. Vale ressaltar que, para nossa entrevista, Alan K. também utilizou o *Skype* em seu computador.

fator que contribuiu, ainda mais, para o esmaecimento da importância do cotidiano off-line para o seguimento da vida e rotina familiares.

Em um primeiro olhar exploratório sobre o campo, conforme explicamos no Capítulo 4, buscamos compreender algumas relações na comunicação familiar tendo em vista possíveis recursos utilizados no gerenciamento de seus vínculos afetivos. Percebemos a existência de alguns recursos, como reparatórios, compensatórios, de extravaso de sentimentos e de afirmação de identidade. Após esta primeira mirada, e à medida em que fomos entrando no campo e tomando contato com as famílias pesquisadas, algumas questões foram emergindo. Com o tempo, elas amadureceram e consolidaram-se, dando forma às categorias analíticas propostas para a observação dos dados coletados em conversas, entrevistas e materiais enviados gentilmente por nossos contatos principais. As categorias de análise, portanto, desempenharam um duplo papel: ao mesmo tempo que representam os próprios processos comunicacionais percebidos nas famílias, também serviram como lentes para a compreensão dos mesmos.

As categorias em questão – *padrões de interação, processos de apropriação das TICs, processos de socialização e processos de significação e ressignificação* – auxiliaram, portanto, na compreensão das trajetórias individuais e familiares que fizeram com que seus membros chegassem a um lugar comum de comunicação, coerente com suas trajetórias e os vínculos constituídos até então.

Nessa busca, vimos estratégias e *padrões de interação* refletirem-se na importância do contato, reforçando a intimidade familiar, independentemente do conteúdo compartilhado entre os parentes. Ou seja, a trivialidade das conversações entre irmãos e irmãs (como nos casos das Famílias K. e S.) como estratégia para a nutrição dos vínculos afetivos e como forma de manter a intimidade conquistada ao longo de anos de convivência. Igualmente contemplamos *padrões de interação* entre avós e netos, pais e filhos, e trajetórias biográficas individuais e familiares influenciando a forma como a família se comunica e se comporta na comunicação online em grupo.

Vimos também *processos de apropriação* de dispositivos tecnológicos, os quais, incorporados à família, modificam suas práticas relacionadas à comunicação. Isso pôde ser visto no caso da Família P., na qual a troca de aparelhos celulares dos pais e irmão de Gustavo, durante sua estadia na Dinamarca, alterou a maneira como a família se comunicava à distância. Com a mudança de aparelhos – e também de aplicativo utilizado para chamadas – as práticas de comunicação da família se modificaram: horários de comunicação, que passaram a ser mais

variados; locais de interação, também mais variados e também fora da casa, o que não acontecia antes; maior frequência nas chamadas de áudio e vídeo; e duração das ligações, que se tornaram mais curtas.

Ainda no que concerne aos *processos de apropriação*, percebemos como traços de personalidades, histórias de vida e as construções das relações familiares ao longo de anos, influenciam, diretamente, na forma como os indivíduos se apropriam das TICs, conforme evidenciamos na Família Z. – mais especificamente no período em que se deu o processo de afastamento de Joana Z. da casa de seus pais. Interessante notar que, para os pais da Família Z., a noção de distância e do tempo que passam sem encontrar a filha pessoalmente difere bastante das demais famílias – o que pode, ou não, estar relacionado ao fato de Joana Z. ser a única filha do casal Solange e Roberto. Para eles, que compõem a família pesquisada que se encontra presencialmente com maior frequência e que tem seus membros vivendo geograficamente mais próximos uns aos outros, a periodicidade dos encontros não é suficiente.

No curso de nossa pesquisa, evidenciamos, também, continuidades e descontinuidades em *processos de socialização* – nos quais as tecnologias digitais de comunicação desempenharam um papel não apenas conectivo, mas de manutenção dos laços afetivos até que outro momento de convívio familiar presencial acontecesse, como foi o caso da Família S.¹⁷⁵. Também percebemos a existência de espaços de negociação nas famílias (como no caso dos P. e dos M.) refletidos na maneira como se comunicam seus integrantes, cada qual imbuídos do papel que exercem dentro do grupo (ou que querem e imaginam exercer). E, além disso, o compartilhamento de momentos tipicamente “sociais” e corriqueiros, como refeições, conforme vimos na Família S.

¹⁷⁵ Esse mesmo processo foi percebido na terceira família mencionada nesta seção, com quem mantivemos contato e realizamos entrevistas, porém não demos continuidade no trabalho. Por ser um caso emblemático deste exemplo citado, é relevante mencionar que a experiência de comunicação desta família, que tem um membro que vive na Alemanha, há mais de 16 anos, mudou bastante desde a sua partida para a Europa. Mais ainda, após a criação do grupo de *WhatsApp* da família, através do qual se comunicam quase que diariamente. Como se veem a cada um ou dois anos, a utilização de ferramentas como o *WhatsApp* e o *Skype* se tornam essenciais na manutenção dos vínculos. Assim, conforme relato da filha, que seria o contato principal de nossa pesquisa, a “convivência” da família através do aplicativo, somada a um processo de amadurecimento de vários integrantes da família em relação aos atritos e problemas de relação existentes, permitiu que o encontro que seguiu imediatamente após a criação deste grupo – o casamento de uma de suas irmãs –, fosse uma experiência “restauradora”, em suas palavras, para toda a família. Segundo nossa entrevistada: “Depois de tantos anos, parece que encarnou de novo a mística da família, os laços, o afeto, o amor. [O casamento de uma das irmãs] foi o melhor momento desde que a Dóris [nome fictício que demos à irmã caçula] foi para a Europa. Estamos mais amadurecidos, mais acordados pro valor da relação familiar. Com menos cobranças, menos projeções”.

Por fim, vislumbrarmos também *processos de significação e ressignificação*, bem representados pela amostra da Família S., especialmente na relação de Tatiana com o celular. Para ela, o aparato ganhou um novo sentido, principalmente após o nascimento dos sobrinhos, já que é ele que faz a ponte entre Tatiana S. e as crianças da família, garantindo, conforme comentou em sua entrevista, que não esqueçam de sua voz e de seu rosto; e que a reconheçam quando a encontrarem ao vivo. O celular ganha também um sentido diferente na relação com os sobrinhos pois são os únicos integrantes da família com quem Tatiana S. não teve anos de convivência presencial, como os demais. Portanto, quando menciona em seu *post* (explicitado na Figura 1) que as crianças apontam para ela durante as chamadas de vídeo e, até mesmo, já fizeram carinho na tela, simulando o carinho em seu próprio rosto, o telefone celular deixa de ser apenas um aparato de comunicação e passa a ter uma carga simbólica importante, já que propiciar o único “ambiente” possível para a construção dessa relação a longo prazo.

Conforme elucidamos no Capítulo 4, dedicado às estratégias metodológicas propostas para este estudo, as transformações vividas pelo campo da Comunicação nas últimas décadas têm posto novos desafios metodológicos para a busca da compreensão dos processos comunicacionais atuais. Tratar de compreender as lógicas de um mundo permeado pela vivência de cotidianos com dupla faceta – online e off-line –, tem exigido a concepção de novas formas de aproximação aos objetos de pesquisa.

Com esta pesquisa, evidentemente, não nos aproximamos do esgotamento da temática da comunicação familiar; muito menos pretendemos oferecer estratégias metodológicas definitivas para a aproximação e compreensão do objeto em questão. Contudo, tendo em vista a escassa quantidade de estudos sobre a comunicação na família e de propostas metodológicas que visem o seu alcance, acreditamos estar, com esta investigação, contribuindo para o avanço da área em seu escopo de abrangência. Bem como, proporcionar algumas pistas para a compreensão da comunicação familiar no âmbito online para que estudos futuros sigam aprofundando a temática.

REFERÊNCIAS

- AGAR, J. **Constant touch: a global history of the mobile phone**. Cambridge: Icon Books, 2003.
- ALASZEWSKI, A. **Using diaries for social research**. London: Sage, 2006.
- ANDRADE, Danubia. Etnografia da mídia: um método-pensamento para a análise de recepção. **Revista Fronteiras – Estudos midiáticos**, v.12, n.3, set./dez. 2010. pp. 193-199.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ANTICO, Cláudia. Imigração internacional no Brasil durante a década de 80: explorando alguns dados do censo de 1991. **Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Caxambu (MG): 1998. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/PDF/1998/a147.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2015.
- ARAÚJO, Ed Wilson Ferreira. **A palavra falada em pulsação: produção e recepção dos programas jornalísticos nas emissoras AM, em São Luís (MA)**. 2016. 293f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6741/2/TES_ED_WILSON_FERREIRA_ARAUJO_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BECK, Ulrich. **La sociedad del riesgo**. Barcelona: Paidós Básica, 1998.
- _____; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **El normal caos del amor: las nuevas formas de la relación amorosa**. Barcelona: Paidós, 2001.
- _____; _____. **Amor a distancia: nuevas formas de vida en la era global**. Barcelona: Paidós, 2012.
- BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **La reinención de la familia: en busca de nuevas formas de convivencia**, Barcelona: Paidós, 2003.
- BERGER, Peter; KELLNER, Hansfried. Marriage and the construction of reality. In: ANDERSON, M. (ed.) **Sociology of the family - selected readings**. Harmondworth: Penguin Education, 1964. pp.302-323.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. São Paulo: Paulus, 2010.
- BERTRAND, C.; BOURDEAU, L. Research interviews by Skype: a new data collection method. In: ESTEVES, J. (ed.). **Proceedings from the 9th European Conference on Research Methods**, Spain: IE Business School. pp. 70-79). Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Catherine_Bertrand2/publication/256117370_Bertrand_C_Bourdeau_L_\(2010\)_Research_interviews_by_Skype_A_new_data_collection_method_In_J_Esteves_\(Ed.\)_Proceedings_from_the_9th_European_Conference_on_Research_Methods_\(pp_70-79\)_Spain_IE_Business_School/links/00463521d569d741ff000000.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Catherine_Bertrand2/publication/256117370_Bertrand_C_Bourdeau_L_(2010)_Research_interviews_by_Skype_A_new_data_collection_method_In_J_Esteves_(Ed.)_Proceedings_from_the_9th_European_Conference_on_Research_Methods_(pp_70-79)_Spain_IE_Business_School/links/00463521d569d741ff000000.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2016.
- BICKMAN, L.; ROG, D.J. **Handbook of applied social research methods**. Thousand Oaks (CA): Sage, 1997.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

- BOLGER, N. et al. Diary methods: capturing life as it is lived. **Annual Review of Psychology**, v.54, 2003. pp. 579-616.
- BONKE, J. Paid work and unpaid work: diary information versus questionnaire information. **Social Indicators Research**, v.70, 2005. pp. 349-368.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BRAGA, Adriana; GASTALDO, Édison. Variações sobre o uso do Skype na pesquisa empírica em comunicação: apontamentos metodológicos. **Revista Contracampo**, Niterói, v.24, n.1, jul. 2012. pp. 4-18.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia, de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BURGESS, Ernest W.; LOCKE, James H. **The family: from institution to companionship**. New York: American Book Co., 1960.
- CAMPANELLA, Bruno; MARTINELLI, Fernanda. **Antropologia da mídia: novas possibilidades de campo**. 27ª Reunião Brasileira de Antropologia. Belém (PA): 2010.
- CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- CARRIER, James. Reconciling commodities and personal relations in industrial society. **Theory and Society**, n.19, 1990. pp. 1-16.
- CARSTEN, Janet. **Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- _____; FERNÁNDEZ-ARDEVOL, Mireia; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Mobile communication and society: a global perspective**. Cambridge: MIT Press, 2007.
- CASTRO, Gisela. Screenagers: entretenimento, comunicação e consumo na cultura digital. In: BARBOSA, Lívia (org.). **Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- CHASTON, I. et al. Health care and higher education: the time diary approach for management development. **Journal of European Industrial Training**, v.17, n.1, 1993. pp. 3-8.
- COULDRY, Nick. My media studies: thoughts from Nick Couldry. **Television & New Media**, v.10, n.1, 2009. pp. 40-42. Disponível em: <www.researchgate.net>. Acesso em: 17 jun. 2015.
- CROPLEY, M., PURVIS, L.J.M. Job strain and rumination about work issues during leisure time: a diary study. **European Journal of Work and Organizational Psychology**, v.12, n.3, 2003. pp. 195-207.
- DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues. **Boletim do Museu Nacional**, n.27, maio 1978. pp. 1-12.
- DEAKIN, Hannah; WAKEFIELD, Kelly. Skype interviewing: reflections of two PhD researchers. **Qualitative Research**, v.14, n.5, 2014. pp. 603-616.

- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. A arte de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. Campinas: Papirus, 2001.
- _____. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. Campinas (SP): Papirus, 2012.
- DENSCOMBE, M. **The good research guide**. Maidenhead: Open University Press, 2003.
- DROTNER, Kirsten. Media ethnography: an Other story? **The Nordicom Review of Mass Communication**, n.2, 1993. pp. 1-13.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. pp. 62-83.
- DURKHEIM, Émile. **Textes, Fonctions sociales et institutions**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1975.
- ERNEOUT, André et al. **Dictionnaire étymologique de la langue latine**. Histoire des mots. Paris: Klincksieck, 1951.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos Estudos Culturais – Uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- FERREIRA, Sônia; TRAVANCAS, Isabel. Antropologia da mídia: um campo em construção no Brasil e em Portugal. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.2, v.21, maio-agosto 2014. pp. 622-646.
Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/15729>>. Acesso em: 30 out. 2016.
- FONSECA, Cláudia. Olhares antropológicos sobre a família contemporânea. In: ALTHOFF, Coleta R.; ELSÉN, Ingrid; NITSCHKE, Rosane G. (orgs.). **Pesquisando a família: olhares contemporâneos**. Florianópolis: Papa-livro, 2002.
- _____. De afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a transpolinização entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. **Ilha**, n.5, v.2, 2004. pp. 5-31.
Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15356/15283>>. Acesso em: 3 set. 2016.
- _____. Apresentação – De família, reprodução e parentesco: algumas considerações. Dossiê: Famílias em movimento. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.29 jul./dez., 2007. pp. 9-35. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n29/a02n29.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2016.
- FRIEDMAN, Thomas. **O mundo é plano: uma breve história do século XXI**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- FRISBY, David. Introduction to Georg Simmel's 'On the sociology of the family'. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). **Theory, Culture & Society**. Londres, v.15, n.3-4, 1998.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GIDDENS, Anthony. **The constitution of society**. Cambridge: Polity Press, 1984.

_____. Modernidad y autoidentidad. In: GIDDENS, A. et al. **Las consecuencias perversas de la modernidad**. Barcelona: Anthropos, 1996.

GINSBURG, Faye D.; ABU-LUGHOD, Lila; LARKIN, Brian. **Media worlds: anthropology on new terrain**. Berkeley: University of California Press, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior**. New York: Anchor Books, 1967.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOMES, Itania Maria Mota. **Efeito e recepção**. A interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

GONZÁLEZ, Jorge A. **Más(+) cultura(s): ensayos sobre realidades plurales**. México, D.F.: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1994.

GOODE, William. **Revolução mundial e padrões de família**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

_____. **A família**, São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1970.

GREEN, N. On the move: technology, mobility, and the mediation of social time and space. **The Information Society**, n.18, v.4, 2002. pp. 281-292.

HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (eds.). **Resistance through rituals: youth subcultures in postwar Britain**. Londres: UnwinHyman, 1976.

HARRIS, C. et al. A daily diary study of goals and affective well-being at work. **Journal of Occupational and Organizational Psychology**, v.76, 2003. pp. 401-410.

HEILBORN, Maria Luiza. O que faz um casal, casal? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias urbanas. In: RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara T. **Família em processos contemporâneos?** Inovações culturais na sociedade brasileira (orgs.). São Paulo: Loyola, 1995.

HÉRITIER, Françoise. Les dogmes ne meurent pas. **Autrement**, Paris, n.3, outono 1975. pp. 150-162.

HESS, Remi. O momento do diário de pesquisa na educação. **Ambiente e Educação**, Rio Grande, v.14, 1996. pp. 61-87.

_____.; WEIGAND, G. A escrita implicada. **Revista Reflexões e Debates**, abr. 2006. pp. 14-25.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Editorial UOC: Barcelona, 2004.

HITA, Gabriela Maria. A família em Parsons: pontos, contrapontos e modelos alternativos. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, ano 9, v.16, n.1, 2005. pp. 109-148.

HOLSTEIN, J. A.; GUBRIUM, J. F. **The active interview**. Thousand Oaks (CA): Sage, 1995.

HORST, Heather; MILLER, Daniel. **The cell phone: an anthropology of communication**. Oxford: Berg Publishers, 2006.

ITO, Mizuko; OKABE, Daisuke; MATSUDA, Misa (eds.). **Personal, portable, pedestrian: mobile phones in Japanese life**. Chicago: The MIT Press, 2005.

JACKS, Nilda; CAPPARELLI, Sérgio (coords.). GOELLNER... [et al.]. **TV, família e identidade:** Porto Alegre “Fim de Século”. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

JAMBEIRO, O. Os pilares estruturais das comunicações contemporâneas. In: TRIVINHO, Eugênio; CAZELOTO, Edilson (orgs.). **A cibercultura e seu espelho:** Campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa. São Paulo: ABCiber, 2009. Disponível em: <http://abciber.org/publicacoes/livro1/a_cibercultura_e_seu_espelho.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.

KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático.** São Paulo: Iluminuras, 2006.

KATZ, J.; AAKHUS, M. (eds.). **Perpetual contact:** mobile communication, private talk, public performance. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

KELLERHALS, J et al. **Mariages au quotidien.** Lausanne: Favre, 1982.

LARSEN, Bent Steeg; TUFTE, Thomas. Media and ritual. In: KRAIDY, Marwan; MURPHY, Patrick (eds.). **Global media studies – Ethnografic perspectives.** London: Routledge, 2003.

LASEN, Amparo. **Affective Technologies:** emotions and mobile phones. Surrey: The Digital World Research Centre, 2004.

LEAL, Ondina Fachel. **A leitura social das novelas das oito.** Petrópolis: Vozes, 1986.

LEANDRO, Maria Engrácia. Transformações da família na história do Ocidente. **THEOLOGICA**, Braga (Portugal), 2ª série, v.41, n.1, 2006. pp. 51-74. Disponível em: <<http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/12875/1/leandro.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2016.

LEMONS, André. Cultura e mobilidade: a era da conexão. In: LEÃO, L. **Derivas:** cartografias do ciberespaço. São Paulo: Senac, 2004.

_____. Mídia locativa e territórios informacionais. 2007. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/midia_locativa.pdf> Acesso em: 15 nov. 2016.

LICOPPE, C. Connected presence: the emergence of a new repertoire for managing social relationships in a changing communication technospace. **Environment and Planning D: Society and Space**, n.22, v.1, 2004. pp.135-56.

LING, Rich. **The mobile connection:** the cell phone's impact on society. New York: Morgan, Kaufman, 2004.

_____. Chicas adolescentes y jóvenes adultos varones: dos subculturas del teléfono móvil. **Revista de Estudios de la Juventud**, n.57, Madrid, 2002. pp. 33-46.

LULL, James. **World families watch television.** Park: Sage, 1988.

_____. **A China ligada – televisão, reforma e resistência.** Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1992.

MADGE, C.; O'CONNOR, H. Online methods in geography educational research. **Journal of Geography in Higher Education**, v.28, n.1, 2004. pp. 143-152.

_____. Internet mediated research. In: CLIFFORD, N.; FRENCH, S.; VALENTINE, G. (eds.). *Key methods in geography*. London: Sage, 2010. pp. 173-188.

MANN, C.; STEWART, F. *Internet communication and qualitative research: a handbook for researching online*. London: Sage, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MICHEL, Andrée. **Sociologia da família e do casamento**. Lisboa: Rés Editora, 1983.

MILLER, Daniel; HORST, Heather. From Kinship to Link-up: cell phones and social networking in Jamaica. *Current Anthropology*, v. 46, n. 5, dez. 2005.

_____. **The cell phone: an Anthropology of Communication**. Oxford: Berg Publishers, 2006.

MINAYO, M. C. S. O. **Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

MIRÀNDOLA, Pico Della. **A dignidade do homem**. São Paulo: Escala, 2005.

MODELL, Judith S. **Kinship with strangers: adoption and interpretations of kinship in American Culture**. Berkeley: University of California Press, 1994.

MORATO, H. T. P.; SCHMIDT, M. L. S. Aprendizagem significativa e experiência: um grupo de encontro em instituição acadêmica. In: MORATO, H. T. P. (org.). **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. pp. 117-130.

MORGAN, D. Risk and family practices: accounting for change and fluidity in family life. In: Silva, E.; Smart, C. (eds.) **The new family?** London: SAGE, 1999. pp. 13-30.

MORLEY, David. **Family Television: cultural power and domestic leisure**. London: Routledge, 1986.

_____. Where the global meets the local: notes from the sitting room. *Oxford Journals*, 1991.

_____. **Televisión, audiencias y estudios culturales**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

_____. **Medios, modernidad y tecnología: la geografía de lo nuevo**. Barcelona: Gedisa, 2008.

NASCIMENTO, Francisca Silva do. **Os últimos serão dos primeiros: uma análise sociológica do uso do telefone celular**. 2004. 133f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Celulares: a emergência de um novo tipo de controle materno. *Psicologia & Sociedade*, v.18, n.3, set./dez. 2006. pp. 88-96.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. (Entre)linhas de uma pesquisa: o diário de campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (auto)biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v.2, n.4, 2014. pp. 69-87.

OPDENAKKER, R. Advantages and disadvantages of four interview techniques in qualitative research. **Forum: Qualitative Social Research**, v.7, n.4, 2006.

ØRBERG, Hans H. **Lingva latina per se illvstrata**. Pars I: familia romana. Newburyport (EUA): Focus Publishing/R. Pullins Company, 2003.

PARK, Robert. **On social control and collective behavior**. Chicago: University of Chicago Press, 1967.

PARSONS, Talcott. BALES, Robert. **Family, socialization and interaction process**. London: Routledge & Kegan Paul, 1956.

_____. **Sociedades: perspectivas evolutivas e comparativas**. São Paulo: Pioneira, 1966.

PATTERSON, A. Processes, relationships, settings, products and consumers: the case for qualitative diary research. **Qualitative Market Research: an International Journal**, v.8, n.2, 2005. pp. 142-156.

PAZ, José Cabrera. Naufragos y navegantes en territorios hipermediales: experiencias psicosociales y prácticas culturales en la apropiación del Internet en jóvenes escolares. In: **Internet y sociedad en América Latina y el Caribe: investigaciones para sustentar el diálogo**. Quito, Ecuador: Flacso Ecuador: IDRC, 2001. pp. 39-129.

PINHO, F. F.; MOLON, S. I. Os bastidores do diário de campo: um instrumento de pesquisa qualitativa. **Seminário de Pesquisa Qualitativa - FURG**, Rio Grande, 2011.

PLANT, Sadie. **On the mobile: the effects of mobile telephones on social and individual life**. 2002. Disponível em: <<http://classes.dma.ucla.edu/Winter03/104/docs/splant.pdf>>. Acesso em: 5 out. 2016.

PLUMMER, K. **Documents of life 2**. An invitation to a critical humanism. London: Sage Publications, 2001.

POSTILL, John; PETERSON, Mark A. **Anthropology of media**. Oxford: Berghahn Books, 2009.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred. **Structure and function in primitive society: essays and addresses**. New York: Free Press, 1965.

ROCHER, Guy. **Talcott Parsons e a sociologia americana**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa social interpretativa – uma introdução**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

ROTHENBUHLER, Eric W. **Media anthropology as a field of interdisciplinary contact**. Department of Communication, Texas A&M University. Disponível em: <www.media-anthropology.net/rothenbuhler_interdiscontact.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2016.

SANTAELLA, Lúcia. **Ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

SEGALEN, Martine. Introduction. In: GULLESTAD, Marianne; SEGALEN, Martine (orgs.). **La famille en Europe: parenté et perpétuation familiale**. Paris: La Découverte, 1995.

SCHMIDT, M. L. S. A experiência de psicólogas na comunicação de massa. Tese de Doutorado, Curso de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo (SP), 1990.

SCHULTHEIS, Franz. Le maillon manquant: mémoire et identité familiales em Allemagne. In: GULLESTAD, Marianne; SEGALEN, Martine (orgs.). **La famille en Europe: parenté et perpétuation familiale**. Paris: La Découverte, 1995.

SEDGWICK, M.; SPIERS, J. The use of videoconferencing as a medium for the qualitative interview. **International Journal of Qualitative Methods**, v.8, n.1, 2009. pp. 1-11.

SIFUENTES, Lirian. Incursões pelos estudos de recepção: retomadas históricas, desafios e perspectivas. **ANIMUS**, Santa Maria (RS), v. 13, n. 25, 2014. pp 43-56. Disponível em: <<http://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/13578/pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

_____. Etnografia como uma abordagem para investigar as práticas de mídia – de Macambira ao Texas. Entrevista com Antonio C. La Pastina. **Matrizes**, v.8, n.1, jan./jun. 2014. pp. 121-137. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82934/85971>>. Acesso em: 10 out. 2016.

_____; BIANCHINI, Aline. O uso de tecnologias por famílias de agricultores do tabaco: uma reflexão metodológica. **Anais do 6º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e o 3º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação**. Canoas (RS): 2015. Disponível em: <http://www.sbece.com.br/2015/resources/anais/3/1430103111_ARQUIVO_ArtigoSbece_SifuentesBianchini.pdf>. Acesso em: 10 set. 2016.

SILVA, Sandra Rúbia da. “Eu Não Vivo Sem Celular”: Sociabilidade, Consumo, Corporalidade e Novas Práticas nas Culturas Urbanas. **Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos (SP): 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1736-1.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

_____. De afetos e de memórias: o consumo do telefone celular como “tecnologia afetiva”. **Anais do V ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo e I Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo**. Rio de Janeiro: 2010a. Disponível em: <http://www.estudosdoconsumo.com.br/artigosdoenec/3.1.3-Da_Silva-De_afetos_e_de_memorias.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2016.

_____. **Estar no tempo, estar no mundo: vida social dos telefones celulares em um grupo popular**. 2010b. 435f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/93615>>. Acesso em: 15 set. 2016.

_____; PEREIRA, Camila Rodrigues. Jovens, smartphones e relações familiares. **Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Foz do Iguaçu (PR): 2014. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1872-1.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2016.

SILVERSTONE, Roger. **The message of television: myth and narrative in contemporary culture**. London: Heinemann, 1981.

_____. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

_____; HIRSCH, Erich (eds.). **Los efectos de la nueva comunicación** – el consumo de la moderna tecnología en el hogar y en la familia. Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1996.

_____; HIRSCH, Erich; MORLEY, David. Tecnologías de la información y de la comunicación y la economía moral de la familia. In: SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Erich (eds.). **Los efectos de la nueva comunicación** – el consumo de la moderna tecnología en el hogar y en la familia. Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1996.

SIMMEL, Georg. 'On the sociology of the family'. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). **Theory, Culture & Society**. Londres, v.15, n.3-4, 1998. pp. 283-293.

SPIGEL, Lynn. Media homes: then and now. **Internacional Journal of Cultural Studies**. n.4, v.4, 2001. p. 391.

SPITULNIK, Debra. **Anthropology and mass media**. Annual Review of Anthropology, 1993. pp. 293-315. Disponível em: <www.media-anthropology.net/Spitulnik_MediaAnthro.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2016.

STACEY, Judith. Backward toward the postmodern family: reflections on gender, kinship, and class in the Silicon Valley. In: THORNE, Barrie.; YALOM, Marilyn (eds.). **Rethinking the family: some feminist questions**. Boston: Northeastern University Press, 1992.

STRATHERN, Marilyn. **Reproducing the future: anthropology, kinship and the new reproductive technologies**. New York: Routledge, 1992.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory**. Thousand Oaks (CA): Sage, 1998.

SYMON, G. Qualitative research diaries. In: CASSEL, C.; SYMON, G. **Essential guide to qualitative methods in organizational research**. London: Sage, 2004.

TERRA. **Mídia é o oxigênio para o terrorismo, defendem especialistas**. Reportagem. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/estados-unidos/midia-e-o-oxigenio-para-o-terrorismo-defendem-especialistas,238887f9ea2ea310VgnCLD200000bbceeb0aRCRD.html>>. Acesso em: 18 out. 2017.

THERBORN, Göran. **Between sex and power** – Family in the world, 1900-2000. London: Routledge, 2004.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1999.

THORNE, Barrie. Feminism and the family: two decades of thought. In: THORNE, Barrie; YALOM, M. (orgs.) **Rethinking the family: some feminist questions**. Boston: Northeastern University Press, 1992.

TORRES, Anália M. C. **Divórcio em Portugal, ditos e interditos: uma análise sociológica**. Oeiras (Portugal): Celta Editora, 1996.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. pp. 98-109.

_____. Por uma antropologia da mídia. **IX Congreso Argentino de Antropología Social**. Posadas (Argentina): 2008. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/9238553-Por-uma-antropologia-da-midia.html>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

TURNER, Victor. **The ritual process: structure and anti-structure**. Chicago: Aldine, 1969.

U.S. CENSUS BUREAU. **Statistical abstract of the United States**: 2011. Section 2: Births, Deaths, Marriages, and Divorces. United States, 2011. Disponível em: <<http://www.census.gov/prod/2011pubs/11statab/vitstat.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

U.S. DEPARTMENT OF HEALTH, EDUCATION, AND WELFARE. **100 years of marriage and divorce statistics**. United States: National Vital Statistics System, 1973. Disponível em: <http://www.cdc.gov/nchs/data/series/sr_21/sr21_024.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2016.

VERMAAS, K.; WIJNGAERT, L. Measuring internet behaviour: total time diary and activity diary as research methods. **JITTA: Journal of Information Technology theory and Application**, v.7, n.1, 2005. pp. 121-134.

VIRILIO, Paul. **Lost Dimension**. Nova York: Semiotext(e), 1991.

WAINBERG, Jacques Alkalai. O dilema do rebelde: persuasão ou sectarismo. **Galáxia**, v.13, n.26, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532013000300003>. Acesso em: 10 ago 2016.

_____. **Comunicação política e as emoções coletivas: Lula e os procuradores**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

WAJCMAN, J. BITTMAN, M.; BROWN, J. Families without borders: mobile phones, connectedness and work-home divisions. **Sociology**, n.42, v.4, 2008. pp.635-652.

WILLIAMS, Raymond. **Television: technology and cultural form**. London: Collins, 1974.

WINOCUR, Rosalía (coord.). **Algunos enfoques metodológicos para estudiar la cultura política en México**. México, D.F. 2002.

_____. Nuevas tecnologías y usuarios. La apropiación de las TICs en la vida cotidiana. **Revista Telos: Cuadernos de comunicación e innovación**, Madrid, n. 73, out-dez. 2007. pp. 109-117. Disponível em: <<https://telos.fundaciontelefonica.com/telos/articuloexperiencia.asp?idarticulo=1&rev=73.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

_____. **Robinson Crusóe ya tiene celular: la conexión como espacio de control de la incertidumbre**. Mexico: Siglo XXI: Universidad Autónoma Metropolitana, 2009.

_____. Etnografías multisituadas de la intimidad online y offline. **Revista de Ciencias Sociales**, segunda época, Buenos Aires, n.23, 2013. pp. 7-27.

ZACCARELLI, Laura Menegon; GODOY, Arilda Schmidt. Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações. **Cadernos EBAPE. BR**, v.8, n.3, Rio de Janeiro, set. 2010. pp. 550-563.

APÊNDICE A – BLOCOS TEMÁTICOS E QUESTÕES PROPOSTAS PARA AS ENTREVISTAS

No Apêndice A evidenciamos nossa proposta de roteiro-base (a partir de blocos temáticos) para a entrevista em profundidade realizada com membros das famílias pesquisadas. Todas as entrevistas tiveram seus áudios gravados.

Dados pessoais do entrevistado

1. Data de Nascimento
2. Local de Nascimento
3. Estado civil
4. Atividade profissional
5. Escolaridade

Escola Pública ou Particular

Universidade Pública ou Particular

Ensino Técnico

Blocos temáticos para a entrevista

1) Histórico pessoal

- a) Conte um pouco sobre o lugar onde você nasceu.
- b) Em que lugares você morou na infância e adolescência?
- c) Quantos são em tua família?
- d) Que lugar você ocupa em relação aos seus irmãos?
- e) Conte um pouco sobre sua infância e adolescência.
- f) Como era sua vida em família?
- g) Como era a relação com seus pais? Lembra? E com seus irmãos?
- h) Quais as recordações que você tem mais presentes da sua infância?
- i) Quais eram as suas brincadeiras de criança?
- j) Como foi sua adolescência? O que você mais lembra dela?
- k) O que mais você fazia quando jovem? Quais eram seus principais interesses? Quais eram as suas formas de entretenimento naquela época?

- l) Como era a relação com seus pais na adolescência? E com seus irmãos?
- m) Quais eram os seus sonhos e planos de vida quando era jovem? (*Para os que ainda são jovens: Quais são seus sonhos e planos de vida?*)
- n) Descreva pelo menos um acontecimento que considera que tenha marcado a sua vida de modo significativo.
- o) Conta um pouco sobre a sua atual rotina.
- p) O que você faz em seu tempo livre?

2) **Histórico laboral/educativo**

- a) Qual o nível de instrução de seus pais e irmãos?
- b) Com o que trabalham/trabalhavam seus pais e irmãos?
- c) Que importância tinha a educação na sua família?
- d) Como foi sua vida escolar? (*Deixou de estudar? Se sim, por quê? Qual foi o maior impedimento para seguir estudando?*)
- e) Você tem (teve) alguma profissão? Se sim, por que a escolheu? Você teve alguma influência familiar nessa escolha?
- f) Você gostaria de ter se dedicado mais aos estudos ou ter escolhido uma profissão diferente?

3) **Vida familiar**

3.1 *Perguntas para pais e mães*

- a) Como você conheceu o pai/mãe de seu(s) filho(s)?
- b) Que idade vocês tinham?
- c) Em que momento decidiram iniciar uma família?
- d) Em que lugares vocês moraram em família?
- e) Onde você vive atualmente? Com quem?
- f) Como você descreveria sua vida familiar?
- g) O que é que você mais gosta dela?

- h) Quem você considera como o(a) “chefe” da família?
- i) Quais são os principais valores que vocês têm enquanto família?
- j) De que maneira transmitem (transmitiram) isso a seus filhos?
- k) Que importância a educação e vida profissional de seu(s) filho(s) tem para você?
- l) Durante a infância e adolescência de seu(s) filho(s), como vocês solucionavam os conflitos?
- m) E atualmente, como lidam com os conflitos/divergências?
- n) Quais são as principais lembranças que você tem em família?
- o) Como era a rotina diária da família?
- p) E como é hoje sem o(s) filho(s) em casa?
- q) Quando moravam todos juntos, o que a família costumava fazer nos momentos de lazer? E nas férias?
- r) Que meios de comunicação consumiam em família quando moravam todos juntos? Havia algum conflito no uso deles?
- s) Como você imagina sua vida em família dentro de alguns anos?

3.2 Perguntas para filhos que tiveram a experiência de saída do núcleo familiar original

- a) Onde você vive atualmente? Com quem?
- b) Como você descreveria sua vida familiar?
- c) O que é que mais gosta dela?
- d) Quem você considera como o(a) “chefe” da família?
- e) Quais são os principais valores vocês têm enquanto família?
- f) De que maneira você acredita que seus pais transmitem (transmitiram) isso?
- g) Que importância você acredita que a educação e a vida profissional têm para os seus pais?
- h) Durante a sua infância e adolescência, como vocês solucionavam os conflitos?
- i) E atualmente, como lidam com os conflitos/divergências?

- j) Quais são as principais lembranças que você tem em família?
- k) Como era a rotina diária da família?
- l) Quando moravam todos juntos, o que a família costumava fazer nos momentos de lazer? E nas férias?
- m) Que meios de comunicação consumiam em família quando moravam todos juntos? Havia algum conflito no uso deles?
- n) Como você imagina sua vida em família dentro de alguns anos?

4) *História pessoal e familiar com as TICs*

- a) Você lembra qual foi o primeiro meio de comunicação ou tecnologia com o(a) qual se relacionou na infância?
- b) Que idade você tinha? Lembras como foi a experiência?
- c) Você sabe quem introduziu esse meio no seu lar?
- d) Que outros meios/tecnologias você crê que marcaram sua vida familiar na infância e juventude e por quê?

4.1 *Celular*

- a) Quando você teve o seu primeiro celular?
- b) O que mudou após a posse do aparelho?
- c) Quais os principais usos que você faz do celular atualmente?
- d) Lembra como foi a entrada do celular na família?
- e) Quem adquiriu o primeiro aparelho?
- f) O que mudou na família após a chegada dos telefones móveis?

4.2 *Computador/notebook*

- a) Quando você adquiriu/ganhou seu primeiro computador/notebook?
- b) Como foi a chegada deste aparato na casa?
- c) O que mudou após a chegada do computador/notebook?
- d) Quais os principais usos que você faz do computador/notebook?

4.4 *Internet*

- a) Você lembra quando acessou a internet pela primeira vez?
- b) Como foi a chegada da internet na família?
- c) Por que adquiriram o serviço?
- d) O que mudou após disso?
- e) Para qual finalidade utilizava no início? E agora?

5) *Processo de saída do núcleo familiar principal*

5.1 *Perguntas para pais e mães*

- a) Quando seu filho se afastou do núcleo original da família?¹⁷⁶
- b) Para onde ele(a) foi? Ele(a) permanece lá até hoje?
- c) Qual foi o motivo do afastamento?
- d) É uma situação permanente?
- e) Conte um pouco sobre a experiência dessa saída.
- f) Você sofreu com esse afastamento?

5.2 *Perguntas para filhos que tiveram a experiência de saída do núcleo familiar original*

- g) Quando você se afastou do núcleo original da família?
- h) Para onde você foi? Permanece lá até hoje?
- i) Qual foi o motivo do afastamento?
- j) É uma situação permanente?
- k) Conte um pouco sobre a experiência dessa saída.
- l) Você sofreu com esse afastamento?
- m) E seus pais, como lidaram com este afastamento?
- n) Você tem mais algum irmão ou irmã que também teve a mesma experiência de afastamento? Como você crê que ele(a) lidou com a situação?

6) *Experiências de comunicação com a família*

- a) Qual a frequência com que a família se encontra fisicamente, com todos os membros presentes?
- b) Para que se encontram? O que fazem?

¹⁷⁶ Essa pergunta está relacionada ao contato principal de cada família com a pesquisadora, ou seja, mesmo que a família tenha experienciado o afastamento de mais de um filho, esta pergunta está relacionada apenas ao indivíduo mencionado.

- c) Há algum membro que você vê com mais frequência que outros? Quem?
- d) Como é (era) quando estão (estavam) todos juntos? Como você se sente (sentia)?
- e) Quantas vezes por dia/semana você se comunica com sua família?
- f) Como a sua família se comunica atualmente? A comunicação entre vocês sempre se deu do mesmo modo desde que a família passou a morar afastada? Algo mudou ao longo desse tempo?
- g) Existe algum meio através do qual a família se comunica em conjunto? Se sim, que tipo de assunto é tratado nesse grupo?
- h) Você acha importante esse espaço de interação conjunta?
- i) Como você avalia a participação de seus familiares nesses espaços de comunicação em grupo?
- j) Quem é o mais ativo na comunicação da família? Por quê?
- k) Que assuntos geralmente são tratados em conversas individuais?
- l) O que você mudaria na comunicação com a sua família?
- m) Você já saiu de algum grupo de família? Se sim, qual (que membros participavam) e por quê?

APÊNDICE B – TABELA PARA ORGANIZAÇÃO DE ASPECTOS REFLEXIVOS DO DIÁRIO DE CAMPO

A seguir, apresentamos a tabela utilizada para a organização dos aspectos reflexivos das anotações do diário de campo. Ela tem como base as orientações de Bogdan e Biklen (1994)¹⁷⁷ sobre notas de campo e como inspiração os trabalhos de La Pastina (1999) e de Oliveira (2014).

ASPECTOS REFLEXIVOS DAS ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO

ASPECTOS	REFLEXÕES
1. Análise	Temas que emergiram, pensamentos e conexões sobre/entre eles; aprendizados da pesquisadora, etc.
2. Método	Procedimentos e estratégias utilizadas; decisões metodológicas tomadas.
3. Conflitos e dilemas éticos	Reflexões acerca de possíveis dilemas éticos enfrentados durante a pesquisa de campo.
4. Ponto de vista do observador	Reflexões sobre as ideias preconcebidas da pesquisadora a respeito dos sujeitos envolvidos na pesquisa.
5. Pontos de classificação	Adicionar, corrigir e dimensionar as anotações que foram feitas anteriormente.

¹⁷⁷ Lembramos que os autores também propõem, para os mesmos fins, uma tabela para o desenvolvimento de aspectos descritivos das anotações, a qual não lançamos mão nesta pesquisa.

APÊNDICE C – EXEMPLO DE RELATO ELABORADO APÓS UMA ENTREVISTA

Conforme explicitamos no Capítulo 4, além das anotações realizadas durante as entrevistas, após cada uma delas foi elaborado um relato acerca daquela experiência, o qual chamamos de *diário de contato com as famílias*, que passava, em um segundo momento, a compor o diário de campo da pesquisa. A seguir, apresentamos um exemplo deste tipo de relato¹⁷⁸, escrito imediatamente após a entrevista realizada com a matriarca da Família Z.

Solange¹⁷⁹ estava muito vaidosa em frente à câmera. Não sei se se arruma assim todos os dias ou se arrumou para a entrevista por saber que era por vídeo. Estava maquiada, bem vestida, com joias, cabelo bem arrumado. No início parecia mais restrita em suas respostas e, com o tempo, foi se soltando. Percebi que o recurso da ativação da memória ajudou para que fosse se soltando. Não informou o ano de seu nascimento, mesmo que a pergunta tenha sido “data de nascimento” e não “aniversário”.

Achei curioso que ela praticamente não falou do marido, a não ser quando perguntada ou quando comentou que foi ele quem deu o celular para ela. Diz que adora o celular. Já com relação à filha, fala o tempo todo, até mesmo quando o assunto é pessoal e não referente à filha.

Também notei certa competição dela com o marido (que ela afirma que sempre foi mais próximo da Joana, tinha a questão da hortinha, etc.). E também competição em relação à filha: o curso de informática, por exemplo, com o qual ela ganhou uma competência em que é melhor que a filha. Parece orgulhar-se de ter algo a ensinar para a filha, que a filha fica brava pois é mais jovem e, seria ela quem deveria ensinar à mãe. Curioso também que quando se pergunta sobre a profissão da mãe, ela fala sobre as escolhas da filha.

Muito importante também notar as constantes críticas da mãe à filha, que nunca tem tempo. Não se veem com a frequência que deseja por causa da filha. É a filha quem determina quando e o quanto se veem. Sente muita saudade. Fez uma crítica sobre “não saber como a

¹⁷⁸ Preferimos copiar aqui o texto na íntegra e conforme foi registrado imediatamente após a entrevista. Em virtude de haver sido escrito como ferramenta metodológica, sem pretensões de publicação e sem um cuidado maior com a linguagem, o texto contém repetição de palavras, e está apresentado na primeira pessoa do singular.

¹⁷⁹ Apesar de termos utilizado os nomes verdadeiros das entrevistadas no relato, aqui, novamente lançamos mão dos nomes fictícios criados para elas.

filha fez a vida dela em Porto Alegre”. E sempre, repetidamente, fala que o problema é não se verem tanto, porque a filha é muito ocupada. Ainda assim, afirma que se veem, pelo menos, uma vez por mês. E falou que o único conflito que eles têm é não se ver muito. Que não têm conflitos porque não se veem e, ao mesmo tempo, esse é o próprio conflito.

Faltou perguntar que “problemas de percurso” são estes que os impediram de comprar um apê em POA para ficar mais perto da Joana e que fizeram com que o marido tivesse que trabalhar em Caxias. Caso contrário, se não existissem esses “problemas de percurso”, eles estariam se revezando entre Porto Alegre e “a praia” (nunca revela o local exato).



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br